

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**JOANA GONDIM GARCIA SKRUSINSKI**

**“NÓS SOMOS A HISTÓRIA”: O PROJETO DE EDUCAÇÃO DAS FAMÍLIAS NAS  
OBRAS DE MARIA JUNQUEIRA SCHMIDT**

**CURITIBA**

**2018**

**JOANA GONDIM GARCIA SKRUSINSKI**

**“NÓS SOMOS A HISTÓRIA”: O PROJETO DE EDUCAÇÃO DAS FAMÍLIAS NAS  
OBRAS DE MARIA JUNQUEIRA SCHMIDT**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Evelyn de Almeida Orlando.

**CURITIBA  
2018**

**JOANA GONDIM GARCIA SKRUSINSKI**

**“NÓS SOMOS A HISTÓRIA”: O PROJETO DE EDUCAÇÃO DAS FAMÍLIAS NAS  
OBRAS DE MARIA JUNQUEIRA SCHMIDT**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito a obtenção do título de Mestre em Educação.

COMISSÃO EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Evelyn de Almeida Orlando  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

---

Prof. Dr. Peri Mesquida  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

---

Profa. Dra. Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Curitiba, 28 de junho de 2018.

## **AGRADECIMENTOS**

Como esperei por esse momento para poder expressar a intensidade com que vivi esses 24 meses. Como poderia descrever momentos em meio a tantas lágrimas, alegrias e descobertas sem me mostrar infantil?

Quero aqui, pedir licença aos leitores para descrever parte desses momentos, na tentativa de trazer algumas das sensações que vivenciei em meu interior procurando ser verdadeira e transparente em minhas emoções, assim como sempre privilegiei em minhas atitudes. Talvez, esse momento signifique algo muito maior em mim do que significaria para outras pessoas, pois pude superar limitações que não eram mensuradas em avaliações ou documentos, barreiras emocionais impostas por anos e anos de entraves, medos e inseguranças que nem mesmo eu imaginava que se encontrava em meu interior.

Primeiramente quero agradecer a quem devo toda honra e glória por ter me concedido a vida e a oportunidade de vivenciar essa experiência maravilhosa e a tantas outras que acredito que poderei desfrutar a partir desse momento, a Deus.

Como não acredito em coincidências, agradeço a confiança desprendida a mim que, mesmo sem me conhecer, levou a minha querida orientadora a me escolher em meio a tantas outras pessoas com grande capacidade. Penso que a possibilidade de grandes descobertas ao lado da minha especial orientadora Evelyn não poderia ter sido mais preciosa a vivência. Pude entender e valorizar os pequenos sorrisos e gestos por vezes simples, mas que traziam simplicidade e paciência ao compreender tamanha dificuldade. Ao mesmo tempo valorizava a individualidade de cada um, com conselhos e respeito demonstrado, ou por meio de simples abraços que, ela nem imaginava, mas que aquecia o meu interior triste e inseguro.

Agradeço aos meus queridos professores por quem pude passear e desfrutar de momentos semelhantes às experiências de um parque de diversão: alguns dos brinquedos nos levam às alturas e a grandes emoções; outros nos proporcionam gargalhadas e momentos que podemos olhar além dos espelhos curvos e convexos enxergando uma paisagem mais ampliada ou um céu não tão estrelado. Meus

singelos agradecimentos à professora Rosa Lydia, com quem, mesmo com todo seu ar de seriedade e experiência, pude observar a doçura e a responsabilidade dispensada à educação em meio às dificuldades vividas nesse período. Não mediu esforços para nos levar a águas mais profundas e essenciais para o aprofundamento de conteúdos imprescindíveis para esta pesquisa. Agradeço ao Professor Lindomar, que me surpreendeu com sua humildade, pois não coloca seu conhecimento à frente dos demais, sempre disposto a ouvir e aprender. Ao professor Peri, simplicidade e gentileza deveriam compor seu nome. Como me delicieei em suas teorias e com o desprendimento de todo seu conhecimento. Como não se maravilhar ao perceber que o amor à profissão faz parte da sua vida? A professora Alboni que indiretamente me incentivou a estar aqui desde os meus 17 anos quando iniciei na Pedagogia em outra instituição. De modo que ela pôde vivenciar o meu crescimento como profissional. Meu agradecimento sincero à Pontifícia Universidade Católica do Paraná e a todos seus profissionais que demonstraram a qualidade e a excelência em diferentes atividades.

Agradeço às colegas que me acompanharam desde a minha chegada ao Mestrado, Karina e Loyde, sempre com paciência e conversas agradáveis, nos divertimos e sentimos por vezes as mesmas dores. Brincava que nossas dores eram próximas a de um parto, às quais eu e Loyde conhecíamos bem, mas que Karina vivenciaria em algum momento de sua vida. Mara, com quem tive a minha primeira experiência de presenciar uma banca, e por quem me encantei por sua gentileza e responsabilidade desde tão jovem. Meu querido Lucas que demonstrou sua grande gentileza em atitudes que pareciam pequenas a ele, mas para mim mostraram o quão longe esse “garoto” chegará. Camila e Henllynger, também tão jovens, mas com uma responsabilidade grande com a educação. Eles colaboraram para o aprofundamento da pesquisa nos periódicos em busca das notícias sobre a “minha Junqueira”, como gostamos de chamá-la. Às meninas novas que estão chegando, Bárbara, Lais, Karol, Elisa, Eliane e Carmen, obrigada por toda confiança e carinho, sorrisos e abraços calorosos.

Quantos amigos ganhei e quantos pude perceber que realmente são verdadeiros, profundos e desprendem sentimentos realmente sinceros em favor da nossa amizade. Respeitaram minhas dores, ouviram minhas reclamações, confiaram em

mim e me incentivaram quando não tinha mais força para continuar. Uma delas não posso deixar de agradecer profundamente todo o apoio de mãe, Vera! Sempre junto comigo, nunca me esqueceu, confiou e cuidou de mim como uma filha de coração e alma. Disposta a ler comigo, perder noites de sono, me carregou no colo quando as forças haviam se esvaído. Foi lindo perceber que tenho uma mãe adotiva e que posso louvar por sua vida de dedicação e grande esforço, não mede esforços em trabalhar e se empenhar a favor dos que ama. Compartilhou comigo seu precioso tempo!

Agradeço à minha família, a quem devo todo respeito. Primeiramente meus pais, pessoas que passaram por diversas lutas e dificuldades, mas que são os grandes responsáveis por quem eu me tornei e a cada dia busco melhorar. Aprendi desde muito jovem com minha mãe o que era ser uma mulher empoderada, mesmo sem ela perceber ou saber o que isso significava. Mesmo demonstrando medo na estrada que estava caminhando, me ajudou e se orgulhou das minhas decisões e posicionamentos. Às minhas irmãs, embora distantes sempre estão juntas comigo e por quem tenho tanto amor e respeito. Ao meu irmão, que hoje não está mais entre nós, mas, a quem eu encontrei mentalmente nos corredores da universidade e que, com toda certeza, estaria orgulhoso desse caminho que estou construindo.

Agradeço aos meus eternos amores, Pedro Henrique e Bernardo, por quem tantas vezes me impulsionam a caminhar. Sei que tudo o que plantei nessa estrada foram árvores que somente daqui a alguns anos vocês colherão frutos e flores, desfrutarão de seus sabores e perfumes, em outros momentos, dessabores. Quanto orgulho tenho dos meus pequenos grandes meninos que estou educando, me respeitaram e também me ensinaram em pequenos gestos. Me fizeram parar e secar minhas lágrimas e perceber que realmente o amor supera o isolamento em que a leitura e a escrita nos coloca, às quais por vezes foram interrompidas pelas cartinhas encontradas no travesseiro ou no computador (agora objeto de trabalho), fazendo com que eu parasse e valorizasse os beijos e abraços ou, simplesmente, o sono agarradinho sentindo o cheiro gostoso e suave do amor de uma mãe com sua “cria”. Aos meus “filhados”, cunhados quase filhos, Jhenifer e David, por quem tanto prezo, respeito e amo como verdadeiros filhos. À vó Neuza, que sempre estará em meu coração e a quem tenho como mãe, amiga e exemplo de amor e dedicação.

Agradeço ao Meu Bem, meu esposo que foi um grande guerreiro. Nunca entendeu a minha paixão pelo estudo, mas sempre respeitou a minha busca por mais e mais. Caminhou comigo nesses longos meses e esteve sempre ao meu lado como um companheiro de guerra, lutando, me incentivando e ajudando a decifrar os códigos da minha alma. Secou muitas lágrimas, mesmo sem entender. Chorou comigo por não saber, me tirou do abismo de tristeza e isolamento, me levou à realidade em momentos que eu via só neblina. Não poderia ter amigo melhor e parceiro mais especial.

Agradeço à querida e tão especial família da “minha Junqueira”, que me recebeu com todo carinho e respeito, sem mesmo me conhecer. Apoiaram a pesquisa e sempre se colocaram com tamanha disposição em todas as solicitações. Às minhas diretoras Miriã, Juliana e às colegas de trabalhos que, direta ou indiretamente, estiveram colaborando para a realização desse sonho.

Mesmo sem destacar outros tantos nomes que fizeram parte desse momento a minha eterna gratidão e a certeza de que tudo valeu a pena, pois hoje enxerguei que não poderia ter superado tudo o que superei se não enfrentasse o medo e a segurança de uma vida toda com o estudo. Realmente, a certeza de que me tornei uma nova mulher, mais forte e decidida a vivenciar novas escaladas nessa vida linda e cheia de desafios.

*Eu sou aquela mulher que fez a escalada da montanha da vida  
removendo pedras e plantando flores.*

Cora Coralina



## RESUMO

A presente pesquisa tem como objeto o projeto de educação para as famílias veiculado em quatro livros publicados entre os anos de 1958 a 1967, escritos por Maria Junqueira Schmidt, professora e intelectual católica, que circulou dentro e fora do Brasil e que também teve algumas obras publicadas pela Editora Agir, uma editora católica de grande evidência no cenário nacional. Aqui, essas obras foram analisadas como fontes documentais, pois colaboraram com nosso objetivo de apreender os saberes e táticas mobilizadas pela autora na conformação de uma pauta educacional voltada para as famílias e na demarcação de um lugar próprio e de referência para si no campo intelectual. Essas obras fizeram parte da *Coleção Família* e contribuíram para difundir um modelo de família em consonância com os princípios católicos em plena década de 1960, tempo em que as estruturas foram enfaticamente questionadas. Visto que esses valores vinham sendo questionados, as construções e as composições narrativas que desencadearam no projeto de educação para as famílias foram consideradas ao analisar os diferentes saberes produzidos e endereçados ao público de pais e educadores, tendo como base os estudos elaborados por Chartier. Traçamos os caminhos de construção intelectual dessa professora e as estruturas de suas redes de relacionamento a partir dos estudos de Sirinelli. A análise narrativa dessa personagem nos direcionou a entender as disputas enfrentadas dentro do campo intelectual, tendo a colaboração dos estudos de Bourdieu. Portanto, o trânsito entre o pensamento moderno, as conquistas de independência e a figura espiritualizada de mulher conduziram o(a) leitor(a) para uma sonhada organização familiar projetada nos livros dessa personagem que nos ajudou a reelaborar o projeto católico que se confirmava pela via da produção intelectual impressa.

**Palavras-chave:** Igreja Católica. Educação das famílias. Mulheres Intelectuais e Impressos.

## ABSTRACT

The present research aims the education project for families published in four books between the years of 1958 to 1967, written by Maria Junqueira Schmidt, a catholic professor and intellectual, who acted in Brazil and in foreign countries, which some of her works were published by Agir Publishing House, a catholic publisher of great evidence in the Brazilian national scenario. Here, these works were analyzed as documentary sources, since they collaborated with our objective of apprehending the knowledge and tactics mobilized by the author in the formation of an educational topic focused on the families and that helps in the demarcation of her place and reference in the intellectual field. These works were part of the Family Collection and contributed to spreading a family model in line with catholic principles in the late 1960s, at a time when the structures were emphatically questioned. These values were being questioned, so the constructions and narrative compositions that triggered in the education project for the families were considered when analyzing the different knowledge produced and addressed to the public of parents and educators based on the studies on the books elaborated by Chartier. We trace the paths of intellectual construction of this teacher and the structures of their networks of relationships from the studies of Sirinelli. The narrative analysis of this character directed us to understand the disputes within the intellectual field, with the collaboration of Bourdieu's studies. Therefore, the transition between modern thought, the conquests of independence and the spiritualized figure of woman led the reader to a dreamy family organization projected in the books of this character who helped us to rework the catholic project that was confirmed by way of printed intellectual production.

**Keywords:** Catholic Church. Family Education. Women. Intellectual and Printed.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Dedicção da Editora Agir para as publicações cristãs.....	23
Figura 2 – Capa dos livros <i>Adolescente, idade da aventura e A liberdade da educação</i> .....	35
Figura 3 – Capa do livro <i>Os defeitos da criança</i> .....	36
Figura 4 – Virgem com o menino e São João Batista criança.....	37
Figura 5 – Virgem em majestade com o menino e os anjos.....	37
Figura 6 – Madona na casa santi.....	38
Figura 7 – Marguerite Vérine- Lebrun.....	44
Figura 8 – Alberto Lebrun e Marguerite Vérine- Lebrun.....	44
Figura 9 – Iniciadoras do movimento da Escola de Pais no Brasil.....	52
Figura 10 – Inauguração da Escola de Pais em São Paulo.....	53
Figura 11 – Convite aos pais para a participação na Escola de Pais do Brasil.....	55
Figura 12 – Capa do livro <i>Educar pela recreação</i> .....	75
Figura 13 – Orelhas do livro <i>Educar pela recreação</i> .....	76
Figura 14 – Talão de assinatura frente.....	77
Figura 15 – Talão de assinatura verso.....	77
Figura 16 – Índice frente.....	78
Figura 17 – Índice verso.....	79
Figura 18 – Capa do livro <i>Educar para a responsabilidade</i> .....	92
Figura 19 – Capa interna do livro <i>Educar para a responsabilidade</i> .....	93
Figura 20 – Índice do livro <i>Educar para a responsabilidade</i> frente e verso.....	94
Figura 21 – Capa do livro <i>A família por dentro</i> .....	110
Figura 22 – Orelhas do livro <i>A família por dentro</i> .....	111
Figura 23 – Índice do livro <i>A família por dentro</i> .....	112
Figura 24 – Capa do livro <i>Deus em casa</i> .....	144
Figura 25 – Índice do livro <i>Deus em casa</i> .....	145
Figura 26 – Orelhas do livro <i>Deus em casa</i> .....	146
Gráfico 1 – Publicações da <i>Coleção Família</i> (1946-1974).....	39
Quadro 1 – Publicações da <i>Coleção Família</i> .....	29
Quadro 2 – Tabela de preços de alguns livros das coleções da Editora Agir.....	34
Organograma 1 – Trajetória Intelectual de Maria Junqueira Schmidt.....	59

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

EPB – Escola de Pais do Brasil

CLT – Consolidação das Leis de Trabalho

CAT – Curso de Treinamento

FMI – Fundo de Desenvolvimento Internacional

MEC – Ministério da Educação e Cultura

OECE – Organização para a Cooperação e desenvolvimento Econômico

ONU – Organização das Nações Unidas

PAVLA – Papal Volunteers for Appostolic Collaboration in Latin America

RENEC – Representação Nacional de Emissoras Católicas

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>1</b>	<b>A INTELLECTUALIDADE CATÓLICA NA PRODUÇÃO E DIFUSÃO DE IMPRESSOS PEDAGÓGICOS: A EDITORA AGIR E A PRÁTICA DE PUBLICAR COLEÇÕES .....</b>	<b>15</b>
1.1	UMA COLEÇÃO PARA EDUCAR AS FAMÍLIAS BRASILEIRAS: O DESENHO DE UM PROJETO.....	27
<b>2</b>	<b>MARGUERITE VÉRINE-LEBRUN, MARIA JUNQUEIRA SCHMIDT E O PROJETO DE EDUCAÇÃO FAMILIAR DA ESCOLA DE PAIS EM CIRCULAÇÃO ENTRE FRANÇA-BRASIL .....</b>	<b>42</b>
<b>3</b>	<b>DEUS, PÁTRIA E IGREJA: MARIA JUNQUEIRA SCHMIDT E O TRIPÉ DA EDUCAÇÃO FAMILIAR EM UM PROJETO INTELLECTUAL EM QUATRO LIVROS.....</b>	<b>722</b>
3.1	EDUCAR PELA RECREAÇÃO: A CONDIÇÃO PARA A FORMAÇÃO MORAL DESENVOLVIDA PELO PRAZER .....	754
3.2	EDUCAR PARA A RESPONSABILIDADE: A ESSÊNCIA EDUCATIVA PAUTADA NO AMOR E DEDICAÇÃO A DEUS.....	911
3.3	A FAMÍLIA POR DENTRO: UM ROSTO DE MULHER COM FISIONOMIA DE MÃE.....	1088
3.4	DEUS EM CASA: O PRIMADO POR UM ESPÍRITO DÓCIL .....	143
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>162</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>166</b>

## INTRODUÇÃO

A escola precisa de orientadores preocupados com o destino profissional e humano dos educandos e, bem assim, com a utilização e desenvolvimento dos valores familiares. O professor precisa entender as riquezas do coleguismo e do autogoverno, as técnicas de adaptar o aluno a grupos sempre maiores, a arte de estimular a criação e o trabalho pessoal, a paixão pelo saber e a admiração pelas figuras relevantes da história e da atualidade. Ele pode repetir aos alunos, a cada passo o “slogan”: **“Nós somos a história”**.

(SCHMIDT, 1965, p. 216, grifo da autora).

Maria Junqueira Schmidt foi uma intelectual católica que atuou fortemente entre os anos de 1930 a 1960, no Brasil. Dentre as frentes de ação em que se comprometeu, inclui uma larga produção de livros pedagógicos, escolares e não escolares.

Sua ação pode ser entendida dentro do movimento que se instaurou no Brasil desde os anos de 1920, mais enfaticamente no sentido de recuperar o espaço oficial que a Igreja havia perdido com a República. O objetivo do movimento era formar e organizar um quadro de intelectuais católicos para representarem a Igreja em diferentes espaços sociais, assegurando o que deveria ser uma nação católica.

Esse engajamento católico mobilizava lideranças que se tornavam os principais colaboradores do projeto de renovação católica que se efetivava no Brasil para uma nova ordem social. A partir da década de 1930 e nos anos de 1940, através da Ação Católica, os leigos e o Apostolado Católico saíam em defesa dos princípios para a família, sociedade e educação. No intuito da recristianização da sociedade, buscavam-se difundir fundamentos sólidos que deveriam afastar o que a Igreja vinha considerando como excessos e mazelas sociais resultantes da modernidade. Todavia, cada época teve sua parcela de

problemas, própria de cada tempo, sendo que, nos anos 1960 e também, em momentos anteriores, as famílias ganharam uma atenção privilegiada.

A aposta da educação como fator transformador do desenvolvimento da mentalidade social, simultaneamente com o investimento econômico, em diferentes contextos, colaboraram para marcar as políticas educacionais do Brasil ao longo dos anos 1950 e 1960 com a criação de um arcabouço de organizações de natureza “intergovernamental como a Organização das Nações Unidas – ONU, a Organização para a Cooperação Econômica – OCECE, o Fundo Monetário Internacional – FMI e o Banco Mundial” (DAROS, 2012, p. 186). Essas organizações desempenharam um papel determinante no alargamento e desenvolvimento tecnológico para a educação, também desencadearam um conjunto de conferências e congressos promovidos pelo Ministério da Educação e Cultura do Brasil (MEC), no sentido de orientar novas práticas educacionais. A assistência de peritos estrangeiros, como relata Maria das Dores Daros (2012), mais uma vez marcou esses debates no campo educacional. Essas mudanças funcionaram como combustível para o desenvolvimento do país, mas tal desenvolvimento veio acompanhado de um conjunto de novas transformações sociais para as quais a sociedade não estava preparada, e precisou se ajustar. Essas práticas puderam ser observadas em todas as frentes que Maria Junqueira Schmidt ocupou, como abordaremos no capítulo 2.

Nesta pesquisa voltamos nossas lentes para o projeto de educação das famílias, encampado pela Igreja Católica nesse momento, a partir dos livros publicados por Maria Junqueira Schmidt. Por meio de seus livros, direcionados à família, empenhava-se em combater problemas como divórcio, drogas, sexualidade e aumento da criminalidade entre a juventude, temáticas que emergiram com força no final dos anos de 1950 e 1960.

Para os intelectuais católicos, por meio de uma educação calcada nos princípios da fé, as famílias encontrariam um alicerce próprio de uma moralidade que desenvolvia um sentimento de responsabilidade social e caráter para distinção do bem e do mal. Nesse sentido, eram planejadas ações visando à formação de uma nova liderança, enxergando na juventude e nas famílias forte acesso para o cumprimento do projeto de moralização da nação. O que produziu uma mentalidade aberta para os princípios cristãos inspirada na implantação do espírito de família, uma das bases fundamentais, para a Igreja, de organização da sociedade.

Dentro desse campo de ação, impressos como livros, jornais ou folhetos se apresentavam como ferramentas para a difusão de saberes pedagógicos que buscavam orientar – a partir de vozes autorizadas – as famílias brasileiras. De modo que se tornaram suportes importantes para a circulação de ideias, posto que intelectuais, de diferentes grupos envolvidos com a causa educacional, veiculavam neles seus projetos.

A presença de Maria Junqueira Schmidt nesse cenário chama a atenção por ser a única mulher a participar de um projeto pedagógico endereçado às famílias brasileiras, organizado por uma editora católica sob a forma de uma coleção. Seus livros destinados à educação das famílias faziam parte da *Coleção Família*, publicada na década de 1960 pela Editora Agir. Essa coleção tinha um total de 24 títulos. Desse conjunto, Maria Junqueira Schmidt destacou-se em dois pontos: foi a única mulher a ter autoria e a obter o segundo posto de maior número de títulos na coleção. Atentar para sua presença nesse lugar, assim como para os livros que publicou a partir dele, permite não apenas compreender melhor o projeto de educação familiar empreendido pelos educadores católicos no Brasil nesse período, mas também compreender a presença e atuação de mulher que demarcou seu espaço na intelectualidade católica.

A construção desse objeto pôde ser aprofundada ao buscar identificar as tensões fundamentais da história como práticas científicas produtoras de conhecimento ou uma modalidade com variações a partir de procedimentos técnicos que dão visibilidade em diferentes lugares sociais. Essa reflexão nos ajuda a perceber que a história é um lugar de discurso, construções e composições narrativas que produzem um enunciado científico.

Pensar nessas questões que o estudo da história proporciona, conduziu à problematização da forma como essa intelectual católica elaborou um projeto de educação para as famílias e os caminhos que buscou para o reconhecimento de seus pares. Dessa maneira, entendemos Maria Junqueira Schmidt como uma intelectual católica, segundo o conceito de Jean-François Sirinelli (1996). Para este autor, os intelectuais ocupam indispensavelmente um lugar à parte na sociedade, grupo social pertencente a uma elite, com contornos vagos e imprecisos, influenciadores a partir de um *status* próprio de sua ação e do poder do grupo ao qual é pertencente (SIRINELLI, 2003, p. 235, 237).

Nesse sentido, pesquisamos seus caminhos de construção e de circulação. Para que isso se efetivasse, foi necessário entender as estruturas de suas redes



de relacionamentos e pontuar suas principais participações em projetos educacionais que fizeram parte de sua trajetória como educadora e intelectual.

Para isso, os estudos de Chartier (1998) acerca da utilização do livro como ferramenta historiográfica e práticas específicas de um tempo são fundamentais para entender esse projeto educacional endereçado às famílias para muito além da estrutura física desse suporte. Por exemplo, refletir sobre o papel de Maria Junqueira Schmidt na representação e circulação dos saberes difundidos através de suas obras. Seus livros estão carregados de história.

Entender as representações que essas obras trazem permite compreender as mudanças no contexto social familiar, as relações de força que se constituíram pelo controle da educação das famílias, os modelos que foram produzidos e endereçados à sociedade brasileira, os sujeitos que os produziram e sua articulação com um projeto político de nação. Tais obras são entendidas nesta pesquisa como objetos culturais, carregadas de significações constituídas nas “práticas comuns”, que trazem em si as relações plurais de seu público por onde circula, difundindo poderes e saberes de seus criadores e estabelecendo vínculos sociais (CHARTIER, 1994, p. 8).

Meios de comunicação que se constituem-se como objeto de difusão de saberes, os impressos ocupam um lugar de destaque em todo o mundo. Hoje, esse material desempenha um papel imprescindível em pesquisas de diferentes áreas e principalmente na História da Educação, tornando-se não apenas fonte, mas também objeto da pesquisa histórica.

Seguindo nessa direção, os caminhos teórico-metodológicos desta pesquisa estão fundamentados nos pressupostos da História Cultural e na História do Livro. Além disso, a importância da retomada historiográfica dessa intelectual na pesquisa em História da Educação estabelece um lugar de importância no cenário nacional que “valoriza cada vez mais os sujeitos esquecidos da história como crianças e mulheres, os negros e os índios e as camadas populares” (GALVÃO; LOPES, 2010, p. 32). Em que pesem os vários avanços nessa direção, as mulheres e suas múltiplas formas de ser e estar na história ainda se mostra como um objeto com muitas possibilidades de investigação, constituindo-se como um importante eixo voltado para não deixar que os sujeitos e as memórias sejam apagados.

Maria Junqueira Schmidt, autora das obras analisadas na pesquisa, foi uma importante intelectual católica que atuou de forma engajada nas questões

educacionais entre os anos de 1920 até seu falecimento em 1982<sup>1</sup>. Participou significativamente nos movimento de renovação da Pedagogia Católica no país, acrescentando métodos modernos de aprendizagem e desenvolvendo o jovem para a formação de uma consciência cristã. Participou da fundação da Escola de Pais no Brasil (EPB) em 1963, e suas obras foram referências basilares para o movimento<sup>2</sup>. A EPB foi muito além dos muros escolares; e o prestígio que esse movimento trouxe para Maria Junqueira Schmidt e os demais colaboradores projetou o movimento no cenário nacional, além de destacar as produções impressas de muitos dos seus intelectuais que embasavam as palestras ou os encontros de pais. Em meados dos anos de 1960, quem poderia imaginar que o raio de atuação da Escola de Pais poderia encontrar no cinema uma forma de crescer na ação pedagógica para educar as famílias? Assim, esse movimento modernizava técnicas de orientação familiar em convênio com Escolas Públicas, formando famílias por meio da utilização de filmes como “Mentiras” e “Por cima do muro (flagrantes da vida de família)” (SCHMIDT, 1963, p. 112), criados pela Escola de Pais de Paris e, na sequência, traduzidos para a língua portuguesa com o objetivo de colaborar diretamente para a educação das famílias. Nesse movimento de uso da tecnologia com o objetivo de alcançar um público cada vez mais ampliado, Maria Junqueira Schmidt também fez uso do rádio e da TV em seus programas de educação familiar, extrapolando o uso das mídias para além da mídia impressa.

As diferentes práticas utilizadas para educar as famílias nos chamou a atenção pela estratégia que buscava maior alargamento e visibilidade desses conteúdos. Maria Junqueira Schmidt não se contentou apenas com um tipo de mídia. Apesar do forte investimento que fez em publicações impressas, seu projeto intelectual caminhou para empreender um plano para além do objeto físico “livro”. Sua representação descreve o projeto de educação para as famílias que se estabelecia no cenário brasileiro visando a recristianização do país. Esse projeto fazia parte de um esquema de difusão tanto do pensamento moral e

---

<sup>1</sup> Cf. os trabalhos de Orlando (2015, 2017b) sobre Maria Junqueira Schmidt; e o trabalho de Orlando e Henriques (2017) sobre a Escola de Pais.

<sup>2</sup> A Escola de Pais do Brasil foi um movimento laico, criado em 1963, em São Paulo, por um grupo de educadores católicos, com o objetivo de orientar as famílias para lidar com os problemas da juventude, sem desconsiderar a orientação conjugal. É importante observar que Maria Junqueira Schmidt destaca em seu livro *Educar para a responsabilidade* (1963, p. 113) que a Escola de Pais no Brasil foi uma criação sua e de sua equipe de casais, embora na documentação do movimento essa criação apareça como uma iniciativa de um grupo de educadores católicos, dentre os quais Maria Junqueira Schmidt se fazia presente.

religioso católico quanto da Pedagogia Católica destacada em suas obras, em que estavam aliançados preceitos religiosos tradicionais a condutas modernas. A atuação dessa intelectual nas ações religiosas e educacionais planejou uma família nos moldes católicos, estabelecendo um diálogo estreito com as representações que associavam mulher à esposa, mãe e educadora, lhe cabendo

[...] ensinar aos filhos a educação do espírito: rezar, pronunciar o santo nome de Deus, confessar-se com regularidade, participar da missa e festas religiosas. [...] dentro desse tipo de família – a sacramentada pelo matrimônio – seria possível educar os filhos segundo os preceitos cristãos, movimentando<sup>3</sup> uma correria de transmissão pela qual passariam, de geração em geração, as normas e os valores da Igreja Católica. A Igreja Católica procurava assim universalizar suas normas para o casamento e a família. (DEL PRIORE, 2013, p. 11).

Desde os anos de 1920, em defesa da “família católica” a educação do cidadão deveria vinculada à Igreja e ao Estado, devendo estas instituições (Escola, Família e Estado) se manterem “unidas harmoniosamente por Deus” (MAGALDI, 2007, p. 111). O aprofundamento dos princípios de uma vida cristã era foco do debate para a família e educadores nos livros de Schmidt. As famílias ou a educação para as famílias, como propunha, encontra na Escola de Pais no Brasil articulações possíveis para a mobilização e o envolvimento desse segmento em direção à expansão da doutrina católica. Reforçava em seus discursos a divinização da figura do professor, a manutenção do casamento e do lar através da figura feminina “educadora”, combatia o divórcio e estabelecia uma relação direta e aproximada entre escola e comunidade.

A comunicação da Escola de Pais no Brasil com o mesmo movimento na França trouxe significativas aproximações entre esses segmentos. Em destaque os modelos pedagógicos dirigidos a educar as famílias se conectavam em suas histórias, e impunha uma proximidade no circuito Brasil-França, se caracterizando como ferramenta poderosa de circulação de ideias e promoção de uma intelectualidade.

Porquanto, pensar nos intelectuais e nas suas produções como figuras produtoras de uma criação cultural requer entender esses personagens como pertencentes a uma rede de colaboradores. Nesse quadro, eles produziram e

---

<sup>3</sup> Esse movimento apresenta uma visão Católica, dirigida a disputa do Estado, porém, a Escola Pública “deveria”, apresentar-se como laica.

mediaram saberes, valor, comportamentos, a partir de suas convicções em ações políticas para se afirmar no campo.

Discutir os interesses que perpassam pela figura do intelectual, coloca-nos dentro de uma perspectiva própria a um determinado comportamento que evita decisões enfraquecidas, o que amplia sua visibilidade e a de seu grupo. Assim, entender Maria Junqueira Schmidt como uma agente social atuante na direção das regularidades de suas ações, com um olhar específico para suas produções culturais em busca dos caminhos das representações, mediações e articulação de suas ideias presentes em um campo específico de atuação, leva-nos a encontrar nessa personagem a possibilidade de uma intervenção feminina no cenário público e privado.

Nessa direção, os interesses em investigar os diferentes saberes veiculados e projetados para uma educação das famílias sustentam um discurso de produção, representação e prática cultural para a compreensão das diferentes estratégias utilizadas para sua afirmação no campo religioso e educacional. Esta caminhou para uma possível relação estabelecida entre o público e o privado dentro das expectativas impostas nas estratégias católicas que tinham na missão feminina a fundamentação para legitimar um lugar específico de fala.

Seguindo nesse sentido, pretendemos com esta pesquisa apresentar o projeto de educação das famílias proposto nos quatro livros produzidos por Maria Junqueira Schmidt, publicados pela Editora Agir, como parte da *Coleção Família*. Foi considerado como principal eixo de análise a relação Deus-pátria-família.

Produzida no âmbito da História da Educação esta pesquisa estabeleceu um diálogo com outras produções da área, que merecem relevo e indicam os caminhos e as lentes utilizadas no trabalho.

Dentro do movimento de revisão de literatura acerca das produções específicas no campo historiográfico, ressaltam-se as pesquisas realizadas anteriormente por Evelyn de Almeida Orlando que deram importância à personagem Maria Junqueira Schmidt e sua trajetória intelectual pela via impressa a partir de seus estudos “Quando o mundo cabe na bagagem” (2015), “A bandeira e a cruz” (2017b), “Maria Junqueira Schmidt e os caminhos de uma trajetória intelectual impressa” (2017c), “Impressos, catolicismo e educação: uma estratégia de conformação do campo pedagógico” (2017), escrito com Maria José Dantas, e estudos anteriores direcionados à Escola de Pais do Brasil e à

orientação escolar. Esses estudos tiveram singular importância para que esta pesquisa pudesse ser aprofundada em torno dessa personagem.

Outras contribuições como a de Marta Maria Chagas de Carvalho (1993, 1998, 2005, 2006, 2007) que, em suas pesquisas, traça as estratégias católicas de conformação no campo pedagógico através do uso dos impressos. A pesquisa de Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi (2007), nessa mesma direção, caminha para o entendimento do pensamento católico renovador, modernidade e relações entre família e escola nas primeiras décadas do século XX.

Na tentativa de compreender a difusão do pensamento católico renovador que se confirmava no Brasil, dialogamos com Azzi (1991), Beozzo e Azzi (1986) e Beozzo (1984) e suas interpretações sobre a presença da Igreja na educação brasileira a partir das famílias. Os educadores católicos desenvolviam estratégias para estabelecer no espaço doméstico uma competência transformadora que colaborasse para o desenvolvimento de uma pátria atuante e consciente de suas responsabilidades por meio da figura de mãe, esposa e educadora do lar. Tal leitura pôde ser melhor compreendida a partir dos trabalhos de Mary Del Priore (1993, 2013, 2015), ao discutir o lugar da mulher na sociedade brasileira.

Maria Rita Toledo (2001, 2007), Ana Luiza Martins e Tânia Regina Luca (2006, 2015) auxiliaram para que pudéssemos recompor as estratégias de produção desses objetos a partir das especificidades que uma coleção pode carregar e o conjunto de práticas culturais que ela encerra.

Assim, considerando seu engajamento, interferência e reconhecimento por parte da sociedade e de seus pares, bem como sua militância em prol do pensamento católico moderno de renovação, Maria Junqueira Schmidt pode ser entendida nesta pesquisa como intelectual católica que produziu significados próprios de uma visão de mundo particular. Sem contar que ela teve uma atuação política e intelectual em muitas frentes, dentre as quais destacamos, neste trabalho, o investimento na produção impressa. Cada uma delas era uma forma de engajamento com o objetivo de contribuir para um projeto maior: o de formar uma nação católica. Posto que a família era considerada pilar fundamental da sociedade pelos educadores católicos, tornou-se seu público alvo.

Organizamos essa narrativa em três capítulos: no primeiro, intitulado *A intelectualidade católica na produção e difusão de impressos pedagógicos: a Editora Agir e a prática de publicar coleções*, refletimos sobre o estudo com o impresso, editoração, práticas e projetos dentro da perspectiva descrita por

Chartier nos estudos com o livro. De forma a compreender este objeto como um lugar de produção e difusão de saberes, considerando as múltiplas relações que envolvem sua elaboração e refletindo sobre as ações empreendidas pela Editora Agir, discutimos sobre o uso que os educadores católicos fizeram dos impressos e do campo editorial para se inserirem na disputa pelo controle do campo pedagógico no Brasil. Por fim, delineamos o projeto de educação que se configurava a partir da *Coleção Família*, de modo a entender por onde perpassava o projeto educativo para as famílias endereçado pelos intelectuais católicos à sociedade brasileira.

No segundo capítulo, *Marguerite Vérine-Lebrun e Maria Junqueira Schmidt: intelectuais católicas na produção e circulação de modelos pedagógicos de educação familiar*, investigamos as bases da educação familiar empreendida por Maria Junqueira Schmidt e a possível aproximação com o projeto de educação das famílias empreendido na França. Coube destacar duas intelectuais católicas que estiveram à frente da criação da Escola de Pais nesse circuito França-Brasil, de modo a explorar o papel representativo de cada uma na circulação de modelos pedagógicos para a educação das famílias dentro de seus respectivos tempos e espaços.

No terceiro capítulo, *Deus, pátria e igreja: Maria Junqueira Schmidt e o tripé da educação familiar em um projeto intelectual em quatro livros*, são analisadas as obras *Educar pela recreação*, *Educar pela responsabilidade*, *Deus em casa* e *A família por dentro*. Discutimos a importância de suas produções para a sociedade da época, investigando o projeto educacional empreendido para as famílias a partir dos materiais impressos, revelando a circulação de saberes nesses suportes e destacando os diferentes modos de produção sociais inseridos nesse contexto.

Por fim, uma nota: o termo “Nós somos a história” (SCHMIDT, 1965, p. 216), apresentado no título desta pesquisa, faz referência ao termo utilizado por Maria Junqueira Schmidt em seu livro *A família por dentro*. Segundo a autora, esse termo deveria servir como *slogan para* os educadores ou orientadores. O intuito era incentivar o engajamento na organização da nação em bases católicas, colaborando para sua transformação dentro de um sentido cívico e de justiça social em cada ação. Para a autora, esse seria um excelente meio de instruir a paixão pelo saber da história “atual”, inculcando a responsabilidade e a competência para o trabalho útil à nação na qual dependeria a felicidade do povo.

Para nós, indica um modo de ver a si mesmo nesse processo, ou seja, ao contribuir com a história do país, Maria Junqueira Schmidt via a possibilidade de se inscrever na história.

# 1 A INTELLECTUALIDADE CATÓLICA NA PRODUÇÃO E DIFUSÃO DE IMPRESSOS PEDAGÓGICOS: A EDITORA AGIR E A PRÁTICA DE PUBLICAR COLEÇÕES

[...] abre a boca e come o que te dou.  
Então, vi e eis que certa mão se estendia para mim, e nela se achava o rolo de um livro.  
Estendeu-o diante de mim, e estava escrito por dentro e por fora; nele, estavam escritas lamentações, suspiros e ais.  
Ainda me disse: Filho do homem, come o que achares; come este rolo, vai e fala à casa de Israel.  
Então, abri a boca, e ele me deu a comer o rolo.  
E me disse: Filho do homem, dá de comer ao teu ventre e enche as tuas entranhas deste rolo que eu te dou. Eu o comi, e na boca me era doce como o mel.

(BÍBLIA, EZEQUIEL, 2: 8-10, 3:1-3)<sup>4</sup>

O texto presente no livro de Ezequiel, da Bíblia Sagrada, traz uma metáfora a respeito da palavra impressa. Nesse caso, o pergaminho ou o livro em rolo, desenrolavam palavras que alimentariam corpo, alma e espírito. A nutrição através desse alimento divinizado saciaria o homem, mas, estando “o homem” ou leitor alimentado, outras “bocas” também deveriam ser saciadas. Assim, a continuidade do aprendizado adquirido a partir da utilização do impresso nos coloca em sintonia com a importância dada ao conteúdo, levando o indivíduo a uma forma de educar-se pelo manuseio desse objeto, em que a autoridade imposta pelo impresso diz muito sobre as práticas coletivas. Nessas práticas, os livros assumem a multidimensionalidade do discurso e possibilitam a identificação de determinados grupos.

Chartier, em seu livro *A mão do autor e a mente do editor*, ressalta esse poder já no título do quarto capítulo, “Os poderes da impressão”, no qual trabalha com o conceito de livro e as relações de poder que são estabelecidas através de sua impressão. O fato de a Revolução Impressa ter multiplicado objetos antes desconhecidos, agora “transforma suas práticas” (CHARTIER, 2014b, p. 104) pela

---

<sup>4</sup> Chartier traz em seu livro *Inscrever e apagar* as citações de Ezequiel 3:3 e a de Apocalipse 10:10, em que diz que os textos podem se “relacionar à comunhão” (2007, p. 201).



circulação estabelecida a partir da “cultura impressa”. O livro carrega em si a construção específica de uma memória e de um período; por esse motivo, foi objeto de “grandes poderes, tanto desejados quanto temidos”.

A leitura incontrolada era tida como perigosa porque combinava imobilidade corporal e excitação da imaginação. E introduzia a pior das enfermidades: estômago ou intestino ingurgitados, nervos perturbados, exaustão corporal. Profissionais da leitura – isto é, homens de letras – eram os mais expostos a tais distúrbios, considerados as fontes de hipocondria, sua doença característica. [...], talvez fosse o primeiro sinal de uma mudança acentuada tanto de comportamento como de representações. (CHARTIER, 2014, p. 118-120).

A expressividade do bem ou do mal através do livro<sup>5</sup> carregava a emergência de um conhecimento estabelecido na leitura de significações ali descritas. A pluralidade dos textos e seus diferentes formatos, por vezes apresentados, não escondiam a identidade particular presente em seus parágrafos. Os sinais estabelecidos após a impressão carregam sua identidade e trazem consigo sinais particulares de uma escrita, “marcas” presentes em seu corpo são objetos que evidenciam o livro, obra e o objeto material impulsionado pela prensa carregam a palavra que “não pode ser destituída de poderes” (CHARTIER, 2014, p. 115).

Entendemos a utilização desse material como fundamental na difusão do conhecimento. As diferentes formas de circulação dos impressos católicos influenciavam e difundiam um conjunto de saberes pedagógicos determinados, talvez, por isso foram largamente utilizados no Brasil por diferentes grupos intelectuais na difusão de modelos pedagógicos e de um *corpus* de saber autorizado e endereçado à sociedade. Por vezes, o impresso católico demonstrava a força e o privilegio dessas ferramentas na luta organizada pelos intelectuais e o poder de, por meio da palavra impressa, instaurar uma voz autorizada em determinados debates. Neste capítulo, analisamos o uso que os intelectuais católicos fizeram do impresso e como demarcaram um espaço no campo editorial, como estratégia utilizada na disputa pelo controle do campo pedagógico. A partir do olhar para uma editora católica, atentamos para a prática de publicar coleções como uma forma de fazer circular de forma mais ampla determinados projetos educacionais.

---

<sup>5</sup> Entende-se como todo o material impresso.

No ano de 1944, Alceu Amoroso Lima<sup>6</sup> e Guilherme Guinle<sup>7</sup> fundam a Editora Agir, demarcando um espaço para a intelectualidade católica no mercado editorial brasileiro, possibilitando de forma estratégica um forte impulso na difusão do pensamento educacional católico. Na direção estava Alceu Amoroso Lima, como responsável pela “orientação intelectual” (RODRIGUES, 2005, p. 114), e Guilherme Guinle, como presidente, e Cândido Guinle de Paula Machado, como editor (TRIBUNA DA IMPRENSA, 1956, p. 3). O objetivo da editora era se afirmar no campo católico e divulgar sua intelectualidade utilizando-se de autores que professassem a fé católica, assim, buscavam difundir conhecimentos religiosos a partir das publicações de “cunho genuinamente cristão em todas as áreas do conhecimento” (JORNAL DO DIA, 1964, p. 4) com a presença de autores nacionais e estrangeiros em seus quadros. Segundo nota do jornal *Diário de Notícias* sobre os serviços prestados pela Editora Agir no Brasil.

ENTRE O CÉU E A TERRA – A editora Agir está prestando um serviço especial ao desenvolvimento da cultura espiritualista e cristã, no Brasil, com o lançamento de já um bom número de obras de grande saber e resultantes de profunda meditação.

Dentre os autores brasileiros de livros dessa natureza citam-se, como destaque Alceu Amoroso Lima, Padre Leonel Franca, Gustavo Corção. Dentre os estrangeiros traduzidos para nossa língua lembram-se Jacques Maritain, Fulton J. Sheen, Emmert John Hughes, Christopher Dawson e outros aos quais se junta, agora, Franz Werfel.

Este é o autor de *Entre o Céu e a terra*, livro de grande força de prospecção psicológica traduzido por Lucy Lima Rocha. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1947, p. 2).

Nessa matéria podemos perceber nomes importantes da intelectualidade católica como forma de legitimação e distinção da Editora. Esse posicionamento é determinado em função do pertencimento a esse grupo, o que levanta uma discussão frente ao conceito trabalhado por Bourdieu (1996) a respeito de “distinção”. Para ele, os atores sociais é que determinam um posicionamento, que é distribuído em função a seu pertencimento a um determinado grupo.

Faço aqui referência ao grupo dos intelectuais católicos que elaboraram um projeto a partir das publicações da Editora Agir, editora reconhecida no campo

---

<sup>6</sup> Alceu Amoroso Lima atuou em diversas frentes católicas brasileiras representando o país no Concílio Vaticano II, foi um dos fundadores do Movimento Democrata Cristão no Brasil (RODRIGUES, 2005), publicou diversos livros e a revista *A Ordem*.

<sup>7</sup> Guilherme Guinle foi um dos homens mais influentes do Brasil até os anos 1960, engenheiro, fundou a Companhia Docas Santos. Na década de 1930, realizou investimentos em áreas petrolíferas no Brasil. Teve participações em movimentos de esquerda e contribuição financeira na Aliança Nacional Libertadora.

editorial, com catálogos variados e alguns clássicos como Ivanhoé e contos de Edgar Allan Poe, entre outros. Esse grupo era ligado a uma rede<sup>8</sup> de escritores nacionais e internacionais; assim, membros da igreja, padres, empresários e educadores afirmavam-se no campo<sup>9</sup> nacional através de alianças realizadas junto ao projeto de romanização que ocorria no Brasil. No entanto, sem fugir de seu foco religioso, promovia a partir da literatura secular, uma formação intelectual e moral da juventude e das famílias em lições exemplares que contribuíam para uma sociedade patriótica cujos valores estavam alinhados aos princípios católicos.

Isso indica que a Igreja Católica não se contrapunha a todos os elementos do mundo moderno, ou mais do que isso, ela sabia que estrategicamente era irreversível o ideário advindo da Revolução Francesa. Diante disso a Igreja teve uma postura pragmática, qual seja: garantir, no mundo republicano que se denominasse laico, um espaço para sua instituição. Em outras palavras trata-se, de garantir a permanência da Igreja Católica no mundo secular. (CAMPOS, 2010, p. 43).

Nesse sentido, podemos dizer que a crise pela qual passava a sociedade brasileira – destacada por D. Leme em 1916 por conta de um suposto “afastamento de Deus” – fez com que a Igreja Católica se reinventasse e elaborasse estratégias para investir na formação de uma elite, capaz de influir sobre a sociedade, a política e a educação de forma decisiva; dessa maneira, garantir a presença da Igreja na sociedade. Desde então, a preocupação com a formação de uma intelectualidade católica era de extrema relevância para a formação de uma elite reconhecida socialmente para divulgar a doutrina católica e formar gerações mais novas que representassem o livre trânsito da Igreja em diferentes espaços de modo a assegurar a defesa de seus interesses e projetos alinhados a uma visão de mundo cristão. Foi com esse pensamento que a entrada no mercado editorial e a utilização dos impressos colaboraram para que esses intelectuais se posicionassem politicamente através de propostas educativas a favor da família, da pátria e da fé católica.

---

<sup>8</sup> Sirinelli trabalha como o conceito de rede como um conjunto organizado em torno de interesses aproximados que “fundam uma vontade de conviver” (2003, p. 248) em busca de um interesse central para fortalecimento no campo.

<sup>9</sup> O conceito de campo trabalhado por Bourdieu (1996) se estabelece dentro dos espaços sociais e se evidencia nas relações de força estabelecidas entre seus pares. Os entraves determinam as posições ocupadas nos campos, as quais colaboram para seus enfrentamentos, podendo ser determinados por maior ou menor força, em função do posicionamento do sujeito no campo ou da rede que o sujeito pertença.

Bourdieu afirma que o intelectual é possuidor de um poder simbólico e, por meio desse poder, procura agir por sua própria escrita sobre o campo, trazendo afirmação através de suas expressões e ações características, “por sua proximidade no espaço das relações sociais e também graças às disposições e interesses associados a essas posições – a se reconhecerem mutuamente e a se reconhecerem em um mesmo projeto (político outro)” (BOURDIEU, 1996, p. 51).

Nesse sentido, chama a atenção a presença de Alceu Amoroso Lima em diferentes contextos de produção e o uso do impresso como estratégia de formação e orientação intelectual e religiosa. Em 1928, na direção da Revista *A Ordem*, após a morte de Jackson de Figueiredo, Alceu reuniu um grupo de intelectuais que se posicionou e buscou fortemente uma reviravolta social, política e de renovação no campo da fé e do poder, constituindo uma rede de sociabilidade que ampliou e fez espriar na sociedade civil o pensamento da Igreja.

Cabe destacar a participação desse personagem como sendo ímpar na produção de impressos católicos em diferentes momentos: nos anos de 1920 e 1930, à frente da revista *A Ordem*, e entre os anos 1940 e 1960, à frente da Editora Agir. Em que pesem as diferenças de cada contexto, as propostas estabelecidas pela Editora Agir, sob a liderança e a orientação intelectual de Alceu, consistiam em difundir um pensamento de reordenação no país dentro da perspectiva religiosa para a promoção das mudanças sociais pelo caráter moralista, mas desta vez pela via dos livros.

No entanto, é importante ressaltar que a Editora Agir foi fundada em um momento político bem diferente dos anos de 1920 quando Alceu assumiu a Revista *A Ordem*. Naquele momento, a Igreja estava afastada oficialmente do Estado e encontrava forte oposição a uma reaproximação; neste, por meio de seu quadro intelectual, atuava como principal conselheira do Estado, devido à aliança tácita estabelecida desde a instauração do governo Vargas. Alceu se fazia presente em diferentes postos do governo, pessoalmente ou pela indicação de outros intelectuais católicos, como, por exemplo, a educadora Maria Junqueira Schmidt, com quem estabeleceu uma estreita parceria desde os anos de 1920 e 1930.

Tal aproximação não permite estranhar que a referida professora tenha sido a única mulher a publicar na *Coleção Família*, dirigida pelo intelectual na Editora Agir, e a segunda a possuir maior número de publicações na coleção.

Esse reconhecimento e distinção da autora, no entanto, pode ser entendido como resultado de um processo, devido à parceria que estabeleceram e que a alçou a um lugar privilegiado na *Coleção Família*, da Editora Agir, enquanto na revista *A Ordem* seus livros eram apenas divulgados.

Novamente – mas em outras bases, e posicionada muito diferentemente na sociedade brasileira – a Igreja mobilizava sua intelectualidade para efetivar seu projeto de recatolicização da nação. A partir de projetos que visavam orientar a população, tendo como base os alicerces do catolicismo, essa intelectualidade se ampliava. Em 1944 – data de fundação da Editora Agir - é possível encontrar uma aproximação muito estreita entre a fé e o poder no cenário nacional, o que possibilitou maior acesso da Igreja Católica na política e no campo da formação de consciências.

A ligação da Editora Agir aos ideais católicos, em plena década de 1940, estava fundamentada na Ação Católica Brasileira que tinha como princípio básico a inserção e a mobilização dos leigos no projeto de recatolicizar a sociedade. Como pauta, buscavam a extinção política partidária, a efetivação de princípios católicos na vida política e a formação de uma consciência cívica para a participação individual na vida pública do país em favor de leis que favorecessem as atividades de cristianização. Por fim, o papel essencialmente moral e religioso da Igreja Católica na sociedade brasileira estava organizado dentro dessas ações que introduziam princípios católicos com o propósito de cooperar para uma única verdade que levaria ao bem comum, e seguiam modelos que anteriormente haviam sido “instalados na França e Itália”, por Pio XI (RODRIGUES, 2005, p. 155)<sup>10</sup>.

Portanto, conduzir uma reflexão em torno da utilização desses materiais impressos como ferramentas difusoras do pensamento católico passa por atentar para a figura do intelectual como agente de mobilização dessas ferramentas. Dessa maneira, aponta para a complexidade de estratégias como a publicação de coleções que permitem compreender a organização não apenas dos saberes ali veiculados, mas também dos quadros intelectuais envolvidos em sua produção e suas pautas em diferentes tempos e espaços de circulação.

---

<sup>10</sup> Esses “modelos” elaborados pelas autoridades eclesiásticas tinham como foco a formação da sociedade, que, por sua vez, se dividia em homens, mulheres, adultos e crianças ou jovens e deveriam se desenvolver em diferentes setores da sociedade a partir de ações sociais, políticas, econômicas e culturais. Cf. Rodrigues, 2005.

A importância de trazer o trabalho com as coleções dentro da perspectiva da História Cultural possibilita entender as práticas que envolvem sua produção e perceber como os intelectuais católicos fizeram uso dessa estratégia também em seu projeto educacional. É nesse sentido que Chartier, no livro *A beira da falésia* (2002), pensa sobre as relações entre as produções discursivas e as práticas sociais. Para o autor, não existe uma “realidade” fora do discurso; ou seja, a construção discursiva está articulada no mundo social e pode ser utilizada como instrumento de dominação ou violência simbólica. Por vezes, essas táticas<sup>11</sup> de atuação não são perceptíveis, porém estão carregadas de instrumentos que modelam a realidade em torno de uma “ordem do discurso”<sup>12</sup> (CHARTIER, 2002, p. 119). Compreender essas estratégias de difusão de saberes elaboradas pelas editoras passa por considerar a dinâmica da utilização das coleções buscando traçar suas estratégias para compreender os caminhos que a história cultural elaborou através de sua materialidade. Contudo, as diferentes práticas adotadas pelas editoras tomaram corpo, colaborando para que novos formatos surgissem. Assim, as coleções nascem na França como uma nova classe de impresso procurando atender um novo público.

Para entender esse tipo de dispositivo impresso adotado pelas editoras, buscamos aprofundamentos em outras pesquisas que tiveram seu objeto voltado para o estudo das coleções. Pesquisas como a de doutorado de Maria Rita de Almeida Toledo, com o título *Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)* que investigou a Coleção Atualidades Pedagógicas da Editora Nacional. Sua pesquisa foi importante para compreender as estratégias específicas de produção e circulação de livros pedagógicos para educadores. Além disso, contribuiu para entender como se desenhava o projeto editorial, as mudanças e os resultados alcançados com a circulação dessa coleção.

---

<sup>11</sup> Termo trazido por Chartier (CHARTIER, 2002, p. 120), porém, destacado anteriormente por Certeau, apresenta-nos as diferentes formas de produção e reapropriação de um determinado produto. Esse conceito pode ser entendido como “estratégias” reinventadas pelo comércio ou indústria cultural inseridas em um contexto diferente ao apresentado anteriormente. Suas aproximações estão aos grandes sistemas culturais que, por sua vez, sofrem manipulações impostas por esse sistema, tornando essas práticas instrumentos de manipulação úteis para a possibilidade de produções de saberes a partir de ações calculadas.

<sup>12</sup> Como expressão apresentada por Foucault, mas trazida por Chartier (2002), o autor chama a atenção para a força imposta sobre esse instrumento como ações que determinam suas diferentes categorias potenciais em cada comunidade que atua.

Na dissertação *Por uma civilização cristã: a Coleção Álvaro Negromonte e a Pedagogia do Catecismo (1937-1965)*, de Evelyn de Almeida Orlando, na qual a autora analisa a coleção de catecismos produzida pelo padre Álvaro Negromonte em diálogo com as pedagogias da Escola Nova, o qual buscava contribuir para a renovação da pedagogia católica em relação ao ensino de catecismo. Outros autores de destaque como Maria Helena Capelato (1980), Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca (2006, 2015) reforçam a pesquisa sobre o impresso, o que colaborou para entender a trajetória histórica brasileira através do uso desses materiais.

Diante das perspectivas apresentadas anteriormente, o trabalho com as coleções deve traçar seus objetos entendendo o conjunto de representações, significados, estratégias e razões para a publicação dessas obras. Tentar enunciar um discurso não enunciado requer, do pesquisador, voltar para a singularidade do projeto editorial, envolvendo a utilização dos impressos como renovação de práticas educacionais e civilizatórias.

Portanto, o trabalho com materiais impressos remete à utilização de novas práticas, já que “as coleções são uma maneira de tornar um produto que já está no mercado – o livro – atrair novos consumidores para novas formas de uso dele” (TOLEDO, 2001, p. 1). A coleção ganha novos formatos a partir do público ao qual se dirige, visando à ampliação do mercado e de seu público leitor, para isso se contrata um especialista para a preparação de determinados materiais como foco de interesse, utiliza-se da padronização desses materiais para que os preços baixem e o público cresça.

A Editora Agir mobilizou autores brasileiros, americanos e principalmente franceses, com principal foco de interesse na religião, arte, educação, literatura brasileira, tudo em busca da formação de um caráter cristão. Também investiu fortemente em coleções, acompanhando uma forte tendência do mercado editorial da época. Segundo Hallewell (1985, p. 408), primeiro título publicado foi de Gustavo Corção, *A descoberta do outro*, uma autobiografia espiritual que produziu, segundo ele, um grande impacto em seus leitores.

Em um trecho extraído do jornal *Diário de Notícias* de 1947, há uma nota a respeito da editora e sua contribuição para a cultura cristã no Brasil:

A editora Agir está prestando um serviço especial ao desenvolvimento da cultura espiritualista e cristã, no Brasil, com o lançamento de já um bom

número de obras de grande saber e resultantes de profunda meditação. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1947, p. 2).

Segundo o jornal, a editora prestava um serviço que privilegiava a cultura cristã no Brasil na difusão de seus livros. Sua consolidação no campo católico, no entanto, afirmou-se através de diferentes vertentes. Além das coleções, os romances e as obras de teatro estavam imbuídas de conteúdos espirituais, como mostra a matéria do *Jornal do Dia* (Fig. 1):

Figura 1 – Dedicção da Editora Agir para publicações cristãs



Fonte: Jornal do Dia, 1964, p. 4.

O compromisso em selecionar obras que atendessem ao interesse do público "católico", demonstra a compreensão das representações sociais e as relações que se estabeleciam através da circulação dessas obras, colaborando para a formação de um discurso em torno de uma rede na qual eram traçadas possibilidades e estabeleciam relações para que determinadas práticas pudessem entrar em circulação. Chartier (2002) expõe a produção e classificação de uma obra não sendo em nada livre de neutralidade, mas, sim, impositiva. Para ele, somente através da exposição de uma obra pode ser possível compreender o trabalho real para se entender as diferentes possibilidades de leitura diante dessa prática discursiva.

É necessário, segundo Toledo (2001), chamar a atenção para o lugar institucional do autor, entendendo o uso das coleções para impressão de seus



textos como um lugar de destaque e cheio de significados. Dessa forma, cabe entender as estratégias de seleção desse material dentro de um determinado recorte temporal, utilizando-se do apoio imprescindível dos estudos sobre os impressos para mapear as práticas culturais ali representadas.

A coleção, neste sentido, transforma-se em uma espécie de fábrica dos novos autores: faz o público conhecer as novidades; educando o gosto do público para elas; afirma, assim, os novos nomes. Mas a coleção também utiliza habitualmente da relação autor renomado e autor ainda sem projeção. (TOLEDO, 2001, p. 28).

Todas essas estratégias, introduzidas na elaboração e impressões das coleções provocavam uma ascensão ao autor e, em outros momentos, davam visibilidade à coleção. Esses dispositivos utilizados pelas editoras buscavam a circulação dos livros e estabeleciam novas práticas culturais que, segundo Chartier, estavam ancoradas em práticas culturais que traziam significações presentes nas relações de uma determinada cultura, específica de um tempo.

Na matéria encontrada em *O Jornal* de 1945, Morton Douwen Zabel, professor titular da cadeira de literatura norte-americana da Faculdade Nacional de Filosofia do Brasil, autor do livro *A literatura dos Estados Unidos*, publicado pela mesma editora, revela que sua escrita está baseada na filosofia norte-americana. É importante destacar que para esse autor,

[...] a literatura de uma nação atinge sua verdadeira maturidade, quando combina idealismo com criticismo, fé com realismo e justiça abstrata com a verdade humana. [...] os fatores sobre os quais a maturidade e o desenvolvimento da literatura americana se apoiam, são a base para seu direito à maturidade perfeita". (O JORNAL, [s/p]).

Nesse sentido, entender que o espírito da consciência moral não estava pautado somente no trabalho desse autor, mas em uma vertente selecionada pela editora, entendemos que os discursos presentes nos livros atrelam a função do autor uma “variável e complexa característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos” ou como “uma ficção semelhante a essas ficções que dominam” (CHARTIER, 2014, p. 27-29).

Entender os impressos como objetos estratégicos de interesses requer buscar seus mais profundos objetivos e projetos editoriais, por vezes obscuros, dentro de suas produções para serem entendidos como objetos de manipulação, compreendendo que “os impressos têm a função de ‘despertar as consciências’ e ‘modelá-las’ conforme seus valores e interesses, procurando indicar uma direção

ao comportamento político do público leitor” (CAPELATO; PRADO, 1980, p. 23). Em outros momentos, os interesses estimulados pelo lucro ditam o caminho editorial e

[...] negociam um produto muito especial, capaz de formar opiniões, (de) estimular comportamentos, atitudes e ações políticas. [...] não se limitam a apresentar o que aconteceu, mas selecionam, ordenam, estruturam e narram, de uma determinada forma, aquilo que elegem como fato digno de chegar até o público. (LUCA; MARTINS, 2006, p. 11).

Assim, o investimento de capital próprio no mercado impresso era característico do século XX que, influenciado pelo mercado francês, revelava a imposição de um mercado elitizado, cujas coleções chegavam como uma alternativa barata para a circulação de novos projetos, “tornando-se veículos dos códigos da cultura letrada os escritores experimentam novas formas de produção e práticas de escrita” (TOLEDO, 2001, p. 19-20).

Estimulado pelo período carregado de transformações sociais, a incorporação de modelos estrangeiros movimentava parte da sociedade, e a inserção de autores estrangeiros funcionava como estratégia para o consumo de livros, já que tudo o que era francês os brasileiros consideravam moderno (HALLEWELL, 1985, p. 126). Autores americanos e, sobretudo, franceses fizeram parte de algumas publicações da Editora Agir, principalmente, da *Coleção Família* com títulos significativos. Novos valores traziam abordagens variadas de acordo com a nacionalidade dos autores.

O autor que mais publicou na Editora Agir e na *Coleção Família* foi o francês André Berge. Seus livros foram vendidos, de acordo com o jornal da época, por Cr\$ 2.000<sup>13</sup>, em uma segunda publicação no valor de NCr\$ 5,50<sup>14</sup>, *Os defeitos dos pais* aparece em outro jornal por Cr\$ 700.00<sup>15</sup>. Também encontramos variações de preço em relação a outras coleções publicadas pela editora, bem como destaca a matéria do jornal *Diário de Notícias*, em que um livro da Coleção Nossos Clássicos estava sendo vendido por NCr\$ 1,25<sup>16</sup>, o que demonstra uma certa valorização dada à *Coleção Família*.

Além do Berge, nas publicações da *Coleção Família*, houve a participação dos seguintes profissionais estrangeiros: Pe. J. M. Buck, M. A. Genovois, Dr.

---

<sup>13</sup> *Jornal do Commercio*, 7 de novembro de 1965, p. 20.

<sup>14</sup> *Diário de Notícias*, 29 de setembro de 1968, [s/p].

<sup>15</sup> *O Jornal*, 22 de dezembro de 1963, p. 2.

<sup>16</sup> *Diário de Notícias*, 29 de setembro de 1968, [s/p].

François Goust, Gaston Berge, H. Müller – Eckhard, Dr. F. E. Brandão von Gagern e Pierre Maurice. Vários desses autores eram médicos ou especialistas em psicologia, um reflexo da importância atribuída à qualidade técnica dos autores.

As estratégias de utilização das coleções para atingir outros públicos foram encaminhamentos bastante executados pela Editora Agir, uma iniciativa encontrada anteriormente nas ações de Monteiro Lobato<sup>17</sup>. Várias coleções faziam parte do catálogo da editoria e atingiam diferentes públicos. Destacamos algumas delas: *Coleção Família*, *Coleção Juventude*, *Coleção Nossos Clássicos*, *Coleção Forma Gregis*, *Coleção Mestres Espirituais*, *Coleção Temas Atuais*<sup>18</sup>, *Coleção O velho Lessa*<sup>19</sup>, *Coleção IEPS*<sup>20</sup>, *Coleção Contos Diversos* e os volumes diversificados<sup>21</sup>.

Com lugar privilegiado na produção dos impressos católicos, a Editora Agir teve um papel fundamental de cunho educativo e moralizante a fim de assegurar o “espírito cristão” da nação. Sabendo desse destino, a utilização dos impressos como instrumento de circulação do conhecimento percorreu diferentes esferas, por vezes nacionais e, em outros casos, até internacionais. A Editora Agir trabalhou em redes espalhadas por vários estados brasileiros com o objetivo de implementar um projeto modernizador através da educação das famílias, juntamente com o apoio de intelectuais e da Igreja Católica. Ela persistia, mesmo com vários embates anticlericais, em trabalhar para “cumprir o projeto de romanização católico no Brasil” (CAMPOS, 2010, p. 81).

Nesse sentido, cabe aqui evidenciar o trabalho expresso pela Editora Agir através de suas obras que colaboraram para produzir a *Coleção Família*, uma coleção composta por diversos livros que tinham autores nacionais e internacionais, incluindo a representação feminina de Maria Junqueira Schmidt, autora dos livros que serão analisados no terceiro capítulo. Mas, anteriormente à análise da escrita de Maria Junqueira Schmidt, temos que entender as estratégias elaboradas pela editora para a publicação de uma coleção voltada a educação das famílias.

---

<sup>17</sup> Toledo (2001), em sua tese, discute as estratégias impostas pelo uso das coleções nas práticas culturais utilizadas por Lobato para inserção e promoção do livro e da leitura no país, que, por sua vez, apresentava-se em sua grande maioria por analfabetos.

<sup>18</sup> *Jornal do Brasil*, 14 de março de 1965, Caderno B, p. 6.

<sup>19</sup> *Diário de Notícias*, 29 de outubro de 1963, p. 2.

<sup>20</sup> Introdução e Análise Econômica (*Diário de Notícias*, 2 de fevereiro de 1969, p. 16).

<sup>21</sup> *Diário de Notícias*, 2 de fevereiro de 1969, p. 16.

A afirmação da editora e de seus autores no campo religioso era algo evidente e bastante claro em todas as publicações, mas qual o projeto que estava por trás das publicações da *Coleção Família* e quem eram seus leitores? Quais os saberes veiculados nesses impressos e que projeto era esse de educação para as famílias? Seria possível trazer o “impacto” dos conteúdos presentes nesses livros para as famílias brasileiras no período em que a coleção circulou? Quais eram as estratégias que apoiaram essa circulação e qual o interesse dos católicos nela? Qual o papel intelectual de Maria Junqueira Schmidt na representação e circulação dessas obras? Tais questões são fundamentais para entender o lugar que esses impressos ocuparam na educação da sociedade brasileira.

### 1.1 UMA COLEÇÃO PARA EDUCAR AS FAMÍLIAS BRASILEIRAS: O DESENHO DE UM PROJETO

[...] procura guiar-se por uma orientação moderna e uma perspectiva que, embora tomando em consideração pontos de referências tradicionais, os ultrapassa, abrindo-se para um horizonte mais vasto.

(SCHMIDT, 1958, contracapa)

[...] de maneira arejada e à luz dos novos dados de psicologia moderna, as questões atinentes à Família, como sejam; a preparação para o casamento, os problemas conjugais e a educação.

(SCHMIDT, 1968, contracapa)

Assim, a Editora Agir apresentava a *Coleção Família* à sociedade, como um material de orientação moderno, com referências psicológicas atuais, porém sem se esquecer de trabalhar as dificuldades que a modernidade apresentava. O estudo da coleção foi necessário para entender como os católicos se mobilizaram em relação ao projeto para educar as famílias brasileiras.

Segundo Chartier (2001), a produção editorial é parecida com a caligrafia de uma pessoa, nela existem expressões literárias, valores culturais e ideológicos que construíram aspectos significativos de vida de uma determinada comunidade. Desse modo, pensar na produção editorial da Editora Agir na discussão de temas

atuais para aquele período permite apreender, tal como Chartier sinaliza, as expressões literárias e valores ideológicos e culturais do campo católico a partir de suas publicações. Sua consolidação no campo editorial nacional é bastante aparente, porém a busca pelo entendimento do “projeto” empreendido através da *Coleção Família* requer uma profundidade de análise da editora e dos livros, já que para Chartier (2014) os impressos desempenham um papel de grande importância na circulação de modelos culturais e impõem normas que devem orientar o leitor em determinada direção.

A *Coleção Família*, composta por 24 livros<sup>22</sup>, permaneceu no mercado por volta de duas décadas com reedições e novos títulos. Como relatado anteriormente, a primeira tradução, no ano de 1951, foi de autoria de André Berge, médico francês, que estudou filosofia e letras, colaborador da *École des Parents et Educateurs*<sup>23</sup> e diretor do Centro Psicopedagógico Claude Bernard. André Berge escreveu várias vezes para a coleção, por esse motivo cabe ressaltar que o viés de sua escrita parece ser a base filosófica e científica para essa coleção, uma vez que vários autores da *Coleção Família* o citam como referência em algumas obras. O interesse do autor em trabalhar a psicologia da criança e da adolescência é revelado na orelha de seu livro *Os defeitos dos pais* (1965). A autoria da escrita do texto apresentado na orelha do livro não é revelada, mas destaca que Berge colocava o conhecimento científico psicológico ao alcance de pais e educadores da época através do conhecimento empreendido nos livros a partir dos estudos de psicopedagogia. Com relação ao público consumidor dos livros da *Coleção Família*, é importante destacar que, em uma outra orelha de um livro da coleção, é dada prioridade há um público em específico: “[...] dirigindo-se primeiramente aos pais e não aos educadores especializados”. (BERGE, 1968, orelha); na sequência, aos demais profissionais da educação. Dentro do levantamento dos títulos que fizeram parte da *Coleção Família*, observamos um endereçamento específico às “famílias”, o que não diminuía a circulação desses materiais entre outros profissionais, como os orientadores educacionais e professores. Entretanto, em um país com um alto índice de analfabetismo como o Brasil nesse período, somente indivíduos de

---

<sup>22</sup> Para que pudéssemos levantar esse dado, utilizamos de pesquisas em jornais que circularam no período de 1940 até 1969 pelo site: <bdn.digital.bn.gov.br>, utilizando o termo: “coleção família” e “Editora Agir”. Também, pesquisamos na biblioteca da PUCPR e na Biblioteca Pública do Paraná para confrontar algumas datas das publicações.

<sup>23</sup> Escola de Pais e Educadores.

grupos mais escolarizados tinham acesso à escola, o que pressupunha um público leitor mais selecionado.

A partir de pesquisas realizadas nos periódicos da época, os livros da coleção foram vasculhados em sebos e bibliotecas, o que nos auxiliou na organização da *Coleção Família* em seus respectivos volumes e períodos de publicação. A grande dificuldade para realizar esse levantamento foi pelo fato de encontrarmos os nomes dos livros “soltos” entre os jornais, sem uma ordenação entre os títulos e mesmo entre os volumes, pois a editora apresentou a coleção em três momentos diferentes, com algumas variações.

Outro ponto importante a ser destacado, é o fato da editora não ter estabelecido um tempo previsto entre uma e outra publicação ou uma sequência entre os títulos, funcionando de acordo com o mercado. Houve anos em que publicaram apenas um livro e outros em que foram três ou mais. As publicações de alguns livros foram encontradas nos jornais da época, colaborando para organizar as datas das edições, mas, em alguns desses títulos, não encontramos nenhuma especificação da data ou volume da publicação.

Com esses dados, organizamos o Quadro 1 com todos os títulos que fizeram parte da coleção, respeitando suas edições e reedições em todo o tempo de circulação. A organização estabelecida nos títulos da *Coleção Família* não se baseou em suas primeiras publicações, mas, sim, na organização em volumes proposta pela editora entre os anos de 1958 e 1969. Somente o livro *Educar pela recreação*, de Maria Junqueira Schmidt, e *Adolescência, idade da aventura*, de Alceu Amoroso Lima, não se enquadram nessa ordem, pois foram publicações únicas, ambas do ano de 1958. Cada livro foi alocado seguindo uma especificidade dos volumes encontrados na terceira vez de publicação da coleção. Somente a partir dessa especificação é que conseguimos dar uma sequência organizacional para a coleção. Os três primeiros livros que deram início à coleção não foram numerados por ser uma publicação única, pois, na sequência das reedições, foram retirados da composição.

Quadro 1 – Título da *Coleção Família*

<b>PUBLICAÇÕES DA COLEÇÃO FAMÍLIA</b>				
<b>VOL.</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>ED.</b>	<b>ANO</b>
-	Claro escuro	Gustavo Corção	1º	1946
			2º	1958

-	Divorciada	Pierre Murice Ed. Nacional, inserido a Coleção (A Cigarra, RJ, maio de 1952, Ed. 0218, Ano 1952, p. 140)	1º	1952
-	Celebrando em família o natal e a páscoa	s/d	1º	1960
1	Como educar pais e filhos?	André Berge	1º 2º 3º 4º 5º	1957 1958 1960 1965 1968
2	Educação sexual e afetiva	André Berge	1º 2º 3º	1951 1958 1968
3	A liberdade na educação	André Berge	1º 2º 3º 4º	1962 1964 1968 1974
4	Adolescência, idade da aventura	Alceu Amoroso Lima e colaboradores	1º	1958
5	Educar pela recreação	Maria Junqueira Schmidt	1º	1958
6	Os defeitos das crianças	André Berge	1º 2º 3º	1958 1960 1967
7	Pais desajustados filhos díficeis	Pe. J. M. Buck	1º 2º 3º	1959 1961 1966
8	O casamento no plano de Deus	M. A. Genevois	1º 2º 3º	1959 1962 1965
9	Virilidade, sexo e amor	Dr. François Goust	1º 2º 3º	1960 1964 1967
10	O colegial-problema	André Berge	1º 2º 3º	1960 1964 1968
11	Educar para a responsabilidade	Maria Junqueira Schmidt	1º 2º 3º 4º	1961 1963 1964 1965

			5º	1967
			6º	1968
			7º	1974
12	Educadores em crise	Pe. J.M. Buck	1º	1961
			2º	1962
			3º	1965
13	Os defeitos dos pais <sup>24</sup>	André Berge	1º	1963
			2º	1965
			3º	1971
14	Tratado prático da análise do caráter	Gaston Berger	1º	1963
			2º	1965
15	O casamento no plano de Deus	M. A. Genovois O. P. <sup>25</sup>	1º	-
			2º	1963
16	A família por dentro	Maria Junqueira Schmidt	1º	1965
			2º	1967
17	Sugestões aos pais e educadores	André Berge	1º	1966
			2º	1968
18	Deus em casa	Maria Junqueira Schmidt	1º	1967
19	Autoconsciência e transformação	Dr. F. E. Brandão Von Gagern (Jornal do Brasil RJ, 21 de outubro de 1967, Ed. 00171 (1), p. 14)	s/d	1967
20	A criança, essa incompreendida	H. Müller – Eckhard	s/d	1968
21	A doença da virtude	André Berge	1º	1969

Fonte: levantamento realizado pela pesquisadora em outubro de 2017.

Analisando o conjunto de livros da *Coleção Família*, chamamos a atenção para os intervalos de tempo a cada publicação. O primeiro livro foi publicado no ano de 1946, *Claro escuro*, de Gustavo Corção. Na década de cinquenta, as publicações da coleção aumentaram e alguns títulos parecem ter sido considerados mais significativos devido à reedição, alguns mais de uma: *Educação sexual e afetiva*, de André Berge (1951); *Divorciada*, de Pierre Murice (1952); *Como educar pais e filhos?*, de André Berge (1957); a década de cinquenta também abriu espaço para a inserção de autores nacionais na coleção. Maria Junqueira Schmidt, única mulher a alcançar espaço na coleção, lançou o título *Educar pela recreação* (1958) e Alceu Amoroso Lima publicou *Adolescência*,

<sup>24</sup> Único livro da coleção que traz figuras.

<sup>25</sup> O Jornal RJ publicou o nome do autor como destacado acima, porém não conseguimos encontrar o nome do autor na íntegra, então optamos em mantê-lo como traz a fonte. (O JORNAL, 1962, p. 2).



*idade de aventura* (1958). Nesse mesmo ano, a editora reedita seus três primeiros títulos, com exceção da *Divorciada*, e insere mais um título de André Berge, *Os defeitos das crianças*. No ano de 1959, outra publicação de André Berge complementa a coleção, *Pais desajustados, filhos difíceis* e o *Casamento no plano de Deus*, escrito por Genevois, única publicação do autor pela editora.

Nos anos 1960, o aumento de publicações e reedições acende a *Coleção Família*. No ano de 1960, o título de André Berge, *O colegial- problema* é lançado, assim como, *Virilidade, sexo e amor* do Dr. François Goust e *Celebrando o natal e a páscoa em família*<sup>26</sup>. Os títulos de André Berge *Como educar pais e filhos?* e *Os defeitos das crianças* são reeditados pela terceira vez. Em 1961, é lançado outro livro de Maria Junqueira Schmidt, *Educar para a responsabilidade*, livro como o maior número de reedições da coleção. Os livros *Educadores em crise* e *Pais desajustados, filhos difíceis*, ambos de J. M. Buck, são reeditados. Em 1962, André Berge lança *A liberdade na educação*; sai reedições de *O casamento no plano de Deus*, de M. A. Genevois, e *Educadores em crise*, de Buck, esses finalizam as publicações desse ano.

Em 1963, a editora lança o *Tratado prático da análise do caráter*, de Gaston Berger; *Os defeitos dos pais*, de André Berge; e a reedição de *Educar para a responsabilidade*. No ano de 1964, a editora não lança nenhum livro, somente publica reedições<sup>27</sup>. No ano seguinte, Maria Junqueira lança seu quarto livro pela editora, *A família por Dentro* e outras seis reedições<sup>28</sup> encerram o ano. Em 1966, André Berge lança *Sugestão aos pais e educadores* e o livro *Pais desajustados, filhos difíceis* é reeditado. No ano seguinte, Maria Junqueira Schmidt lança *Deus em casa* e *A família por dentro*, *Os defeitos dos pais*, *Virilidade, sexo e amor* e a *Educação para a responsabilidade* são publicados novamente.

No ano de 1968, o autor H. Müller – Eckhard publica *A criança, essa incompreendida*, único livro pela Agir, enquanto outros seis livros da coleção são impressos novamente. No ano seguinte, somente André Berge publica *A doença da virtude*, e mais nenhum livro é reeditado; quase dois anos seguem para uma nova reedição da editora.

---

<sup>26</sup> Não foi encontrada a autoria deste livro, somente é citado na matéria do jornal Correio da Manhã do Rio de Janeiro. (Correio da Manhã, 1960, p. 9).

<sup>27</sup> *A liberdade na educação*, *Virilidade, sexo e amor*, *O colegial – problema* e *Educar para a responsabilidade*.

<sup>28</sup> *Tratado prático da análise*, *Os defeitos dos pais*, *Educação para a responsabilidade*, *Educadores em crise*, *O casamento no plano de Deus* e *Como educar pais e filhos?*

Em 1971, a editora publica novamente o livro *Os defeitos dos pais*; e faz a reedição dos livros *A liberdade na educação* e *Educar para a responsabilidade* em 1974. Neste ano não encontramos mais dados de novos livros que complementassem a coleção. A partir desse período, a produtividade da Editora Agir mostrou-se em queda, o que nos levou a investigar os motivos do decréscimo no número de publicações da *Coleção Família* nesse período.

Segundo Hallewell (1985), o desenvolvimento da indústria editorial no Brasil é reflexo, em parte, de um consumo ávido de livros de editoras americanas, principalmente na década de 1960, quando a *Coleção Família* traz parte significativa de suas publicações. Para ele, outro dado importante pode ter refletido negativamente, o que chama de “crescimento de outro tipo de ‘coleção’”.

[...] livros formados a partir da reunião de diversos trechos, ou obras curtas, - especialmente visados eram os contos, - sem qualquer autorização do detentor dos direitos autorais, com o engenhoso argumento de que o Artigo 666<sup>29</sup>, parágrafo primeiro, do Código Civil permitia a um autor incorporar partes de obras já publicadas a seu próprio texto, desde que fosse de natureza científica ou tivesse propósito *literário*, didático ou religioso – assim chamada de cláusula da “reprodução lícita”. [...]. O enorme prejuízo que esse lamentável costume acarreta à indústria e ao comércio de livros é incalculável, indo muito além da questão da infração aos direitos autorais. Já é bastante mau que também reduza significativamente o mercado para os livros em questão (HALLEWELL, 1985, p. 440-441).

Parte dessa reflexão apresentada pelo autor pode justificar a queda da produtividade da Editora Agir no final desse período, assim como o ocorrido em outras editoras no mesmo espaço de tempo. O número significativo de obras que faziam parte do catálogo da Agir a colocou em uma posição de destaque entre as editoras brasileiras, chegando ao número de 60 obras (HALLEWEL, 1985, p. 447) publicadas somente no ano de 1964. Seus exemplares eram compostos em grande parte por traduções do francês e aberturas ao mercado autoral brasileiro, com participações como a de Gustavo Corção, Alceu Amoroso Lima e Maria Junqueira Schmidt que traziam relevo às publicações. Porém, a editora buscou no mercado estrangeiro mecanismos convidativos para o público nacional a partir da variedade de traduções que abrangiam áreas da psicologia, educação, economia, teatro, religião e temas modernos.

---

<sup>29</sup> Essa lei previa o pagamento de 5% para os autores como garantia de fidelidade de seu texto, o chamado domínio público, que seriam pagos ao “Fundo de Direito Autoral” (HALLEWELL, 1985, p. 442).

O total de exemplares publicados pela Editora Agir não foram encontrados, mas os valores das vendas de alguns livros foram levantados em alguns periódicos e são bastante significativos para estabelecer um parâmetro entre as diversas coleções vendidas pela editora.

Quadro 2 – Tabela de preço de alguns livros das coleções da Editora Agir

<b>VALOR DE LIVROS DE DIFERENTES COLEÇÕES PUBLICADAS PELA EDITORA AGIR</b>		
<b>TÍTULO</b>	<b>COLEÇÃO</b>	<b>VALOR</b>
Os defeitos dos pais	Família	Cr\$ 700.00
Autoconsciência e transformação	Família	NCr\$ 5,00 <sup>30</sup>
Como educar pais e filhos?	Família	Cr\$ 2.000 <sup>31</sup> NCr\$ 5,50 <sup>32</sup>
Educação sexual e afetiva	Família	NCr\$ 6,00 <sup>33</sup>
Sugestão aos pais e educadores	Família	NCr\$ 5,00 <sup>34</sup>
Yerma	Teatro Moderno	Cr\$ 500.00 <sup>35</sup>
Fernão Lopes – Crônicas	Nossos Clássicos	NCr\$ 1,25 <sup>36</sup>
Manual prático de ortografia	Diversos	NCr\$ 3,00 <sup>37</sup>
Humanismo soviético. Mito ou realidade?	Diversos	NCr\$ 12,00 <sup>38</sup>
Hamlet	Diversos	NCr\$ 8,00 <sup>39</sup>
Viva Feliz no Campo - Manual do clube de mulheres no campo	Diversos	NCr\$ 4,00 <sup>40</sup>

Fonte: levantamento realizado pela pesquisadora em outubro de 2017.

Para Martins e Luca (2015), as modificações em todo o corpo do material impresso apresentaram inovações importantes, mas acabou por atingir o seu conteúdo e também seu valor por conta da diversidade de especializações nesse setor. O engajamento da imprensa ao valor burguês, tinha por finalidade o retorno dos investimentos para efetivação de seus objetivos políticos-educacionais, atuando como elo entre “*Estado e a sociedade civil*” (MARTINS; LUCA, 2006, p.

<sup>30</sup> Jornal do Brasil (RJ), 21 de outubro de 1967, p. 14.

<sup>31</sup> O Jornal do Commercio (RJ), 7 de novembro de 1965, p. 20.

<sup>32</sup> Diário de Notícias (RJ), 29 de setembro de 1968, [s/p].

<sup>33</sup> Diário de Notícias (RJ), 29 de setembro de 1968, [s/p].

<sup>34</sup> Jornal do Brasil (RJ), 8 de dezembro de 1965, p. 8.

<sup>35</sup> O Jornal (RJ), 1 de dezembro de 1963, p. 4.

<sup>36</sup> Diário de Notícias (RJ), 29 de setembro de 1968, [s/p].

<sup>37</sup> Diário de Notícias (RJ), 29 de setembro de 1968, [s/p].

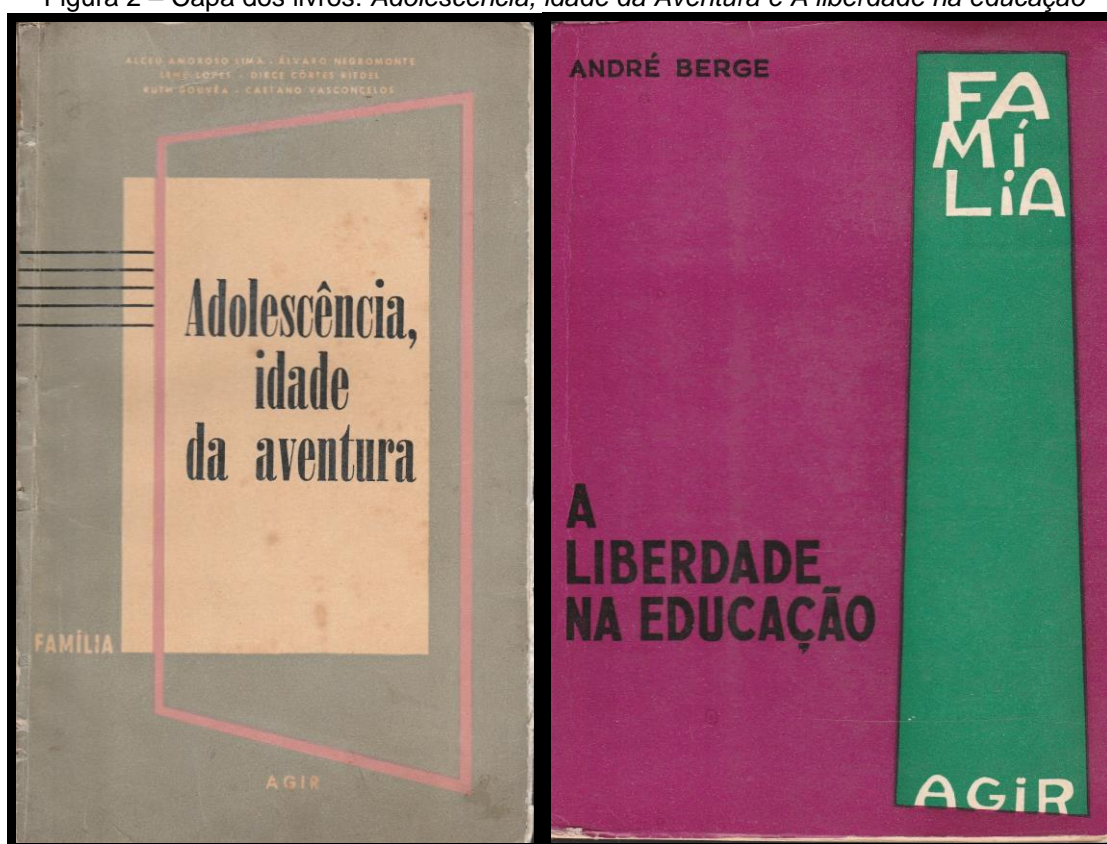
<sup>38</sup> Diário de Notícias (RJ), 29 de setembro de 1968, [s/p].

<sup>39</sup> Diário de Notícias (RJ), 29 de setembro de 1968, [s/p].

<sup>40</sup> Diário de Notícias (RJ), 29 de setembro de 1968, [s/p].

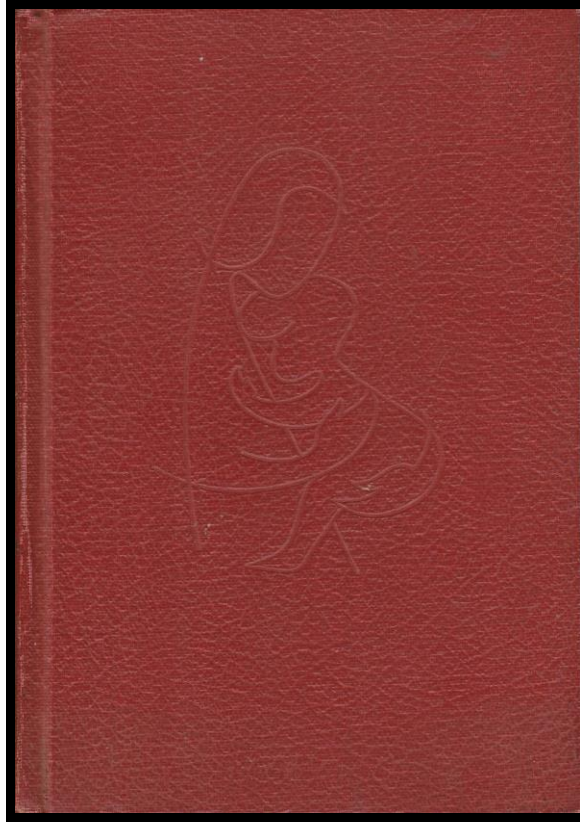
112). Esse movimento empreendia valores e maior qualidade aos livros, transformando o *design* das capas que anteriormente eram trazidos com padrões acinzentados – é o que observamos nas primeiras publicações da *Coleção Família* – para então se chegar as capas com cores vibrantes como as encontradas na terceira fase de publicações da coleção. O que pudemos perceber é que a coleção foi publicada em dois formatos: brochura e capa dura. A seguir, apresentaremos na Fig. 2 a mudança de *design* das capas em brochura; e na Fig. 3 trazemos a imagem de um exemplar da coleção publicado em capa dura.

Figura 2 – Capa dos livros: *Adolescência, idade da Aventura* e *A liberdade na educação*



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2018).

Figura 3 – Capa do livro *Os defeitos da criança* (Rio de Janeiro, [s/a])



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2018).

Apesar do título da coleção se reportar à família, na capa dura (Fig. 3) percebemos a ênfase dada à figura feminina, mais especificamente à imagem de Maria, um modelo a ser seguido.

Nessa capa, a textura é parecida com a do couro e sua cor puxa para o tom de marrom, em outros livros os tons aparecem com variações para o vermelho e bordo, na brochura de 19 x 12,5 cm que dava um ar de seriedade ao material. Na capa, encontramos a imagem de uma mulher segurando uma criança de colo, a representação divinizada de mãe semelhantemente a imagem trazida pela Virgem Maria utilizada pelos católicos. Outras “virgens”, muito parecidas com a encontrada nessa capa, foram representadas na pintura e trazem a representação da figura cuidadora, dócil e frágil que haveria de ser encontrada na figura de mãe e esposa destacadas nos livros de Maria Junqueira Schmidt.

A semelhança da imagem da capa pode ser observada em algumas pinturas retratadas por artista como Alessandro di Mariano di Vanni Filipepi ou Sandro Botticelli (Fig. 4), Maestro del Bigallo (Fig. 5 e 6) e Raffaello Sanzio, pintores italianos que retrataram essa figura assemelhada ao papel de virgem e doce.



Figura 4 - Virgem com o Menino e São João Batista criança



Fonte: Museu de Arte de São Paulo<sup>41</sup>.

Figura 5 - A virgem em majestade com o menino e os anjos



Fonte: Museu de Arte de São Paulo<sup>42</sup>.

<sup>41</sup> Sandro Botticelli, 1464-1510. Têmpera sobre madeira 74x74. Disponível em: <<http://m.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/06/1647712-mostra-no-masp-reve-as-joias-da-arte-italiana-de-seu-acervo.shtml?cmpid=ggfolha>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

<sup>42</sup> Maestro del Bigallo, 1275. Têmpera sobre madeira 74x74. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/revista/856/os-retratos-do-esplendor-1833.html>>; <<https://www.facebook.com/maspmuseu/>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

Figura 6 – Madona da casa Santi



Fonte: Casa Natale di Raffaello<sup>43</sup>.

Na capa deste livro não encontramos o título da obra, somente na lombada do livro é destacado o título e autoria apresentadas em um tom dourado, mas pouco se conseguiu preservar dessas imagens.

As mudanças nos projetos tipográficos da *Coleção Família* demonstram essa busca por mecanismos mais modernos que chamassem a atenção do público a partir de seu formato, cores e qualidade de impressão. Para Hallewell (1985, p. 454), “o projeto tipográfico finalmente atualizou-se segundo o melhor costume moderno da época”, tornando-se objeto de construção artístico atraente.

Nessa direção modernizante, podemos perceber pelas imagens acima uma fórmula editorial em relação às capas da coleção: qualquer publicação, independentemente do autor, respeitava um padrão de capa, havendo alterações específicas somente no título, autoria e tonalidade de cores.

Nas primeiras publicações da coleção, percebeu-se a utilização de um material mais simples para impressão com artes gráficas e pouca cor, porém elaborada pelo técnico Milton Ribeiro. Em um segundo momento, as publicações ganhavam mais força no investimento em material de maior qualidade, com capa

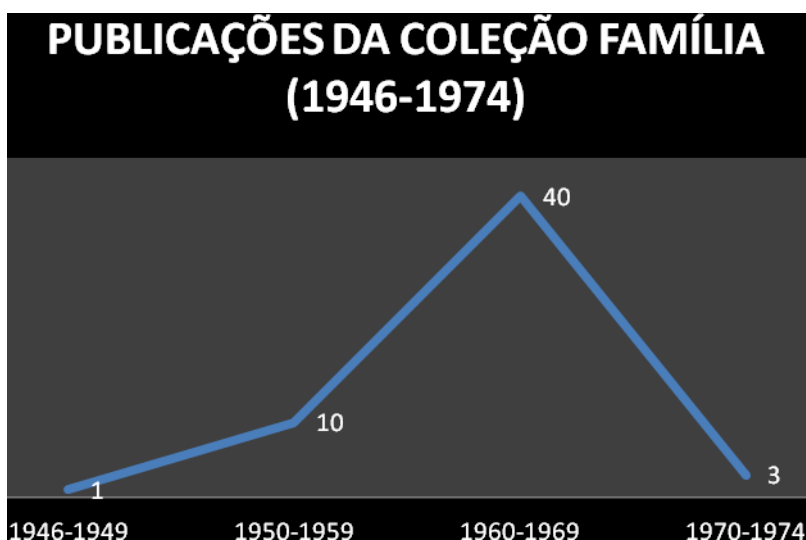
---

<sup>43</sup> Rafael Sanzio, 1498, fresco 97x67. Disponível em: <<http://www.casaraffaello.com/>>. Acesso em: 14 mar. 2018.

dura, significando uma distinção na publicação que visava atingir leitores distintos. Nesse período, todos os livros encontrados tinham o mesmo formato, somente as tonalidades das capas mudavam, puxando para o marrom, bordô ou vermelho, ganhando uma aparência um pouco mais formal do que a encontrada nas demais publicações. Na terceira etapa, a coleção toma um ar mais moderno e todos os livros trazem cores vibrantes em sua capa, utilizando-se do roxo, laranja, lilás, entre outras cores.

No período de 1955 a 1962, o crescimento no campo editorial proporcionou, segundo Hallewell (1985), um desenvolvimento importantíssimo na produção de livros que vinha aumentando devido a alta taxa nos custos de impressão no ano de 1958, chegando em 30%, o que inibiu o crescimento. Nesse período, Kubitschek (1956-1961) governava o Brasil e propôs segundo o slogan adotado, o progresso de cinquenta anos em cinco a partir de uma proposta política desenvolvimentista. A expansão editorial da Agir pode ser observada durante o período, o que é visto no levantamento realizado entre os anos que a coleção esteve em circulação, conforme apresentado no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Publicações da *Coleção Família* (1946- 1974)



Fonte: produzido pela pesquisadora em outubro de 2017.

Como destacado no Gráfico 1, as publicações e reedições dos livros que compuseram a *Coleção Família* tiveram variações crescentes e decrescentes durante os anos de 1946 a 1974, período em que encontramos o primeiro e o último livro da coleção. Durante o período analisado nesse estudo, entre os anos de 1960 e o ano de 1969, ocorreu o auge das publicações e reedições da



coleção. Esse período foi marcado por grandes investimentos no setor, diferentemente da década seguinte, que se destaca pela queda na produtividade, levando ao encerramento das publicações no ano de 1974. Muitos desses problemas ocorreram em âmbito nacional e se deram, conforme Hallewell (1985), pela negligência do editor brasileiro, revelando que parte dos problemas das editoras nacionais terem fechado foi pelo fato de não possuírem uma organização orçamentária, além da crise econômica pela qual passava o país.

O momento político também pode contribuir para entendermos esse declínio. No início dos 1960, muitos líderes da Igreja Católica e setores mais conservadores da sociedade civil apoiaram o golpe militar de 1964, contudo, não foi o caso de Alceu Amoroso Lima, que se posicionou contundentemente contrário ao golpe. A consolidação do regime pode ter cerceado as iniciativas de Alceu e o seu livre trânsito em espaços privilegiados da sociedade brasileira, o que pode ter impactado seu trabalho na Editora Agir. Infelizmente, aqui transitamos no campo das hipóteses, já que não foi possível levantar dados que pudessem nos esclarecer essa parte da história<sup>44</sup>.

Em todos os livros dessa coleção, encontramos um caráter que visava sedimentar valores e comportamentos cristãos nas famílias a partir de códigos de condutas. Estes formariam o caráter do cidadão e contribuiriam para formar uma nação católica, referência que para muitos intelectuais católicos se perde ao longo do regime militar.

No entanto, no projeto de educação familiar veiculado pela coleção, os pais poderiam se especializar na atividade de educar os filhos, estabelecendo uma relação muito próxima à escola. Assim, na busca por contribuir para as investigações acerca da educação das famílias, atentamos para o uso que a Editora Agir fez a partir da *Coleção Família*, o de implementação de um projeto que educasse as famílias brasileiras nos moldes católicos.

Refletindo sobre essa questão, enxergamos um projeto ainda maior que atenta para as dificuldades da família na educação dos filhos e projeta uma prática que sinaliza para uma ação conjunta entre a família e a escola. Uma fórmula que a editora buscou com base nas inovações pedagógicas a partir de países como Estados Unidos e principalmente a França. Atravavam o caráter

---

<sup>44</sup> Sobre Alceu Amoroso Lima e o golpe militar de 1964. Cf. Sydow, 2007.

pedagógico às atividades e pontuavam, em forma de conselhos, comportamentos que deveriam ser inseridos no ambiente familiar do cristão.

Em que pesem todas as particularidades da editora no conjunto de autores que publicaram pela coleção, Maria Junqueira Schmidt<sup>45</sup> se destacou a partir de suas publicações. O foco privilegiado dessa pesquisa está centrado nas produções dessa autora dentro da *Coleção Família*, procurando entender como seus livros colaboraram na formação das famílias nos anos 1960, buscando traçar o projeto educacional familiar veiculado pela coleção a partir desses livros. Nesse sentido, buscamos entender os percursos e engajamentos de Maria Junqueira Schmidt nesse projeto intelectual, o qual não se restringiu apenas ao Rio de Janeiro, onde a editora tinha sua sede, tendo alcançado circulação nacional.

Sua interlocução também pode ser apreendida em um diálogo mais amplo com o movimento de *L'École de Parents e Educateurs* na França, em profunda sintonia com o da idealizadora desse movimento, mais conhecida como Madame Vérine. Os livros de Maria Junqueira Schmidt dão a ver uma prática de apropriação e circulação das ideias francesas sobre a educação familiar. É interessante, pois, compreendermos um pouco dessas duas mulheres, seus contextos e as representações produzidas a partir de seus diferentes lugares de fala.

---

<sup>45</sup> No livro *Adolescência, idade da aventura*, de Alceu Amoroso Lima, encontramos dois capítulos escritos por outras duas professoras, Dirce Côrtes Riedel e Ruth Gouveia. Somente essas mulheres são encontradas como colaboradoras femininas na *Coleção Família*, além de Maria Junqueira Schmidt. Suas contribuições se referem a dois capítulos nesse livro, que contou também com a participação de outros autores. Dentre os demais títulos da coleção, esse é o único que é uma coletânea.

## 2 MARGUERITE VÉRINE-LEBRUN, MARIA JUNQUEIRA SCHMIDT E O PROJETO DE EDUCAÇÃO FAMILIAR DA ESCOLA DE PAIS EM CIRCULAÇÃO ENTRE FRANÇA-BRASIL

A educação é questão de vida ou de morte para uma nação, por que como fôr a educação será a família; e como fôr a família, assim será a nação.

(VÉRINE, 1965, contracapa)

Neste capítulo, buscamos compreender as bases da educação familiar empreendida por Maria Junqueira Schmidt e a possível aproximação com o projeto de educação das famílias empreendido na França. Para tanto, destacamos essas duas intelectuais católicas que estiveram à frente da criação da Escola de Pais nesse circuito França-Brasil – Marguerite Vérine-Lebrun (1878-1947) e Maria Junqueira Schmidt (1901-1982) –, com o intuito de explorar o papel representativo de cada uma na circulação de modelos pedagógicos para a educação das famílias dentro de seus respectivos tempos e espaços. Não buscamos traçar uma biografia dessas personagens, mas levantar elementos biográficos que nos permitissem compreender trajetórias aproximadas frente ao projeto de educação para as famílias que se desenhou na França e no Brasil, e indicar aproximações do modelo francês nas obras de Maria Junqueira Schmidt. Nesse sentido, a presença de André Berge como referência basilar do projeto de educação familiar nos dois países também deve ser considerada como um forte indicativo da circulação de ideias pedagógicas entre esses dois países.

Anteriormente, faz-se necessário entender o papel transformador da educação familiar que chegou por volta do século XIX como valor social e na sequência, ganhou um valor catequético na instrução dos filhos e também da família. Uma nova ordem familiar após a Segunda Guerra tinha a ausência de muitos pais e colocava sobre a mulher a responsabilidade de sua casa, culminando no surgimento de diversas estratégias pedagógicas e psicanalíticas que objetivavam a organização da sociedade fundamentada na família.

Com o objetivo de conciliar antigos valores familiares adaptados às inovações pedagógicas, Jeanne Emilie Marguerite Nivoit, mais conhecida como Marguerite Vérine-Lebrun pela função que ocupou como primeira dama da França no período de 1932 a 1940<sup>46</sup>. Foi uma militante católica interessada na Educação Nova e na pedagogia norte-americana; fundou a *L'École de parents et des éducateurs*, em 1929, em Paris. (ADORNO, 2008, p. 5). Ela também era conhecida por outros pseudônimos como Vérine, Madame Vérine e, o possível nome, Camille de Vérine, todos encontrados ao longo de sua trajetória.

Nesta pesquisa utilizaremos o nome Vérine por ter sido a forma encontrada na tradução única para a língua portuguesa do seu livro *Os dez mandamentos dos pais*, uma tradução de Maria Luiza Toselli, publicado pelas Edições Paulinas, no ano de 1965. Essa obra nos deu base para construir uma possível aproximação entre as personagens, a partir de seus projetos, uma vez que não localizamos se elas chegaram a ter algum tipo de contato pessoal.

Vérine era escritora e colaborava regularmente com a *Revista Aliança*, por meio de artigos de opinião. Junto com algumas senhoras da alta sociedade francesa, no ano de 1929, ela organizou um ensino cooperativo que buscava na educação moderna conciliar autoridade e liberdade nas ferramentas da fé. Criou a *École des parentes et des éducateurs* e convidou pedagogos e psiquiatras para palestrarem sobre assuntos que envolvessem o desenvolvimento infantil e problemas da adolescência. Nessa revista, Vérine acabava por conhecer o trabalho realizado por André Berge de quem se aproximou pela qualidade atribuída a seus romances. Este, por sua vez, acaba por se tornar um dos intelectuais de grande importância na Escola de Pais na França e também no Brasil, como citado anteriormente pelas publicações na *Coleção Família* ao ser utilizado como base teórica para alguns trabalhos efetivados na Escola de Pais no Brasil.

---

<sup>46</sup> Disponível em: <<http://data.bnf.fr/13002511/verine/>> e <<http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb130025113>>. Acesso em 10 nov. 2017.

Figura 7 – Marguerite Vérine-Lebrun



Fonte: extraído de [https://en.wikipedia.org/wiki/Marguerite\\_Lebrun](https://en.wikipedia.org/wiki/Marguerite_Lebrun).

Figura 8 – Alberto Lebrun e Marguerite Vérine-Lebrun no Palácio Elysée em 1935



Fonte: extraído de [https://fr.wikipedia.org/wiki/Marguerite\\_Lebrun](https://fr.wikipedia.org/wiki/Marguerite_Lebrun)

Vérine recebia forte apoio de seu esposo Albert François Lebrun, presidente da França entre os anos de 1932 e 1940, nas questões em defesa da emancipação feminina. Católica praticante, sua luta pela emancipação não representava uma ameaça à estrutura familiar, considerada uma das bases de

organização da sociedade francesa e do catolicismo. Utilizou largamente o impresso na difusão de suas ideias. Para ela, a utilização de impressos era uma ferramenta importante na formação de pais e educadores. Suas publicações foram organizadas a partir das conferências realizadas pela *École des Parents et des Éducateurs*. Com alguns dos resultados desses congressos, livros foram publicados em 1930, *L'adolescence*<sup>47</sup>; em 1931, *La jeunesse*<sup>48</sup>; 1932, *De la personnalité*<sup>49</sup>; em 1934, *L'éducation de l'effort*<sup>50</sup>; em 1935, *Education et contre-éducation*<sup>51</sup> e *Le noviciat du mariage*<sup>52</sup>. No ano de 1943, publicou *C'est dans les familles que se fait la France*<sup>53</sup>; em 1946, *Les 10 commandements des parents*<sup>54</sup>; e, em 1954, *L'amour des autres*<sup>55</sup> (DONZELOT, 1980).

Por meio da *École des Parents et des Éducateurs*, Vérine combatia a educação sexual almejando o sucesso da família diante dos preceitos morais impostos na época. Para ela, o sexo não poderia ser encarado como “um esporte que se aprende no estádio” (DONZELOT, 1980, p. 185), mas, sim, um “trunfo” moral. Diante desses preceitos morais, Vérine escreveu livros que debatiam temas relacionados aos enfrentamentos modernos que beneficiariam a família e estimulavam técnicas de educação moderna: *La mère iniciatrice*,<sup>56</sup> em 1929, e *La femme et l'amour*<sup>57</sup> e *Cette pauvre petite*<sup>58</sup>, em 1930.

Donzelot (1980) revela que a escrita de Vérine se aproximava da encontrada no livro *Conseils aux parents sur l'éducation morale de leurs enfants*<sup>59</sup>, publicado no ano de 1881 por E. Blackwell, livro tradicional, que ainda circulava entre a elite francesa nesse período. Essa relevante consideração demonstra que a escrita de Vérine perpassava o meio intelectual burguês da França.

Em resenha publicada no livro *Discovering the Western Past* – a partir do livro *Deus, obra, família e pátria*, publicado no ano de 1941 por Vérine –, é trazido

---

<sup>47</sup> A adolescência.

<sup>48</sup> A juventude.

<sup>49</sup> A personalidade.

<sup>50</sup> Educação pelo esforço.

<sup>51</sup> Educação e contra educação.

<sup>52</sup> Curso preparatório para o casamento.

<sup>53</sup> É na família que a França é feita.

<sup>54</sup> *Os dez mandamentos dos pais*, único livro em que encontramos tradução para o português realizada por Maria Luísa Toselli e publicado pelas Edições Paulinas.

<sup>55</sup> O amor dos outros.

<sup>56</sup> A mãe iniciadora.

<sup>57</sup> A mulher e o amor.

<sup>58</sup> Esta pobre menina.

<sup>59</sup> Conselhos aos pais sobre a educação moral de seus filhos.

o problema, por conta da derrota de 1940. Para Vérine, haveria que ser definido papéis sociais às famílias que, de acordo com ela, não haviam sido distribuídos diante das crescentes diferenças sociais. Em que, o Estado deveria que restaurar sua atenção em diferentes frentes a partir da preparação das famílias, envolvidos em uma espécie de “quatro famílias” (WIESNER et al., 2000, p. 293): Deus, pátria, família e Igreja, esta última podemos entender como substituição à palavra “obra ou trabalho” descrita no título de sua obra, pois a partir das ações da igreja a sociedade caminhará em uma nova direção organizacional.

A educação moral, a partir do campo da sexualidade e da educação das famílias, aproximava a sociedade e a Igreja Católica em torno de uma educação entendida como necessária para uma vida urbana e industrial. Isso se daria por meio do amor materno como sublime intuitivo e capaz do sacrifício para a obra em favor da pátria e dos que amam.

No momento em que a igreja disputava espaço com diferentes atores sociais e se ajustava à modernidade, encontrou em setores leigos da sociedade uma possibilidade de penetração nas famílias. Ao longo dessa trajetória intelectual aberta pelo material impresso, a Igreja abria novos encaminhamentos para uma reordenação social, instaurando uma base moral para as famílias. A aproximação entre sociedade e Igreja Católica em torno de uma educação nacional, entendida como necessária, se deu entre disputas de espaço com a modernidade; contudo, encontrou em setores leigos da sociedade uma possibilidade de penetração nas famílias.

Paralelamente, aos poucos a burguesia feminina encontrou nos discursos estratégicos da Igreja uma possível entrada na vida pública. Essa inserção das mulheres como agentes de mobilização da Igreja Católica tinha como objetivo modelar o comportamento de mãe, mulher e esposa, tirando as mulheres da invisibilidade doméstica e possibilitando uma crescente abertura para sua participação em diferentes setores. Esse fato projetava uma nova construção social com o apoio de alguns setores da Igreja Católica.

Essa preocupação com a educação das famílias, no entanto, não foi exclusividade apenas das mulheres. No Brasil, intelectuais como Padre Álvaro Negromonte e Padre Charbonneau<sup>60</sup> produziram discursos e obras endereçadas às famílias na década de 1950 e 1960<sup>61</sup>.

---

<sup>60</sup> Padre Charbonneau formou-se bacharel em Artes em 1947 em Montreal e em 1950 se ordenou padre pela Congregação de Santa Cruz. Na sequência, obteve o título de doutor em Teologia pela

A educação feminina levou as mulheres a transitar entre a docência e a vida doméstica. As práticas de leitura como processo formativo levou muitas mulheres a encontrarem nos impressos uma forma de posicionamento no interior do campo católico, o que colaborou para uma posição social determinada por um produto, em larga medida, o livro. Assim, as mulheres educadas e de famílias privilegiadas utilizaram o caminho das letras para ganhar visibilidade e maior trânsito na cena pública e lutaram para alcançar legitimidade nas produções literárias. Essas produções funcionavam como possibilidades de afirmação no campo de atuação e produção simbólicas. As possibilidades sociais eram alcançadas a partir da aquisição de conhecimento e do posicionamento intelectual de muitas dessas mulheres, abrindo caminho para sua escrita a partir do capital cultural<sup>62</sup> que possuíam, um potencial distintivo na construção de relações de poder estabelecidas a partir da cultura.

É importante destacar que a articulação entre a subjetividade dos indivíduos e o posicionamento que assumem diante das diferentes estruturas pode ser compreendida na perspectiva do que Bourdieu (1996) chamou de *habitus*, como sendo um princípio de produção incorporado pelo próprio sujeito, entrelaçado em suas estruturas e práticas. Segundo Maria Alice Nogueira e Cláudio Nogueira (2016, p. 25), em aprofundamento sobre o conceito,

---

mesma Universidade. Estava vinculado a Associação de Dirigentes Cristãos de Empresa, na qualidade de assessor de doutrinação e delegado brasileiro para o Congresso Internacional do Patronato Cristão em 1962. Participava das atividades da *Fédération Intenationale des Écoles des Parents et d'éducateurs* e no ano de 1964 em São Paulo, discursava na abertura do primeiro congresso da Escola de Pais no Brasil. Publica 45 livros dos quais vários foram traduzidos para a Língua Portuguesa e vários deles, direcionados ao tema da sexualidade e a educação pela via da modernidade. Em alguns livros fala sobre a escola e educação brasileira: *A escola moderna, uma experiência brasileira: O colégio Santa Cruz*, onde era diretor desde 1965, publicado em 1973 pela EPU, ressaltando o estreitamento com a educação nacional que se transformava; *Moral conjugal no século XX e Educação brasileira e colégio de padres* (1966), livro que traz a parceria de outros dois padres, Gilles Beaulieu e Luiz Arrobas Martins; *O Brasil: hora de desafio* (1982) e na sequência, no ano de 1984 *O Brasil: hora de perplexidade* (MARTINS, Alberto. *Charbonneau*: Ensaio e retrato. São Paulo: Scipione Cultural, 1997). Cf. pesquisa desenvolvida por Barbara da Silva Santos pela PUCPR.

<sup>61</sup> O projeto dirigido por Álvaro Negromonte passava por uma educação de fé em que as mulheres exerciam funções de professora e de mãe para atuar em uma vida eclesial e também social. Na tese, "*Educar-se para educar*": o projeto pedagógico do monsenhor Álvaro Negromonte dirigido a professoras e famílias através de impressos (1936-1964,) escrita por Evelyn de Almeida Orlando busca compreender o lugar que o Padre Negromonte destinava as famílias, objetivando a recatolicização da sociedade a partir de seus livros, que por sua vez, estavam imbuídos nos valores católicos que projetavam uma pedagogia que se destacava no Brasil nesse momento. (ORLANDO, 2013a, p. 192).

<sup>62</sup> Para Bourdieu (1989), podemos entender como capital cultural, formas de instrução absorvidos pela sociedade e internalizadas pelo sujeito (crenças, posturas, conhecimento científico etc.). Podem ser variáveis de acordo com cada sociedade, podendo ser caracterizado como: cultural, econômico, social e simbólico, mas acabam por definir o sujeito em um campo. Segundo o autor, o capital.



[...] as práticas sociais seriam estruturadas, isto é, apresentariam propriedades típicas da posição social de quem a produz, porque a própria subjetividade dos indivíduos, sua forma de perceber e apreciar o mundo, suas preferências, seus gostos, suas aspirações, estariam previamente estruturadas em relação ao momento da ação.

Podemos entender esse conceito como algo incorporado e interiorizado pelas estruturas sociais a partir das posições adquiridas por ele. Nesse sentido, o posicionamento das mulheres pode ser entendido como estruturas de relações que se ajustaram às novas incorporações, mostrando-se como um elo articulador que possibilitou a observação e dominação entre os grupos. A imposição dos novos comportamentos criava estereótipos que carregavam a idealização de mãe, de esposa e da família como forma de aspiração moderna, algo socialmente adquirido que reflete as estruturas determinadas pela posição social.

Leite (1993) chama a atenção para a história da mulher que se encontra em um ideário entre a educação religiosa e leiga, permeado em seu núcleo educacional pela formação de boa mãe. Tomando como referência essa reflexão, será que então podemos trabalhar com um suposto *habitus* feminino<sup>63</sup> como uma produção não mecânica, mas uma incorporação específica às ações que orientaram diversas posições sociais das mulheres dentro e fora da família?

Nessa direção, um grande desenvolvimento das organizações femininas pôde ser destacado na década de 1920. Para Leite, muitas dessas organizações com funções estritamente voltadas à filantropia ganhavam aos poucos espaço na política e na educação. Com o acesso às escolas normais, muitas mulheres da classe média da sociedade “estavam tomando conta dos cargos de professoras primárias, de funcionárias públicas e jornalistas” (LEITE, 1993, p. 194), pois aspiravam a um aprimoramento cultural que possibilitasse sua entrada na esfera pública. Para a autora, muitas dessas mulheres não tinham interesse em sua promoção pessoal, mas, sim, uma necessidade de sobrevivência, enquanto para outras as aspirações iam além.

Entendemos que a marginalização da figura feminina poderia ser superada a partir do acesso à escolarização formal ou informal. A modernidade dos anos de 1920, no entanto, avançava em direção a um desenvolvimento de nação com base no conhecimento e progresso que conduziram a modificações significativas

---

<sup>63</sup> Bourdieu (1996) trabalha somente com o conceito de *habitus*, porém a utilização desse termo refere-se a uma orientação específica à mulher como forma de produção de um comportamento característico e específico das mulheres.

na família. Foi nesse momento que a Igreja e seus intelectuais intervieram a fim de “frear, ou pelo menos, controlar as tendências” liberais através dos grupos de pressão tanto na França quanto no Brasil:

Foi nesse preciso período (1928-1929) e sobre esse ponto preciso, a distinção entre educação e instrução, que, em ressonância, a Escola de Pais veio intervir. Nesse momento, em que a exigência de segregação escolar entre filhos de boa família e os filhos das camadas populares só se sustentava pelo demasiado visível, fraco e estreito muro que separava duas salas de aula, onde os mesmos conteúdos seriam difundidos, a Escola de Pais irá retornar o problema, sugerindo uma solução mais aceitável: o deslocamento, para a família, da fabricação de uma qualidade, uma educação, uma distinção. [...]. A Escola de Pais irá utilizá-lo para inscrever, na família, os meios para fabricar indivíduos que escapam, por sua qualidade, ao nivelamento escolar; para reservar à família um poder sobre seus filhos que a escola ameaçava aniquilar. (DONZELOT, 1980, p. 184).

Foi frente a esse contexto de modernização do início do século XX que Vêrine criou a *École des Parents e des Éducateurs*, objetivando mudanças nas atitudes dos pais para com os filhos. Isso se daria buscando inovações pedagógicas como orientações aos pais, estudantes, a incorporação de novas técnicas educativas, entre outros encaminhamentos que serviriam de base metodológica para ações transformadoras para educar a família. Para ela, a função educativa só poderia ser desempenhada a partir do amor, possibilitando a valorização familiar a partir de comportamentos de paz, características que dizia essenciais ao educador para o desenvolvimento da nação.

Apesar dos momentos distintos que essas instituições são fundadas na França e no Brasil, suas histórias têm pontos de contato. Além disso, podemos dizer que Maria Junqueira Schmidt se apropriou das propostas da *Escola de Pais* apresentada na França. As semelhanças nas atividades desenvolvidas por Maria Junqueira Schmidt na *Escola de Pais do Brasil* foram modificações observadas a partir de seu estágio de seis meses na *École des Parents*, por volta do ano 1958, como consta na orelha do livro *Educar pela recreação*. Acreditamos que esse estágio proporcionou uma considerável transformação na atuação profissional e acadêmica dessa personagem, pois, sequencialmente, a autora dá segmento a uma nova organização de sua escrita para orientação das famílias, como pode ser visto em outras publicações suas pela *Coleção Família*.

Cabe destacar no perfil dessa personagem que além de professora também escreveu livros e realizou diversas palestras e cursos voltados às famílias e aos educadores dentro e fora do país. Fora do Brasil, Maria Junqueira

realizou palestras na Suíça e na França, inclusive Sorbonne, em Paris, como destaca a orelha do livro *A família por dentro*. Segundo Orlando (2015), suas viagens de atualização profissional lhe davam suporte, ampliavam o repertório e serviam como um diferencial das demais profissionais para o enfrentamento das condições apresentadas pela educação brasileira.

Maria Junqueira Schmidt, também tinha uma forte atuação nas questões femininas, além das familiares e religiosas, o que se refletiu em sua escrita, colaborando para a produção de 34 livros<sup>64</sup> encontrados até a presente data. Em suas obras, observamos um número significativo de exemplares destinados à língua francesa, colocando-se como uma defensora do curso de línguas estrangeiras no ensino nacional. Também foi pioneira na utilização de novas tecnologias, como os discos e fonógrafos para auxiliar na aprendizagem de outra língua. Ao longo de sua trajetória, outro grande interesse foi a educação das famílias. Seu envolvimento com a educação das famílias resultou na produção de obras voltadas para os pais e educadores, além de palestras, seminários, cursos, programas em rádio e televisão, conforme destacam jornais da época<sup>65</sup>.

Acreditando na influência da pedagogia moderna, Maria Junqueira Schmidt juntamente com outros intelectuais católicos buscou estratégias que fortalecessem o papel educativo dos pais nas instituições familiares. A mesma visão que encontramos nos livros de Vérine a respeito da relevância da educação moderna na produção de ferramentas mais eficazes para a aprendizagem foi também observada nos livros de Maria Junqueira.

Essa preocupação com a educação das famílias, no entanto, vinha de longa data. Nos Estados Unidos, por volta dos anos 1888, esse movimento surge com a organização da instituição especializada em problemas familiares e, na sequência, é fundado o Children's Bureau em 1909. Paralelamente, surge na Europa, em 1903, a "União Nacional de Pais e Educadores com a finalidade expressa de tornar a família melhor educada, bem como de estudar e propagar as noções científicas da pedagogia familiar" (SCHMIDT, 1974, p. 110).

---

<sup>64</sup> Cf. dados organizados por Orlando (2013a).

<sup>65</sup> Maria Junqueira Schmidt dirige o Seminário sobre Orientação Educacional e Administração Escolar no estado da Bahia, além de debates sobre didática (Correio do Amanhã, 15 de julho de 1960). Ocupa cargo de destaque como o da direção do departamento de Educação Complementar da Guanabara (Correio do Amanhã, 26 de março de 1961).

Na descrição do movimento francês, as propostas lançadas por Madame Vérine no ano de 1928<sup>66</sup> foram destacadas por Schmidt. Segundo a autora, o propósito de Vérine era de “conciliar os princípios de autoridade paterna com a autonomia da criança” (SCHMIDT, 1974, p. 110) fundamentando seu trabalho em uma educação profunda e específica para cada idade a partir de método que favorecesse seu desenvolvimento. Durante a descrição, Maria Junqueira Schmidt (1974, p. 111) faz um breve relato do caminho percorrido por Vérine a partir da organização da *École des Parents*:<sup>67</sup>

De 1928 a 1939 Mme. Vérine realizou congressos anuais de grande repercussão. Instalou o sistema dos Cursos Intensivos em Paris e na província. Organizou círculos de estudo nos meios os mais diversos – escolas, instituições, paróquias. Penetrou no rádio e na imprensa. Fundou biblioteca especializada. Iniciou o curso de Educadora Familiar. Estabeleceu uma série de filiais na Província. Ampliou seu campo de estudo, acrescentando seções de higiene, de puericultura e de artes domésticas ao seu programa.

A circulação dessas ideias e mesmo dessas práticas ganham corpo na sociedade brasileira e, em 1963, se materializa na fundação da Escola de Pais do Brasil, conforme destaca a própria Maria Junqueira “como uma iniciativa de casais e do “Movimento Familiar Cristão”<sup>68</sup> (SCHMIDT, 1974, p. 112), mas, com sua efetiva participação. Curiosamente, o que se percebeu na pouca documentação disponibilizada pelo arquivo da Escola de Pais do Brasil é uma ausência de fontes sobre a educadora, indícios de um esquecimento ou um possível apagamento de sua atuação no movimento.

No entanto, algumas marcas deixadas no caminho, apesar de não revelarem muito de sua efetiva participação no movimento, dão-nos pistas que permitem endossar sua relação direta com a fundação da Escola de Pais do Brasil. Na Figura 9, a referência a ela como “iniciadora” é digna de nota.

---

<sup>66</sup> Cf. Donzelot (1980, p. 180), os dados de fundação da Escola de Pais na França são do ano de 1929, porém a movimentação em torno da organização desse acontecimento teve passagem na sequência do ano de 1928 a 1929.

<sup>67</sup> Maria Junqueira Schmidt não explica sua aproximação com a *École des Parents* nem tampouco com o trabalho de Vérine.

<sup>68</sup> Movimento que elaborou práticas voltadas à família e tinha a educação como fator determinante para a transformação da sociedade e do homem. Com a intenção de colaborar para o enfrentamento das mudanças sociais e estreitar as relações entre a escola e a família, oriundo do Uruguai e da Argentina. Disponível em: <<http://www.mfc.org.br/>>. Acesso em: 2 abr. 2017.

Figura 9 - Iniciadora do movimento da Escola de Pais no Brasil



Fonte: arquivo da Escola de Pais de São Paulo.

Na foto (Fig. 9), disponibilizada pelo arquivo da Escola de Pais de São Paulo, as personagens importantes para o movimento encontram-se lado a lado, Alzira Lopes, primeira presidenta da escola, e Maria Junqueira Schmidt. No evento registrado (Fig. 10), a Escola de Pais do Brasil é inaugurada oficialmente no Estado de São Paulo, instituição Sede da EPB, no dia 16 de outubro de 1963, no salão nobre do Colégio Madre Alix, com a presença de alguns dos integrantes responsáveis pela Escola de Pais no Brasil. Entretanto, anteriormente a essa data, encontramos no livro *Educar para a responsabilidade* refere-se à fundação da EPB no ano de 1957 por Maria Junqueira Schmidt (SCHMIDT, 1974, p. 112). Cabe ressaltar que a EPB ainda é atuante em alguns estados como São Paulo e Rio de Janeiro, efetivando encontros de formação de pais e educadores, fundamentados na mesma base de formação do cidadão.

Cabe ressaltar que a EPB, ainda é atuante em alguns estados como São Paulo e Rio de Janeiro, efetivando encontros de formação de pais e educadores, fundamentados na mesma base de formação do cidadão.

Figura 10 - Inauguração da Escola de Pais em São Paulo



Da esquerda para a direita, o primeiro homem não pode ser identificado, na sequência temos a Madre Cristina, Madre Igenes de Jesus, temos Padre Corbeil, Casal Alzira e Antônio Lopes e os demais que não puderam ser identificados.

Fonte: arquivo da Escola de Pais de São Paulo.

Na presidência da EPB encontrava-se como presidente de honra o Padre Leonel Corbeil, como presidentes o casal Antônio Fernandes Lopes e Alzira Lopes, na vice-presidência Francisco Papaterra Limongi (casal), como 1º secretário, Aluísio Camargo (casal), 2º secretário, Aluysio Geraldo F. Camargo (casal), como 1º tesoureiro, Claudio Cinelli (casal), 2º tesoureiro Walfrido de Souza Freitas (casal).

Embora a EPB tenha tido o envolvimento de religiosos católicos, a participação nos encontros não estava subordinada a essa denominação religiosa. Independentemente do credo ou da filiação política, o movimento estava aberto a todos os casais interessados. Segundo histórico da EPB, no ano seguinte ao de sua inauguração, as delegações por estado estavam organizadas (Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Minas Gerais e Ceará) e atuavam através do Conselho Técnico Superior que organizava seu estatuto a partir da realização de Assembleias e Conselhos Consultivos.

Criado a partir dessas reuniões, um primeiro Conselho de Educadores composto por profissionais das áreas médicas, psicólogos, sociólogos, pedagogos e religiosos responderiam pela orientação psicopedagógica de todo o material conforme descrição encontrada no livro comemorativo dos *50 anos de Escola de Pais no Brasil*. Esse grupo tinha como integrantes a professora Maria

Junqueira Schmidt, madre Cristina Maria, professora Terezinha Fran, professora Consuelo Soares Neto, Pe. Huylo Quintanilha, Pe. Paul Eugène-Charbonneau, Oswaldo de Barros, Luiz Arrobas Martins, Odilon de Melo Franco, Joaquim Souza Campos e Hain Gruspun. O grupo tinha como missão a formação de pais e educadores, buscando uma formação moral e ética, a cidadania, a liberdade e a justiça através da aproximação entre família e escola como agente de transformação social.

A EPB tinha por finalidade aprimorar a formação de pais para que pudessem melhor exercer suas funções educativas para com seus filhos, na família e também na sociedade. A formação de uma consciência responsável fazia e ainda faz parte da estrutura da Escola de Pais no Brasil, pois se constituía como uma Estrutura Administrativa de Pessoa Jurídica de Direito Privado<sup>69</sup>, formada por casais voluntários e uma Diretoria Executiva Nacional com Conselhos Consultivos e de Educadores, formados por profissionais de diferentes áreas.

As reuniões, com os grupos organizados na Escola de Pais, eram chamadas de Círculos e poderiam acontecer em Colégios, Paróquias, empresas, centros comunitários ou clubes, com encontros semestrais. No primeiro momento, de março a junho e, no outro, de setembro a novembro, totalizando dez reuniões, uma por semana. As datas e os horários das reuniões eram organizados conforme a disponibilidade dos interessados. No início de cada reunião havia uma dinâmica de grupo para facilitar o debate do tema, na sequência, a reflexão e interiorização dos assuntos.

Os casais coordenadores de grupos eram preparados anteriormente e poderiam ter conhecido a EPB em círculos anteriores em que tivessem participando. Na sequência, caso demonstrassem interesse, poderiam se tornar participantes ativos desse movimento ou serem convidados para a função. A capacitação para a função de coordenador ocorria a partir do Curso de Treinamentos (CAT), que se dava antes de começar as atividades com o grupo. O CAT visava a conscientização familiar da paternidade responsável, a transmissão do conhecimento básico de psicopedagogia e o reforço de técnicas educativas a partir da reformulação de conceitos e da convivência entre a família, aplicando

---

<sup>69</sup> Termo encontrado no livro de comemoração dos 50 anos de Escola de Pais no Brasil.



técnicas de colaboração, solidariedade, de convivência e fraternidade entre o grupo.

Como descrição encontrada no folheto de divulgação da EPB de 1967 (Fig. 11), presente no livro comemorativo, os trabalhos eram desenvolvidos de maneira simples, mas, contagiante, respeitavam normas como: trabalhar como um amigo “ajudador”, buscando normalizar os problemas da educação e não como um conhecedor de tudo. A humildade era o ponto chave das reuniões, os pais poderiam ensinar e aprender, mas sempre obedecendo a uma sequência de temas. O mesmo casal deveria iniciar e finalizar o círculo, as discussões deveriam ser concluídas por eles com uma mensagem e um café com bate-papo de modo a estabelecer um ambiente de descontração, propício a formação de laços de amizade.

Figura 11 – Convite aos pais para participação na EPB

SE VOCÊ ACHA QUE AINDA TEM ALGO A APRENDER SÓBRE A PROFISSÃO DE PAI, QUE TAL FREQUENTAR A ESCOLA DE PAIS?

(se você já sabe tudo, por que não ajudar, com os seus conhecimentos, os casais que ainda têm algo a aprender?)

A ESCOLA DE PAIS É GRATUITA, nada exigindo dos casais que a frequentam. Seu objetivo é difundir e desenvolver concepções educacionais atualizadas, além de contribuir para o desenvolvimento da família.

VOCÊ AJUDA E É AJUDADO, ao frequentar a Escola de Pais. Numa época de grandes mudanças, mais do que nunca é necessário que os pais se adaptem à evolução da civilização, para melhor orientar a educação dos filhos.

OS TRABALHOS SÃO EM GRUPOS, formados por casais participantes e o casal líder, que tem a função de coordenar as discussões e os debates.

SETE TEMAS INTERLIGADOS FORMAM CADA CICLO DE DEBATES, e a contribuição das idéias de cada casal é sempre um valor novo que se acrescenta ao assunto.

“DA FAMÍLIA PARA A FAMÍLIA”: tal é o sentido da Escola de Pais, que usa métodos modernos de debates, temas selecionados por um Conselho Superior de Educadores, de acordo com o seu maior interesse na atualização pedagógica dos pais.

EDUCADORES, PSICÓLOGOS, SÃO ALGUNS DOS TÉCNICOS que integram o Conselho Superior de Educadores, órgão dirigente da Escola de Pais, entidade de base cristã, particular, voluntária, com personalidade jurídica e reconhecimento de utilidade pública.

ESCOLA DE PAIS  
Av. Higienópolis, 890 - Fone 88-8703 - São Paulo  
ORÇEA DO BANCO BRASIL DE SÃO PAULO S. A.

Fonte: arquivo da Escola de Pais de São Paulo.

Alguns temas discutidos nas primeiras reuniões foram identificados no próprio livro de comemoração da EPB e em seus arquivos documentais direcionados às relações humanas no lar. Os temas abordados eram: o que os filhos esperam do lar, autoridade paterna, métodos femininos de educar, a



importância de pequenas virtudes, como fazer do meu filho um bom estudante, castigos e recompensas e o ciúme infantil. Todos esses temas fizeram parte de algumas discussões que ocorreram nos círculos de debates das EPB nos primeiros semestres. Para o segundo semestre, era dado continuidade aos debates como temas sobre problemas do desenvolvimento, problemas da infância, a insolência do adolescente, a disciplina, a educação sexual, maturidade, integração dos valores à vida, educação para o amor, razões para se cultivar a alegria de viver, como manter boa comunicação com os filhos, educação religiosa, o valor dos lares e os defeitos dos pais, os defeitos dos filhos.

Alguns desses temas propostos nos círculos foram temas muito próximos aos encontrados em livros da *Coleção Família*, sejam eles em títulos como *O defeito dos pais* e *O defeito dos filhos*, ambos de André Berge, ou mesmo em capítulos como no livro *Educar para a responsabilidade*, de Maria Junqueira Schmidt, no capítulo intitulado “A mensagem libertadora do amor” e no subcapítulo “O sentido da maternidade”, que traz a função materna na educação dos filhos, destacando a “educação do amor”, assim como um dos temas a serem debatidos nos círculos. Em outro livro de Maria Junqueira Schmidt, intitulado *A família por dentro*, encontramos o capítulo “A grande importância das pequenas virtudes”, em que a autora discute exatamente a importância de desenvolver virtudes como alegria, tranquilidade, coragem, lealdade, justiça social, entre outros conceitos a serem trabalhados nos lares.

O reconhecimento da Escola de Pais do Brasil se dá pela Utilidade Pública Federal, Estadual e Municipal, Decretos nº 72.200, nº 8.885 e nº 14. 565, respectivamente, com Registro Social do MEC 26223475 como um órgão que representa os interesses da família. Sua sede nacional situa-se à Rua Bartira, 1094, em São Paulo, no bairro de Perdizes, e o movimento é filiado a *Fédération Internationale pour L'Education des Parents*, em Sèvres na França. Essa filiação condiz com as inspirações prováveis de Maria Junqueira Schmidt nos caminhos traçados anteriormente por Vérine.

As aproximações entre as duas intelectuais puderam ser destacadas no que diz respeito à utilização de ferramentas impressas na circulação de modelos pedagógicos frente aos projetos educacionais para as famílias francesas e brasileiras. Isso nos conduziu à presença feminina no campo educacional para além das salas de aula, investigando perfis intelectuais que alcançaram um

posicionamento profissional respaldado por uma elite católica que sinalizavam a família como base da sociedade.

Assim, para compreender esse caminho percorrido por Maria Junqueira Schmidt e Vérine, encontramos sintonia com os estudos de Bourdieu (2007) que traz o conceito de *trajetória*. Para o sociólogo, as diferentes posições ocupadas por uma mesma pessoa ou um mesmo grupo podem trazer várias transformações que influenciariam de forma não linear as posições ocupadas por elas. Enxergamos nas ações de Maria Junqueira Schmidt a construção de um espaço diferencial construído no campo educacional brasileiro na direção da emancipação feminina e em defesa da fé católica. Suas ações revelaram um perfil intelectual “mais estreito e baseado na noção de engajamento na vida da cidade” (SIRINELLI, 1996, p. 243).

A notoriedade intelectual de Maria Junqueira foi reconhecida por seus pares e legitimada pelos católicos, penetrando ainda mais no conceito trabalhado pelo autor. Nos espaços sociais ocupados por ela, encontramos participação em cargos políticos com pouca representação feminina, o que, para Orlando (2017c), revela a capacidade de invenção dessa personagem não somente no campo intelectual feminino, mas também em espaços de transformação mobilizados por seu capital cultural.

No Organograma 1, Trajetória Intelectual de Maria Junqueira Schmidt, constam as atividades assumidas em cargos, atividades acadêmicas ou publicações impressas desenvolvidas a partir de seu retorno ao Brasil em 1920 até o transcorrer dos anos de 1960, participa da primeira Comissão de Estudos da LDB, assume o Departamento de Educação Técnico Profissional nesse período, é nomeada para a Secretaria de Educação em meados dos ano de 1950. A disposição dos dados foi feita de forma a relacionar viagens, cursos, palestras, discursos, premiações, projetos, produções de livros e textos e a sua presença dentro de estruturas que discutiam as questões como as apresentadas anteriormente (Departamento de Educação Técnico Profissional, Comissão de Estudos da LDB e participação na Secretaria de Educação).

A utilização dos materiais impressos para difundir seu pensamento literário-pedagógico teve início em relatos e pesquisas biográficas que deram visibilidade à figura feminina que compunha a história brasileira e internacional, mas que por vezes estavam esquecidas. Essa escrita direcionada a esse público resultou no livro *Amélia de Leuchtemberg*, em que a autora conta a história da segunda

esposa de D. Pedro I (REVISTA FON FON, 1928, p. 29). No texto “O segredo de Marianna Victória”, fala sobre a crise política entre Portugal e Espanha no século XVIII, destacando as alianças buscadas por Marianna Victória por meio do casamento combinado entre as coroas (CORREIO DA MANHÃ, 1929, p. 4). Em outro texto, “Francisca Julia”, Maria Junqueira Schmidt escreve sobre a poetisa brasileira destacando suas qualidades poéticas desprendida das fórmulas e ressaltando sua preocupação em traduzir o sofrimento humano por meio de seus poemas (REVISTA FON FON, 1929, p. 78); escreveu também os livros *A Segunda Imperatriz* e *a Princesa Maria da Glória*.

Organograma 1 – Trajetória Intelectual de Maria Junqueira Schmidt



Fonte: produzido pela pesquisadora em maio de 2018.

Já na produção de livros didáticos, Maria Junqueira ganha certa projeção em suas redes de sociabilidade, o que lhe trouxe maior legitimidade intelectual. A exemplo da Revista Gil Blas, revista de seu tio Alcebíades Delamare, a autora era constantemente colocada em evidência para promoção e visibilidade de sua escrita.

Em uma via de mão dupla, seu engajamento como o grupo católico promoveu ações que corroboravam com o projeto de construção de uma nação pautada nos valores e na moral católica. Atuando em torno da família brasileira, o grupo compartilhava uma sensibilidade política e ideológica muito próxima e encampava propostas sociais para a organização da nação a partir da família. O estímulo ao exercício do catolicismo social como Bruneau (1974) coloca, desperta a intelectualidade em torno da construção de confederações e associações católicas organizadas por leigos, mas que serviam como instrumentos políticos, buscando, através da elite intelectual católica do país, aumentar a influência da igreja junto à sociedade. Assim o posicionamento de Maria Junqueira Schmidt na cena pública não diminuía sua aproximação com a Igreja, mas revelava a “missão” de sua escrita em busca de um prolongamento do catolicismo em ações dentro e fora da escola em torno da disseminação dos ideais de reconstrução da família brasileira.

A entrada de Maria Junqueira no mundo das letras, assim como a de Vérine, partiu da literatura, com o livro *Entre a vida e o sonho* (REVISTA FON FON, 1926, p. 30), o que assegurou um lugar às mulheres nesse período. Ambas, detentoras de um capital cultural e social colocados a serviço da pátria, desenvolvido através de uma formação privilegiada, foram capazes de produzir interferências sociais e mediar culturas. Entretanto, entender essas intelectuais como produtoras de conhecimento requer discutir a presença feminina para além das paredes da sala de aula, indo muito além do papel de mãe, esposa e professora. Significa ampliar trajetórias, mobilizar olhares em que os lugares particulares ocupados por elas abrem espaço para o reconhecimento de seus pares e grupos aos quais pertenciam.

Os papéis conservadores e de dominação masculina exercidos na vida social e, em especial na relação com as mulheres nesse período não couberam no caso da trajetória dessas personagens. Vérine, como destacado anteriormente, recebeu o apoio de seu esposo para atuar frente às discussões

empreendidas na *École des parentes et des éducateurs*. Maria Junqueira Schmidt, diferentemente não se casa, mas recebe incentivo de sua família desde muito jovem para buscar no estudo fora do país a superação que contraria, em certa medida, a condição de dominação e subalternidade imposta a muitas mulheres.

Observando o livro *Mulheres que correm com os lobos* (2014), de Clarissa Pinkola Estés, encontramos o que podemos chamar de semelhança entre a figura selvagem do lobo e a capacidades de vivacidade, devoção, resistência e força encontradas nas mulheres diante das perseguições. Para a autora, a mulher moderna é um borrão de atividades, cheia de pressões no sentido de ser tudo para todos, a velha sabedoria há muito não se manifesta, tinham de implorar pelos instrumentos e pelo espaço. Assim, transpondo para a trajetória construída por nossas personagens, podemos imaginar os enfrentamentos impostos pelo preconceito na época. O espaço da mulher era restrito, quase que invisibilizada pela sociedade; porém as mulheres denominadas de “selvagens” conseguiam transpor a porta: “llamar o tocar a la puerta” (ESTÉS, 2014, p. 19), ou seja, tocar o instrumento do nome para abrir uma porta, utilizando-se da “palavra” para essa abertura.

No que diz respeito à “palavra” oralizada ou impressa, tanto Vérine como Maria Junqueira Schmidt conseguiram ir além dos enfrentamentos de dominação masculina. Entretanto, o que pretendíamos não era trabalhar o conceito de mulher selvagem encontrado em Estés, mas, sim, mostrar os esforços dessas mulheres para que pudessemos pensar nessas duas trajetórias femininas diferenciadas de tantas outras, como partícipes de um movimento de produção e circulação intelectual, rompendo um isolamento feminino característico de muitas mulheres burguesas.

Com a preocupação de socializar o saber, Maria Junqueira Schmidt encontra na “missão educativa” ideias de formação da nação através do viés familiar. Não distante, Vérine também encontrava na família uma forma de reorganização da nação diante da frenética modernidade vivenciada na França dos anos de 1920. Ambas, em seus diferentes tempos e espaços, reconheceram na educação feminina a importância da formação cristã para a transformação da nação francesa e brasileira.

A solução estava na educação feminina, capaz de permitir uma recuperação do atraso a que se esteve sujeita a evolução do cérebro da mulher. E só então poderá a família estabelecer-se como um “contrato sexual e social” que é deixando de ser considerada como uma “instituição sagrada” que não é. Denunciando a a-historicidade da argumentação católica, que via na educação da mulher um fator corrosivo da família, mostra que esta, enquanto instituição social que é, está sujeita a transformações constantes ao longo do movimento histórico. [...]. A educação feminina é, pois, pensada de um lado, como necessidade para estabelecer a justiça social e, de outro, como o setor chave de uma política de reformas sociais visando atingir o estágio superior de organização social. (SAFFIOTI, 2013, p. 292-293).

A dimensão de superação estava pautada na organização familiar baseada na submissão feminina. Dentro dessa visão de família cristã, alguns comportamentos podem ser citados como alternativas religiosas na orientação de condutas presente nos discursos das duas autoras, bem como a participação das mulheres na sociedade e no trabalho, sendo temas aceitáveis, porém, com restrições. Outra transformação significativa estava presente nos discursos referentes ao comportamento sexual, permanecendo a ideia da prática sexual limitada à vida conjugal. Combinavam-se, nas orientações, valores morais tradicionais aos valores ético-religiosos, utilizados conjuntamente como norteador do comportamento moderno. Segundo Prandi (1975), a modernização da Igreja Católica operava na década de 1960 uma nova ética católica em consonância com a urbanização e a industrialização a qual estava inserida no âmago da sociedade, porém, ainda estava sendo incorporada pelo catolicismo a partir de novos modelos pedagógicos que cresciam.

Objetivando a defesa de uma ordem, os católicos estreitavam os laços com o Estado em defesa de uma reforma social. Nessa perspectiva, a educação encontra lugar fundamental nos programas de reformas sociais atentando para os diferentes papéis exercidos pelas mulheres, desempenhados agora no âmbito profissional<sup>70</sup> e também familiar, focado em uma formação social construtiva. A diminuição das atividades das mulheres dentro de casa trazia preocupações mais intensas em relação à formação dos

---

<sup>70</sup> Saffioti (2013, p. 339) destaca que “no ano de 1960, as mulheres representavam 17,9% do total da mão de obra efetiva do país”, o que representa um crescimento significativo da mão de obra feminina do país.

filhos e à adequação à vida urbana. Muitas estratégias foram mobilizadas no sentido de levar as mulheres de volta a casa e à Igreja.

Azzi (1993, p. 102-103) ilustra algumas dessas preocupações:

A vida urbana criou também melhores condições para a influência dos meios de comunicação social sobre a vida no lar, bem como começou a oferecer maiores oportunidades de lazer, [...].  
[...] a enorme influência exercida nesse período pela instituição católica, seja através da organização de paróquias e das associações religiosas disseminadas em todas as partes do país, seja mediante a ação dos numerosos estabelecimentos educacionais e assistenciais fundados não só nos centros urbanos, [...].

Entre as mulheres das classes mais abastadas ainda se encontravam os ideais impostos a essa figura, mas, entre as mulheres das classes operárias, o oposto era visto, sobretudo nas atividades fabris em que multiplicavam suas horas de trabalho para ajudarem no sustento da família. Tal conjuntura promoveu a abertura, por parte da Igreja, para as reinvenções sociais femininas, educação e inserção no mundo do trabalho sem que esses fatores inviabilizassem a “doutrina sacramental a respeito da indissolubilidade do matrimônio” (AZZI, 1993, p. 107). Resistindo de forma veemente ao divórcio, o matrimônio era apresentado como uma vertente de fé, instituída pelo sacramento, o que levou os católicos a saírem em defesa da família para alcançar uma ordem social calcada na preservação dos valores familiares tradicionais:

[...] as mudanças no âmbito familiar repercutiram em seguida na própria sociedade através dos movimentos reivindicatórios e até mesmo revolucionários. Assim sendo, a manutenção da família dentro de uma estrutura conservadora se fazia parte do esforço global da igreja para evitar qualquer alteração significativa na ordem social vigente no país. (AZZI, 1993, p. 108).

A (re)construção da família estava justificada em uma nova ordem social, que se mostrava como ponto inseparável desse contexto. No Brasil, o movimento como o da Ação Católica abriu espaço para mudanças sociais como a participação de leigos assumindo maior compromisso com certas mudanças, tendo como base a orientação moral e espiritual<sup>71</sup>. Anterior a isso, em 1916, o arcebispo D. Leme, escreveu uma carta pastoral para a

---

<sup>71</sup> Esta discussão pode ser encontrada no livro *Cristãos na universidade e na política*, de José Oscar Beozzo.



Arquidiocese de Olinda, porém dirigida a toda a igreja brasileira com uma instrução religiosa que designava a “grande salvação”. Essa carta contém seis pontos importantes, em que destacaremos somente dois: no primeiro ponto, D. Leme diz da necessidade da instrução religiosa; e, no quarto ponto, fala sobre a educação no lar como sendo um ambiente natural para a instrução religiosa.

Portanto, essa preocupação com a educação das famílias por motivos diversos já estava se desdobrando, no Brasil, antes do movimento empreendido por Vérine em 1929 na França, e por Maria Junqueira Schmidt na década de 1960, no Brasil. A utilização dos impressos nas escolas para educar as famílias foi “arma pedagógica da maior importância política” (CASALI, 1995, p. 25) em ambos países, assegurando o espaço da igreja como sendo um espaço de construção de uma nova nação.

Embora a *École des parents et des Éducateurs* tenha sido fundada na França em 1929, no Brasil, esse movimento só se efetivou oficialmente em 1963, mas teve seu início em 1957, no Rio de Janeiro, como dado encontrado no livro *Educar para a responsabilidade*:

A ESCOLA DE PAIS, DO RIO DE JANEIRO – Tem inspirado a criação de instituições congêneres em toda a Europa e mesmo na América Latina.

NO Estado da Guanabara, foi fundada, em 1957, a Escola de Pais, sob o patrocínio da Associação de Pais e Família e da ASA, por iniciativa de Maria Junqueira Schmidt. Essa instituição tem realizado Cursos e Conferências nos diversos bairros do Rio de Janeiro. Em 1959, iniciou seus Estágios de Formação em nível Universitário. (SCHMIDT, 1963, p. 113).

Todavia, é possível que uma aproximação com o movimento francês possa ter sido iniciada anteriormente por Maria Junqueira Schmidt em suas viagens à Europa, como já relatado. Um indício possível que nos leva a pensar nessa direção está relacionado às próprias publicações. Esse movimento teve grande impacto na escrita das duas educadoras envolvidas com a sua criação na França e no Brasil, mudando mesmo os contornos de sua escrita, tornando-as referência nessa temática.

Embora o envolvimento de Maria Junqueira Schmidt não possa ser datado apenas a partir da década de 1960, quando da fundação da Escola de

Pais<sup>72</sup>, suas publicações ganham novo acento a partir dessa época. Podemos classificar suas publicações em três grandes blocos: literatura e biografias históricas (sobre mulheres)/ livros didáticos/ livros para as famílias, com raras exceções. Porém, com sua efetiva participação nos movimentos em torno da família, Maria Junqueira Schmidt volta sua escrita a temas oriundos à educação familiar, o que a subscreveu como referência para as discussões que posteriormente viriam a balizar a Escola de Pais do Brasil. De fato, podemos perceber que as obras de Maria Junqueira Schmidt foram produzidas a partir de seu lugar de fala e da sua experiência de trabalho, o que nos indica uma aproximação em relação a temática antes de 1963, observando as datas de publicação de seus livros para as famílias.

Curiosamente, um movimento semelhante pode ser percebido na França, uma vez que Vérine também inicia sua entrada no mundo das letras com a escrita de romances e poesias. Na sequência, a partir da criação da *École des Parents et des Éducateurs*, seus temas passaram a girar em torno da religiosidade, orientação e educação familiar, permeadas pela psicologia educacional.

Entretanto, pensar na circulação de saberes estabelecido no movimento Francês e brasileiro a partir da Escola de Pais nos colocou dentro de uma aproximação significativa dos modelos pedagógicos de educação impostos nesse circuito, ressaltando características presente nas histórias conectadas. Pensar na Escola de Pais, tanto no Brasil quanto na França, como lugar de circulação de ideias e de promoção de autores que se apresentam como especialistas na temática indica a constituição de vozes autorizadas a orientar as famílias, demarcando um lugar estratégico na disputa pelo controle da educação e da formação das consciências.

No período em que a Escola de Pais é organizada na França, em 1929, via-se nas famílias uma prioridade para a organização da sociedade, utilizando-se de correntes da psicanálise para a difusão de normas sociais. Os

---

<sup>72</sup> Maria Junqueira Schmidt atuou nos anos 40 na “Associação Arquidiocesana do Rio de Janeiro promovendo cursos de educação das famílias nos Círculos de Pais” (ORLANDO, 2015, p. 215). Além disso, desde os anos de 1930, acompanhava e estimulava a Orientação Educacional da Escola Amaro Cavalcanti, na qual era diretora, buscando orientar e aproximar as famílias da escola. Nos anos de 1940 e 1950, passou a se ocupar mais de perto da Orientação Educacional, chegando a assumir essa disciplina no Instituto de Educação do Rio de Janeiro e na Universidade Santa Úrsula, e, a publicar o livro Orientação Educacional, em parceria com Maria de Lourdes de Souza Pereira, em 1963. (ORLANDO, 2016).

congressos organizados usavam as produções impressas como livros e folhetos para divulgação dos resultados obtidos, buscando disseminar o conhecimento produzido em diferentes camadas da sociedade.

Na busca de conexões entre esses dois países, as publicações oriundas desses congressos podem servir para indicar referências que circularam na França e no Brasil. Estas embasariam os princípios que orientariam a intelectualidade a frente desse projeto, como André Berge.

Além disso, é importante ressaltar que, segundo Altavarez (2013), o mundo católico é um mundo altamente relacionado e associativo, o que traz uma facilidade em relação à conexão com outros sistemas sociais. Dentro desse sistema, as estruturas de poder exercem uma intenção no sistema social, sendo necessário pensar nas posições estabelecidas por seus atores sociais em suas diversas práticas.

Diante dessa inquietude, refletir sobre as diferentes redes intercontinentais aproximou-nos do conceito elaborado por Werner e Zimmermann (2003) sobre histórias cruzadas, estabelecendo uma pluralidade de histórias conectadas umas às outras. Para eles, a *histoire croisée*<sup>73</sup> se conecta com a história relacional que interroga vínculos com diferentes formações aproximadas entre histórias que geraram processos em que os sujeitos e objetos não são idênticos, contudo, trazem ideias associadas e por vezes interligadas com configurações específicas relacionadas à “formação social, cultural e política” ( WERNER; ZIMMERMANN, 2003, p. 8).

Pensar na circulação de modelos pedagógicos de educação familiar coloca-nos diante de certas capacidades de normatização e práticas que, como afirma Carvalho (2000, p. 111), foram marcadas por impulsos políticos, sociais, econômicos e pedagógicos. Os quais requerem relacionar nesse processo as mudanças que as teorias doutrinárias produzidas no campo pedagógico percorrem a pluralidade de perspectiva de análise.

Nesse quadro, os impressos ganham uma importância para a história, pois, como fontes ou objetos, dão a ver representações de ideias e um conjunto de saberes, muitas vezes impregnados de um sentimento e de uma sensibilidade patriótica ou religiosa, que muitos nos diz sobre a produção, a

---

<sup>73</sup> História cruzada.

circulação e a apropriação de determinadas obras. Cabe ao historiador interrogar suas fontes de forma que as estratégias e táticas intelectuais utilizadas para esse fim possam ser dispostas, assim como os projetos que os aproximam e os conectam. (CERTEAU, 1994).

Objetos, como os livros escritos por Maria Junqueira Schmidt e Vérine, carregam marcas em sua produção. Para Carvalho (2007, p. 120), eles podem ser considerados “objetos culturais materialmente produzidos segundo regras determinadas”. Desse modo, entender os modelos pedagógicos de educação familiar em circulação na França e no Brasil, no período de construção das Escolas de Pais, requer, antes, o entendimento dos modelos pedagógicos que orientavam os discursos impostos às famílias. Desde o final do século XIX, e ao longo da primeira metade do século XX, a filosofia e a ciência foram às bases dos discursos educacionais endereçados tanto às escolas quanto às famílias. O conhecimento pedagógico deveria ser organizado “com a pretensão de totalizar e sistematizar doutrinariamente um campo de saberes – o da pedagogia – investindo-o do caráter de *corpus* de conhecimentos dedutivamente derivado de conhecimentos filosóficos ou científicos” (CARVALHO, 2007, p. 127).

Para os educadores católicos, tanto os saberes como as práticas pedagógicas eram caracterizadas pela ordenação fundamentada em virtudes cristãs para definição de um bom governo. Para Carvalho (2007), essa fundamentação tinha como base a metafísica cristã, escolástica, neoescolástica e alguns pressupostos em costumes tradicionais. Com a crescente aposta na educação, manuais franceses circularam como modelos no Brasil por longos anos<sup>74</sup> e, muito cedo, a imprensa francesa encontrou espaço no Brasil. Com boa recepção à cultura francesa, a imprensa brasileira via uma inclinação do meio intelectual aos costumes franceses, “onde toda pessoa cujo espírito recebeu alguma cultura fala ou ao menos entende e lê o francês” (GUIMARÃES, 2015, p. 14).

---

<sup>74</sup> Carvalho (2007) levantou esses dados em pesquisas realizadas junto ao acervo originário da Biblioteca da Escola Normal da Capital da Província de São Paulo (hoje essa biblioteca faz parte do acervo da USP) e destaca que diversos desses impressos eram comprados e distribuídos ao professorado de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Pensar na circulação desses modelos pedagógicos articulados a programas de reformas da sociedade nos leva a perceber o apoio e a participação intelectual como iniciativas que promoviam mudanças na mentalidade dos professores em busca de novas finalidades sociais para a escola. Essas iniciativas se configuraram no sistema escolar brasileiro nos anos 1920 e 1930, porém Carvalho destaca que especialmente os anos 1930 mostraram-se como um momento histórico privilegiado para a educação. Para ela, a organização do trabalho pedagógico se deu a partir desse momento, sem qualquer utilização de força, pois a educação era a garantia de uma ordem através da ampla mobilização nacional, com uma matriz autoritária:

[...] a obra de *moldagem* de um povo, matéria está informe e plasmável, a ser desencadeada por uma elite que se auto-investiu de poder e autoridade para promovê-la; obra necessária de *direção e controle* dos processos de transformação social; obra de *homogeneização* com vistas a conformação de uma nacionalidade; obra de *hierarquização* dos indivíduos que viabilizasse a “*organização do trabalhos nacional*” (CARVALHO, 1993, p. 13).

Apesar desse momento anteceder ao focalizado nesse trabalho, buscamos com essa retomada histórica caracterizar as formulações política, econômica e educacional a partir dessas intervenções. De modo que não podemos ignorar as remodelações e apropriações estrangeiras que fizeram parte do contexto brasileiro ao se utilizar das ferramentas impressas para a produção e circulação de saberes e doutrina, estabelecidas a partir do conhecimento filosófico ou científico. É neste caminho que encontramos, na Escola de Pais do Brasil, uma possibilidade de confluência de um modelo pedagógico francês de educação familiar.

É nessa direção, sem perder de vista a escola, mas em busca de empreender novos caminhos, que a Escola de Pais aparece com o propósito de formação e mobilização de pais, com produções que propuseram uma ação que visava ampliar a atuação católica na sociedade frente à trilogia Deus, Pátria e Família (ORLANDO; HENRIQUES, 2018). A influência do modelo de neocristandade mostrava que as mudanças sociais muitas vezes chegavam como grandes ameaças. Apoiada em ações e recursos do Estado, a igreja buscava mais poder através da educação e da família, mas, todas essas mudanças estavam ocorrendo não só no Brasil. O fato é que os educadores

católicos, por meio de diferentes estratégias, ganhavam cada vez mais espaço e cresciam na disputa pelo controle da educação.

Na França, a educação católica também estava baseada em um pensamento político e apresentava ligações estreitas e interesses políticos do conservadorismo burguês, como destacado por Goureaux e Ricot (1975, p. 25, tradução nossa):

A ideologia atual da educação católica é mais claramente uma ideologia política e não mais diretamente religiosa. Uma vez que esta educação busca e obtém formalmente para ser considerada como um serviço privado de interesse público, a ideologia religiosa por si só não é suficiente para justificar sua existência, ela deve ser incluída em um quadro político preciso. Este último é conhecido e definido por um longo período de tempo [...]<sup>75</sup>.

O entrelaçar dessas questões do Estado, catolicismo e pedagogia para Orlando e Henriques (2015), colocava-se como uma articulação possível de ser identificada e de ser discutida, sobretudo quando trazemos a natureza religiosa para o debate. Aqui, buscamos apontar alguns percursos teóricos entre os modelos pedagógicos circulantes no percurso França-Brasil.

O caráter mais político do que religioso da educação francesa estava claro. Por esse motivo, a família se constituía como suporte essencial para avançar nas discussões sobre a escola católica na França, se colocando como grupo de pressão que de certa forma pressionava pelas reivindicações. Dentro dessa relação entre família e Estado, pode-se entender que a família se constitui como um espaço social de adaptação, com variações imprescindíveis para adequar-se a cada tipo de sociedade.

Esse conceito de família é encontrado em Bawin-Legros (1996, p. 165, tradução nossa) que pode ser entendida como “um espaço socialmente adaptado”<sup>76</sup> ou um lugar social por excelência, em que suas “práticas nos

---

<sup>75</sup> Original: L' idéologie actuelle de l' enseignement catholique est de plus en plus clairement une ideologie politique et non plus directement religieuse. Dès lors que cet enseignement cherche et obtient officiellement d'être considéré comme un service privé d'intérêt public, l'idéologie religieuse ne suffit plus à elle seule justifier son existence, il faut l'inscrire dans un cadre politique précis. Ce dernier est connu et défini depuis longtemps [...].

<sup>76</sup> Original: “la famille est, dès lors, connue comme un espace social univoquement adapté ou encore comme favorisant l'adaptation des acteurs familiaux au contexte familial global dans lequel ils s'inscrivent”.

obrigam a concentrar nossos interesses nas múltiplas inserções que os caracterizam em todos os campos”.<sup>77</sup>

A respeito da comunicação estabelecida entre a família e outras células sociais, diferentes conexões são impostas, o que por vezes a considerou como a grande responsável pela organização social. Devido a essa importância atribuída à instituição “família”, é que percebemos uma luta veemente da igreja em defesa da manutenção dessa instituição. Assim, as iniciativas católicas alcançaram uma influência significativa no terreno educativo, caracterizando um estreitamento entre Estado, igreja e família.

Tanto na França quanto no Brasil, podemos dizer que a Escola de Pais representou a integração entre o desenvolvimento da política em confluência com interesses religiosos que ora avançavam, ora recuavam, conciliando tendências por vezes contraditórias, mas que traziam a verdadeira pretensão do papel social católico a partir da educação das famílias. Assim a ideia de um movimento laico, mas dirigido e orientado por intelectuais católicos, como a Escola de Pais, que privilegiassem valores morais – mas em estreito diálogo com o conhecimento científico – significou uma contribuição tanto para a Igreja quanto para o Estado. Dessa forma, o orientar as famílias para lidar melhor com determinados problemas sociais, contribuiria para tornar a sociedade mais ajustada ao seu tempo sem perder de vista os princípios católicos.

A vinculação direta como filial da *École des Parents et des Éducateurs* e os modos como foram produzidos e veiculados os saberes destinados às famílias, as bases que os orientaram, a aproximação dos temas percebida nos livros publicados, a presença dos mesmos autores de referência tanto na França quanto no Brasil, nos permite conceber o movimento da Escola de Pais como um lugar de confluência de um modelo pedagógico endereçado às famílias dos dois países para os quais atentamos nesta pesquisa. Em ambos os casos, suas precursoras foram duas mulheres intelectuais que buscaram responder aos problemas de seu tempo, mobilizando a própria sociedade em uma parceria livre da tutela da igreja e do Estado, mas que beneficiaria a ambos.

---

<sup>77</sup> Original: “sont constituées avant tout d’acteurs sociaux dont les pratiques nous forcent à centrer notre intérêt sur les multiples insertions qui les caractérisent dans tous les domaines qui forment la réalité sociale”.

Com relação às aproximações de Maria Junqueira Schmidt ao trabalho de Vérine, observamos que ambas caminharam em uma mesma direção. É possível que o contato com o trabalho de Vérine tenha inspirado Maria Junqueira Schmidt e a feito perceber a oportunidade de trabalhar mais fortemente com esse tema em terras brasileiras, utilizando-se de métodos já estabelecidos e consolidados por ela. No entanto, havia uma originalidade na Escola de Pais do Brasil: aqui, os principais colaboradores eram as próprias famílias, diferentemente do trabalho de Vérine que teve suas atividades auxiliadas por estudantes universitários.

O fato é que não se pode negar o êxito do projeto da Escola de Pais, que pode ser pensado como um indício de uma necessidade de orientação sentida pela própria sociedade, associado ao interesse da igreja em cuidar da ordem social, a partir da estrutura familiar. Em relação ao impacto provocado pela Escola de Pais do Brasil, Maria Junqueira Schmidt destaca na segunda edição, em capa dura, de seu livro *Educar para a responsabilidade* (s/d, p. 113), a ascensão desse projeto, reforçando que as unidades espalhadas pelo país chegavam a um número superior a quarenta: estabelecidas em Pelotas, Fortaleza, sendo que a metade estava no estado de São Paulo. O número de unidades pode ser justificado pelos seis anos que antecederam à sua fundação oficial no ano de 1963. O êxito desse projeto está em sua permanência até os dias atuais e em sua ampliação expressiva para diferentes países da Europa e da América Latina.



### 3 DEUS, PÁTRIA E IGREJA: MARIA JUNQUEIRA SCHMIDT E O TRIPÉ DA EDUCAÇÃO FAMILIAR EM UM PROJETO INTELECTUAL EM QUATRO LIVROS

Se o livro pode ser comparado ao homem é porque Deus criou o ser humano do mesmo modo que uma obra é criada.

(CHARTIER, 2007, p. 86)

Quando pensamos em trabalhar com o objeto “livro” nos deparamos com uma infinidade de produções, significados, técnicas e intervenções. Para entendê-lo como fonte de pesquisa, devemos problematizá-lo como documento historicamente constituído, não o usar somente como “suporte de uma escrita” (CHARTIER, 2009, p. 44), pois carrega o anúncio de um saber politizado, representações e códigos inseridos intencionalmente pelo autor.

Segundo Chartier (2007), este objeto pode, sim, ser considerado como uma criatura humana, pois carrega um corpo e uma alma. Para reforçar essa comparação, ele dialoga com Cabrera, autor que considerou o homem como um livro único, impresso entre os seis escritos por Deus:

Os outros cinco são o “Céu estrelado”, comparando a um imenso pergaminho cujos astros são o alfabeto, o “Mundo”, que é o compêndio e a tabela da totalidade da Criação, a “Vida”, identificada com um registro que contém os nomes de todos os eleitos, o próprio “Cristo” que é ao mesmo tempo um *exemplum* e *exemplar* – um exemplo proposto a todos os homens e o exemplar que deve ser reproduzido – e, enfim, a “Virgem”, o primeiro de todos os livros. Esses cinco são a criação do Espírito de Deus, da “Mente Divina” que preexistiu àquela do Mundo, dos séculos e da Terra. (CHARTIER, 2007, p. 93).

Relacionar a elaboração de um livro a uma construção divina significa entender a sua multiplicidade de operações, sua materialidade e textualidade. Problematizar o lugar ocupado por ele, suas produções de significados e possíveis interferências nos leva a compreender a importância do livro como entrada “em um campo intelectual mais vasto” (CHARTIER, 2002, p. 258), levantando relações e movimentos em diferentes espaços de circulação, onde

o livro pode se tornar objeto prático de leitura, cruzando linguagens e códigos muito específico, além de serem carregados de conhecimentos de um sujeito, um tempo e uma sociedade a qual era pertencente.

Nesse sentido, refletir sobre a escrita de Maria Junqueira Schmidt – professora, católica engajada intelectualmente e consciente de suas interferências sociais e políticas – possibilitou a compreensão dos diferentes “modos de produção social de opinião” (SIRINELLI, 2003, p. 247) inserido em seus livros. Sua relação com a Igreja tem relevância porque, segundo Bourdieu (2008, p. 33), a religião se configura como instrumento de comunicação e conhecimento que pode ser encarado como objeto de poder pela sociologia, pois carrega em si uma “função social” em favor de uma política<sup>78</sup>.

Chartier (2009) diz que muitas vezes nos deparamos com limitações trazidas pela liberdade de interpretação que por vezes não são percebidas ao escrever. O autor traz consigo “aquilo que ele já possuía” na elaboração de sua obra, carrega produções acumuladas por décadas, formuladas e reformuladas para então produzir novos significados. Por isso é de fundamental importância considerar as condições de produção do discurso e as diferentes estratégias e táticas que encerradas no impresso, a fim de perceber o livro como um objeto cultural. O estudo do livro, sua produção, circulação e apropriação cultural devem ser utilizados como suporte de transmissão de conhecimento disseminado em “práticas e representações da leitura e de escrita” (2014, p. 10).

Outro estudioso do livro, Robert Darnton, também destaca que este objeto não deve ser pensado como uma narrativa isolada, analisada fora de seu contexto histórico. Portanto, devem-se respeitar certos padrões multidisciplinares que deverão ser apresentados durante todo o seu processo de análise “pertencentes a um circuito de comunicação que opera dentro de padrões conscientes” (DARNTON, 2010, p. 218).

Nessa esteira de análise, podemos compreender a materialização de um projeto de educação familiar, empreendido por Maria Junqueira Schmidt, através de livros. Sua produção destinada às famílias, especificamente, foi publicada pela Editora Agir e dividida em duas coleções: *Coleção Família*

---

<sup>78</sup> Cf. artigo “Impressos, catolicismo e educação: uma estratégia de conformação do campo pedagógico”, elaborado por Evelyn de Almeida Orlando e Maria José Dantas (2017).

(*Educar pela recreação, Educar para a responsabilidade, Deus em casa e A família por dentro*) e a Coleção Escola e Vida (*Orientação educacional e Também os pais vão à escola*), esta última mais voltada para a relação família-escola. Com o foco em compreender o projeto empreendido pela autora no sentido de intervir diretamente sobre as famílias, educando-as em diferentes assuntos do âmbito privado, nesse estudo estaremos analisando somente os livros da *Coleção Família*, em que o uso desses suportes revela a produção de um conjunto de saberes pedagógicos e autorizados para a formação das famílias.

Entender que nenhuma produção escrita é neutra nem tampouco sua interpretação, buscamos analisar as produções culturais observando suas representações ligadas aos aspectos políticos, sociais e materiais. Nesse sentido, cabe destacar que a *Coleção Família* tinha como objetivo a promoção das obras de autores católicos e a idealização de recristianização da nação pela via das ações católicas organizadas para um bom funcionamento da ordem social do país.

Um dos setores estratégicos desse empreendimento era sem dúvida, a imprensa). [...], os impressos católicos em geral (livros, jornais, revistas etc.) usualmente se auto-representavam como extremo oposto do que era concebido como má imprensa) [...]. A imprensa Católica qualificava-se como meio moralizador e saneador dos costumes da sociedade [...]. (SOUZA, 1998, p. 628).

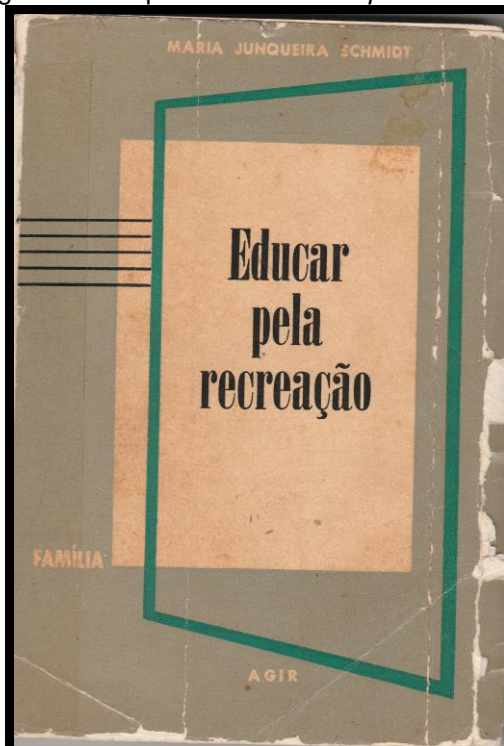
Em busca da formação de um “novo” homem, as publicações católicas promoviam ações que pretendiam estabelecer um vínculo renovador moralizante através do diálogo estreito entre família e escola. Para os católicos, a educação deveria ocorrer dentro de uma perspectiva holística, essa noção compreende uma formação religiosa que integrava corpo, mente e espírito. Para isso, pretendemos nesse capítulo discutir as práticas de produção empreendidas nos quatro livros escritos por Maria Junqueira Schmidt nos anos 1960, a fim de alargar os estudos em torno do projeto de educação para as famílias e do empreendimento de novos saberes pedagógicos oriundos da psicologia e da pedagogia moderna que perpassavam por esses materiais.

### 3.1 EDUCAR PELA RECREAÇÃO: A CONDIÇÃO PARA A FORMAÇÃO MORAL DESENVOLVIDA PELO PRAZER

O livro *Educar pela recreação* foi publicado no ano de 1958 e fundamenta-se em uma nova formação para os educadores a partir de métodos recreativos para uma infância alegre. A proposta está pautada em elementos da natureza (água, terra, fogo e ar) passando por ambientes domésticos e chegando a outros mais modernizados como clubes, cinema, aeroclubes, entre outros. Nele, é trabalhada uma nova remodelação social a partir de práticas recreativas, pois a chamada “civilização do trabalho” deveria agora se transformar em “civilização do lazer”, o que, segundo a autora, influenciaria positivamente na vida adulta.

A capa do livro (Fig. 12) foi configurada por Milton Ribeiro e o título da obra aparece bem centralizado, destacado em letras negritadas e alguns traços geométricos bastante neutros em suas cores. O nome da autora, da coleção e da editora aparece na parte superior da capa com letras claras.

Figura 12 - Capa do livro *Educar pela recreação*



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (2018).



A autora nos é apresentada na orelha do livro (Fig. 13) por uma foto em que demonstra um ar singelo e simpático, juntamente com a informação sobre a ascendência suíça, os estudos fora do Brasil e sua inserção na literatura a partir de suas pesquisas históricas publicadas nos livros *A Segunda Imperatriz* e a *Princesa Maria da Glória*. Esses livros a inseriram no campo como autora, e o cargo ocupado na direção da Escola Amaro Cavalcanti são destacados nesse espaço.

Figura 13 - Orelhas do livro *Educar pela recreação*



MARIA JUNQUEIRA SCHMIDT nasceu em São Paulo. É descendente de suíços. Fêz seus estudos na Bélgica e na Suíça. Aos 20 anos voltou ao Brasil, onde se dedicou ao magistério, depois de ter feito alguns ensaios na carreira das letras, chegando a publicar dois livros de pesquisa histórica: "A Segunda Imperatriz do Brasil" e "A Princesa Maria da Glória". Diretora da Escola Amaro Cavalcanti no Rio de Janeiro. Autora de vários livros didáticos para o francês. De 1944 a 1950, depois de uma viagem aos Estados Unidos, teve um período intenso de trabalho no campo social. Dirigiu a Cidade das Meninas, no Rio de Janeiro. Em 1945, participou na Alemanha dos trabalhos da UNRRA, o que lhe valeu uma experiência de Serviço Social em âmbito internacional. Integrou ainda uma Comissão de Imigração, dedicando-se à estabilização dos deslocados de guerra. Trabalhou na organização do Serviço Social do SESC.

Desde 1950 MARIA JUNQUEIRA SCHMIDT vem se dedicando à Orientação Educacional. Exerce o cargo de orientadora educacional no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, tem feito conferências em Curitiba, Florianópolis, São Paulo e Belo Horizonte. "Estou convencida que a tarefa educativa só pode ser autêntica se dispuser de um serviço organizado de Orientação, de pessoal dotado para essa tarefa e possuindo sério preparo técnico".

(Continua na 2.ª orelha)

(Continuação da 1.ª orelha)

Com esta finalidade MARIA JUNQUEIRA SCHMIDT fêz recentemente um estágio de seis meses nos melhores Centros de Orientação Educacional da Suíça e da França, onde mantém ligação estreita com a *Ecole des Parents* de Paris.

—

"Uma infância alegre, cheia de atividades adequadas, é uma garantia para a felicidade da vida do adulto". Este o fundamento deste livro precioso para os educadores pela simplicidade de sua linguagem, pelas indicações concretíssimas e, sobretudo, pelo espírito sadio e alegre com que encara o problema da educação. Enquanto para muitos *educar* é um conceito em grande parte negativo, que envolve sobretudo elementos repressivos (uma criança "educada" é aquela que *não* faz certas coisas, que se comporta bem, que não incomoda os adultos), para a autora educar é acima de tudo aproveitar, canalizar, dar objeto à vitalidade da criança que precisa se expandir, crescer, criar. A recreação, portanto, não é uma atividade que o educador "concede" à criança enquanto ela não é capaz de se ocupar de coisas mais sérias e mais produtivas. Mas é um meio de levar a criança a ser capaz de se exprimir, de se bastar, de ter iniciativa, de criar desenvolvendo a sua inteligência, imaginação, senso poético, de viver em sociedade. As funções de recreação são várias e abrangem campos até há pouco insuspeitados. Além de entretenimento e meio de expressão, pode ser derivativo e, no caso de crianças-problemas, auxílio para diagnóstico e, até, tratamento.

MARIA JUNQUEIRA SCHMIDT passa em revista as técnicas recreativas, partindo dos elementos de base (terra, água, fogo e ar) e o primeiro ambiente da criança (quarto, brinquedos, refeições), passando pelos meios de expressão tão utilizados pela pedagogia moderna (modelagem, pintura, desenho, dramatização) e os tipos de recreação que uma sociedade organizada oferece aos adolescentes (grupos, clubes, esportes, música), chegando, enfim, aos meios modernos de ocupar os lazeres na nossa civilização: cinema, rádio, televisão, discos, etc.

É completo o livro de MARIA JUNQUEIRA SCHMIDT e será certamente um imenso auxílio para todos aqueles a quem preocupa o problema da educação, agravado ainda nas cidades pela falta de espaço, de tempo, de largueza, de possibilidades naturais de expansão, que a vida do campo espontaneamente proporciona.



Logo após a primeira orelha, encontramos um talão de assinatura do boletim da Editora Agir que informava a seus leitores sobre os livros que a editora estava lançando. Este talão deveria ser preenchido pelo leitor do livro e não comprometeria nenhum gasto a mais para que a editora repassasse essas informações ao leitor. Isso sugere um interesse em divulgar outros títulos e a ampliação de seus leitores, já que em um mesmo talão encontramos a possibilidade de anexar três nomes e endereços diferentes em cada um deles.

Figura 14 - Talão de assinante frente

AGIR

Talão de assinatura grátis do Boletim "Nossos Livros", da AGIR, que de dois em dois meses o informará a respeito do nosso movimento editorial. Para que lhe seja enviado — assim como a seus amigos — esse Boletim grátis, basta preencher em letra de imprensa o verso deste cartão, dando as indicações completas de nome, endereço e cidade, e devolvê-lo para:

*Livraria AGIR Editora*  
Caixa Postal 3291  
Rio de Janeiro — BRASIL

Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (2018).

Figura 15- Talão de assinante verso

Nome .....  
Enderêço .....  
Cidade .....

---

Nome .....  
Enderêço .....  
Cidade .....

---

Nome .....  
Enderêço .....  
Cidade .....

Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (2018).

Partindo do ponto de vista da materialidade da obra, o livro se apresenta dentro de uma fórmula editorial que pode ser percebida em outras dessa coleção. Em formato de brochura na dimensão de 18 x 12,5 cm, totalizando 291 páginas, com pouca espessura no material utilizado tanto para a capa como nas folhas. Não possui ilustrações, como prática encontrada na *Coleção Família* e outros títulos publicados pela editora.

Na contracapa, a Editora Agir destaca seu objetivo enquanto editora cristã e seu alinhamento com a psicologia moderna, base dos discursos destinados à família. Temas voltados ao divórcio, casamento, problemas conjugais e educação orientavam as obras e permitia à editora ganhar o gosto do grande público, por abordar questões/problemas muito presentes no cotidiano das pessoas.

Nos elementos pré-textuais, encontramos o direcionamento dado ao público logo abaixo do título. Entre parênteses, o termo, pais e educadores, encontram-se centralizados e nenhuma especificação para o número da edição. Três dessas páginas são destinadas ao índice (Fig. 16 e 17) que são utilizadas para apresentação do tema, conceitos e objetivos a partir da teoria e a utilização no ambiente familiar com práticas no cotidiano, além da visão de missão nessas atividades.

Figura 16 – Índice do livro *Educar pela Recreação*

ÍNDICE	
Duas palavras .....	11
I — FINALIDADES DA MODERNA PEDAGOGIA .....	13
O que quer atingir a moderna pedagogia? .....	13
Saber assumir responsabilidades .....	14
Conseguir a auto-suficiência .....	15
Desenvolver a iniciativa .....	17
Ser capaz de auto-expressão .....	18
Adaptar-se satisfatoriamente aos grupos .....	19
Visar à coragem .....	23
Cultivar o ser interior .....	30
Como educar pela recreação .....	38
II — CONCEITO E OBJETIVOS DA RECREAÇÃO .....	41
Por que é a recreação uma das aspirações mais acentuadas da nossa época? .....	41
Que é a recreação? .....	43
A recreação como entretenimento, expressão, derivativo, diagnóstico e tratamento .....	45
A recreação como meio de desenvolver as virtualidades da personalidade .....	64
A recreação como fator de enriquecimento do grupo .....	67
III — A RECREAÇÃO NA FAMÍLIA .....	73
A influência do exemplo .....	73

Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (2018).

Figura 17 – Índice do livro *Educar pela Recreação* (cont.)

8	MARIA JUNQUEIRA SCHMIDT	EDUCAR PELA RECREAÇÃO	9
	O quarto da criança .....		77
	O valor dos brinquedos .....		79
	O meio ambiente .....		85
	A técnica das refeições .....		89
	O dia da criança .....		92
IV	— POSSIBILIDADES RECREATIVAS DOS ELEMENTOS DE BASE .....		97
	A Terra .....		97
	A Água .....		100
	O Fogo .....		105
	O Ar .....		107
	O contato com a natureza e a formação do senso poético .....		109
V	— OS MEIOS DE EXPRESSÃO .....		113
	Conceito dos meios de expressão .....		113
	O desenho e a pintura .....		115
	A modelagem. O gesso com aparência de cerâmica .....		132
	A música criadora. A flauta de bambu ..		136
	A dramatização. O teatro de sombras vi- vas. Fantoques e Marionetes .....		141
	A dança. Os jogos rítmicos .....		158
	A arte do vitral .....		169
	Função da Escolinha de Arte .....		169
VI	— A MAGIA DA HISTÓRIA E A LITERA- TURA INFANTIL .....		177
	A arte de contar histórias .....		177
	A história paralela .....		185
	A história através da vida .....		187
	A literatura infantil .....		188
	A história em quadrinhos .....		192
	Leituras recreativas .....		196
VII	— A RECREAÇÃO SUPERVISIONADA ...		201
	O jardim de infância .....		201
	Transição crítica do jardim para a escola		209
		A deficiência de recreio na escola .....	210
		A função recreativa das atividades extra- classe .....	213
		Recreação extrafamiliar e extra-escolar ..	219
		O Parque de Recreação .....	221
VIII	— LAZERES CONSTRUTIVOS .....		225
	A música através da vida .....		225
	A conversa e o diário .....		231
	O escotismo e o bandeirantismo .....		235
	Os esportes. O futebol .....		241
	Os clubes de modelos reduzidos .....		245
	Passatempos para jovens e adultos .....		247
IX	— EVASÃO PARA O MUNDO DA IMAGEM E DO SOM .....		249
	O cinema, arte de choque .....		249
	A televisão .....		259
	O rádio, fundo sonoro da vida moderna		264
	O disco .....		266
	O magnetofone .....		267
X	— O RECREACIONISTA E SUA MISSÃO ..		269
	A personalidade do recreacionista .....		269
	O espírito recreativo .....		273
	O estímulo e os interesses profundos da criança .....		276
	A dissipação e a recreação pré-fabricada		281
	Integração da recreação num sistema de valores .....		283

Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (2018).

Uma discussão que se sustenta em dez capítulos e, dentre eles, subcapítulos divididos em suas especificidades por atividade. Já no primeiro capítulo, como mostra o índice, percebemos a autora situando seu leitor para a finalidade da pedagogia moderna. Deixa claro o que pretende atingir e desenvolver com essa visão.

Na bibliografia enxuta dessa obra, encontramos um número relativamente grande de autores franceses, total de quinze. Levando em consideração que temos somente 29 autores citados e apenas nove são americanos, entendemos que a busca de Maria Junqueira Schmidt pela base teórica francesa conduzia seu trabalho. A pouca valorização dos autores nacionais pode ser observada nas cinco citações apresentadas nessa bibliografia, dos quais destaco o professor Inezil Penna Marinho, que trouxe o conceito de recreação para o Brasil, e que Maria Junqueira Schmidt acolhe e discute e se apropria na obra em questão.

Dentre os elementos que antecedem a leitura, a autora chama seu leitor para as mudanças enfrentadas na civilização moderna em “Duas palavras” como intitula seu texto introdutório, mas que acaba destacando três palavras



que introduzem o tema central dessa obra: civilização, lazer e trabalho. São palavras que se repetem durante a leitura e que, segundo a autora, levarão às técnicas modernas que influenciarão o comportamento da nação brasileira.

Buscando enfrentar as mazelas que a vida moderna trouxe para a criança, a autora apresenta métodos modernos e diferentes práticas educativas. Dentro desse conceito, Schmidt entende “educação” como um trabalho que vai além da leitura, escrita e da resolução de problemas, englobando o desenvolvimento da criança e a promoção da sua personalidade em experiências significativas como as vivenciadas durante brincadeiras ou atividades imaginativas. Para ela, é a partir de brincadeiras orientadas que a criança poderá satisfazer suas curiosidades e interesses mais profundos.

Todas as situações se aprendem não tanto pelo ensino quanto pela vivência. **“Viver situações significativas é que leva ao amadurecimento”**. A educação não é apenas uma técnica: ela procede das disposições íntimas do educando, criadas principalmente pelas vivências. (SCHMIDT, 1958, p. 14, grifo da autora).

Segundo Maria Junqueira Schmidt, a formação da criança deveria englobar uma visão de unidade e de cooperação quando levada a exercer atividades caseiras como arrumar brinquedos, camas e tirar o pó. Atividades formativas que influenciariam sua vida adulta e trariam o desenvolvimento do espírito de grupo no que foi chamado brinquedo-trabalho (SCHMIDT, 1958, p. 15).

Nesse livro, Maria Junqueira carrega conceitos criados pelo movimento da Escola Nova iniciado no final do século XIX, mas que toma força no início do século XX. Esse movimento tinha um novo olhar sobre as crianças, pois valorizava questões biológicas e psicológicas com uma visão de renovação das mentalidades dos educadores e de suas práticas. Com a industrialização e a modernização das cidades, novas técnicas ganham campo no espaço educativo colaborando para a inserção das pessoas em uma nova ordem social. As expressões trazidas pela Escola Nova se revelavam em atividades como dança, pintura, desenho, modelagem e a dramatização. Nessas atividades de liberdade criativa da criança, os instrumentos reveladores de sua personalidade “traduziam o íntimo da alma” (SCHMIDT, 1958, p. 18) e colaborariam para que o educador não só educasse, mas também observasse

os problemas e atendesse à necessidade trazida pela criança através de atividades significativas.

Segundo Osinski (2008), o processo de modernização foi configurado com uma ruptura na literatura, arte e cultura, desencadeando novas posturas que confrontaram o tradicional e o moderno. Estratégias de divulgação do pensamento renovador se revelavam na criação de revistas, jornais e coleções, se mostrando veículos importantes de divulgação, disseminação de ideias e conquistas de espaços importantes pelos intelectuais. As coleções empreendidas pela Editora Agir eram um desses mecanismos que conquistou espaços significativos, empreendeu pensamentos elaborados por intelectuais católicos e difundiu o pensamento religioso pelo país.

Segundo Schmidt, a educação moderna cultivava em excesso o ser exterior e se esquecia do interior. O ser exterior é o que estabelecia relações de trabalho e de diversidade em todas as atividades que o ser humano realizava, e o ser interior é o que dirigia o exterior (SCHMIDT, 1958, p. 30). No entanto, para ela não existia muito tempo para a reflexão e a criação, somente para a competição e a memorização. O movimento da escola moderna era algo necessário, porém o desenvolvimento interior deveria ser despertado já no berço em atividade, para que abrissem o interesse para o seu desenvolvimento. Assim colaboraria para evitar a agitação das crianças e não forçar sua natureza, sendo primordial nessa relação do adulto com a criança um representar “a cabeça, o outro a mão” (SCHMIDT, 1958, p. 30) – termo encontrado em Pestalozzi (2008, p. 197, tradução nossa) na filosofia “cabeça, coração e mão”.

A recreação, própria da pedagogia moderna, era aqui destacada como material pedagógico de aprendizagem, independentemente da idade da criança ou do adulto. Ela se mostrava como empreendimento necessário para o desenvolvimento do ser humano, favorável e nocivo à inteligência quando bem orientada, conceito próprio ao encontrado no período em que o livro foi escrito.

Cabe ressaltar que, para Schmidt, as aspirações trazidas pela sociedade englobavam o lazer como a melhor dentre todas as aspirações modernas. Para ela, a recreação não era algo imposto, mas deveria ser entendida como uma atividade em que desenvolvia a inteligência criativa, produtiva, senso poético e a imaginação da criança a partir de campos pouco prováveis de aprendizagem.

Nessas atividades, o auxílio diagnóstico deveria viabilizar a orientação necessária para a condução de tratamentos específicos aos problemas apresentados pelos estudantes.

A recreação é atividade física ou mental a que o indivíduo é naturalmente impelido para satisfazer as necessidades físicas psíquicas ou sociais, cuja realização lhe advém prazer”, diz Inezil Penna Marinho<sup>79</sup>. A recreação quando é racional, é fator educativo porque é atividade indispensável ao desenvolvimento físico, mental e social do jovem. Age como elemento de ajustamento e de felicidade. Satisfazendo a necessidades fundamentais do ser humano, leva o mesmo a atitudes sadias de adaptação ao meio. (SCHMIDT, 1958, p. 43).

No livro *Inezil Penna Marinho: coletânea de textos* (2009), organizado por Silvana Vilodre Goellner e publicado em 1958, consta a informação de que o professor Inezil – citado por Maria Junqueira Schmidt –, como chefe do Departamento de Pedagogia, percebeu a necessidade da discussão do tema “recreação”, organizando curso de Formação Profissional chamado de “Curso de Especialização em Recreação” como consta na matéria encontrada no jornal *Diário de Notícias* (Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1958, p. 4). O curso contou com profissionais da pedagogia e psicologia e teve discussões teóricas além de atividades com jogos motores, dramáticos, brinquedos, trabalhos manuais, lutas, natação, entre outros. É importante destacar que seu trabalho se voltava à educação física e tinha como base o conceito bio-psico-sócio-filosófico, em que o prazer, o desenvolvimento integral e o aspecto educacional<sup>80</sup> davam sustentação para seus cursos de formação.

Com objetivos bem próximos aos encontrados no livro *Educar pela recreação*, da professora Maria Junqueira Schmidt, os estudos do professor Inezil viam na recreação uma forma de adaptar o indivíduo à sociedade, reduzindo as “mazelas do mundo moderno” em busca das potencialidades do indivíduo.

---

<sup>79</sup> Esportista desde a juventude, destacava-se pela prática de esportes e o interesse pela filosofia, história e poesia, estuda na Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD), primeira escola de educação física de nível superior, formado no ano de 1943. Foi pioneiro em um dos órgãos federais mais importantes ligados à Educação Física no Brasil (DEF – Divisão de Educação Física e MÉS – Departamento de Educação do Ministério da Educação e Saúde), cria o órgão de assistente técnico e é o primeiro assistente de ensino ligado à Educação Física no Brasil no ano de 1941. Com diversas monografias, livros e artigos publicados, levou a Educação Física e a recreação para múltiplas áreas nas décadas de 1940 e 1950. Disponível em: <<http://www.ceme.eefd.ufrj.br/apresenta/inezil.html>>. Acesso em: 21 mar. 2017.

<sup>80</sup> Disponível em: <http://www.ceme.eefd.ufrj.br/apresenta/inezil.html>.

Algumas especificidades do trabalho do professor Inezil Penna estavam em ascensão nesse período como já mencionado anteriormente. O professor abriu caminho para um olhar valoroso para a recreação infantil no Brasil, ministrando cursos específicos para profissionais da área; também contou com a participação de profissionais da psicologia e da pedagogia para trabalhar com novos mecanismos de aprendizagem que valorizasse o desenvolvimento bio-psico-sócio-filosófico a partir de jogos e atividades lúdicas.

Os participantes desses cursos eram profissionais da Educação Física ou da Educação Física Infantil com uma carga horária extensa (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1958, p. 4), outros cursos como “Educação física e desporto”, como encontrado no jornal *Diário de Notícias* (1958, p. 4), tinha carga horária reduzida e direcionava-se preferencialmente aos profissionais da educação infantil, mas outros profissionais da educação poderiam participar. Dentre as atividades propostas no curso de formação, como adequação de jogos à faixa etária e atividades artísticas – atividades que contribuíam para formação desse público –, voltavam-se especificamente a um despertar do período para a utilização de novas formas de aprendizagem.

É nesse caminho que as atividades educativas elaboradas por Maria Junqueira Schmidt coincidiram com a expansão do ensino da educação física, sua circulação em busca de novos mecanismos de aprendizagem foram metodologias que fizeram parte de seu perfil profissional. Por esse motivo, as ferramentas recreativas elaboradas pelo professor Inezil Penna Marinho colaboraram para que Maria Junqueira produzisse esse livro, reforçando a relevância do mesmo para o processo educativo dentro e fora das escolas, mas, sobretudo, levando para o interior das famílias a importância do ato de brincar.

Nesse livro, Maria Junqueira apresenta situações que podem ser observadas e por vezes são transformadas somente a partir da utilização de jogos, encontrando condição para a formação moral de maneira prazerosa. Para ela, o prazer deveria determinar a participação e servir como diagnóstico de possíveis conflitos interiores. A autora conduz essa reflexão apoiada nos estudos de Freud, sustentando que é o “adulto que regula sua conduta e seu pensamento pelas exigências sociais” (SCHMIDT, 1958, p. 45). Apesar da aproximação estreita da autora com o estudo sobre recreação do professor

Inezil, que estava em ascensão nesse período, poucas vezes ele é citado; mas, em uma das citações, acaba por reforçar que através do mecanismo do prazer poderiam ser criadas situações de liberdade para a aprendizagem. Para ela, o

[...] jogo é entretenimento útil porque é laboratório de aprendizagem. Pesquisas frequentes têm demonstrado que as crianças que satisfazem plenamente sua necessidade de brincar aprendem mais depressa e sua assimilação é mais duradoura. Com efeito, o brinquedo estimula a iniciativa. Torna a mente disponível para a aprendizagem. A alegria do esforço mental é mantida pelo impulso do crescimento intelectual. Na primeira infância o jogo é “uma aventura integral”. (SCHMIDT, 1958, p. 47).

Afirmações dessa natureza também deixam traços de sua formação suíça e da aproximação com os trabalhos de Claparède. A escolha por essa temática pode ter sido influenciada pela cor dos debates estimulados pelo trabalho de Inezil Penna Marinho, mas também pode ter vindo de outras fontes de inspiração. Apesar de não fazer parte do movimento das bandeirantes, sua amizade com Aracy Munyz Freire, participante engajada do movimento, pode ter inspirado também a produção dessa obra. Essa proximidade às bandeirantes aparece em seus livros publicados em anos seguintes, destacados mais adiante.

Para Schmidt a recreação tinha um “caráter eminentemente social”, pois integra a criança ao grupo dentro de uma perspectiva trazida pela sociedade moderna destacada como atividades que auxiliariam as crianças e os jovens em suas experiências fora da família e da escola. Para ela, “a recreação moderna estava abandonando o sistema de repressão das forças cegas da natureza, adotando a educação positiva que desenvolve qualidade ao invés de dar prioridade à correção dos defeitos” (SCHMIDT, 1958, p. 66-67).

Entre as atividades valorizadas, situavam-se:

[...] parques de recreação, escolinha de arte, lobinhos e fadinhas, bandeirantismo e escotismo, clubes esportivos, colônias de férias, excursões em grupos dirigidos, juventude estudantil e universitária católica, Instituto Brasil-Estados Unidos, Sociedade de Cultura Inglesa e Aliança Francesa, com suas atividades socioculturais e recreativas [...]. (SCHMIDT, 1958, p. 68).

A autora apresenta atividades que seriam de grande importância para o desenvolvimento da criança e do jovem, pois colaboraria para libertar do medo e adquirir confiança a partir de atividades como o paraquedismo, esqui

aquático, aviação e a natação, desenvolveriam a confiança nos jovens, satisfazendo determinados desejos e libertando outros (SCHMIDT, 1958). É importante refletir sobre a especificidade das atividades apresentadas, levantando o seguinte questionamento: para quem Maria Junqueira Schmidt se dirigia em sua escrita, que público era o consumidor desse livro que encontrava possibilidade na prática de atividades como aviação ou esqui aquático?

Na direção desse questionamento, chegamos aos estudos de Chartier (2014, p. 256) que nos coloca diante da análise de um tipo de material escrito entendido dentro de múltiplas relações que o torna único. Dessa forma, os livros da *Coleção Família* escritos por Maria Junqueira Schmidt trazem uma realidade muito específica da sociedade, com um direcionamento muito forte a um público elitizado que sobressalta nos textos. A análise desse tipo de material possibilita entendermos um conjunto de práticas culturais próprias do grupo social ao qual ela pertencia indicativa do seu modo de observar o mundo e intervir nele.

Cabe destacar o conceito de “livro” trabalhado por Chartier (2003, p. 13), entendido como um “objeto construído fisicamente e simbolicamente por marcas de constrangimentos históricos e sociais”. Não obstante o seu lugar de fala, como autora católica, esse livro não traz o contexto religioso com tanta força como os demais. Nesse, as questões educativas aparecem com mais intensidade e abrem espaço para a discussão do papel dos educadores na produção de significados na vida das crianças e jovens a partir das atividades recreativas. Sutilmente, a religiosidade é abordada como ferramenta recreativa praticada no interior familiar, pautada nos princípios do Evangelho através das histórias, programas de rádio e coros religiosos como envolvimento em uma prática cristã.

E se a família é cristã, cumpre dar aos filhos, especialmente através da recreação, uma concepção de vida consentânea com princípios evangélicos. [...] determinadas festas; apreciar o canto gregoriano; estudar as obras-primas da arte religiosa; tudo isso demonstra, que o cristão pode e deve cultivar a alegria, servindo-se para tal de todos os meios que Deus colocou ao seu alcance. (SCHMIDT, 1958, p. 77).

Maria Junqueira Schmidt vai além das discussões sobre a recreação, se aprofundando no valor dado ao brinquedo e a seus significados. Ela reforça a importância de se ter brinquedos apropriados à faixa etária e destaca que os

ambientes ao ar livre deveriam fazer parte das experiências infantis, atribuindo à recreação um importante papel no desenvolvimento da criança. Um novo profissional surge, o recreacionista, com um papel significativo no desenvolvimento infantil, e com “uma personalidade adequada à missão” (SCHMIDT, 1958, p. 269), de modo a buscar a satisfação dos anseios mais profundos da criança.

Na família, a recreação é trabalhada fundamentalmente nos hábitos de responsabilidade e saúde a partir de atividades recreativas desenvolvidas no núcleo familiar, mas, principalmente na “fisionomia da mãe” (SCHMIDT, 1958, p. 73). A autora atribui grande importância ao papel da mulher como educadora da criança, cabendo a ela a sabedoria para lidar com o lazer dentro e fora do de casa, “treinando” os pequenos para suas brincadeiras, mesmo em atividades corriqueiras de organização da casa, as quais também poderiam tornar-se divertidas. A atmosfera de cordialidade deveria aparecer em todas as atividades oportunizadas nesse grupo em aniversários, festas e até mesmo durante as refeições. A união deveria fluir em um ambiente alegre que colaborasse para a formação da personalidade da criança.

Feliz o lar acolhedor que sabe abrir suas portas aos parentes e amigos: eles trazem consigo a alegria e o sabor da novidade; amenizam tensões familiares; transformam em lazer até o próprio estudo. Eles são mensageiros prestigiosos da realidade social que familiarizam os jovens com o mundo. (SCHMIDT, 1958, p. 95).

Para a autora, a aprendizagem com os parentes seria uma forma de promover a transformação. Esses momentos deveriam acontecer para que a criança ou o jovem desenvolvessem um senso de responsabilidade como cidadão. A discussão em torno da importância da família nos momentos de recreação e de aprendizagem são sutilmente discutidos nesse livro.

Temas relacionados aos elementos da natureza como a terra, água, fogo e o ar se transformam em possibilidades recreativas dando “base para a maior parte das atividades intelectuais e sensório-motoras da criança” (SCHMIDT, 1958, p. 97). O trabalho com a terra é apresentado pela autora em “gestos primitivos que correspondem a um instinto mais profundo” (SCHMIDT, 1958, p. 97), desenvolvendo a imaginação da criança a partir da criação de formas e volumes. No símbolo água, encontramos a representação

da “purificação e nascimento, pois lava e vivifica” (SCHMIDT, 1958, p. 100), nela encontramos um grande interesse de todos por esse símbolo. Para a autora, quando a criança mostra medo de água, o medo deve ser investigado e tratado.

A fobia pode ter-se originado das primeiras experiências: banho excessivamente quente ou frio; posição que não oferecia segurança; sufocação por ocasião da lavagem do nariz; atmosfera de nervosismo na hora do banho. [...].

Para a cura das fobias, é preciso tato e paciência. (SCHMIDT, 1958, p. 101).

Para reforçar sua teoria sobre o elemento água, Maria Junqueira Schmidt traz o estudioso Kneipp (SCHMIDT, 1958, p. 102). Sebastian Kneipp, católico que defendia o naturalismo, realizou estudos sobre a hidroterapia<sup>81</sup>, desenvolveu técnicas de terapia na água para crianças e adultos utilizadas até os dias de hoje. A água, objeto de fascínio, deveria ser aproveitada pelo educador para o descobrimento de diferentes brinquedos e técnica.

Felizmente a água, essa grande libertadora das fadigas e das depressões, impera hoje em nossos lares de adulto. O ribeirão e o rio, a piscina e o mar foram conquistados. Elementos niveladores de classes sociais e de idades, a água é fonte de eliminação de preocupações por excelência. [...] por esses motivos, a natação se tornou a rainha dos esportes modernos. [...].

O esqui aquático é, como o paraquedismo, um “**esporte de glória**”! Exige grande decisão, destemor, e resistência nervosa. Cria artificialmente uma angústia que vem aliviar o sofrimento do indivíduo angustiado. Empolga a imaginação e proporciona emoções profundas, capazes de fornecer euforia que age como bálsamo nas memórias amarguradas. O **ballet** aquático é esporte de requinte, de arte e de graça. (SCHMIDT, 1958, p. 105, grifo da autora).

Para Schmidt, os impactos da modernidade refletiriam até mesmo nas atividades recreativas realizadas pelas crianças e jovens, bem como destacado na citação anterior, possíveis “fontes de aventura”, as atividades esportivas levariam à superação de pensamentos angustiados capazes de proporcionar a euforia necessária para empolgar a imaginação infantil e juvenil.

Outro elemento bastante significativo é o fogo. Para a autora, esse elemento pode ser considerado sensório pela produção de luz, calor e com forte simbolismo religioso, pois “a chama fala, reza, adora, ilumina, aquece,

---

<sup>81</sup> Algumas publicações importantes voltadas ao tema em questão: The Care of Children in Sickness and in Health (1897) - “O cuidado de crianças em doenças e em saúde”; Método da hidroterapia [s/a].



purifica. [...]. O tema da luz conduz facilmente à compreensão da missão de Cristo na terra” (SCHMIDT, 1958, p. 107). Para ela, o interesse nesse elemento poderia suscitar na criança o interesse pelo rádio, telefone e magnetismo, por esse motivo, a importância no contato das crianças com o elemento “fogo”.

O elemento ar é apresentado pela autora como “base vital” revelado através do vento, da oportunidade direta de aprendizagem a partir do jogo com balões, aviões ou pipas. O aproveitamento da infância deveria seguir a descoberta de atividades que envolvessem diferentes possibilidades de aprendizagem e que levassem alegria e observação para a vida da criança. Presente em um período de inovações pedagógicas e sociais, Maria Junqueira encontra na “organização do ambiente” uma forma de criação e desenvolvimento sensorio motor, o que possibilitaria ao estudante o desenvolvimento de diferentes experimentações. É através desses mecanismos baseados na psicologia e da pedagogia que Schmidt caminha em direção a diferentes formas de aprendizagem para auxiliar na vida do educador e do educando que, durante a utilização de formas livres de expressão, poderiam ser percebidos traços da personalidade da criança.

Nessa interação, novos caminhos reorganizavam a educação nesse período, e a psicologia aparece com traços modernos. Para Franz de Hovre (1884-1958), um filósofo da educação católica, ligado ao naturalismo, dizia que a ciência suprema estaria atrelada a pedagogia. Segundo ele, “uma pedagogia sem uma filosofia de vida, é uma pedagogia que não modifica a vida e o homem, é uma pedagogia sem educação”:

O psicologismo é um erro, o "psicologismo pedagógico" será a fortiori, porque a educação vai para todo o homem, existe a totalidade de atividades.

No que diz respeito à ética, a estética, a religião e a lógica não são abrangidas pela psicologia: a educação previa de todo trabalho educativo; mas não passou de ser isso, uma condição prévia. (DE HOVRE, 1945, p. 15, tradução nossa)<sup>82</sup>.

De Hovre (1945) dizia que, diante dessa educação moderna, deveria se estabelecer uma formação completa de homem, baseada em valores humanos

---

<sup>82</sup> Original: El psicologismo es un error, el “psicologismo pedagógico” lo será a fortiori, porque la educación se dirige a todo el hombre y a la totalidad de sus actividades. Pues que la ética, la estética, la religión y la lógica no pueden reducirse a la psicología: la educación previa de todo trabajo educativo; pero no pasa de ser eso, una condición previa.

de vida destacados em três eixos, psicologia, pedagogia e religião. Esses eixos são fortemente marcados nos livros de Maria Junqueira Schmidt e davam o tom para sua escrita.

Para os educadores católicos, esse cenário moderno carregava o progresso social, porém, não poderia se distanciar da visão religiosa. O progresso social estava dentro de uma visão religiosa e deveria funcionar como um mecanismo de passagem pautado no conservadorismo e na defesa dos menos favorecidos. Exaltação à psicologia americana, que supostamente estabelecia uma igualdade de oportunidades e dava suporte ao trabalho de Maria Junqueira Schmidt, não era encontrada em todos os países capitalistas.

A promoção do bem-estar com rádio, televisão, telefone, carro, feriados pagos, seria um engodo se tivesse ao alcance apenas da minoria. Por essa razão o progresso social atrai, inicialmente as grandes massa humanas. Mas a promoção coletiva continuaria presa à felicidade material se não chegasse a proporcionar às classes os meios de não serem mais “minorias sociais” para quem se dá um estatuto consagrado de fato a minoria psicológica e política. (GUISSARD, 1962, p. 130).

Dentro da proposta educativa encontrada nos estudos de Schmidt, temos fortes traços religiosos que fundamentam seus métodos educativos em um ensino voltado à formação integral do homem, próprio do ensino católico. A visão dos católicos era a de não confundir o progresso social com o bem supremo para ser conquistada a felicidade.

[...] agrada à criança oferecer ao Senhor os atos de virtudes sociais cristãs praticadas no **atelier: tolerância**, respeitando o trabalho dos outros; **caridade**, cedendo material com delicadeza e boa vontade; **humildade**, reconhecendo o talento recebido de Deus [...]. (SCHMIDT, 1958, p. 174-175, grifo da autora).

Sem fugir de sua base fundamentada na moral cristã, Lucien Guissard procura chamar a atenção para a defesa dos “valores de resignação, de colaboração, de prudência. [...]”. Esta preparação face ao futuro, destinava-se a tornar permeável o evangelho da caridade, da justiça e da paz” (1962, p. 127, 139). O mesmo discurso é encontrado no livro de Schmidt, destacado por ela em letras negritadas refletindo em um diálogo entre a espiritualidade e o progresso e chamando os homens para o pensamento transformado diante de

sua pátria, assim, o progresso transformaria o homem e suas escolhas, o que refletiria no social.

É diante desse novo olhar sobre a sociedade e a pátria que técnicas recreativas modernas traziam o interesse pelas crianças, refletindo “na literatura infantil questões morais e sociais, sobretudo o sentimento de fraternidade humana e de **solidarismo** cristão” (SCHMIDT, 1958, p. 199, grifo do autora) que colaborava para um grande movimento de recuperação social. As diferentes atividades recreativas trazidas por Schmidt desenham um novo cenário educativo que vão muito além do papel e do giz, elas contribuem para a construção de um ensino pautado em atividades ao ar livre, em parques, leituras, teatros, música, cinema, passeios em família, expressão corporal, esportes, construções com massa de modelar, pintura, desenho e até mesmo a conversa e a escrita no diário.

Todas essas atividades são colocadas por Maria Junqueira como colaborativas para a construção integral da criança, mas seriam o escotismo e o bandeirismo (SCHMIDT, 1958, p. 235) atividades que reuniriam o campo pedagógico e o cristão, colaborando para a formação do corpo, dos princípios morais e do senso de dever.

O Bandeirismo e o Escotismo são organizações típicas dessa superior preocupação de formação espiritual através da recreação. As atividades sócio-culturais da Ação Católica são igualmente iniciativas que imprimem ao divertimento o espírito cristão. (SCHMIDT, 1958, p. 285).

Portanto, o escotismo seria “a melhor escola de formação moral” (SCHMIDT, 1958, p. 239-240), pois sua base era a religião. Nessa afirmação, a vertente do trabalho desenvolvido por Maria Junqueira fica evidente, pois o catolicismo dava toda base para a sustentação e o desenvolvimento de seu trabalho pedagógico, porém, nesta obra, especificamente, a autora não deixa tão explícita essa questão, como visto em outros livros. No entanto, é possível observar que há uma ênfase nas experiências educativas fora das salas de aula e atividades como o bandeirismo e o escotismo aparecem como aquelas que tinham o foco na formação espiritual e socializadora, a partir da recreação, contribuindo para projetar um ser humano mais elevado em sua vida social.

### 3.2 EDUCAR PARA A RESPONSABILIDADE: A ESSÊNCIA EDUCATIVA PAUTADA NO AMOR E DEDICAÇÃO A DEUS

Melhor fora morrer sem ter tido filhos do que criar filhos sem Deus.

(SCHMIDT, 1963, p. 26)

O livro *Educar para a responsabilidade*, publicado no ano de 1961 e reeditado sete vezes até 1974, é o que mais apresentou reedições na *Coleção Família*. Seu objetivo era colocar crianças, jovens, pais e educadores frente às responsabilidades e aos conceitos católicos, projetando ações educativas que circulassem tanto nas famílias como nas escolas:

[...] incumbe ao Educador, através de seu ensino, tornar os jovens conscientes de seus recursos pessoais, despertando-os, simultaneamente, para sua responsabilidade. [...]. Responsabilidades familiares, sociais e profissionais, cívicas e religiosas, de cultura e de superação, todos os aspectos da contribuição pessoal para o Bem Comum são abordados muito objetivamente. [...], o Educador encontra sua verdadeira tarefa, conduzindo o educando ao encontro do melhor de si mesmo, com a realidade social e com as finalidades eternas.

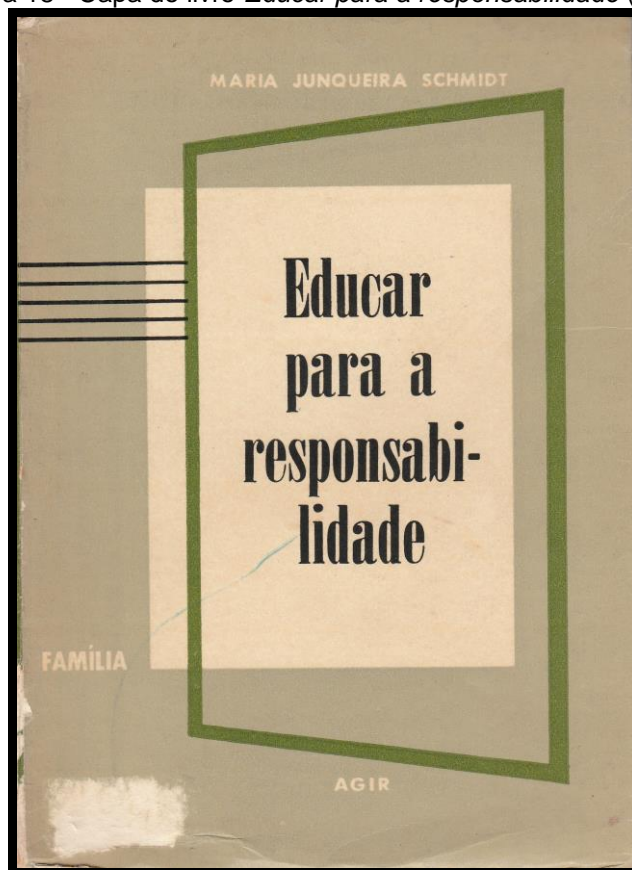
[...], extrair de cada experiência um valor de vida, traçando diretrizes para orientar crianças e adolescentes no sentido de conseguir convicções mais sólidas e hábitos mais firmes. (EDUCAR PARA A RESPONSABILIDADE, Orelha do livro, 6ª edição, 1974).

Nesse livro, Maria Junqueira Schmidt traz a educação como essência, concebendo um plano que valorizava o “ser humano” a partir de ações educativas responsáveis, pautadas em Deus e em suas “leis”. Para ela, ideias que valorizavam o prazer, o sexo, soluções de facilidade, insegurança e delinquência (SCHMIDT, 1963, p. 9) conduziram a juventude para mudanças significativas que refletiram na sociedade. Assim, somente a educação disciplinada e a grandeza dos bons exemplos poderiam colaborar para uma transformação do caráter para melhor exercer suas funções sociais.

A capa do livro (Fig. 18) foi configurada por Milton Ribeiro e o título da obra aparece bem centralizado, destacada em letras negritadas e algum traço

geométrico bastante neutro em suas cores, compondo um degrade de verdes, em brochura de 19 x 12,5 cm. O nome da autora da coleção e da editora aparecem na parte superior da capa em letras claras, dando um ar bastante sóbrio.

Figura 18 - Capa do livro *Educar para a responsabilidade* (1963).

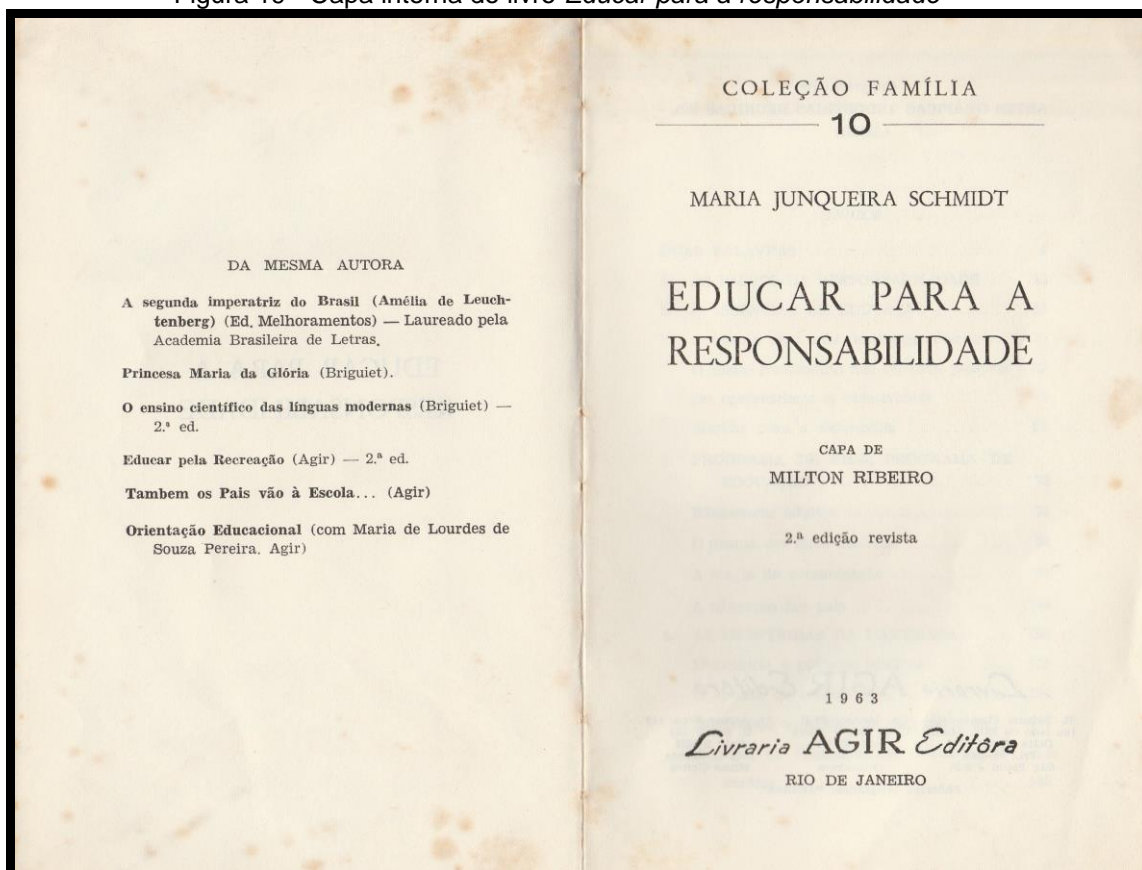


Fonte: material do arquivo pessoal da pesquisadora (2018).

Na foto na orelha do livro, a autora aparece com um ar muito amistoso e sorridente. Além do texto destacar a relevância de sua personalidade no campo das ciências sociais e a sua importância no campo da orientação educacional no Brasil.

Dos elementos que antecedem a leitura, temos quatro páginas, uma delas para o boletim, o mesmo encontrado na análise anterior; outra, destinada para o título da obra, que aparece em caixa alta e letras negritadas centralizadas. Na sequência (Fig. 19), uma página destaca outras obras da autora e, na outra, o título da coleção e o número (10) que compunha sua sequência dentro desta na parte superior da folha. Na parte inferior, em destaque o nome da autora em negrito e do título.

Figura 19 - Capa interna do livro *Educar para a responsabilidade*



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (2018).

No índice (Fig. 20), são trabalhados oito capítulos em que a autora desenvolve o conceito de responsabilidade, liberdade e educação. Nos subcapítulos, a aplicação desses conceitos ocorre no cotidiano familiar e social, sem esquecer da vida cristã em que o professor deveria atuar com um espírito missionário próximo à família preparando-a para o exercício da cidadania. Nesse campo, chama a atenção o terceiro capítulo, nomeado pela autora de “programa de vida, programa de educação”, em que seu objetivo se voltava a uma educação específica para os pais.

Nas referências bibliográficas, novamente a autora dá grande ênfase aos autores estrangeiros, nesse livro é ainda maior o número de autores franceses utilizados, sendo 27 citados, 16 americanos e 14 títulos na língua portuguesa, mas, dentre eles, temos traduções como a dos autores André Berge (francês), Erich Fromm (alemão) e Suzan Isaacs (americana). No campo nacional, a própria autora destaca três de seus livros nas referências e dois da *Coleção Estudos Psicopedagógicos* que não trazem autoria. Para finalização

do livro, a Editora Agir destaca 16 livros da mesma coleção, em um deles destaca o livro *A família por dentro*, de Maria Junqueira Schmidt.

Figura 20 – Índice do livro *Educar para a responsabilidade* frente e verso

ÍNDICE		8 MARIA JUNQUEIRA SCHMIDT	
DUAS PALAVRAS .....	9		
1. OS PASSOS DA RESPONSABILIDADE ...	13	5. OS IDEAIS DA ADOLESCÊNCIA .....	172
2. O ESSENCIAL EM EDUCAÇÃO .....	25	Como situar a vida espiritual .....	174
A criança tem uma destinação eterna ...	26	Como situar a vida social .....	184
O pleno rendimento dos recursos pessoais	32	Como situar a vida sexual .....	193
Do egocentrismo à oblatividade .....	40	Valôres autênticos e falsos valôres .....	201
Marcha para a autonomia .....	61	A pedagogia do acompanhamento .....	218
3. PROGRAMA DE VIDA, PROGRAMA DE		6. PRINCÍPIOS DE VIDA SOCIAL CRISTÃ ..	224
EDUCAÇÃO .....	72	O professor e sua missão .....	226
Educadores adultos .....	74	A escola e a família .....	247
O drama dos lares desfeitos .....	84	Treinando para a cidadania .....	259
A magia da comunicação .....	97	7. A MENSAGEM LIBERADORA DO AMOR	267
A educação dos pais .....	106	Vocação do homem .....	268
4. AS FRONTEIRAS DA LIBERDADE .....	114	O sentido da maternidade .....	282
Disciplinar é processo positivo .....	115	8. SOMOS TODOS RESPONSÁVEIS .....	296
O apetite do esforço .....	134	BIBLIOGRAFIA .....	297
Integrando o caráter na vida moderna ..	144		
O papel da consciência na formação do			
caráter .....	155		

Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (2018).

É de grande relevância ressaltar que no ano de 1963, período em que é publicada a segunda edição desse livro, viviam-se no Brasil momentos de grandes transformações socioeconômicas. A “Igreja Católica voltava-se a esfera oficial e reatava laços com o Estado, o que se expressava claramente nas iniciativas governamentais” (NUNES, 1986, p. 200). Essa consolidação da Igreja Católica traz benefícios para educação nacional e criava diversos campos de ação indireta em benefício dos mais carentes.

A partir do fim da década de 50, a Ação Católica no Brasil, já sob o modelo Belga, organizado por setores ou classes sociais, em oposição ao modelo francês, organizado por idade e sexo, torna-se particularmente expressiva, pela atuação da JUC, especialmente (Juventude Universitária Católica). [...], imprime-se no país um novo ritmo de crescimento e são fortalecidos alguns elementos centrais do pensamento burguês: o humano individualista e a especialização técnico-científica. (NUNES, 1986, p. 201-202).



Para que essa reorganização do pensamento Católico ocorresse, foi necessária uma atuação religiosa contundente dos agentes sociais<sup>83</sup> através da família, escolas e de outras instituições. As contribuições de profissionais e intelectuais, como Maria Junqueira Schmidt, colaboraram para a difusão desse pensamento em ações educativas significativas que alargaram os horizontes a partir da “instrução”, buscando a evangelização das massas e o desenvolvimento da fé católica, tema da Assembleia Nacional da Conferência dos Religiosos do Brasil (AZZI; BEOZZO, 1986, p. 202).

Entretanto, Maria Junqueira Schmidt mostrava-se bastante incisiva em suas afirmações com relação à educação e à orientação das famílias, assim, como deixava claras suas convicções religiosas e seu pertencimento ao grupo Católico. Os discursos propagados no livro não trazem somente o pensamento da autora, mas de todo um grupo no qual ela estava inserida.

Segundo Chartier (1994), a função-autor está ligada ao sistema jurídico e institucional que encerra, determina e articula o universo dos discursos, tornando-se resultado de operações específicas e complexas. Diante desse olhar, podemos perceber no livro, aqui apresentado, as formações de redes que colaboraram para a difusão do pensamento católico renovador, almejando uma formação religiosa. Alguns integrantes dessa rede católica colaboraram na construção da *Coleção Família* e na circulação das ideias impostas a partir desses impressos. Chamamos a atenção para a influência de André Berge na escrita de Maria Junqueira Schmidt, o qual participou da Escola de Pais francesa e que escreveu títulos importantes para a coleção, como destacamos anteriormente. Padres como Lionel Corbeil, Padre Paul-Eugène Charbonneau e Padre José Oscar Beozzo também colaboram para a formação católica-intelectual dessa rede; alguns integrantes participando da EPB e outros dialogando com o pensamento católico moderno difundido nos livros da coleção.

A partir dessas produções, no projeto de educação familiar de Maria Junqueira Schmidt, o lar teria fundamentalmente o dever de “equipar” as crianças para sua vida adulta utilizando-se de um ambiente propício para uma

---

<sup>83</sup> Referência utilizada por Nunes, para designar as atividades exercidas por todos os “auxiliares” (médicos, professores, jornalistas, jovens etc.) que colaboraram na difusão do pensamento católico no Brasil (NUNES, 1986, p. 200 apud AZZI; BEOZZO, 1986, p. 198).



formação cristã, cabendo aos pais proporcionar aos filhos um ambiente de devoção e respeito através de simples gestos como a de uma oração ou a ida à igreja. Na base dessa educação estaria a educação moral e religiosa desenvolvida no exemplo dos pais chamado de influência do “caráter sobre o caráter, da pessoa sobre a pessoa” (SCHMIDT, 1974, p. 30).

Entretanto, o ensino e a prática religiosa em família foram trabalhados nesse livro como princípio de imitação, ligados às lembranças da infância, e trazem, segundo a autora, a “educação integral”. Para Schmidt, essa educação se desenvolveria no plano humano e no sobrenatural, o que poderia proporcionar um rendimento máximo do ser humano a partir dos movimentos universais de recristianização da família em que

estreitavam-se as relações entre congregações e dioceses, criando uma consciência clara e responsável com a inserção da família na vida religiosa [...]. A recristianização da família, a orientação sobrenatural da tarefa dos educadores é a única solução para recuperar nosso mundo secularizado. Os jovens têm urgência de elaborar uma razão válida para viver. (SCHMIDT, 1974, p. 31).

De maneira associativa, a Igreja Católica reconstruía valores e encontrava solução para uma possível recuperação do mundo, utilizando a “pedagogia da consagração”<sup>84</sup> como forma de transformação a partir de atos que levariam a uma educação estimulada pelo “esforço máximo” (SCHMIDT, 1963, p. 33) de cada um. Portanto, caberia ao educador contribuir em tudo para o desenvolvimento pleno da criança:

[...] o educador deve dar tudo quanto a criança precisa; carinho e firmeza, ambiente de compreensão e de harmonia, quarto funcional, meios materiais suficientes para suas variadas atividades; [...] ; presença não só do corpo mas de participação da alma. Por outro lado, o educador deve saber o que pode receber: contribuição pessoal de cada criança para ao bom funcionamento da comunidade familiar, escolar ou lazer; (SCHMIDT, 1963, p. 33).

Trabalhando com esta pedagogia, Maria Junqueira Schmidt traz o conceito de responsabilidade atrelado a princípios educativos que teriam início no lar. Para ela, esse conceito se apresenta como um “reconhecimento de

---

<sup>84</sup> Maria Junqueira Schmidt (1963, p. 31) não explica o que é a Pedagogia da Consagração, mas de acordo com seu texto subentende-se que essa forma de educação era organizada pela Igreja Católica para educação da criança, do jovem, e da família, a partir de princípios religiosos que buscavam uma nova reorganização da nação brasileira.

autoria e aceitação das consequências de seus atos” (SCHMIDT, 1963, p. 14), que se desenvolve com pleno interesse voluntário. Isso torna a educação responsável uma tarefa heroica que exige maturidade por parte dos educadores. Ao trabalhar com esse conceito se apoia em Joseph Vernet<sup>85</sup> que, segundo ela, apresenta três passos para que se consiga atingir o senso de responsabilidade, que são: a responsabilidade imediata, subsequente e a moral (SCHMIDT, 1963, p. 16-17). A responsabilidade imediata é o momento em que o sujeito constata, revelando sua consciência dentro da aprendizagem. Na responsabilidade subsequente, o autor reconhece e assume seus erros e dificuldades; na moral, recebe o julgamento por seus atos.

Próximo ao conceito anterior está o conceito de respeito, apresentado como uma necessidade que traz segurança, pertencimento, compreensão e aprovação (SCHMIDT, 1963, p. 20). Esses conceitos trazem a polidez necessária para intensificar os instrumentos de paz e aceitação encontrados nas atividades da igreja que colaboram para uma formação de base cristã.

A veiculação da doutrina católica da salvação individual e a ética do dever de estado, dela decorrente, permite que a necessidade de vender a força de trabalho se transforme num dever moral revestido de carácter religioso.

O apelo a aceitação do sofrimento enviado por Deus, devendo ser vivido com paciência e resignação [...]. (NUNES, 1986, p. 199).

Segundo Nunes (1986), a educação do jovem se apresentava como um campo de interesse para a época, por esse motivo a marcha em busca de uma promoção integral do homem explicaria a inserção dos ideais católicos em vários setores do Estado. A importância dada ao jovem é encaminhada por Maria Junqueira Schmidt em todo o seu discurso, presente no plano espiritual, social, profissional e no plano emocional (SCHMIDT, 1963, p. 172-173). Nessa direção, a autora chama a atenção para a figura da escola moderna, ressaltando pontos que ela considerava um declínio da qualidade devido às influências exteriores, em que “a escola enveredou pelas rotas do pedantismo da cultura. Ora, a predominância, senão a exclusividade dos estudos técnicos não é de molde a favorecer a formação do carácter. A preocupação moral,

---

<sup>85</sup> Cabe ressaltar, que o autor citado por Maria Junqueira Schmidt não foi mencionado em suas referências, o que impossibilitou uma maior descrição de sua construção como teórico.

nesses casos cede o passo à ânsia de amontoar conhecimentos” (SCHMIDT, 1963, p. 21).

Os problemas trazidos pela modernidade ganhavam novas dimensões, exigindo do educador um novo olhar sobre os valores e hierarquias familiares que se configuravam. Para Schmidt, a civilização moderna misturava-se a falsos valores morais, o que possibilitou à educação uma integração.

Diante desse cenário, o papel do educador moderno era a de construir novas possibilidades para atingir boas relações entre seus atores, usam métodos ativos tendo como missão repensar sua atuação a partir de novos processos pedagógicos, cabendo ao orientador educacional ideais mais fortes e consistentes que reafirmassem sua função através de conceitos morais determinantes. Outra função do orientador educacional era a interpretação da vida escolar do estudante à família, um porta voz da direção, aliado do aluno e “um emissário da paz junto aos lares”, envolvendo a *Mística da Família* (SCHMIDT, 1963, p. 256).

Segundo Hilsdorf (1998), o traço moderno trazido pela industrialização e produção embalou novas práticas nos anos 1960, principalmente para as mulheres e jovens. As diferentes práticas sociais que movimentavam o cenário nacional nesse período colaboraram para que a intelectualidade pensasse encaminhamentos para reorganizar a sociedade. Nessa perspectiva, a educação católica aparece como uma ferramenta primorosa para essa nova ordenação social, passando a ser discutida por vários autores.

Com relação a esse tema, Furter reconhece a modernidade como sendo algo absolutamente novo, tendo como primordial tarefa o sentimento excepcional de algo ainda não visto, carregado de um poder crítico do passado em busca de um recomeço a partir da educação:

Se a educação contemporânea tende cada vez mais a ser pensada no desenrolar de um tempo dinâmico, é, também, evidente que o espaço em que se situa a sua ação está em franca expansão. (FURTER, 1973, p. 13).

Dentro desse ambiente de modernização dos anos de 1960, mudanças nos encaminhamentos e desenvolvimentos voltados à aprendizagem faziam parte do processo educativo para o conhecimento da criança e do adolescente, abrindo espaço para psicologia, métodos de observação e de experimentação

que complementavam a aprendizagem. Maria Junqueira Schmidt, ao propor uma educação transformadora através de suas ações, buscava uma educação apaziguadora (SCHMIDT, 1963, p. 62), e esta, por sua vez, levava a uma disciplina sem atos de hostilidade, em que o educador deveria efetivar suas atividades a partir de princípios que respeitassem suas características e essências mais profundas.

Dialogando com De Hovre, percebemos uma ligação importante entre a psicologia e as questões religiosas encontradas no livro de Schmidt, determinante no papel psicológico de formação da criança que traz a construção de traços educativos particulares e que deveriam ser respeitados como crenças em meio à convivência, sem que o verdadeiro valor de existência do trabalho educativo se perdesse:

O trabalho educacional, propriamente chamado, não começa até que o educador e o professor elevem a criança até o topo de seus dados psicológicos, até que, livre da vida da alma, coloquem o jovem em contato com algo mais maduro, mais vasto, mais profundo, mais real, mais verdadeiro, mais bonito, mais nobre do que os produtos de sua vida psíquica individual, natural e espontâneo. A educação é adaptação à natureza da criança, que apresenta o certo, seu lado psicológico; mas a educação é, acima de tudo, a adaptação à cultura e à civilização [...]. A essência da cultura e da civilização baseia-se nas normas da vida, nos valores do espírito, nos ideais de comportamento que um determinado indivíduo não cria ou pode criar, mas encontra-se já existente.<sup>86</sup> (DE HOVRE, 1945, p. 18, tradução nossa).

Nos discursos proferidos no livro de Maria Junqueira Schmidt, De Hovre por vezes é citado, o que nos leva a perceber aproximações nas escritas. O ato educativo apresentado por ela se misturava ao religioso, também encontrado no texto de De Hovre, em que doutrinas pedagógicas católicas davam base para a educação de crianças e jovens, compreendendo a formação de sua personalidade como missão.

---

<sup>86</sup> Original: El trabajo educativo, propriamente dicho, no comienza hasta que el educador y el profesor elevan al niño por cima de sus datos psicológicos, hasta que, libre lá vida del alma, ponen al joven em contacto com algo que es má maduro, mas vasto, más profundo, más real, mas verdadero, mas bello, mas noble que os productos de su vida psíquica individual, natural y espontánea. Educación es adaptación a la naturaleza del niño, que presenta, es cierto, su lado psicológico; pero educación es, sobre todo, adaptación a la cultura y a la civilización [...]. La esencia de la cultura y de la civilización se funda en normas de vida, em valores del espíritu, en ideales de conducta que o um individuo determinado no crea ni puede crear, sino que los encuentra ya existentes.

Todos esses encaminhamentos pedagógicos modernos apresentados pela autora levaram ao desenvolvimento de projetos como “Programa de vida: influências das vivências familiares” e o “Programa de educação: formação da personalidade”, anteriores à criação da EPB, mas que, de certa forma estavam ligados ao movimento em torno da família moderna, em busca do equilíbrio e da organização no lar. Esses projetos tinham como característica o desenvolvimento de valores humanos que iriam desenvolver um clima de amor e de união no lar através da promoção da moralidade da vida em família e o desenvolvimento de um espírito religioso a partir das ações empreendidas pela Igreja Católica e por sua intelectualidade em âmbito nacional.

Em diálogo com Beozzo, apresentamos o contexto histórico que se fazia presente no cenário das famílias brasileiras. Em seu livro *A igreja do Brasil*, traz a construção de um Plano de Emergência da Igreja no início dos anos 1960, no qual o Papa João XXIII elaborou uma carta com novas propostas para o Brasil.

- a) Uma renovação do anúncio do evangélico, da catequese, da pregação, do ensino católico, das missões populares e de cursos de cultura católica;
- b) Uma retomada da vida sacramental;
- c) Reavivamento do apostolado de sacerdotes, religiosos e religiosas e, sobretudo, dos fieis convidados a colaborar com os primeiros e a engrossar as fileiras da Ação Católica;
- d) Redobrado trabalho vocacional, acolhendo ao mesmo tempo a colaboração vinda das outras Igrejas;
- e) Empenho no campo social, pois o Reino de Cristo é também Reino de Justiça, de amor e de paz;
- f) Apelo aos governantes para resolverem os graves problemas e múltiplos problemas de caráter civil, social e econômico e a igreja que se empenhe em anunciar e em por em prática a doutrina social da Igreja, mormente os princípios da *Mater et Magistra*;
- g) Convocação dos fieis para esta tarefa no campo social, evitando dar azo aos inimigos da igreja para causá-la de não se preocupar com as necessidades materiais dos homens. (apud BEOZZO, 1993, p. 39-40).

Na descrição anterior, nos chama a atenção o interesse da Igreja Católica em propagar o evangelho aos menos favorecidos através do ensino católico, utilizando toda sua força religiosa em favor das ações propostas pela igreja. Na sequência, encontramos em Beozzo uma forte “exortação” de João XXIII aos fiéis:

A vós e ao vosso clero, aos religiosos e religiosas, aos católicos que abertamente professam sua fé e estão dispostos a colaborar na instauração do Reino de Deus, compete a gravíssima responsabilidade de apreciar e ilustrar não somente pela palavra,

mas também e sobretudo pelo exemplo, o receita da justiça e do amor fraterno, o qual constitui a alma e a base da doutrina social da Igreja, preceito este que pode satisfazer a angústia e as legítimas aspirações dos povos. (apud BEOZZO, 1993, p. 40).

No plano proposto por João XXIII é aberto um caminho específico para o evangelho no Brasil respeitando as leis morais, espirituais e civis como dever e responsabilidade nas missões populares e culturais desenvolvidas pela igreja. Nas propostas apresentadas no livro de Maria Junqueira Schmidt, foram observadas o desenvolvimento das propostas apresentadas pelo Papa João XXIII em seu projeto educativo, no qual fundamentava a união entre pais e educadores em busca de uma “moralidade para a vida de família” (SCHMIDT, 1963, p. 74).

Preocupada com as questões cívicas, progresso da nação, solidariedade e boa organização do lar, Maria Junqueira Schmidt instituiu um lema para trazer o espírito que movimentava o projeto em torno da educação para a família: “Um por todos, e todos por um” (SCHMIDT, 1963, p. 292), colocava a responsabilidades dos pais como foco para a harmonia e a organização dentro e fora das casas, tendo como base um modelo a ser seguido. Ao educador caberia “se esforçar por atingir alto grau de maturidade, a fim de construir modelo humano, digno de objeto de identificação para os jovens.” (SCHMIDT, 1963, p. 74).

Para que essa base pudesse ser desenvolvida, Schmidt chama atenção para as características que os envolvidos no processo de educação da criança deveriam trazer, destacando a importância da maturidade<sup>87</sup> dos pais no ambiente “familiar” em que alegria, amor, afeto, serenidade, virtude, acolhimento e principalmente valores cristãos levariam a “promoção humana e espiritual” (SCHMIDT, 1963, p. 83). Os conflitos dentro desse ambiente poderiam, segundo a autora, provocar irritabilidade nas crianças, prejudicando-as em seu desenvolvimento dentro de sala de aula. Para reforçar esse diálogo sobre o comportamento infantil, a autora destaca características desse comportamento trazidas por Dreikurs, que segundo ela era “pioneiro” em comportamentos infantis em Chicago.

---

<sup>87</sup> Entendemos por “maturidade” o processo de desenvolvimento em que deva ser respeitada as particularidades especificadas de cada idade, podemos interpretá-la como habilidade adquirida por um intermediador ou um mecanismo.

De Hovre (1945, p. 17) também utilizava “psicologia aplicada educação” e se referia a ela como ciência suprema cuja concepção moderna encontrava seu segredo na pedagogia. Para ele, a psicologia era uma via significativa que responderia a determinadas questões da modernidade ligada à totalidade da atividade humana, visão trabalhada pela Igreja Católica através da criação de um plano de desenvolvimento integral do homem, em que

[...] elementos do pensamento liberal passam a compor a visão de mundo [...]. A valorização do conhecimento racional, técnico-científico, modifica a relação com o sagrado, [...]. A aceitação da psicologia como ciência compatível com a fé leva a valorização da pessoa; a acentuação da subjetividade faz aflorarem, como valores, a liberdade, o respeito aos direitos individuais, e responsabilidade pessoal, a liberdade da consciência. (NUNES, 1986, p. 202-203).

Conectada a esse pensamento, Maria Junqueira Schmidt reforçava a importância dos estudos psicológicos para o entendimento e desenvolvimento do comportamento da criança e do jovem de forma que colaborasse para o desenvolvimento integral. Atrelado às ações educativas modernas, Pierre Furter (1973, p. 31-29) chama de busca por uma nova ordem no mundo o papel atribuído à educação com função “de difundir, corrigir e contribuir para a edificação da ordem”. Para ele, a educação estava atrelada à historicidade, uma ligação com o passado e futuro justificado nas futuras realizações, não como um ponto final, mas um ponto de partida.

Frente a esse pensamento renovador, as implicações educativas impostas pelo período tinham na educação para o futuro um questionamento importante trabalhado por De Hovre em seu livro *Pedagogos y pedagogia del catolicismo* a respeito da formação do homem moderno. O autor questiona a utilidade da formação filosófica na Universidade em sua vida prática, questionando a existência de uma formação que inspire e que por vezes não produza nada, mas que possa construir uma espécie de “tesouro” que possa recompensar os anos de dedicação ao trabalho (DE HOVRE, 1945, p. 272).

A Pedagogia Católica, segundo De Hovre (1945, p. 14), “reconcilia “la escuela y la vida”, “el método y el hombre”. Nesse diálogo entre “escola e a vida”, “método e homem” os católicos demonstravam o verdadeiro espírito que dominava suas concepções, transformando o caráter espiritual do homem para suas aspirações, manifestações e até mesmo personalidade, desenvolvidas em

uma linguagem baseada na moral religiosa. Inspiradores ou educadores vivendo por motivos mais elevados (DE HOVRE, 1945) trabalhavam em uma linha tênue entre a educação moral e intelectual, assim era o trabalho desenvolvido por Maria Junqueira Schmidt nesse livro e pela intelectualidade católica que buscava uma transformação da sociedade brasileira traçada a partir da educação.

Não disciplinamos para a submissão e sim para a docilidade, a liberdade, a autonomia, a auto-suficiência, a autodireção. Por isso mesmo, havemos de instalar, nos ambientes educativos, não um sistema de repressão, mas sim de permissividade. Permitir opção e iniciativa, crítica e avaliação não exclui, nem por sombra, o acatamento à autoridade. [...]  
É que a obediência implica em consentimento e, portanto, não pode ser cega. (SCHMIDT, 1963, p. 115).

A base católica do projeto voltado à educação familiar fundamentava-se na harmonização do lar através do amor, da exaltação das virtudes de cada integrante, pautados em valores cristãos que deveriam ser explorados diariamente, principalmente pelos pais que levariam seus filhos a construir uma formação religiosa com uma base sólida e conseqüentemente colaboraria para a transformação da nação. Dentro desse diálogo, Maria Junqueira Schmidt e outros pensadores católicos inspiravam as famílias a partir de pensamentos educacionais renovadores, utilizando-se da circulação de ideias dentro e fora de seus livros. Para ela, o espírito de família possui um rosto especificamente de mãe.

Mãe sempre desperta! Costurando ou consertando junto à máquina sempre em movimento. Cantando ou rindo aos ritmos infantis. Debruçada sobre as caminhas à noite, na ronda dos beijos e das bênçãos. Velando a cabeceira de seus doentes, desfiando rosários e murmurando preces. É a mãe que reorganiza constantemente o espírito-de-família. (SCHMIDT, 1963, p. 98-99).

Apesar de a autora chamar os pais para se envolverem na educação dos filhos e nas atividades do lar, percebe-se que a atuação feminina tinha um peso superior à masculina. Para Maria Junqueira, a educação transformadora só poderia ser alcançada com o efetivo desenvolvimento do papel feminino aprimorado nas atividades do lar, entendido como próprio do seu papel de educadora. O panorama vivenciado pelas mulheres era de uma crescente busca por uma educação que as libertasse das imposições masculinas de



dominação e por sua independência profissional. As chamadas “tendências separatistas” preocupavam a Igreja, que procurava despertar uma consciência nos pais relacionada ao equilíbrio e pleno desenvolvimento das crianças e jovens. O desenvolvimento dessa consciência estava imposto nas grandes transformações urbanas e industriais, provocando o que Maria Junqueira Schmidt entendia como um afrouxamento nos “laços familiares” (SCHMIDT, 1974, p. 106-107).

[...] professoras primárias e, muito particularmente, os orientadores educacionais – todos se preocupam em despertar a consciência dos pais para a magna significação das relações familiares face ao equilíbrio e ao pleno desenvolvimento da sociedade infantil. A consciência do imperativo da educação dos pais é fenômeno social peculiar ao nosso século. É uma das respostas à crise da família originada pelas transformações da vida presente. *A estrutura da família está sendo alterada.* (SCHMIDT, 1963, p. 106, grifo da autora).

As mudanças sociais, os rearranjos que por vezes desajustavam a ordem estabelecida do modelo de família nuclear burguesa, mas, especialmente, a saída das mulheres para o mercado de trabalho foi colocada como um grande perigo ao lar. Para a autora, a entrada das mulheres no mercado de trabalho representava uma perda para as famílias, pois “sua grande força residiria exatamente na sua presença” (SCHMIDT, 1963, p. 283); aos pais, sua força estaria nas questões morais e psicológicas.

A busca por uma nova organização para a educação através de técnicas modernas utilizou-se da orientação educacional e da psicologia para o desenvolvimento da criança e do jovem. Essas relações ficam expostas em um suposto “problema de ordem social” que deveria ser enfrentado pela igreja.

A reorganização urgente das relações familiares, a ser encarada como dever e função. “*Dever de educar para a vida nessa sociedade católica, para o emprego dos dons recebidos condicionados aos fins últimos do homem. Função de proteção do desenvolvimento, qual implica no conhecimento da natureza dos educandos e dos recursos da psicopedagogia.*” (SCHMIDT, 1963, p. 107-108, grifo da autora).

Assim, o trabalho dos católicos estava condicionado ao dever de educar, não somente na escola, mas na e para a vida, empregando dons alcançados pelo divino; porém, utilizando de recursos educativos modernos como os encontrados na psicologia e na pedagogia.

A preocupação com a educação das famílias não foi algo que se desencadeou nos anos de 1950 e 1960. Diferentes épocas tiveram problemas próprios de seu tempo com os quais a Igreja precisou lidar e, de diferentes modos, ela atuou “sempre” em tirania nessa direção. Assim, vale ressaltar que Maria Junqueira Schmidt apresenta brevemente nesse livro a trajetória do movimento da Escola de Pais do Brasil, o que não foi encontrado em nenhum outro título analisado durante a pesquisa. De modo que ela endossa no livro *Educar para a responsabilidade* seu projeto de educação para as famílias. Destaca autores de grande relevância no meio, como François André Isambert, sucessor de Vêrine, na época presidente da *École des Parents* de Paris, especialista em problemas de família, apontando para a trajetória desse movimento organizado na França e a intencionalidade do movimento que percorria o mundo, incluindo o Brasil. Esse autor, também escreve para a *Coleção Família*, o que reflete a importância desse movimento dentro e fora do Brasil. (SCHMIDT, 1974, p. 111).

Nesse livro, talvez pelo fato da edição analisada ser de 1963 – ano de fundação do movimento –, a autora destaca com muita força suas intenções empreendidas no movimento da EPB, deixando explícitas suas intenções com esse projeto e sua ligação ao pensamento católico renovador. Ainda que essa renovação se dê em bases conservadoras, como a própria estrutura familiar burguesa reconhecida como modelo.

O foco do trabalho de Maria Junqueira Schmidt implicava na fraternidade, em que “o bom relacionamento entre pais e filhos, entre professores e alunos é a melhor motivação do esforço” (SCHMIDT, 1963, p. 137, grifo da autora). Caberia ao educador, seja pai, mãe ou professor a exaltação pelo esforço a partir de “exemplos sugestivos de decisão, verdadeiras apreciações de coragem e de alegria no trabalho” (SCHMIDT, 1963, p. 1398). Assim o trabalho organizado em redes de colaboração consolidava-se a partir dessa reflexão, propondo um relacionamento aproximado entre seus integrantes como garantia de um desenvolvimento respeitoso, valoroso e pela obediência.

Com relação à autodisciplina, a autora conceitua como regulação, rendimento e criação de ordem, as quais não deveriam estar centradas na criança ou no jovem, mas em conceitos estabelecidos pelo adulto. Outro

conceito apresentado pela autora é o da educação da docilidade (SCHMIDT, 1963, p. 124) que compreende uma hierarquia de exigências e a tomada da consciência pelos quais deveriam ser estabelecidos códigos de honra.

Para Maria Junqueira Schmidt, a educação da liberdade (SCHMIDT, 1963, p. 127) só poderia se estabelecer na autoridade, pois a criança somente chegaria a essa liberdade com o auxílio e apoiada pelo adulto em suas limitações que, por sua vez, deveria ser alcançada por meio do diálogo.

Nessa direção, a família para Bourdieu (1996), pode ser entendida como uma construção real da sociedade apoiada em pressupostos cognitivos e normativos aparentemente naturais, destinada a fornecer modelo de todos os *corpos sociais*, pois a categoria do familiar funciona nos *habitus*, um esquema classificatório e um princípio de construção do mundo social muito específico adquirido no próprio seio familiar.

De fato, a família pode ser entendida como produto do trabalho da instituição, ritual e técnico ao mesmo tempo, que visa instituir de maneira duradoura em cada membro da unidade instituída, dando um sentimento adequado para assegurar a integração que é a condição de existência e de persistência da unidade. Caminhando na direção da orientação familiar, os educadores “deveriam cuidar da formação da consciência de seus educandos, treinando na adaptação as situações étnicas, avaliando o progresso moral realizado, estimulando o desejo de aprimoramento do caráter”, para que a partir do “*dever*, toda obrigação provinda das leis morais, espirituais ou civis” (SCHMIDT, 1963, p. 145). Atuando na difusão da pedagogia da progressão e esta, por sua vez, deveria estar ligada à pedagogia da consagração que exigia um caráter mais intenso em sua atuação, objetivando o encorajamento dos jovens com relação aos pobres e ao cumprimento do dever de influenciador social. Maria Junqueira Schmidt destaca as contribuições que via como essenciais aos educadores ao trabalharem com os jovens, despertando o interesse pelo diálogo e suas confidências, levando-os à reflexão, à análise e ao afeto.

Pensando sobre os mecanismos e estruturas que influenciam o indivíduo e o mundo social, dialogamos com Bourdieu que nos convida em seus estudos a pensar sobre esses modos de influência que às vezes não conseguimos detectar a lógica. Para ele, “o espaço social é construído de tal modo que os

agentes ou os grupos são aí distribuídos em função de sua posição”, trazendo o conceito de *habitus* como “princípio gerador e unificador que traduz as características intrínsecas e relacionadas de uma posição em um estilo de vida unívoco, [...] de escolhas, de bens, de práticas” (BOURDIEU, 1996, p. 20). A produção desses sistemas de “proximidade no espaço social” que define uma provável potencialidade funcionava diferentemente em cada sociedade e pode ser percebida na rede de católicos empreendida em torno do projeto de educação para a família ao produzirem encaminhamentos específicos para a propagação de seu pensamento.

O posicionamento no espaço social estabelecido por Maria Junqueira Schmidt no livro *Educar para a responsabilidade* leva a uma tomada de posicionamento de luta e de transformação pretendidos através do projeto de educação das famílias empreendido pela rede de católicos. Ela acreditava na formação do caráter através dos princípios morais e ações religiosas presentes nas decisões dentro e fora da família desde a pequena infância, estruturando hábitos morais sólidos a partir de uma educação religiosa, o que funcionaria como uma “iluminação permanente da consciência”. Entretanto, os ideais religiosos funcionariam como força e padrão para o amadurecimento desse trabalho educativo, no qual “Deus é a inspiração para o progresso” (SCHMIDT, 1963, p. 158-170).

Nessa lógica, o conceito de *valor* trabalhado pela autora como satisfação a uma necessidade mais profunda, “princípios e os ideais que governam o jovem de caráter, seu estilo de vida, bem como sua vida emocional” (SCHMIDT, 1963, p. 202) poderiam variar, de acordo com ela, em valores materiais, religiosos, estéticos, sociais, morais, políticos ou econômicos, o que, por sua vez, são determinados pela predominância do ambiente em que o jovem se insere, levando-o a escolhas positivas ou negativas, significativas e por vezes decisivas na educação do jovem.

Examinem-se, pois, os motivos profundos habituais dos tipos de recreação preferidos; das amizades escolhidas; das reações às contrariedades; das relações com os pais, os irmãos, os professores, os companheiros; do estudo e do serviço prestado. Analisem os meios empregados para chegar aos fins idealizados; a medida do aproveitamento dos dons recebidos; [...] a noção da obrigatoriedade do zelo pelo bem comum. Enumerem-se as obrigações segundo uma hierarquia de valores. (SCHMIDT, 1963, p. 153-154).

Portanto, essas relações que envolveram as produções de Maria Junqueira Schmidt colaboraram para definição de traços e a função da obra articulada a um contexto superior ao de sua escrita. Como observado na frase: “Louvem ou reprovem a boa ou a má qualidade do esforço. Sobretudo, ajudem a AGIR” (SCHMIDT, 1963, p. 211), a autora faz referência às questões que direcionavam o jovem a um sentido responsável para sua vida adulta; porém, encontrou na palavra AGIR destacada em caixa alta e itálico um duplo sentido que lhe abriu espaço para chamar atenção ao nome da editora, reforçando a responsabilidade dos pais e educadores na formação do caráter desses jovens. Dentro desse contexto, o autor e “os exercícios de poder” apresentados por Chartier (1994, p. 37) trazem a autoridade a que o livro se submete, atribuindo seu discurso e a do autor ligado a um objeto ainda maior como encontrado nos livros de Schmidt.

### 3.3 A FAMÍLIA POR DENTRO: UM ROSTO DE MULHER COM FISIONOMIA DE MÃE

“As almas se acendem umas nas outras, como velas”...

Nas horas em que a família se reúne, pensa e se funde, e dialoga com o Criador, o centro espiritual dos jovens é atingido, e ... **para todo o sempre.**

A **família por dentro** deseja oferecer sugestões para esses momentos-fortes criadores da civilização e portadores da felicidade.

(SCHMIDT, 1965, p. 11, grifo da autora)

Ao escrever o livro *A família por dentro*, em 1965, Maria Junqueira Schmidt já havia apresentado outros escritos voltados às questões familiares, como *Educar para a recreação* e *Educar para a responsabilidade*. Com objetivos bem definidos, a *Coleção Família* almejava uma nova configuração

para a família através das chamadas “virtudes”, palavra encontrada em vários textos de sua autoria e que se relacionava aos valores católicos para uma construção civilizadora pautada em uma matriz de fé.

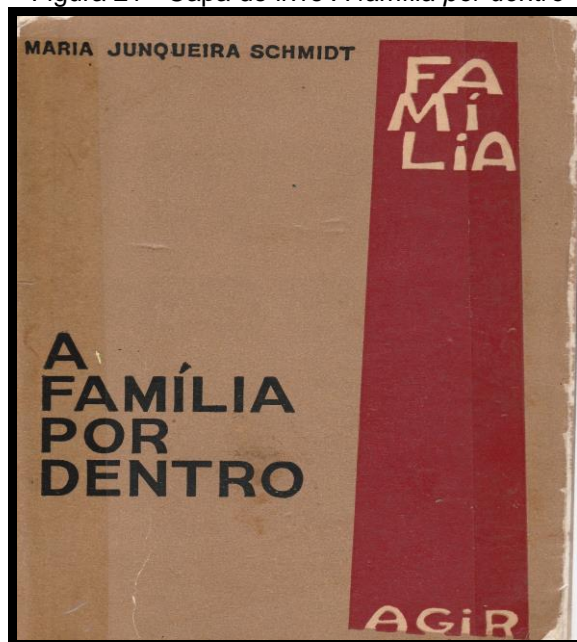
O livro analisado teve sua primeira edição publicada no ano de 1965 e atrelava abordagens “modernas”<sup>88</sup> ao foco humanizador, trazendo para o debate questões modernas vivenciadas na família. Nesse leque de discussões, buscou mecanismos de aceitação e autoridade para as questões femininas, articulado em três eixos: família, escola e religião.

Na capa de 1965 (Fig. 21), elaborada por Helena Gebara de Macedo, não aparece descrita a edição; e a configuração encontrada é bem diferente das apresentadas anteriormente. O título e o nome da autora já não se encontram mais centralizados, agora a Editora Agir trabalha com uma visão mais limpa, utilizando um bege para o fundo com uma faixa em bordô ao lado direito da capa para destacar o nome da coleção, na parte superior, e a editora, na parte inferior, escritos em branco. O título está localizado à esquerda, em caixa alta e negrito. O nome da autora da mesma forma encontra-se mais acima e com letras menores. O livro mede 19 x 12,5 cm, em brochura, totalizando 269 páginas, e quanto ao material, se comparados aos livros já descritos, pode-se dizer que seja de qualidade intermediária.

---

<sup>88</sup> A autora utiliza-se desse conceito em vários momentos do livro, pois seu trabalho busca uma educação diferente do formato que vinha sendo praticada. Esse conceito, quando utilizado por ela, sempre denota um sentido de transformação para a sociedade, em que o estudando possa participar da construção de novas ações.

Figura 21 - Capa do livro *A família por dentro*

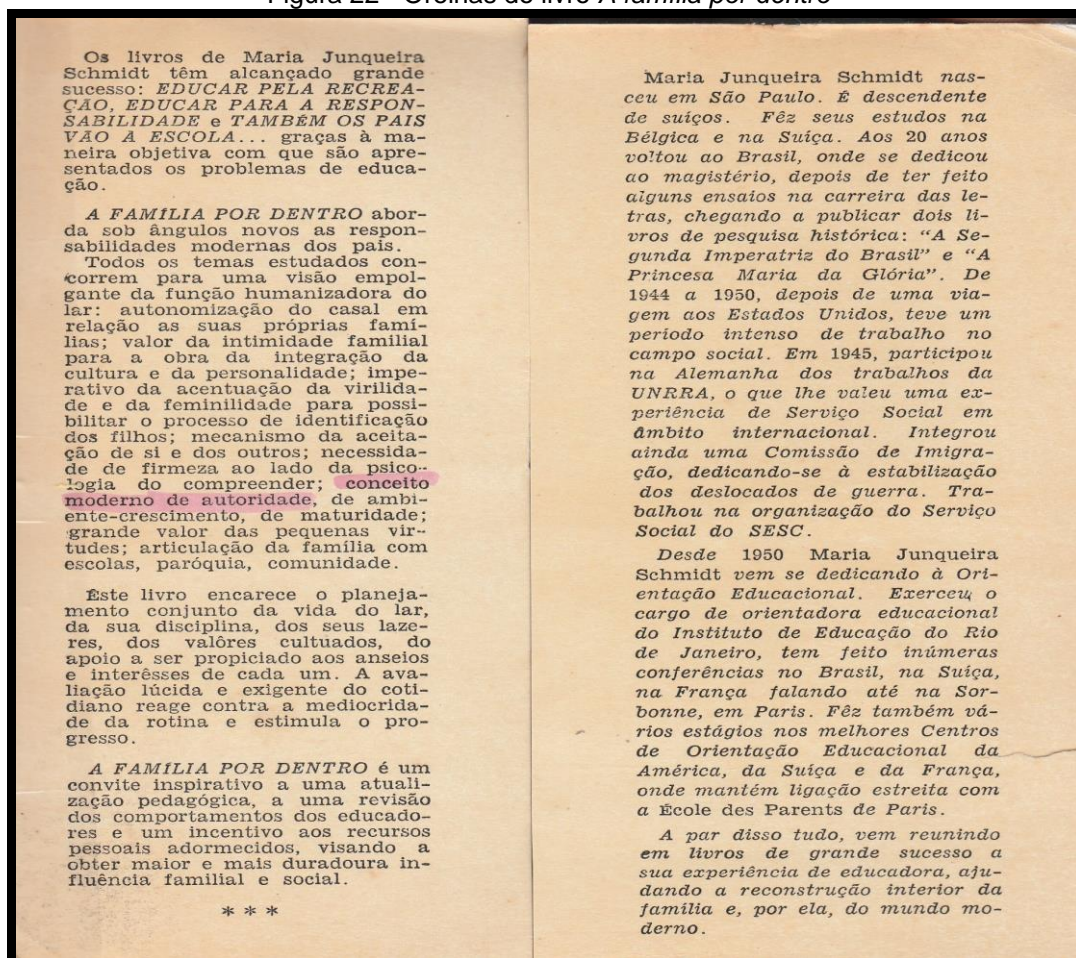


Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (2018).

Do ponto de vista da materialidade, a obra não apresenta diferença das outras, por fazer parte de uma coleção endereçada a um público específico, às famílias. Seus dispositivos oferecem uma articulação a um projeto coeso e articulado, sinalizando para o objetivo da autora e da editora em proporcionar caminhos para modos de agir da família.

Nas orelhas do livro (Fig. 22), a autora é destacada pelo sucesso de seus livros e as experiências fora do país.

Figura 22 - Orelhas do livro *A família por dentro*



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (2018).

Na sequência, o livro *A família por dentro* é descrito a partir da visão moderna e humanizada do lar, chamado de convite para a revisão de comportamentos dos educandos e educadores. São destinadas somente quatro folhas até a chegada ao texto, não diferente das demais obras. A fórmula utilizada pela editora permanece, apresentando outros títulos da autora e, na folha seguinte, a descrição do livro com o título centralizado e o número da coleção (16) que anteriormente fora utilizada para a organização das publicações da *Coleção Família*. O nome da autora logo abaixo, centralizado, o título da obra, a autoria da capa e, mais abaixo, o nome da editora e ano de publicação.

No índice (Fig. 23), assim como nos demais livros, dez capítulos trabalham a função da família e a importância de se desenvolverem pequenas virtudes no ambiente familiar, escolar e para integração religiosa ao comportamento da criança e jovem. Nos subcapítulos, a autora traz funções



específicas a cada sujeito que participava da vida da criança ou do jovem, seja pai, mãe, escola e, até mesmo, a Comunidade de Jovens Cristãos e paróquias.

Figura 23 – Índice do livro *A família por dentro*

I N D I C E		8	MARIA JUNQUEIRA SCHMIDT
A FUNÇÃO HUMANIZADORA DA FAMÍLIA ..		9	
1. COMO ORGANIZAR A INTIMIDADE FAMILIAL ..		12	
a casa paterna em minha vida ..		13	
eu utilizo os valores comunitários do lar		21	
prefiro o diálogo ao duelo ..		26	
minhas relações familiares são criadoras		33	
2. QUANDO A FAMÍLIA SE FUNDE E SE ALARGA ..		38	
o pai exerce autoridade ..		39	
meditação para o Dia do Papai ..		49	
a mãe é força integrativa ..		51	
os filhos são instrumentos de união ..		58	
parentes, empregados, vizinhos são assimilados ..		67	
3. O CLIMA QUE EDUCA ..		72	
a disciplina interior faz crescer ..		73	
a liberdade com responsabilidade autônoma ..		82	
castigos e recompensas podem redimir e estimular ..		91	
4. A GRANDE IMPORTANCIA DAS PEQUENAS VIRTUDES ..		102	
tranquilidade, alegria, urbanidade são sorrisos da vida ..		103	
coragem e lealdade são linhas-força do caráter ..		113	
a alma de pobre conduz à justiça social		125	
5. A CLARINADA DO AMOR ..		134	
a afetividade se mobiliza ..		135	
a informação sexual acalma e equilibra		140	
a continência comanda os instintos ..		157	
6. PREPARO O LAZER PARA O JOVEM OU O JOVEM PARA O LAZER? ..		160	
o lazer tem valiosas funções ..		161	
lazer convenientes desenvolvem ..		166	
lazer perigosos podem desintegrar ..		174	
a higiene mental libera e amadurece ..		178	
7. QUANDO A FAMÍLIA SE DESAGREGA ..		186	
a ronda das corrupções é permanente ..		187	
o ciúme é o arauto negro da divisão ..		194	
a crítica subjetiva é veneno e mata o amor ..		203	
8. FAMÍLIA E ESCOLA ESTENDEM-SE AS MÃOS ..		208	
a escola abre suas portas à família ..		209	
o estudo é prazer antes de ser dever ..		215	
os educandos são observados ..		220	
9. A FAMÍLIA SE INTEGRA NA COMUNIDADE RELIGIOSA ..		224	
a família de Deus assume novas responsabilidades ..		225	
os clubes de paróquia florescem ..		237	
as Comunidades de Jovens Cristãos se espalham ..		240	
10. A FAMÍLIA SERVE A COMUNIDADE SOCIAL ..		246	
os amigos são passarelas para o mundo ..		247	
todos contribuem para o bem-comum ..		255	
a família humana marcha para a paz ..		262	

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Novamente percebemos a relação entre a escola e a família destacada no capítulo oito, intitulado de “Família e escola estendem-se as mãos”. Como apresentado anteriormente, a autora estabelece uma relação aproximada entre a escola e a família, estreitando os laços que seriam confirmados em seu projeto na EPB em busca do que chamou de “bem comum” a partir da família, destacado no último capítulo do livro.

Na bibliografia encontramos referência a treze títulos franceses, oito americanos e quinze livros em português; porém, assim como no livro anterior, somente um dos autores é brasileiro. Nesta bibliografia a autora não faz referência as suas obras, mas já na página seguinte, a *Coleção Família* é apresentada ao público com dezessete títulos, um deles o de Maria Junqueira Schmidt. A coleção é destacada pelo investimento em traduzir métodos

modernos da psicologia, questões familiares e conjugais, educação e casamento.

Na contracapa, encontramos outros destaques que funcionavam como espaço de propaganda para a *Coleção Família* e outras coleções como a *Coleção Nossos Clássicos*. Indicações de leituras como: *Curso para noivas*, *Arte de educar as crianças de hoje*, *Diário de Ana Maria* e *Noções básicas de Serviço Social de casos* são livros que a editora indicava para o público.

Já no título do livro, percebemos a importância que a autora dava à responsabilidade dos pais na educação dos filhos, buscando estar constantemente “por dentro” dos reais interesses para o futuro das crianças e jovens. Os pais tinham grande influência na formação de sua personalidade e nas questões morais por este motivo, as influências maternas e paternas deveriam levar a uma possível “cura” para os problemas que afligiam a sociedade nesse período (divórcio, drogas e sexos), pois somente através da reeducação seria possível influenciar positivamente as crianças e jovens. Em uma pesquisa apresentada pela autora, “A mãe exerce cerca de 60% das influências que vão determinar o comportamento adulto. O pai, cerca de 15%, à escola, cabem apenas 10% e os restantes 15% se distribuem-se pela tevê e rádio, companheiros, cinema, leitura, etc” (SCHMIDT, 1965, p. 9).

Lançando mão de estratégias educativas, Maria Junqueira Schmidt observou o que chamou de processo de reabilitação do homem na sociedade. No sentido mais amplo da palavra, os atores sociais se utilizariam da educação para a construção e a reelaboração de uma nova configuração social, possibilitando transformações no contexto familiar, tendo em vista as dificuldades enfrentadas por uma “anemia espiritual”. A autora viu na educação o que deveria compor a formação global do homem, considerando sua personalidade, interesses profissionais e espiritualidade, sentidos essenciais para uma formação compatível com a construção de um “mundo mais científico e eficiente, materializado e compacto, faminto de pão e saber” (SCHMIDT, 1965, p. 9, 11).

Para enfrentar esse momento de “anemia” encontrado nas famílias, a autora buscou nas características femininas respaldo para a reorganização do lar. Segundo Del Priore (2013, p. 9): “a modernidade parece querer dispensar o casamento e a família de sua função histórica”.

No termo “casa paterna”, as características de uma casa tinham traços femininos essencialmente modernos. Segundo Michelle Perrot (2009, p. 115-116), em seu livro *História da vida privada* (vol. 4), o conceito de casa paterna se aproxima à figura do patriarca que reina como um Deus. A representação dessa casa mescla a tirania com a doçura, figura que vem acompanhada de uma visão de virilidade e honra.

Dentro das responsabilidades dessa casa, a presença física da mulher era essencial pois esta “era acima de tudo um rosto de mulher, com a fisionomia da mãe” (SCHMIDT, 1965, p. 13). Nela, a participação dos filhos na efetivação de suas responsabilidades e na organização doméstica seria tanto para meninas como para os meninos.

Os pequenos é que faziam a limpeza do banheiro, de avental e sapatinhos de plástico. [...]. Lavar e enxugar a louça tinha a cooperação até do menininho de cinco anos!  
O menino desperta para o sentido de ordem e limpeza, habituando-se a tudo recolocar nos seus lugares, varrendo e usando a pазinha [...]. (SCHMIDT, 1965, p. 16).

A autora atribuía a essa atividade a produção de um senso de responsabilidade desde a primeira infância, o que, segundo ela, poderia colaborar para influenciar a vida adulta através da construção desse sentimento desde muito cedo. Outro destaque importante de Schmidt era a existência de um local onde a família realizasse diariamente suas devoções, esse era ponto imprescindível na educação dos pequeninos, a fé era componente indispensável na educação dos filhos, pois traria a segurança necessária para suprir as inseguranças e amarguras da infância, aproximando a criança do sobrenatural através do fervor das orações.

A construção “familiar”<sup>89</sup> para Maria Junqueira Schmidt deveria se pautar em um espírito de amor, carinho e diálogo entre seus membros, distinto entre os papéis de homem e mulher; porém, unidos nas manifestações de carinho que deveriam ser exploradas nesse ambiente. Para a autora, a mulher deveria estar constantemente exercendo seu papel de dedicação ao seu lar através de atitudes meigas e de inteligência para superar as dificuldades trazidas no relacionamento do casal.

---

<sup>89</sup> Encontramos a utilização desse termo nas páginas p. 16,18, 21, 24 e 41 desse mesmo livro.

Que mulher inteligente aquela que supera sua repugnância pelos colarinhos sujos e pelas maneiras vulgares do marido! A mentalidade positiva centra toda sua atenção nas qualidades – a bondade, a capacidade de devotamento, o desejo de acertar. [...].

A ideia de complementariedade deve estar sempre presente. A força de um suporta a fraqueza de outro. A meiguice da mulher corrige a decisão rija do homem. A intuição de um ajuda o raciocínio de outro. [...].

A bela fraqueza e a coragem de uma lealdade translúcida vacinam contra a desintegração. (SCHMIDT, 1965, p. 18-19).

Maria Junqueira demonstra clara diferenciação entre os sexos a partir da efetivação de seus papéis no contexto familiar, atribuindo “códigos de condutas” específicos para homens e mulheres para a preservação da “ordem familiar” (SCHMIDT, 1965, p. 19-20). À mulher o papel de integradora e cumpridora das atividades domésticas que deveriam interligar esses personagens através de uma convivência harmoniosa, focada no coletivo. Em vários momentos, Schmidt faz referências aos conflitos, desajustes e novos hábitos e horários que movimentavam a família e, por vezes, causavam dificuldades nessa convivência. A abertura do mercado de trabalho para as mulheres causou o que a autora chamou de “casa deserta” (SCHMIDT, 1965, p. 24), acentuando os problemas nesse ambiente, pois sua presença em casa era fracionada com outras atividades.

Segundo Pinsky (2014, p. 47), as mudanças operadas durante os quinze anos que se seguiram ao término da Segunda Guerra Mundial e as manifestações em torno da emancipação feminina afetaram as relações de gênero. Entretanto, sabemos que essa convivência nem sempre foi harmoniosa, posto que carregava preceitos tradicionais conjuntamente aos valores modernos que tinham suas normas fundamentadas no patriarcalismo. Assim os conflitos eram evidentes quando a economia impunha uma mudança significativa ao papel de feminino, de mãe e esposa dedicada às atividades domésticas, porque aumentava sua carga de trabalho dentro e fora de casa.

Esse modelo familiar imposto pelo colonizador europeu intensificou normas e preceitos cristãos que atribuíram à família um papel de reguladora da sociedade através do casamento, da educação e da sexualidade<sup>90</sup>. Dentro

---

<sup>90</sup> Termo utilizado por Mary Del Priore (2013, p. 11) designa as influências da burguesia europeia que impunha novas demandas à família, a partir desse modelo, preceitos cristãos católicos pautavam a “família ideal” construída tão somente de pai, mãe e filho(s).

dessa idealização de família, a mulher era possuidora de um papel indispensável.

[...] fazer o trabalho de base para todo o edifício familiar – educar os filhos segundo os preceitos cristãos, ensinar-lhes as primeiras letras e atividades, cuidar do sustento e da saúde física e espiritual deles, obedecer a ajuda do marido. Ser, enfim, a “santa mãezinha”. Se não a fizesse, seria confundida com um “diabo doméstico”. Afinal, sermões difundiam a ideia de que a mulher podia ser perigosa [...] (DEL PRIORE, 2013, p. 12).

Na época da publicação do livro, via-se também nos jovens certa “autonomia em relação ao mundo adulto”, provocada pela expansão da educação em âmbito nacional. Essas mudanças os colocavam frente a um mercado consumidor que crescia, possibilitando um *status* social e um possível declínio relativo ao poder paterno (PINSKY, 2014, p. 149-150), pautado em valores católicos que direcionavam os jovens para uma vida adulta responsável.

Em busca de uma ordem e um amadurecimento do comportamento dos jovens, Maria Junqueira Schmidt trabalhava ações católicas para formação de uma “consciência iluminada” (SCHMIDT, 1965, p. 34). Sabendo que todo esse processo fazia parte do “engajamento de católicos na busca da reconstrução da cristandade do Brasil no âmbito da educação” (ORLANDO, 2013a, p. 91), em um momento em que conceitos “modernos” penetravam na sociedade, valores morais cristãos eram trabalhados pela igreja e também pela escola para a formação da consciência civil religiosa. No entanto, para Schmidt, a relação educativa familiar pautava-se em um perfil próprio da realidade em que o educador se desprendia de qualidades essenciais e potencializava uma verdade no trabalho com o jovem e a família, fascinando e inspirando confiança. Além, é claro, de disseminar o amor e a fé através do potencial educativo desse profissional.

Para transformar o coletivo da família, técnicas para superar as dificuldades diante das “personalidades imperfeitas” (SCHMIDT, 1965, p. 41) dos filhos eram trabalhadas para transformação do coletivo familiar a partir de ações ligadas à fé. O filho era tido como “criatura divina e guardiões de um depósito sagrado” (SCHMIDT, 1965, p. 37), por isso, durante a escrita de Maria Junqueira, as adaptações bíblicas aparecem para ilustrar seu texto; e, em

outros momentos, traz uma entonação religiosa quase que como um “falar divino” para a família.

Congregados em torno do pão e do vinho os homens voltarão a ser irmãos. [...]. A consciência mais iluminada vai julgar as situações. [...]. “Não cai um fio de cabelo da nossa cabeça sem sua licença”... “Ele manda o sol e a chuva para os bons pecadores”. (SCHMIDT, 1965, p. 23, 34, 43).

Para ela, a educação moral previa ensinar conteúdos que dependessem de conhecimento de lógica, inclinação para a realização do bem através dos sentimentos relacionados à fé, tendo como objetivo,

[...] elaborar o sentimento da dignidade humana do dever da responsabilidade pessoal e social. Seu fundamento é o anseio de perfeição. Seu apoio, a noção do bem e do mal adquirida [sic] desde cedo. A moralidade e a vivência religiosa encontram respostas na alma infantil, como uma boa semente em terra virgem. (SCHMIDT, 1965, p. 44).

Frente aos aspectos de mudanças encontradas nas famílias brasileiras nos anos 1960, Maria Junqueira aborda os “problemas de subpaternidade e submaternidade” (SCHMIDT, 1965, p. 45), como que relacionados aos excessos adquiridos na profissão e em atividades cívicas na qual a família estava inserida. Os problemas relacionados à submaternidade estavam relacionados à questão de ascensão “social e intelectual” alcançado pela mulher em lutas por direitos e igualdade entre os sexos. Cabe destacar o perfil feminino trazido pela autora em que o contexto histórico de ascensão e mudanças no cotidiano familiar podem ser observado na descrição feita por ela:

A mulher vem, com efeito, realizando rápida promoção social e intelectual. Infelizmente, está sacrificando a pessoa feminina à pessoa humana. Ainda não conseguiu fazer uma síntese dos dois aspectos de sua personalidade. De tudo decide. Recusa inconscientemente o gesto de proteção tão peculiar ao homem. E com isso se sente só. (SCHMIDT, 1965, p. 45).

A conquista do trabalho fora de casa abriu espaço para encaminhamentos modernos; porém, muitas mulheres encontravam restrições à sua saída, o que poderia causar uma possível “desordem social”. Impactos “infelizes” desse movimento na criação e educação dos filhos são

apresentados no conceito de “submaternidade”, o qual coloca a responsabilidade do “reequilíbrio do lar moderno” na figura masculina, a partir da figura de

[...] “chefe-da-família”, apresentando-se como uma figura acolhedora e amigável, tendo como principal missão, “além da firmeza, a missão da responsabilidade arrojada e dom de ser generoso, pois a geração de moças clama e suspira por exemplos de grandeza” (SCHMIDT, 1965, p. 46-47).

Exemplos de grandeza seriam necessários para que o pai exercesse sua função paterna com a excelência que a visão católica atribuía ao homem e ao reequilíbrio necessário para uma formação total que seu papel responsável lhe cabia. No Brasil, o incentivo a essa formação ocorreu com o processo de evangelização e aprofundamento da fé em prol da revitalização da Igreja Católica organizada em diferentes frentes, em particular, depois do Concílio Vaticano II.

Padre Raimundo Caramuru de Barros, em seu livro *Brasil uma igreja em renovação*, mostra que a Ação Católica Brasileira era organizada em quatro etapas: na primeira, percorria o período de 1935 a 1945; na segunda, de 1946 a 1950; na terceira, de 1950 a 1960; e, na quarta etapa, o início dos anos 1960. O período de análise desse estudo compreende o quarto período do movimento, o que, segundo ele, “surgiu como fruto do período do desenvolvimento da Ação Católica Especializadora” (1967, p. 21), em que os militantes católicos se conscientizaram de suas responsabilidades na evangelização e buscaram uma nova construção de mundo e formações ideológicas através do método ver-julgar-agir.

Dentro dessa visão, os fatores positivos dessas ações levariam à realização de objetivos divinos que, segundo Padre Barros (1967, p. 37), responderiam a três princípios básicos como inspiração dessa visão católica: “Levar todos os homens a uma sempre mais plena comunhão de vida com o Pai e entre si, por Jesus Cristo, no dom do Espírito Santo, pela mediação visível da Igreja” .

Apoiados em estratégias políticas da própria Igreja, intelectuais e leigos ganhavam espaço no interior do campo religioso, envolvidos em um projeto de construção de nação fundamentado na família. Inserida nesse movimento

como participante efetiva, Maria Junqueira utilizava seu conhecimento pedagógico adquirido fora do país para colaborar com a rede de intelectuais católicos, disseminando o que podemos chamar de projeto de restauração católica. Esse processo buscava reordenar o catolicismo no país com estratégias enviadas de Roma, com tendências “liberais, positivistas e sociais em avanço” (CASALI, 1995, p. 119), ampliava sua ação social através do espírito religioso e nacionalista.

Dentro do projeto de educação para a família, Schmidt (1965, p. 49) abria discussões em torno do papel dos pais, dando sinais de que “a fraqueza alheia” existia, porém, deveria ser melhor conduzida pelos homens.

O pai mole confessa “Não digo **não** a ninguém e muito menos ao meu filho”.

O pai-educador responde: “Quero que meu filho continue por si o trabalho duro mas confortador de aperfeiçoamento iniciado sob as minhas vistas. Entendo que é dessarte que farei um homem livre. Cada noite, ao abençoá-lo, após as longas conversas íntimas, as histórias que lhe conto, os sonhos de futuro que juntos arquitetamos, lanço-o nas asas de um grande ideal. Ao depois, consagro a Deus minha tarefa entregando humildemente ao Criador as criaturinhas que me foram confiadas para que alcancem a glória eterna.

Para exercer o amor-proteção é preciso não se considerar o centro do universo, não é verdade? Os perfeitos e infalíveis não compreendem as fraquezas alheias. [...]. Como é que você engrandece sua mulher e lhe dá a garantia da proteção que ela procura? (SCHMIDT, 1965, p. 48-49, grifo da autora).

Sequencialmente Schmidt coloca a mulher no papel de intercessora e de integradora familiar, se colocando no casamento como parte mais frágil e não demonstrando rivalidade com seu esposo. Em contrapartida, encontrando no homem sua aspiração alcançada através das atividades de engajamento doméstico. O despertar de seu esposo para atividades de responsabilidade do lar seria uma consequência de sua postura de integradora familiar. Alguns exemplos ligados ao perfil feminino foram destacados pela autora e para cada um deles as características estavam ligadas ao seu papel dentro da família: mulher integrativa ou mãe integrativa, mães excessivas, mulher desajustada, mulher doente, mulher fixada, mulher criança, mulher ausente e mulher instável. “A mãe integrativa opera mais no plano da afetividade. É uma permanente de ternura. Seus braços sempre abertos para acolher e consolar,



seu sorriso embevecido de servir seus entes queridos garantem a incondicionalidade do afeto” (SCHMIDT, 1965, p. 55-56).

Alguns desses perfis são evidenciados na função materna por sua feminilidade, docilidade, entre outras essências fundamentais a esse papel. No perfil da mulher ou “mãe integrativa”, a beleza e a solidariedade estavam ligados ao papel de aglutinadora (SCHMIDT, 1965, p. 51) com uma conduta afetiva de compreensão e integração dentro do grupo familiar através do “silêncio ativo” (SCHMIDT, 1965, p. 53) a serviço do bem comum.

Vários outros papéis de mãe são estabelecidos: o de “mãe-providência”, em que se estabelece o cuidado e a eficiência como característica de sua personalidade, porém, para Maria Junqueira Schmidt, esse perfil de mãe tem a facilidade de perder o foco da visão do grupo, os excessos causam dependência afetiva nos filhos e recusam confiança. Outra característica é a da “mulher desajustada”, que, de acordo com ela, não aproxima seus integrantes, mas, “tiraniza a família pela superproteção” (SCHMIDT, 1965, p. 53) trazendo para si condutas consideradas, por vezes, masculinas. A “mulher doente” se mostra debilitada em suas crenças religiosas, insegura de suas funções e sentimentos, trazendo o nervosismo e o mau humor como forma de compensação de suas frustrações. A “mulher fixada” mostra dificuldade para comunicar-se com seu esposo, pois está fixada no pai e na mãe, não completando seu relacionamento afetivo com o esposo, mas sim, com os filhos. A futilidade faz parte do perfil da “mulher criança”, cujas atividades no lar se tornam irresponsabilidades. Para as mulheres que trabalham, as características apresentada por Schmidt se caracterizam pela ausência e hábitos de independência. Para ela, o “abandono faz regredir” (SCHMIDT, 1965, p. 54), e pode se dar ainda estando dentro casa.

Ainda que Maria Junqueira não desaprovasse as atividades femininas fora de casa, encontramos anteriormente, suas atividades em defesa da mulher, tendo seu nome atrelado ao Conselho Nacional de Mulheres no Brasil - CNMB como destaque entre as dez mulheres mais influentes no Brasil no campo social, econômico e político, como consta no Diário de Notícias (RJ), de 1967. Também percebemos em sua escrita, uma tendência à valorização das atividades femininas voltadas a doação e cuidado do lar, fortemente marcadas por uma conduta materna específica. Tal problemática foi abordada por Pinsky,

que chamava a atenção para os rebatimentos dessa compreensão. Segundo a autora,

Ainda que seja socialmente aprovado, o trabalho da mulher continua sendo um caminho hierarquicamente inferior ao do casamento. Se carreira e marido não combinam e se não é moralmente admitido a qualquer outro tipo de relacionamento afetivo que não objetive o casamento, [...]. O espaço doméstico cabe à mulher por definição, e a desvalorização do trabalho e da participação política como forma de autorrealização colabora para manter a mulher em casa, sem questionamentos. (PINSKY, 2014, p. 183).

Portanto, Schmidt, a partir de sua própria trajetória em que se observa o fato de não ter se casado, não ter sido mãe e de ter tido grande destaque na vida pública, transitava entre as conquistas de independência e a defesa da centralidade das atividades domésticas. Segundo afirmava, a posição a ser reconhecida nessa figura era politicamente espiritualizada, conduzida por hábitos de ternura e amor para atingir a sonhada organização familiar pautada na fé católica. Em contrapartida, todos os conflitos familiares seriam superados a partir da prudência feminina prevista em um perfil integrativo, “onde sua simples presença determina a clarificação nas almas e faz vir à tona o melhor de cada um. Se ela possui filosofia de vida e vive intensamente seus princípios, ela opera unidade. Se dá um passo à frente todos progridem” (SCHMIDT, 1965, p. 56).

Diante dos padrões dominantes de família nuclear composta pelo casal e filhos (PINSKY, 2014, p. 211), que vigoravam na família nesse período, era imposto à figura materna sustentar um clima de tranquilidade e progresso. A chegada dos filhos representava um alargamento familiar atribuído a uma visão da imagem de Deus a partir da chegada dos bebês. Para Maria Junqueira, as influências materna e paterna na vida da criança mudariam seu comportamento, por esse motivo, a afetividade, palavras de aprovação e bons hábitos colaborariam para a construção de um ambiente harmonioso, longe da hostilidade. Porém, quando o conflito aparecia não era ele o problema principal, mas, sim, a condução dos pais para uma solução “pessoalmente, moralmente e socialmente aceitável” (SCHMIDT, 1965, p. 64).

A família era entendida como uma importante ferramenta de controle social, a serviço da Igreja e também do Estado. A manutenção de sua ordem

era rebatida na manutenção da própria ordem social estabelecida por essas instituições.

A família, átomo da sociedade civil, é a responsável pelo gerenciamento dos “interesses privados”, cujo bom andamento é fundamental para o vigor dos Estados e o progresso da humanidade. Cabe-lhe um sem-número de funções. Elemento essencial da produção, ela assegura o funcionamento econômico e a transmissão dos patrimônios. Como célula reprodutora, ela produz as crianças e proporciona-lhes uma primeira forma de socialização. [...] É a criadora da cidadania e da civilidade. A “boa família” é o fundamento do Estado e principalmente para os republicanos, [...]. (PERROT, 2009, p. 91).

O interesse do Estado na efetivação de uma reeducação familiar pode ser entendido na visão apresentada por Michelle Perrot, pois são projetos que se complementam e por vezes se confundem, trabalham dentro de valores simbólicos para que seja alcançada uma “consciência nacional”.

Para ela, a família pode ser entendida como uma “rede de pessoas e conjuntos de bens” que carregam uma herança genética com leis e costumes próprios. (PERROT, 2009, p. 91). A visão burguesa de lar apresentada por Maria Junqueira é percebida nos discursos ligados à organização doméstica, ponto de parada para discutir o aumento de integrantes na esfera doméstica. Para a autora, os avós e outros membros tornam-se participantes na educação dos filhos e colaboram para um amadurecimento na relação de pais e filhos desenvolvendo o “espírito de grupo e a tolerância”.

Segundo Perrot (2009, p. 156-158), a função dos avós chega de uma maneira pontual, não lhe cabendo nenhuma função educativa a não ser de subestimar seu papel afetivo na transmissão dos saberes e tradições, uma visão encontrada nos meios mais populares de migração, servindo em alguns casos de tutores. Essa colaboração não vem somente dos parentes, mas também dos empregados; em especial, das babás, que desempenhavam papel complementar na tranquilidade do lar e na educação das crianças.

A quantidade e a qualidade da criadagem dependem da posição social e do nível de vida, sendo ao mesmo tempo seu símbolo mais visível; “ter uma criada” marca a ascensão a uma casta superior: a das pessoas *servidas*, que podem consagrar o tempo livre de suas mulheres é representação da ostentação do luxo. (PERROT, 2009, p. 163).

O retrato da família burguesa trazida nesse livro está fortemente marcado na escrita da autora quando fala da necessidade de valorização e capacitação dos funcionários que participavam da educação das crianças no ambiente doméstico. Para ela, caberia aos patrões “cuidarem da saúde e do bem estar de seus funcionários procurando promover seu nível de cultura” (SCHMIDT, 1965, p. 70), o que reforça a fala de Perrot em relação ao posicionamento dessa camada social.

Por outro lado, com relação às exigências trabalhistas que desde 1943 estavam vigorando no Brasil com a CLT, essa não era uma realidade para a maioria das famílias brasileiras. A proposta de valorização cultural dos funcionários, denota um público muito específico para o qual Maria Junqueira Schmidt se dirigia. Não somente o fato de se ter empregados trabalhando em casa trazia um perfil econômico de destaque, mas o posicionamento do empregador para com seu empregado também refletia um perfil elitizado.

As mulheres, agora, administram a casa, o grande número de empregados e a família igualmente numerosa, fruto de crenças católicas e, ainda mais, das estratégias matrimoniais do setor têxtil do Norte. Elas constroem uma moral doméstica cujos principais eixos foram apontados por Bonnie Smith: a fé contra a razão, a caridade contra o capitalismo, a reprodução como autojustificação. (PERROT, 2009, p. 129).

Na citação de Perrot (2009) o perfil da família burguesa brasileira é o mesmo perfil encontrado na França, porém, modelo que exalava modernidade. No modo de vida popular encontrado na maioria das famílias, não tinha qualquer estrutura educacional para seus filhos, muito menos contavam com o auxílio de babás ou empregadas domésticas. Entretanto, novos valores chegavam à sociedade brasileira, abalando de certa forma os valores católicos tradicionais compartilhados em grande parte pelas famílias. No discurso de Maria Junqueira Schmidt, os excessos de estímulos, a falta de limites dos pais perante os filhos e a disciplina ligada à aprendizagem, ponto a ser valorizado e que se diferencia dos demais, eram discursos que seriam propulsores para uma educação transformadora da família frente aos desafios da modernidade.

Nessa lógica, a ligação da disciplina aos preceitos cristãos estava presente no discurso encontrado no livro de Maria Junqueira Schmidt, preceitos religiosos que funcionariam como reguladores e que levariam ao

amadurecimento através de limitações impostas pelos pais; enquanto a disciplina interior deveria levar a criança a uma educação idealizada pela bíblia, segundo a imagem e a semelhança de Deus. Funcionaria como mecanismo de construção e reformulação do pensamento entendido como “princípios morais, doutrinas morais, vida moral” (DE HOVRE, 1969, p. 87) que estão presentes em uma comunidade permeada por conceitos como: amor ao próximo, filantropia, entre outros.

Essa crescente aceleração do processo de mudança da família desencadeou um investimento em uma educação religiosa específica, principalmente para a classe média, segmento que vivia mais fortemente os referidos impactos. Para Schmidt, os pais estavam fugindo da “missão” de servir os filhos através de seus ensinamentos cristãos e generosidades, estavam sempre nervosos e cansados. Nessa direção, os pais e educadores deveriam a partir da educação um encaminhamento menos invasivo para manter a moral e os bons costumes da época, a rigidez não aparecia como um controle para o jovem, mas, sim, conversas que levassem a discernir o certo e errado. Esse período de ascensão vivenciado pela classe média no Brasil trouxe mudanças na vida dos jovens que agora eram mais valorizados e encontravam maior independência em alguns espaços, até mesmo para o consumo (PINSKY, 2014, p. 143).

As discussões de grupos intelectuais que defendiam uma educação mais esclarecida, com instrução e debates em defesa de uma educação sexual para os jovens, eram comumente encontrados nesse período e Maria Junqueira Schmidt era uma dessas intelectuais que assumiu esse papel na sociedade, colaborando com palestras e entrevistas voltadas ao tema “sexualidade” (Diário de Notícias, 1966, [s/p]).

Mesmo com uma mudança no perfil do jovem brasileiro, Schmidt busca, a partir de estudos realizados na Europa, traçar um perfil ideal para conduta dos pais perante a educação dos filhos. Segundo pesquisa, os jovens acreditavam que os “pais que não chamavam a atenção de seus filhos eram considerados moles, não gostavam deles, ou não queriam se incomodar e também ajudar” (SCHMIDT, 1965, p. 92). Para a autora, os pais brasileiros eram considerados maleáveis com seus filhos, o que não colaborava para uma condução educativa firme, podendo causar sérios danos à educação das

crianças. Em contrapartida, a afetividade e os abraços demonstrados nos cumprimentos eram considerados por ela como “criação divina” (SCHMIDT, 1965, p. 109) e traziam a cordialidade da população brasileira.

A constância em acrescentar em sua escrita os modelos estrangeiros de pesquisas, encaminhamentos e as citações de autores de renome demonstram a efetividade da circulação internacional de Maria Junqueira para sua capacitação profissional. Mostra, ainda o uso que ela fazia dessas viagens instrumento de legitimação e distinção no campo intelectual e educacional pela fala com propriedade, estratégia que lhe garantiu lugar de referência nas temáticas exploradas. Em descrições apresentadas a exemplo de “castigos eficazes” trabalhado pelo educador suíço, Carl Rogers, coloca que “o castigo só poderá ser construtivo na medida em que provar a incondicionalidade do amor” (SCHMIDT, 1965, p. 96 e 98). Mesmo acreditando na eficácia do castigo, Schmidt assume a importância dos estímulos e encorajamento como mecanismos eficazes na educação das crianças, de forma que o processo de compreensão das falhas deva partir dos pais para que consigam compreender os profundos motivos que os levaram a essa atitude.

Na sequência, a autora trabalha com os conceitos de liberdade e liberdades. Para ela, a liberdade é o querer a partir do que pode ser feito e só pode ser adquirida através da autonomia intelectual, moral e afetiva (SCHMIDT, 1965). A autonomia estaria atrelada ao equilíbrio emocional, estabilizando fatores fisiológicos, psíquicos e sociais que trariam adaptação para o enfrentamento dos problemas a partir de seu autocontrole, o que demonstrava uma aceleração no comportamento familiar tornando-se mais íntimo e cordial. Para ela, a confiança no jovem se mostrava como uma conduta essencial para alcançar a sua segurança, somente através da consciência moral, poderia se cumprir as exigências necessárias para atingir o que ela chama de disposição moral (SCHMIDT, 1965) própria para alcançar uma educação de qualidade. O “castigo, recompensava surras e pitos”<sup>91</sup> (SCHMIDT, 1965, p. 92) que colaboravam para dar sentido à educação, funcionando como mecanismo psicológico no lugar dos castigos físicos.

---

<sup>91</sup> Diante do conceito de Spencer trabalhados por De Hovre, no campo da educação moral, o castigo encontra eficácia quando imposto pelos pais, colocado como consequência natural de atos, em que pais e educadores colocam-se como “servidores e discípulos da natureza” (DE HOVRE, 1969, p. 22-23) e colaboram para um trabalho educativo eficaz.

A constância na sanção evita castigos. [...]. O castigo justo é interpretado como prova de amor e o regime de impunidade como prova de indiferença e fraqueza. [...]. O castigo há de se relacionar com o erro para ensinar que os prejuízos causados devem ser pagos. (SCHMIDT, 1965, p. 95)

É a partir da filosofia cristã que a moralização social e as relações dentro da família puderam alterar o discurso nas grandes cidades em busca de uma educação de qualidade. Especialistas voltaram seu conhecimento para essa linha e construíram ações educativas como as apresentadas por Maria Junqueira, colaborando para a construção de “pequenas virtudes” na vida da criança e do jovem. Virtudes como “delicadeza e a meiguice, a alegria e a docilidade, ordem e a limpeza, a coragem e o gosto do trabalho, a franqueza e a generosidade, a flexibilidade e o respeito ao outro” (SCHMIDT, 1965, p. 102), cada uma delas colaborava para a formação de um caráter consciente de seus deveres, buscando o amadurecimento natural. Todas essas virtudes desencadeariam um equilíbrio da alma que traria a segurança necessária para o jovem superar as dificuldades enfrentadas pela idade. Em contrapartida, a autora destaca a falta dessas virtudes com a chamada “carência de alegria”, que desembocaria na “desordem sexual”; a qual podendo ser “aberta”, quando é conhecida pela sociedade, e “fechada”, quando acontece em oculto. Porém, as duas mostram-se como uma derrota moral que deve ser superada com o domínio do próprio corpo e da própria natureza, o que poderia levar o homem à fraqueza.

A busca desenfreada do prazer tem o gosto do vazio e do nada. Só o domínio de si e a obediência leal aos mandamentos divinos abrem aos homens esse reino, sempre novo e inexplorado – como o próprio Deus – que se chama **alegria**. Temos de optar. A própria natureza se encarrega de nos mostrar onde se encontra nossa verdadeira finalidade. (SCHMIDT, 1965, p. 109).

Para a autora, a superação dessa desordem somente poderia se dar com a “alegria”, determinando a presença do “próprio Deus” na vida do homem. Esse sacrifício exigido pelo exercício de fé impunha outras aproximações dentro do processo. As palavras confiança e confidência, com raiz na fé e no agir com fé (SCHMIDT, 1965), reforçavam um exercício de escuta sem se

utilizar da censura por parte dos pais, posto que haveria um clima de confiança estabelecido no interior da família.

Além da moralidade trabalhada nesse capítulo, as frases como: “Meu pai prega bondade, mas paga mal seus empregados”; “Minha mãe prega a pontualidade, mas mata aulas sem razão e mente para a diretora de sua escola dizendo que está doente”; “Meu pai diz que come tudo, mas proibiu à [sic] cozinheira de comprar aquilo que ele não gosta...” (SCHMIDT, 1965, p. 120). Não podemos afirmar que essas frases são realmente proferidas por filhos ou se simplesmente são construções elaboradas pela autora, mas, o que se percebeu foi a incoerência no que se falava e nas atitudes dos pais dentro e fora de casa que deveriam servir como exemplos para uma boa educação.

O retrato da educação buscada pela mulher também pode ser destacado na frase anterior, assim como os enfrentamentos desses distanciamentos a partir da educação. Contexto em que a educação deveria caminhar para um perfil transformador do ser humano e da plenitude das ações, a educação aparecia como caminho para a excelência da sociedade moderna, base para a superação e a construção de uma nação mais justa e igualitária.

Pinsky (2014) nos diz que os tabus direcionados ao tema “sexualidade” percorreram os anos que antecederam os anos 1960. Somente nos anos finais dos anos de 1950 para os 1960, é que certos religiosos passaram a trabalhar esse tema em defesa de uma “base moral”<sup>92</sup>. Diante da defesa desses preceitos, muitos livros surgem como ferramentas de instrução para pais e educadores com “uma postura mais aberta à ideia da informação sexual” (2014, p. 128). Para a autora, essa abertura aconteceu

Por uma questão de saúde e para se evitar a falência da vida conjugal ou a ocorrência de um “traumatismo moral” em razão de um “susto e decepções”. Não se fala em satisfação sexual e sim em “missão” a ser cumprida, em realidade a ser enfrentada. (PINSKY, 2014, p. 130).

Outro caminho de discussão para o público jovem é em relação às suas condutas, à sensação de maior liberdade e de valorização dentro dos espaços

---

<sup>92</sup> Todavia é importante destacar que anteriormente a essa data descrita pela autora, alguns padres já tinham enveredado pelo assunto, como, por exemplo, o padre Álvaro Negromonte, que escreveu livros endereçados às famílias e à orientação conjugal, na década de 1950, e *A Educação sexual* em 1939.



de convivência e os investimentos na educação dos filhos abrem espaço para a necessidade de se trabalhar condutas disciplinares e certos controles sobre o que o jovem lê, consome e até mesmo assiste no cinema, pois, passaram a ser vistos como um importante público consumidor nesse período.

Observando essa tendência, Maria Junqueira Schmidt chama a atenção para algumas questões de vulnerabilidade. Para ela, a questão da corrupção poderia atingir o “jovem desorientado” (SCHMIDT, 1965, p. 123) diante de sua crise de “consciência” ou frente ao desinteresse das famílias e da sociedade, o que poderia levá-lo a entrar por caminhos de infrações em busca de um *status* social.

Pinsky (2014, p. 150) relata que esse status poderia levar à perda ou à diminuição da autoridade paterna, pois causaria no jovem uma sensação de poder frente a sua ascensão econômica. A crescente industrialização acabou por afetar a conduta do jovem e colaborar para que essa transformação modificasse seu comportamento, assim como a atuação dos “pais dotados de firmeza de caráter” (SCHMIDT, 1965, p. 123) colaboraria para uma constância na educação dos jovens, alcançando o que pode ser chamado de reequilíbrio emocional. Para que essa engrenagem funcionasse, seria necessária uma convicção religiosa firme por parte dos pais em defesa de ações que levariam a mudanças no caráter juvenil. Essa conduta educativa, pautada no prestígio moral, na lealdade e coragem trabalhada por Maria Junqueira dentro de seu projeto educativo para as famílias, tinha novos hábitos que alteravam os modos de agir e de se expressar dos jovens, colaborando para uma nova reorganização familiar.

Entretanto, essa nova ordem desencadearia um processo de renovação da igreja no Brasil e elaborava uma nova “ordem de mundo” (FURTER, 1973, p. 31) que viria através da educação. Contudo, a educação deveria ir além das possibilidades, enfrentando as dificuldades e condições apresentadas de forma a dar um sentido próprio ao mundo a partir de mudanças operadas no campo educacional, midiático, na industrialização e nas grandes cidades. A igreja encontrava no social a essência para a efetivação de seu projeto de construção social temente a Deus e fiel a sua pátria.

Para Franz de Hovre, a religião estava relacionada ao social, pois “o homem tem religião não porque é um ser racional, mas porque é um ser social” (1969, p. 86).

A vida social domina a existência humana a tal ponto que tudo quanto é especificamente humano não é senão produto da comunidade. [...]. A sociedade lhe constrói a vida especificamente humana: [...], sua raiz está na essência. [...]. A sociedade é, por consequência, a grande realidade, o arcabouço da vida. [...]. A vida do espírito, desde sempre considera como traço específico do homem, não pertence ao indivíduo, mas a comunidade. A comunidade é o substrato da vida do espírito. A própria essência dessa vida do espírito é de natureza social; saiu da comunidade; nela vive e se desenvolve. (DE HOVRE, 1969, p. 86-87).

O aprofundamento dessa reflexão elaborada por De Hovre nos coloca diante da importância social estabelecida pelo catolicismo a partir de preceitos próprios para a construção de uma “família ideal” pautada em um catolicismo de natureza social. Para ele, esses preceitos funcionariam como molas para o despertar de uma consciência social justificada no “Reino de Deus” (1969, p. 87). Ponto importante e crescente em torno da ajuda aos menos privilegiados que fazia parte de uma educação que estava em ascensão nos “Movimentos de Juventude”, preocupados com a construção da personalidade jovem e da valorização do trabalho.

Para Schmidt (1965, p. 126), “a riqueza divide e não se apresenta somente nas questões monetárias, mas, através da humildade que opera união”. Para a autora, essa conduta não está somente nos grupos mais privilegiados economicamente, mas também nos menos privilegiados ou nas chamadas comunidades<sup>93</sup>. Essa consciência de gratidão, sacrifício e renúncia possuía uma ação moral que para De Hovre (1969) carregava em si princípios doutrinários em favor da sociedade.

A relação entre “empregado patrão” é encarada por Maria Junqueira como justiça social que deveria integrar e dar um “sentido de promoção humana e de igualdade entre os homens”, acabando com a ideia de que “eu pago e você me serve”, assim “somente quando grandes e pequenos possuírem alma de pobre” (SCHMIDT, 1965, p. 129), desenvolveríamos uma sociedade recíproca, mais justa e igualitária. Dentro desse contexto, o

---

<sup>93</sup> Conceito presente na sociedade atual, porém a autora no texto original utiliza o termo “favela”.

“moderno” se colocava como algo ligado à vaidade, “a angústia moderna exacerba o gosto da possessão sendo necessário o combate com as armas do conhecimento psicológico e do argumento sociológico e cristão” (SCHMIDT, 1965, p. 131). Schmidt considerava que esses exemplos cristãos deveriam ser diários para trazer a inclinação necessária para “catequizar nossos irmãos” no sentido de ensinar ou moldar dentro dos padrões católicos e, assim, refletirem as mudanças buscadas pela igreja.

Discussões em torno das questões “modernas”<sup>94</sup> eram o eixo do debate católico por melhorias trabalhistas<sup>95</sup> e relações mais justas, porém, alguns católicos mais conservadores tinham restrições com relação “aos estudos e a profissionalização da mulher” (PINSKY, 2014, p. 178). Por isso o trabalho da mulher fora de casa era aceito em diversos setores da sociedade, mas com limitações, pois ainda era visto por algumas instituições como uma ameaça à ordem familiar e social. Posto que a afetividade desempenhada principalmente pelo feminino era vista como um canal para o desenvolvimento infantil, mobilizando métodos que colaborariam para a educação das crianças ao colocar o amor como canal de alimento e desenvolvimento. A falta de afeto dentro de casa poderia levar a criança à “neurose e ao crime”, pois a incapacidade de convivência em grupo poderia ser respondida também pela incapacidade de amar seu próximo ‘transferindo ao mundo suas experiências infelizes’” (SCHMIDT, 1965, p. 135).

Portanto, mesmo que Maria Junqueira fale da valorização do sexo feminino, ainda impera uma conduta de submissão feminina estabelecida em práticas que supostamente levariam a uma convivência harmoniosa dentro e fora do lar. Mesmo assim, a autora traz a necessidade da “valorização da mulher” (SCHMIDT, 1965, p. 145) a partir de sua beleza e maternidade. Em diversos trechos de seu livro, ela reforça a necessidade da capacitação da mulher a partir de “cursos de espera-marido ou capacitação para a educação dos filhos”. De modo que, para ela, caberia à mulher conhecer profundamente o seu corpo; para isso, traz em um dos capítulos uma espécie de “aula de

---

<sup>94</sup> As questões moderna eram entendidas por José Reginaldo Prandi (1975), como categorias psicopedagógicas e pelo reconhecimento da educação escolar como sendo importantes na formação do cristão.

<sup>95</sup> Exemplos de católicos participantes das lutas por direitos trabalhistas trazidos são destacados pela autora: Papa Inocêncio Felipe II, Lagrande, Bispo Von Ketteler, Leão XIII, João XIII, Justiniano e Valentiniano.

biologia” voltada ao conhecimento do corpo, reprodução humana, menstruação, reforçando que mesmo após o casamento “caberá a mulher a educação não só dos filhos mas também do marido” (SCHMIDT, 1965, p. 149). Tudo de acordo com preceitos religiosos da igreja, pois ela considerava que a harmonia do lar e a disciplinarização da família seriam alcançadas através do exercício dessa função.

Além do embasamento católico para seus debates, aliava vertentes médica e psicológica para levar ideias educativas inovadoras que poderiam colaborar para a transformação social através do que ela chamou de *exame do coração*, exercício de consciência e caridade (SCHMIDT, 1965, p. 137) que desembocariam em uma sociedade mais justa e igualitária.

As aproximações de temas voltados à educação sexual aparecem como uma necessidade nas discussões relacionadas à família e à moral sexual que percorria os chamados “anos dourados” (PINSKY, 2014, p. 9) no Brasil, período entre os anos de 1945 a 1965, o qual cobrava a virgindade da mulher solteira, mas permitia experiências sexuais do homem antes e fora do casamento. Conceitos ligados à honra colaboravam para uma ordem social estabelecida em valores burgueses e modelos de organização familiar possível somente a essa classe. Na intimidade do lar, as informações acerca da sexualidade poderiam aparecer escandalosas:

As histórias de cegonha já não pegam. A conversa “feia” e o brinquedo-de-pai-e-mãe tornaram-se habituais. Os maiores comentam o sexo em toda parte, exceto... em casa. Se os pequenos nada perguntam, convém apurar, delicadamente, o que já sabem e encaminhá-lo com precaução para a curiosidade normal da idade. (SCHMIDT, 1965, p. 141).

A colocação clara apresentada pela autora não nos deixa dúvida sobre seus objetivos direcionados à educação sexual para as crianças e os jovens. Uma instrução segundo sua curiosidade que não deixava rastro para questionamento fora do ambiente familiar. Para Schmidt, os pais deveriam utilizar de aproximação para responder a questionamentos e mesmo quando não havia, seria essencial trazerem ferramentas para esse diálogo. Cabe destacar que nesse período a educação sexual não era debatida em nenhum ambiente escolar e muito menos familiar, porém, a autora reforça que esse tipo

de educação deveria iniciar na “pré-educação” (SCHMIDT, 1965, p. 141) para que fosse bem aceita pelas crianças.

Pinsky (2014, p. 128) relata que a orientação da Igreja e dos Colégios Católicos seria de que a instrução sexual deveria ocorrer de forma advertida, como expressão do pecado, a não ser que o ato sexual ocorresse dentro do casamento e para fins de procriação. A abertura do debate sexual entre as crianças e os jovens refletia uma abertura maior ao tema entre os católicos de forma instrutiva.

A referência ao sexo deve ser feita com naturalidade desde sempre. Os pequeninos tocam os órgãos genitais para tomar conhecimento do seu corpo e formar dele uma imagem mental. Não se transforme o caso em problema moral, [...].

Na infância, quando desperta a curiosidade sexual, por volta dos quatro anos, a mãe não pode descuidar de explicar à filha que toda menina sempre foi e será diferente do menino, [...].(SCHMIDT, 1965, p. 142-143).

Maria Junqueira Schmidt se mostrava certa da importância da educação sexual para as crianças e adolescentes, trazendo esse debate com vertentes específicas e bem demarcadas para meninas e meninos.

A consciência sexual de base decorre de um meio social sadio. O pai que está satisfeito de ser homem; a mãe que se acha encantada de ser mulher. Ambos agindo em conjunto, porém, com suas características bem evidentes. (SCHMIDT, 1965, p. 142).

A disposição entre os sexos estabelecia um posicionamento distinto e bem definido entre “homem-mulher”, evidenciando o sexo feminino com uma “inclinação natural” (PINSKY, 2014, p. 130) para efetivação de seu papel de educadora desde a infância a partir de uma educação feminina. A valorização de ambos é apresentada pela autora, ao mesmo tempo em que reforça ser preciso diferenciar as funções segundo o sexo, e as funções caseiras poderão ser desempenhadas desde a infância:

Que a menina tenha gosto em andar limpa e faceira, sem exageros; tenha gosto em ser dona-de-casa, na ausência da mãe, sem abusar da autoridade, obtendo disciplina pela ascendência do amor, seguindo fielmente o modelo materno. É necessário que podem ser evidenciados aos olhos de todos os métodos femininos de educar. Reinar servindo e não mandando. Obter pela doçura e não pela força. Usar o préaviso da paciência. Dar carinho para receber docilidade. (SCHMIDT, 1965, p. 144).

Diferentemente das questões femininas, as mães poderiam responder as dúvidas dos meninos somente até sua adolescência, cujas questões mais viris seriam próprias, segundo ela, de serem respondidas pelo pai. Para Schmidt, a participação dos pais deveria ocorrer a partir da adolescência “exigindo atitudes másculas” dos filhos, pois essas atitudes iriam colaborar para seu “amadurecimento” (SCHMIDT, 1965, p. 151). Pinski também chama a atenção para a forma como essa questão foi encaminhada.

Intensificam-se as informações, a sensualidade, a consciência corporal e o chamado “sentimento de idade”, tornando possível o surgimento de uma identidade própria e de questionamentos especialmente juvenis (o que, contudo, não implica a existência de uma cultura jovem isolada das instruções e valores hegemônicos). [...] Isso faz com que os jovens mais radicais dessa época recebam o rótulo de “rebelde sem causa” e suas atitudes sejam interpretadas como fruto da “distorção da noção da adolescência”, um período isento de responsabilidade do mundo adulto. O filme *Juventude transviada* (título moralista dado no Brasil em substituição a *Rebel without a cause*) procura traduzir essa tendência e consagra James Dean como herói ou um dos símbolos destes jovens rebeldes. (PINSKY, 2014, p. 150).

A mudança nas relações estabelecidas na sociedade por volta dos anos 1960 traz o debate da homossexualidade para esse livro. De acordo com Maria Junqueira, a homossexualidade estava crescendo devido à inversão de papéis do pai e da mãe no lar (SCHMIDT, 1965, p. 151-152). Além de outros problemas que estariam na pequena infância e poderiam ser sanados por tratamento médicos, como destaque abaixo:

Já disse que o homossexualismo é como imposto e a morte, – o eterno inevitável. Mais fácil seria extirpar a miséria e a favela, e até mesmo os resfriados! Todavia, Irving Bieber, cujas pesquisas retificaram os exageros do famoso relatório de Kinsey, conseguiu 27% de recuperação dos casos tratados em sua clínica. Os educadores clamam por remédios para os desvios sexuais. Repressão policial ou castigos corporais pouco adiantam. (SCHMIDT, 1965, p. 154).

Para Schmidt (1965, p. 157), o homossexualismo era uma manifestação aparentemente normal durante a adolescência, mas deveria ser passageira devido à imaturidade do jovem. Caberia aos pais a observação para que fossem evitados possíveis desvios biológicos, relacionando as questões religiosas em sua conduta moral para alcançar a maturação sexual.

O ato sexual será concebido no espírito e no coração ao invés de ser apenas impulsos biológicos. Visto assim, como meio de funcionamento que não é único nem mais importante – ele se integra no plano espiritual. Ele se torna um valor. Um valor de doação. O amor, que é a essência da vida moral, encerra em si todo o problema moral. (SCHMIDT, 1965, p. 159).

Outra questão destacada no livro se relaciona ao cenário que era desenhado nas grandes cidades brasileiras, “o recrear”. Com a abertura para a industrialização, o comércio ganhava espaço e modifica o cotidiano das famílias, principalmente das mulheres que começam a ganhar mercado através do trabalho e do consumo. Por consequência, o lazer teve mais espaço, e Schimdt reconhecia a necessidade de usufruir de suas “valiosas funções” para a vida em família.

Os comerciantes já vendem recreio. Até o Estado tornou-se dono de circo. Agora somos obrigados a nos recrear. Que massada! Agora há receitas – tudo muito caro – para festas de aniversário, excursões, colônia de férias. Receita para o riso em série. Os lazeres, carrancudos, [...]. Felizmente, não está tudo perdido. Podemos nos rebelar contra a recreação pré-fábrica e criar o recreio à nossa moda, o sabor da nossa fantasia. (SCHMIDT, 1965, p. 162).

Recrear foi um termo utilizado pela autora que designa lazer, “fantasia, repouso e divertimento” (SCHMIDT, 1965, p. 161), mas Maria Junqueira fez um alerta à grande abertura que se fazia no contexto comercial para envolver a grande massa através das propagandas que circulavam nos canais de mídias como rádio, televisão e jornais. Para ela, a disposição para a alegria poderia ser instalada

[...] no cotidiano e se divertir regamente, se voltar ao estado despreocupados do esporte gratuito [...]. Mas como operar esse milagre de liberdade, se somos escravos da propaganda? Boicotando a tela, a cena, o rádio? Em absoluto. Seleccionando e integrando os valores de cada um. (SCHMIDT, 1965, p. 162).

Era essencial o lazer, ou “lazer moderno”, como chamavam os círculos de discussões de leitura, dramatização e grêmios, que também colaboravam para o desenvolvimento da sociedade. A posição alcançada pelo homem moderno através da educação e de sua influência social colaborou para possíveis problemas sociais e políticos. Portanto, o lazer moderno aliava a

universidade da rua à universidade do ar, e essas informações davam ao povo um tempo para refletir (SCHMIDT, 1965, p. 164).

Outro canal importante para a socialização e o lazer era a música, possível para “neutralizar conflitos” (SCHMIDT, 1965, p. 168). Segundo a autora, a música deveria ser ensinada e cantada para as crianças na escola e em casa, bem como deveriam ser utilizados os instrumentos para manifestação de suas expressões de criação, como destaca a seguinte frase: “Pais e professoras deveriam saber cantar, tocar um instrumento e dançar. Deveriam poder imprimir à movimentação um sentido de ritmo, fazer usar o corpo todo como meio de expressão e de criação” (SCHMIDT, 1965, p. 169).

As mídias também eram trazidas como fonte de lazer, a televisão um meio de propagação da comunicação que estava sendo difundido no Brasil. No ano de 1950 no Brasil<sup>96</sup>, a televisão ganhava espaço através das iniciativas de Assis Chateaubriand com a TV Tupi em São Paulo e, no ano de 1951, no Rio de Janeiro. No ano de 1955, são inauguradas a TV Record e a TV Continental, na qual Maria Junqueira tinha programa diário voltado às famílias no ano de 1959 no estado do Rio de Janeiro.

Mesmo em meio a muitas famílias que não tinham acesso a esse meio de informação; contudo, Maria Junqueira orientava a quem o tinha um consumo prudente, pois entendia que esse novo canal tecnológico provocava mudanças comportamentais nas famílias. Portanto, sugeria uma reflexão por parte dos pais com relação aos conteúdos disponibilizados pelas TVs. Para Schmidt, a televisão era “a universidade da rua”, um canal de ligação entre o mundo e a escola que poderia colaborar para o aprendizado na escola através de conhecimentos associados.

Nos anos 1960, o teórico da comunicação canadense Herbert Marshall McLuhan (1911- 1980) escreveu que a televisão, à época tão criticada por intelectuais como veículo de alienação das massas, poderia conduzir o mundo àquilo que ele chamou de “aldeia global”. Na opinião de McLuhan, o progresso tecnológico estava reduzindo o planeta à situação que ocorre numa aldeia, onde uma pessoa pode se comunicar diretamente com qualquer outra que nela viva. [...]. McLuhan cunhou a provocativa expressão “o meio é a mensagem” [...]. (CAMARGO, 2015, p. 269).

---

<sup>96</sup> Disponível em: <<http://www.tudosobretv.com.br/historvtv50.htm>>; <<https://www.tecmundo.com.br/projetor/2397-historia-da-televisao.htm>>. Acesso em: 10 mai. 2017.



As mídias como ferramenta de aprendizagem e de “observação” da sociedade foram largamente utilizadas pelos intelectuais. De modo que Maria Junqueira Schmidt enxergava nesse veículo um mecanismo de aprendizagem para o jovem e para a família. Ela as usava em favor da educação, apresentava semanalmente na TV Continental um programa voltado à família, “a convite do então presidente do Instituto da Educação, Afrânio Peixoto” (ORLANDO, 2015, p. 213), uma série organizada para discutir as contribuições norte-americanas para o Brasil, como destaca o jornal *Diário de Notícias* (1963, p. 4).

No início da sua carreira, acrescentou em suas aulas de francês o rádio como ferramenta colaborativa na aprendizagem de outra língua. A utilização dessas mídias também foi encampada pela Igreja Católica através da organização de um departamento específico para desenvolver a penetração da igreja em diferentes campos. Para Barros (1967), a Representação Nacional de Emissoras Católicas (RENEC) funcionava como assessoria jurídica a serviço dos programas para as emissoras católicas que procurou, por meio de pessoas especializadas, se organizarem para terem contato com órgãos como TVs e rádios, a fim de manterem uma comunicação social com o grande público, cujo foco principal através dessa atividade era

[...] a presença da igreja nos diversos campos de atividade humana, para que o nosso desenvolvimento possa cada vez mais ser penetrado pelo fermento evangélico. Levar todos os homens à plena comunhão de vida com o Pai, e entre si, em Jesus Cristo, no dom do Espírito Santo, pela mediação visível da Igreja. (BARROS, 1967, p. 177).

A existência de “lazer perigosos” (SCHMIDT, 1965, p. 174) foi uma discussão voltada à questão sexual que estava evidente na adolescência, causada pelos excessos vivenciados por uma vida jovem sem limites. Para Maria Junqueira, a calamidade desse período estava nos chamados “inferninhos”<sup>97</sup>.

Quem já passou uma noite num inferninho? A imaginação solta despeja os sonhos de grandeza. [...].

---

<sup>97</sup> Podem ser entendidos como certas “boates” com menos requinte, onde os jovens encontrariam maior liberdade para conversar e se reunir com seu grupo de amigos em busca de prazer. Esse termo pode ser encontrado no livro “Lacan, o grande freudiano” (COUTINHO; FERREIRA, 2005, p. 29).

Só se fala em dinheiro fácil. Viagens. Luxo. Bebidas. Mulheres. Ambição de sensação. A fidelidade conjugal é ridicularizada. O casamento é coberto por apodos. A moralidade é sordidamente visada. (SCHMIDT, 1965, p. 175).

A falta de limites observada entre os jovens é chamada por Schmidt de “deficiência familiar” (SCHMIDT, 1965, p. 175) determinada pelo refúgio em uma vida noturna, banhada em drogas lícitas ou ilícitas e a delinquência juvenil que estava cada vez mais crescente. A consciência moral, segundo ela, perdia-se no interior das famílias pelos “supostos maus exemplos” concedidos pelos pais:

O contexto dos anos sessenta, apresentava-se com certos contrastes morais, em contrapartida, estavam os movimentos em que reforçava-se a liberdade, pois a moralidade religiosa estava presente, principalmente nos discursos católicos através do “Movimento Familiar Cristão que realizava, no Uruguai, círculos de discussões com os ginásianos. A visão concreta de um casal unido que vem narrar as belezas da vida de família, seus problemas e os meios de contratá-los, impressiona a mente juvenil e desperta o verdadeiro amor. (SCHMIDT, 1965, p. 176).

Para Maria Junqueira Schmidt, a higiene mental estava relacionada ao equilíbrio mental, não devido às condições de bem-estar material, mas condições psicológicas de bem-estar social. A depressão estava sendo vista como “o mal do século” (SCHMIDT, 1965, p. 178) e várias campanhas direcionadas ao tema se propagavam no país, porém, sempre relacionadas à questão do corpo e não da mente como a autora faz referência:

[...] conservando a saúde nas diferentes idades e condições ambientais. Higiene mental é, pois, bem-estar íntimo. Ancorado entre os impulsos, as exigências do meio e o anseio de perfeição inerente ao ser humano. É arte de resolver satisfatoriamente os seus problemas ou de viver em paz com eles. É disposição de benevolência para com seus semelhantes. (SCHMIDT, 1965, p. 178).

Para Schmidt, a higiene mental estava ligada a “raízes do inconsciente”, termo que justificaria o problema provocado por uma educação sem o equilíbrio (SCHMIDT, 1965, p. 178) vindo de uma educação recebida na infância, mas que deixariam marcas na vida adulta e, por vezes, poderiam ser evidenciadas em certos conflitos interiores. O termo “higiene mental” estava associado à felicidade interior praticada através da decisão pessoal de observar os desígnios “positivos” apresentados pela vida na infância, através da maturidade

educativa colocada pelos pais dentro de uma educação “firme e sem capricho” (SCHMIDT, 1965, p. 180), determinada pela moral exercida através de crenças bem estabelecidas pela família:

A falta de crença, em Deus, nos homens, nos verdadeiros valores destruindo o bem-estar íntimo, leva a todas as formas de desespero: vandalismo, ingratidões, crime. O vazio da alma sugere oposições brutas. [...].

A renovação constante e concreta da consagração a Deus do trabalho é tão importante que foi concedida uma indulgência plenária diária ao ato manifesto de uma intenção sobrenatural. [...].

A vida espiritual dá ao jovem segurança moral, civilizadora e feliz. (SCHMIDT, 1965, p. 184).

A filosofia cristã fazia parte do processo educativo de renovação vivenciado no Brasil. Nesse livro não foi diferente. A discussão elaborada por Maria Junqueira Schmidt foi um intenso esforço em prol da nova ordem política para o bem comum. As congregações e os movimentos conduziram fiéis e leigos para o que chamaram de “sopro do Espírito”, testificado pelo testemunho de fé e da comunhão apresentados em um compromisso de corresponsabilidade presente na vida do homem através do dom divino. A busca por uma educação fundamentada em bases católicas, pautada no diálogo consciente, poderia levar a manifestações “consagradas a Deus, a partir de atos que podem ser chamados de sobrenaturais” (SCHMIDT, 1965, p. 184.) e que conduziram o jovem à renúncia. Para Maria Junqueira Schmidt, atitudes maduras como essa eram manifestações educativas que não estavam separadas das crenças e da vivência religiosa, chamada por ela de “educação integral”<sup>98</sup> e que conduziram a uma transformação renovada.

Otto Willmann, fundador da pedagogia social moderna e mestre da pedagogia católica, via a Igreja Católica como ponto de apoio entre a reforma pedagógica e filosófica. O pensamento de Maria Junqueira Schmidt se aproximava da filosofia católica dele, pois, conforme o autor citado, o homem deveria ser guiado para aprofundar as verdades fundamentais da vida, encontrando no “berço da ciência, da arte, dos costumes, da evolução do direito” (WILLMANN, 1969, p. 196-197) alcançando uma concepção de mundo e de vida através do saber espiritualizado para uma vida cristã.

---

<sup>98</sup> O conceito de educação integral refere-se à formação total do jovem, abrangendo o campo psicológico, mental e espiritual (SCHMIDT, 1965, p. 186.)

O panorama moderno de transformação social, vivenciado em meados dos anos de 1960, mostrava que a população brasileira estava crescendo e buscava melhores oportunidades de trabalho e de educação. Essas transformações desenhavam uma nova sociedade e conseqüentemente configuravam uma nova organização familiar. Maria Junqueira Schmidt escreve seu livro nesse contexto de efervescência de transformação, na qual a “família moderna” era (re)construída e novos valores se estabeleciam trazidos por mudanças e

[...] a supressão das tarefas caseiras, em razão das máquinas de utilidade doméstica, diminui as ocasiões de boa comunicação pais-filhos. A transferência da diversão para fora de casa reduz encontros da família. [...]. Enquanto isso, os pais, ávidos de conforto e de luxo, trabalham ambos fora e não conseguem filtrar as experiências de vida de seus filhos.

O mundo materializado e duro desafia a família com sua onda de corrupção e sua propaganda insidiosa, corroendo os laços afetivos e nela instalando o ressentimento vingativo e demolidor. Triste quadro o da família moderna! (SCHMIDT, 1965, p. 186).

O mundo capitalista colaborou para mudanças no interior das famílias, o que não soavam agradáveis para Maria Junqueira Schmidt, pois traziam reflexos na educação dentro e fora das escolas em “atitudes de hostilidade e promiscuidade”, justificada pela autora nos altos índices de violência encontrados nas grandes cidades, demonstrada pela “preocupação generalizada de aproveitar a mocidade” (SCHMIDT, 1965, p. 186-187). O crescente consumo de drogas e a vida boêmia simbolizavam uma vida descompromissada. A falta de atitudes educativas por parte dos pais e mestres levou a autora a trabalhar com o conceito de “pedagogia do acompanhamento”, estabelecido como ato de estar aberto e vigilante aos questionamentos trazidos pelas crianças. Esse conceito se resume a “boa comunicação” (SCHMIDT, 1965, p. 193) dentro da família. Essas manifestações poderiam se apresentar de diferentes formas, até mesmo através de desenhos<sup>99</sup> revelando determinados conflitos que estariam presentes na família. Cabe destacar que esse tipo de observação não era comum nas instituições educativas, por esse motivo a importância em refletir sobre o perfil renovador encontrado nos

---

<sup>99</sup> A autora chama a atenção para esse tipo de atividade, no capítulo “O ciúme é o arauto negro da divisão” (SCHMIDT, 1965, p. 199), porém, é através dos embates apresentados no interior familiar que é discutida a possibilidade por ela dessa análise.

encaminhamentos de Schmidt, utilizando-se de uma nova linha da psicologia para colaborar com educadoras e com a família na resolução de problemas. A partir dessas observações, era possível um equilíbrio dentro das relações de afeto que poderiam ser sanadas através de uma “posição de autoridade dos pais e da posição de amor, imposta no papel da mãe” (SCHMIDT, 1965, p. 192).

Em busca de atender a demandas dessa nova família, couberam novos encaminhamentos metodológicos que colaborassem para a construção de um projeto educativo que atendesse a essa nova construção familiar. Neste sentido, o termo “moderno” é trazido pela autora não somente para designar à família<sup>100</sup>, que estava sendo modificada, mas também a escola e o dever de se (re)configurar para atender às demandas da sociedade.

Assim a proposta dos “Círculos de Pais”, lançada pela autora, trazia novas oportunidades educativas e métodos “modernos” que colaboravam para uma ação unificada, de modo a reforçar os laços de autoridade entre pais e mestres. As atividades desenvolvidas nos Círculos traziam atividades como “consertos, pintura, material, transporte, recursos para melhorias das instalações e orientação especializada” propostas organizadas por comissões compostas “por pais e membros da comunidade” (SCHMIDT, 1965, p. 208).

A visão sobre a escola encontrada nos encaminhamentos de Maria Junqueira Schmidt reproduzia “um lar bem organizado” (SCHMIDT, 1965, p. 209). Uma reforma que aliançava as propostas do governo com os católicos, denominada como “Plano Emergencial”, e tinha como objetivo a “implantação da família na escola, ao lado da democratização como fator primordial para da renovação” (SCHMIDT, 1965, p. 208). Desenho encontrado nos Círculos de Pais organizados por Maria Junqueira Schmidt, construído a partir de ações educativas voltadas a pais e professores.

A comunidade paternal, a exemplo da comunidade estudantil, evolui através de uma tomada de consciência das suas responsabilidades. Compreendo que sua linguagem, seu modo de ser, seu tom encorajador, a sua aprovação do esforço dos filhos, vai obter maior rendimento escolar. Aprende que o estudo é apenas um dos aspectos da educação. E se dispõe de bom grado a revisar sua atuação. Eis

---

<sup>100</sup> Ana Silvia Scott chama de “família conjugal moderna” os novos valores que estavam sendo configurados nas famílias no mesmo tempo que a modernização era crescente no país. Para essa “nova família”, se exigia em consequência uma “nova mulher” (2013, p. 16-17).

como a escola se integra com eficácia na vida do lar e a família na vida da escola. (SCHMIDT, 1965, p. 210).

Maria Junqueira acreditava que, a partir da implementação do Círculos de Pais, poderia colaborar para um melhor rendimento na vida escolar do estudante através de atitudes de engajamento entre pais e educadores. Reforçava a função do educador dentro de seu papel de “despertador”, um saber que deveria se voltar para preocupações futuras, impulsionando profissões que influenciassem a nação. Para isso, a autora se utiliza do que chama de *slogan*: “Nós somos a história”.

O professor deve lembrar que da sua classe podem sair dirigentes da Nação. Portanto, deve ver em cada aluno um líder futuro, de cujo saber e caráter depende a felicidade do povo.

A escola precisa de orientadores preocupados com o destino profissional e humano dos educandos e, bem assim, com a utilização e desenvolvimento dos valores familiares. O professor precisa entender as riquezas do coleguismo e do autogoverno, as técnicas de adaptar o aluno a grupos sempre maiores, [...]. (SCHMIDT, 1965, p. 216).

A proposta do *slogan* apresentado por Maria Junqueira Schmidt, ao mesmo tempo que dava um sentido profissional à atividade docente, envolvia os profissionais da educação na condução de um sentido cívico que colaborava para o desenvolvimento de possíveis transformações a partir dessa “inflamação” social.

A utilização de métodos modernos fazia parte da proposta educativa desenvolvida por católicos, como Maria Junqueira Schmidt, através de ações educativas baseadas no “espírito missionário de mentalidade aberta, de flexibilidade dentro do respeito aos princípios cristãos” (SCHMIDT, 1965, p. 218). Assim, todas as propostas curriculares poderiam pautar-se na construção e na formação de um sujeito integral em sua personalidade. Acreditava no educador que não se satisfazia apenas com suas atividades de sala de aula, mas, sim, na busca incessante de novas metodologias e no desejo de renovação.

A renovação nos métodos educativos práticos para o aperfeiçoamento profissional propunha fichas de observação dos jovens cujos pais e educadores poderiam avaliar determinadas condutas, observando pontos positivos na personalidade dos jovens e destacando possíveis aptidões. Na sequência,

traziam possíveis condutas manifestadas a partir das atitudes dos pais, professores e pedagogos, fazendo referência a atitudes interior e exterior observadas. Todas essas mudanças faziam parte do processo de construção de uma nação, formando o que Maria Junqueira chamou de “Família dos Filhos de Deus”, baseada na dinâmica das congregações fortalecidas dentro dos bairros onde as comunidades estavam configuradas através de palavras de ordem como: “Nós somos a igreja” (SCHMIDT, 1965, p. 225). Distribuídas em diversas atividades dentro das paróquias a partir do corpo de líderes, com foco na Catequese Familiar, Catequese Escola e Catequese Paroquial de modo que todos se tornassem colaboradores da obra evangelística e colaborassem para a difusão do ensino religioso através do engajamento dos professores no ensino primário e secundário, apoiada em uma

[...] sólida formação cristã, que seria a chave principal de qualquer projeto educativo. [...] referência para a sociedade brasileira da época, sem dúvida, o catolicismo do Estado, permaneceria como dominante a moral religiosa que apontava para as mulheres a dicotomia entre Eva e Maria. (LOURO, 2015, p. 447).

Nos movimentos das “Mamães-Catequistas”, o testemunho da vida no lar é dado através da mãe, chamada de “grande mestra” (SCHMIDT, 1965, p. 226-227). A urgência em transformar a família a partir da vida dos cristãos provocaria uma revolução. Caberia, a partir da família, a construção de um projeto de nação justificado na fé católica, denominado de “pedagogia da consagração” (SCHMIDT, 1965, p. 230), em que a consciência moral passa a ser referência para os diferentes comportamentos.

Os católicos se utilizavam das Comunidades e Clubes Paroquiais para a difusão da doutrina cristã no meio jovem, buscando perceber os objetivos que os atraíam. Para esse grupo, somente no estudo dessa doutrina alcançariam um engajamento na vida da igreja a qual exigia certa competência intelectual com foco no religioso, humano e nas atualidades brasileiras daquele período (SCHMIDT, 1965, p. 241). Segundo Schmidt, “se bem apresentado cotidianamente, a família entrará decididamente em estado de missão, em ritmo de consonância com os movimentos que se propõem a marcar o sinal do Cristo em todas as atividades humanas” (SCHMIDT, 1965, p. 245).

Portanto, a “pedagogia do civismo” (SCHMIDT, 1965, p. 255), proposta por Maria Junqueira, buscava a formação do caráter a partir de atividade que beneficiava a comunidade como um todo. Propunha a formação da consciência social através de atividades que desenvolvessem a capacidade para a resolução de problemas em decisões espontâneas ou voluntárias. Esse tipo de formação disposta no Círculo de Pais colaborava para a compreensão das razões que serviriam o país. A partir dessa formação de base católica, Schmidt traçava um canal que levasse a instituição da paz para a construção de uma nação mais justa e igualitária.

### 3.4 DEUS EM CASA: O PRIMADO POR UM ESPÍRITO DÓCIL

Lares que refletem em comunidade e fazem passar uma corrente de vida – da caridade de Deus – no mundo dos filhos, do bairro da escola, do direito, da justiça ... [...].

Pequeninas Igrejas, na grande Igreja, não feita e acabada, mas sendo construída, com os fiéis, dia a dia... [...].

(SCHMIDT, 1967)

Em meados do século XX, em consonância com o pensamento de Casali (1995), códigos e saberes pedagógicos estavam em circulação a partir dos suportes impressos, fossem eles folhetos, manuais, livros ou revistas. Dessa forma, colocando em destaque as evidências de algumas identidades expressas através dos impressos, encontramos as representações de grupos específicos revelados por determinados códigos inscritos nesses livros.

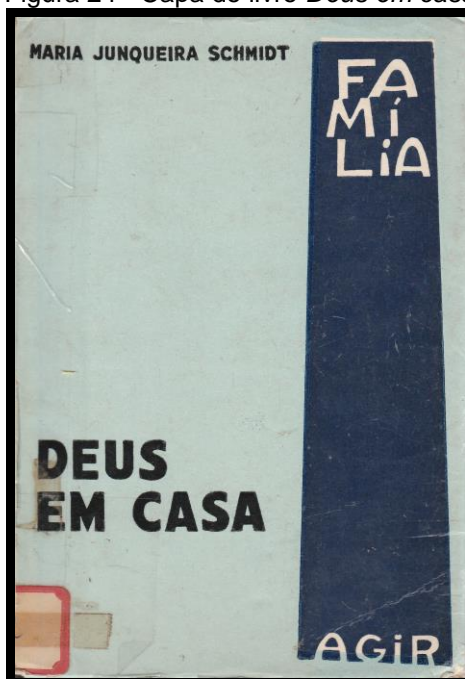
O livro *Deus em casa* foi escrito no ano de 1967 trazendo uma nova dimensão à família a partir da educação religiosa no lar, devendo os pais assumirem a obrigação de catequisar seus filhos. Neste estudo, a mensagem de Cristo é disseminada visando um ideal dócil a partir da fé, almejando o



crescimento da igreja a partir da evangelização e da unidade entre a família cristã no primado do Espírito.

Este livro se apresenta dentro da mesma etapa de publicação da coleção apresentada no livro anterior, por esse motivo, o mesmo padrão para a formatação das capas é utilizado, havendo alterações somente nas cores de cada um dos títulos. As variações de cores como a laranja, roxas e rosa, responde as inovações editoriais que evidenciavam o mercado impresso no Brasil nesse período. A responsável pelas capas foi Helena Gebara de Macedo. Em *Deus em casa*, a cor utilizada para capa (Fig. 24) é o fundo azul claro e a faixa lateral azul marino. As descrições do título respeitaram a mesma ordem destacada no livro anterior, colocado à esquerda e não mais centralizado.

Figura 24 - Capa do livro *Deus em casa*



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (2018).

Na parte pré-textual, somente quatro folhas distribuem os livros anteriores, na capa interna, o título aparece juntamente com o número de publicação, o dezoito (18), o nome da autora logo abaixo e o título da obra, centralizado, ano de publicação e o destaque para a Livraria e Editora Agir. O mesmo padrão de tamanho, espessura de papel e acabamento da brochura 18 x 12,5 cm, idêntico à descrição anterior, com 265 páginas.

O índice (Fig. 25), diferentemente dos descritos anteriormente, é numerado de 1 a 34 e não contém subcapítulos:

Figura 25 - Índice do livro *Deus em casa*

ÍNDICE	
	Págs.
1. Homem, a quem procuras? .....	11
2. Irei ter à casa paterna .....	15
3. A jornada das mil milhas .....	25
4. O espírito das bem-aventuranças .....	31
5. Casamento — vocação de esperança .....	42
6. Um casal-símbolo .....	47
7. Tua palavra é luz para meus caminhos...	50
8. O mistério das coisas ordinárias .....	55
9. A imagem que dá segurança .....	60
10. Um tempo sem hora para os filhos sem tempo .....	66
11. Senhor, ensina-me a rezar .....	74
12. Um guia para Damasco .....	85
13. Esplendores do pleno rendimento .....	95
14. A sarça-ardente .....	101
15. Brôto deve ter vez? .....	106
16. Entraves ao crescimento .....	113
17. O clima santificante .....	121
18. A alegria de viver .....	128
19. A TV é nossa aliada .....	136
20. O placar da juventude .....	144
21. Os pequenos são por vezes gigantes .....	150
22. Temas para evangelizar .....	154
23. Quando o amor floresce .....	163
24. Ouvimos a voz dos anjos .....	173
25. Maria, imagem original da Igreja .....	182
26. Ao centro da nossa vida — a Missa .....	192
27. O sacramento do perdão .....	201
28. O pão do caminhante .....	209
29. Como viver os tempos da partilha .....	216
30. Os sinos anunciam a Páscoa .....	224
31. Os clarins da ressurreição em nossa vida.	232
32. Nossa incrível missão conciliar .....	241
33. Você, padre? .....	252
34. Senhor, fica conosco .....	259

Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (2018).

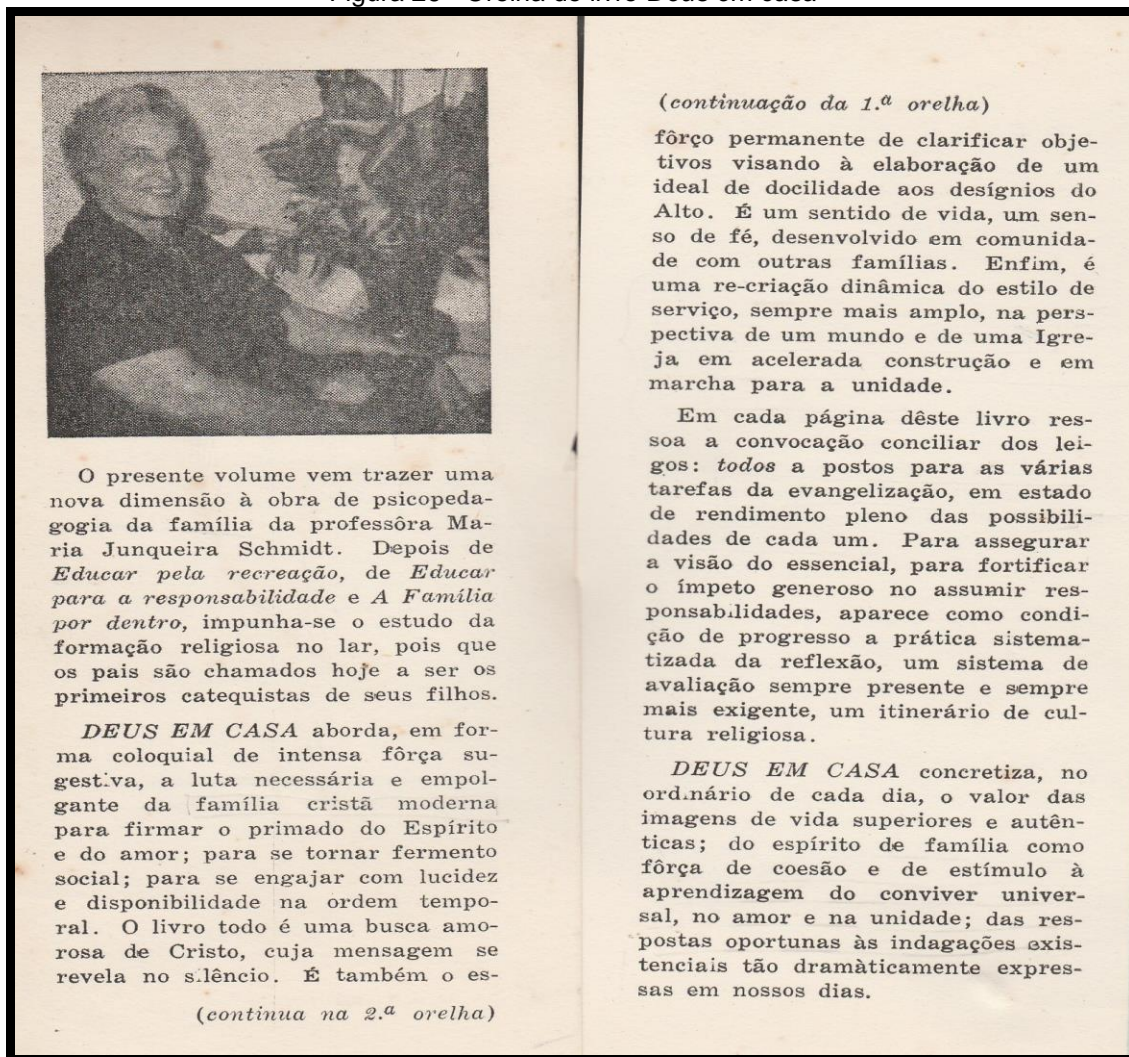
A autora inicia sua discussão com um questionamento acerca da procura do homem e, na sequência, discute o conceito de casa paterna, termo encontrado no título *A família por dentro*. Símbolos e lições para representação do divino são questões aprofundadas individualmente em cada um dos capítulos e deixam claro o investimento da autora nas questões religiosas evidenciadas pela sociedade e a igreja nesse período. O investimento da autora em transmitir ensinamentos católicos que visavam à evangelização e à valorização da missão civilizatória nos lares brasileiros.

Na sequência do campo destinado ao índice, a autora destaca brevemente, em forma de pequenas citações, o que discute no livro *Deus em casa*. É com esse título que Maria Junqueira Schmidt traz as questões dos

lares, das comunidades, e propõe maneiras “mais responsáveis” de se viver a partir da construção de “bons pais de família”, homens e mulheres que, segundo ela, responderiam às necessidades do Brasil de amanhã.

Na orelha do livro (Fig. 26) é retomada a imagem da autora. Na imagem mesmo desgastada pelo tempo, a autora aparece sentada e demonstra um ar alegre e amistoso:

Figura 26 - Orelha do livro *Deus em casa*



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora (2018).

Sequencialmente, é destacada por suas obras anteriores, enfatizando a função catequizadora dos pais na vida dos filhos já no primeiro parágrafo da orelha. O livro é apresentado pelo objetivo em prol da família cristã moderna e uma nova ordem que deveria pautar o primado do Espírito dócil, de amor para o desenvolvimento social e crescimento da igreja no Brasil.

Nesse livro, não aparece o campo das referências bibliográficas, somente o fechamento com os destaques para os títulos da *Coleção Família* como apresentado nos títulos anteriores. Aqui, dezenove títulos numericamente evidenciados, sendo quatro deles escritos por Maria Junqueira Schmidt. Os títulos são: *Educar pela recreação*, em 3º; *Educar para a responsabilidade*, em 10º lugar; *A família por dentro*, em 16º lugar e *Deus em casa* em 18º lugar. A ordem descrita representa a ordem das publicações apresentadas na 3ª etapa de publicações da coleção. Vale ressaltar que não foi estabelecida a mesma ordem em todas as edições, somente nessa etapa da publicação, havendo uma ordenação numérica para os títulos.

Novamente na contracapa, recomendações de leituras divulgam outras coleções da editora como a Juventude e Nossos Clássicos, autores reconhecidos como Alceu Amoroso Lima, com a obra *Amor e responsabilidade*, e Maria Junqueira Schmidt, com duas de suas obras, uma da *Coleção Família* e a outra da *Coleção Escola e Vida*, destaques que reforçam a singularidade da autora na editora.

Na obra *Deus em casa*, a autora busca conciliar o espírito de família com as tarefas de evangelização que deveriam ser desenvolvidas individualmente, como forma de responsabilidade individual, prática e condição para se alcançar o progresso social. “Um santuário onde Deus se comunica a corações atentos, na alegria, e forma homens não apenas tranquilos, bem sucedidos, bons pais de família, mas homens completos que respondam às necessidades do Brasil de amanhã” (SCHMIDT, 1967, p. 9).

Sua discussão com questionamentos acerca da “busca” do homem moderno para sua promoção pessoal se dá através da utilização de novas tecnologias para expandir sua confiança. A utilização do termo “homem moderno” se dá devido à agitação da vida naquele período, resultando, conforme a autora, em pais insensíveis e esgotados fisicamente para que se conseguisse o progresso social desejado. (SCHMIDT, 1967, p. 11). Para ela, a partir de sua mortificação ou da compreensão do significado da cruz é que o homem poderia se transformar, negar seus desejos. Assim o cristão moderno ganharia um sentido renovado em seu papel; uma consciência viva de ser membro da Igreja de forma total, como um amor forte e atuante (SCHMIDT, 1967) que somente através da intimidade e do verdadeiro envolvimento “divino”

poderia receber o Espírito capaz de transformar os filhos e as gerações futuras, capaz de justificar ações ligadas à fé, à doação e amor ao próximo.

Resolvemos, então, nós que sofremos da nostalgia de Deus, transmitir aos nossos filhos não a regalias do prazer, mas a obsessão da justiça e da caridade. Não acreditamos em educação sem Deus. Pois a América possui 500 mil líderes de juventude, as melhores escolas e os métodos, um *play-ground* em cada canto e se alarma com a delinquência de sua juventude! Queremos entrar nos movimentos esplêndidos da reconversão do homem. (SCHMIDT, 1967, p. 15).

Schmidt deixa claro seu objetivo e pertencimento ao grupo católico e reforça na citação anterior não acreditar em uma educação fora dos padrões divinos. Ressalta que tais objetivos só poderiam ser alcançados com uma educação justificada na moral católica, sugere uma abertura para o estudo de uma nova pedagogia, chamada de “pedagogia divina” (SCHMIDT, 1967, p. 27), que colocava Deus no centro da esfera do lar, conceito que estava ligado ao progresso social em junção com a igreja, independentemente do contexto em que estivesse inserido, mas sempre em busca do fortalecimento dos grupos:

Não basta que nossa família seja unida, aberta, em simpatia com a Igreja: é preciso que ela viva em estado de revisão total do nosso conceito de lar em face das famílias do nosso meio, da nossa terra. Não podemos nos isolar em nosso dinheiro e nossas férias, nossa cultura e nossa felicidade: precisamos formar grupos – um cenáculo. Realizar *com outros* as necessidades de nossa paróquia e das escolas do bairro, assessorando os movimentos do progresso social da cidade e do país, pagando dízimos, dando ideias e tempo, irradiando a fé. (SCHMIDT, 1967, p. 31).

Nessa perspectiva, reforçando a importância de se perceber a influência de um grupo na difusão de determinados pensamentos tal como Sirinelli (2003) estabelece, enxergamos nos livros de Maria Junqueira uma interferência de suas redes de sociabilidade, o reconhecimento e a força desses grupos para disseminar a filosofia religiosa encontrada em suas estruturas, que por sua vez, são determinadas por seu engajamento e posicionamento intelectual de engajamento político. Os materiais impressos produzidos pela Editora Agir, difundiam ideias organizadas por intelectuais católicos, o contexto vivido no período dos anos 1960 se destacou pela “abertura do pensamento católico à modernidade” (JESUS, 2013, p. 218) marcado por profundas transformações



sociais e um crescente processo de industrialização. Com relação ao pensamento da igreja católica, via-se

[...] um processo de renovação das ideias e da instituição que terá como símbolo maior o Concílio Vaticano II. E no Brasil temos o envolvimento de jovens católicos nas iniciativas de transformação social através da participação em órgãos da Igreja como JUC, em movimentos da educação e cultura como o MEB (Movimento de Educação de Base), os CPCs (Centros de Cultura Popular) e em organizações como a AP. (JESUS, 2013, p. 219).

É nesse contexto de avanço da industrialização, do fortalecimento e difusão do pensamento católico, que Maria Junqueira propagava as ideias católicas estabelecidas em seus livros. Suas publicações pela Editora Agir abrem espaços para escritores católicos nacionais e internacionais difundirem a filosofia da igreja. Entretanto, mesmo fazendo parte do pensamento católico e defendendo os ideais cristãos dentro da família, se mostrava também aberta a debates ligados ao pensamento moderno que estava em circulação, como a educação feminina, a entrada da mulher no mercado de trabalho e a educação sexual.

Outro ponto que pode ser destacado nesse pensamento, é com relação as aproximações da Igreja com a conspiração de 1964. Ainda assim, os pensamentos voltados às ideias de uma pedagogia católica proferida nas escolas e nas famílias formavam um discurso extremamente claro que definia seu posicionamento religioso firme, justificado em todos os livros analisados nesta pesquisa. Através do engajamento religioso se buscava a (re)construção da família cristã frente às modificações do mundo modernizado, o que, segundo Schmidt, poderia levar o homem a um distanciamento de Deus; justificando, dessa forma, o envolvimento dos religiosos no contexto político e social a favor de uma nação transformada através do amor de Deus proferido pelos bons pais em seu núcleo familiar. Assim a igreja auxiliaria no movimento em torno do progresso social, da união das famílias e a favor de uma pátria acolhedora e amiga. Esse assessoramento foi chamado por Donzelot (1980, p. 49) de “governo através da família”, uma relação encontrada a partir de seus poderes internos, indissociável do privado e público, mas com um elo social estabelecido a partir do poder paterno que possui uma relação de dependência sobre os demais membros da família.

As famílias é que vão dar nova fisionomia ao Brasil – se cultivarem as qualidades de coração; se mantiverem vivo o amor de Deus; se oferecerem ao mundo, sempre mais técnico e racionalizado, frio e duro, apavorado e triste, o exemplo de um povo construído sobre novos valores – a Misericórdia e a Comunidade de pessoa. Para anunciar a Jesus Cristo é necessária uma real simpatia pelo homem do nosso tempo e pelo mundo em que vivemos. (SCHMIDT, 1967, p. 32).

A visão era que “o cristianismo compreenderia a liberdade criadora do homem como liberdade *ética*, isto é, a criação de um mundo valorizado da pessoa humana” (JESUS, 2013, p. 234). Este seria estabelecido por valores que colaborassem para a consciência histórica moderna, dando destaque para a influência do homem no mundo, proporcionando um diálogo entre a modernidade e a vida cristã.

No livro, *Deus em casa*, a autora coloca o leitor no centro da sua discussão diante das instituições familiares, trazendo a palavra de Deus como “luz para os caminhos de salvação da família”<sup>101</sup>, como uma divinização do poder, compreendido como uma forma de salvação e libertação. A partir das instituições familiares previa-se uma formação do caráter cristão, sendo representada e consolidada pela união do casal e a harmonização da família, em que não existiria uma mudança trazida na intimidade, mas, um aperfeiçoamento do casal.

Porém, na boa convivência no lar é que se alcançaria um “clima” propício à aprendizagem de bons valores na família através do conceito “cristão de fidelidade”. Para a autora, a infidelidade só poderia ser vencida “permanecendo fiel à sua promessa” (SCHMIDT, 1967, p. 49) e ao compromisso firmado no casamento.

A Igreja Católica buscava uma mudança social, e o ponto chave para que possamos discutir essa questão é entender a missão social organizada pela rede católica em torno da família brasileira. Diante desse contexto de transformação social que percorria o cenário nacional, a fé passa a ser utilizada como canal de construção do sujeito pela difusão de uma ordem católica em busca de um “comportamento mais elevado” e o bem estabelecido na família.

---

<sup>101</sup> Título dado para um dos capítulos desse livro (2017, p. 50).

Isso refletiria nos filhos uma imagem de segurança desempenhada pelos pais e necessária para sua construção como sujeito.

Acima de tudo procuramos dar aos nossos filhos uma imagem elevada e feliz de pai e mãe, de vida de família, de fé. Você sabe que 3/4 das influências do comportamento da vida de adulto dependem da imagem? [...]. A imagem de pai e mãe se impregna no fundo do centro espiritual do ser. Ela é percebida globalmente. Tem caráter de unicidade. É uma constante, embora seja elaborada gradualmente, à custa de pinceladas de aspectos múltiplos, traçadas em momentos diversos. Nem sempre ela reproduz a realidade das personalidades, pois é fixada nos momentos de contatos. Mas, é ela que determina as identificações ou rejeições fundamentais. (SCHMIDT, 1967, p. 60-61).

À família coube o atributo de reguladora da sociedade, uma espécie de selo<sup>102</sup> para marcá-la como “cumpridora” de suas funções com a educação dos filhos, e, através de seu exercício de poder, o estabelecimento de uma ordem moral. Para Donzelot (1980), a família encontra-se no centro do debate político definido pelo Estado, foi dessa forma que a discussão em torno da família foi organizada, a partir de uma ordem conservadora estabelecida para a sociedade:

Enquanto a sociedade não começar essa reforma pela base, ou seja, através de uma vigilância infatigável da educação da infância, nossas cidades manufatureiras serão continuamente foco de desordem, de imoralidade e de insurreição. O inimigo da civilização, causa dos perigos de confrontações políticas destruidoras da ordem social, em vez de provir econômico, não proviria dessa autoridade arbitrária a família que a autoriza a se reproduzir sem se preocupar com o futuro da sua prole [...]. Existem, sem dúvida, abusos: o trabalho demasiado precoce e excessivamente duro das mulheres e das crianças, as condições de higiene pública e privada que ameaçam gravemente a saúde da população. (DONZELOT, 1980, p. 70).

Era atribuída à família uma responsabilidade com relação às questões sociais, pois, segundo Donzelot (1980), a família seria o que podemos chamar de guardiã ou suporte dos efeitos sociais dos comportamentos de seus membros. Mas, para Maria Junqueira Schmidt, a mulher teria um papel superior de responsabilidade e permanência no casamento, justificado na imagem de “mulher-forte”, reconhecida pelos filhos, ensinava o amor gratuito, a

---

<sup>102</sup> Donzelot fala das famosas “*Lettres de cachet de famille*” (1980, p. 50), uma suposta “carta confidencial às famílias” (selada), que regulamentava suas obrigações diante do Estado, uma espécie de selo para as instâncias familiares que exercia certa “ordem” frente ao cumprimento de suas obrigações públicas. Assim o Estado exercia seu poder estatal diante da figura paterna, mantendo a ordem através das famílias.



resistência silenciosa, humildade e tranquilidade. A representação de boa mãe e boa esposa desenvolveria, nos membros da família, condutas para a transformação social. Assim o jovem ganhava a centralidade dos interesses da sociedade e como participante ativo da família buscava a qualidade em seu “amor jovem” (SCHMIDT, 1967, p. 63-64).

As mudanças comportamentais entre pais e filhos, ganhavam novos espaços que se efetivavam em atitudes educadoras por parte dos pais, sendo capazes de levarem os filhos a se tornarem agentes de transformação social. Todas essas mudanças ocorridas no decorrer dos anos 1960 provocaram interferências que permearam as famílias, a vida religiosa e as instituições escolares. Para Louro (2015), se fazia necessário uma educação vinculada à modernização da sociedade, à higienização da família e à construção dos jovens. Dentro desse contexto, investia-se em uma educação feminina pautada na formação cristã, pois, acreditava-se que somente nessa educação se alcançaria uma mudança para o lar, afastando-o dos distúrbios e perturbações do mundo exterior.

[...] embora expressão cristã tenha um caráter mais abrangente, a referência para a sociedade brasileira da época era, sem dúvida, o catolicismo do Estado, permaneceria como dominante a moral religiosa, que apontava para as mulheres a dicotomia entre Eva e Maria. A escolha entre esses dois modelos representava, na verdade uma escolha, pois se esperava que as meninas e jovens constituíssem suas vidas pela imagem de pureza da virgem. Através do símbolo mariano se apelava tanto para a *sagrada missão* da maternidade quanto para a manutenção da pureza feminina. Esse ideal feminino implicava o recato e o pudor, a busca constante de uma perfeição moral, a aceitação de sacrifícios, a ação educadora dos filhos e filhas. (LOURO, 2015, p. 447).

A circulação de novos debates estava efervescente, e a sexualidade era uma importante questão dialogada com as famílias. Maria Junqueira era quem propunha a abertura dessas questões, defendendo a orientação sexual como caminho para o conhecimento do próprio corpo. Também nesse livro, ela defende que esse diálogo deveria ocorrer sem restrições, iniciando já na infância com relações de afeto entre pais e filhos, “protegidas contra as influências exteriores” (SCHMIDT, 1967, p. 66). Debates como esse circulavam e serviam como

[...] argumentos religiosos e higienistas responsabilizavam a mulher pela manutenção de uma família saudável – no sentido mais amplo do termo. A esse argumento iriam se juntar, também os novos conhecimentos da psicologia, acentuando a privacidade da família e o amor materno como indispensáveis ao desenvolvimento físico e emocional da criança. [...].

A *fragilidade* feminina, constituída pelo discurso religioso, médico, jurídico e educacional é também constituinte de sua proteção e tutela. A professora terá de ser produzida, então, em meio a aparentes paradoxos, já que ela deve ser, ao mesmo tempo, dirigida e dirigente, profissional e mãe espiritual, disciplinada e disciplinadora. (LOURO, 2015, p. 454).

Maria Junqueira Schmidt traça, nessa obra, diálogos entre personagens que por vezes expunham certas dificuldades entre o casal ou na relação de educação com os filhos. Dentro do diálogo construído por ela, provavelmente, traz num dos capítulos um casal que vive a turbulência de uma vida prejudicada pela futilidade feminina. “– Minha mulher é escrava do acessório – botões de coser, compras, telefonemas infundáveis, jogo, cabelereiro. O passado lá em casa é infame. Economia não existe. [...]. O que poderia empolgar minha mulher que não seja futilidade?”(SCHMIDT, 1967, p. 87).

Na sequência, são apresentadas supostas soluções “divinas” para a manutenção do bom relacionamento no lar: o amor e a união paternas são colocados como soluções seguras de educação dos filhos. A separação deveria ser evitada sempre. Seguindo pela via do diálogo construído pela autora, dificilmente um casal desquitado conseguiria influenciar seus filhos com segurança, pois o “divórcio impede a integração da personalidade infantil” (SCHMIDT, 1967, p. 89), a não ser através de um milagre produzido por Deus. A intenção proposta por Junqueira nesse diálogo é de que Deus pudesse estar no centro do lar para haver uma integração entre seus membros e uma transformação verdadeira através da oração. Para a autora, a proclamação da palavra de Deus não deveria partir somente dos altos cargos Católicos, mas de todos os homens comuns.

A nós todos cabe o esforço de promoção do homem no sentido de maior santidade e de bem-aventurança já aqui nesta terra, Na pedagogia divina, ensinar é fazer discípulos. [...]. Discípulos é o que adere e faz aderir. O que acrescenta o serviço à palavra. (SCHMIDT, 1967, p. 92).

O pensamento Católico estava sendo difundido nesse período com uma crescente transformação promovida na sociedade, impulsionada pelas mãos

femininas. Atrelado às funções domésticas, crescia o magistério exercido por elas, pois se acreditava que essa era a única função que poderia conciliar todas as obrigações que caberiam à mulher.

Não há dúvidas que esse caráter provisório ou transitório do trabalho também acabaria contribuindo para que os seus salários se mantivessem, baixos. Afinal o sustento da família cabia ao homem; o trabalho externo para ele era visto não apenas como sinal de sua capacidade provedora, mas também como um sinal de sua masculinidade.

Dizia-se, ainda, que o magistério era próprio para mulheres, porque era trabalho de um só turno, o que permitia que elas atendessem suas “obrigações domésticas” no outro período. (LOURO, 2015, p. 453).

Maria Junqueira aborda no livro a “liberação do homem espiritual” como razão para sua existência, sendo o Espírito Santo o construtor de sua consciência moral. Dessa maneira, a construção do caráter do homem estava atrelada à figura divina como algo que proporcionasse a promoção do “próprio corpo, da alma e do espírito” (SCHMIDT, 1967, p. 102).

– Não há senão uma vocação: é dar-se completamente a Deus. E dar-se aos outros. Entregar a sorte em suas mãos. Ide pelo mundo, anunciar a boa nova: os pecados são perdoados, a morte foi vencida, a humanidade vai poder edificar sua unidade. Esse é o nosso grande destino. (SCHMIDT, 1967, p. 104).

A partir da renovação Cristã, a Ação Católica promovia estratégias para mudanças sociais e a Igreja em âmbito nacional promovia engajamentos em diferentes níveis, nacionais e internacionais até mesmo com o patrocínio de diferentes programas para esse engajamento. Para Maria Junqueira Schmidt, a educação religiosa promovida nas escolas auxiliaria na libertação de determinados caprichos impostos nesse período.

O homem se tornou potência social por ser um ente moral. Sua razão, sua consciência, seus sentimentos, seu coração, o coagiram à cooperação, levaram-no a esquecer de si mesmo e a pôr-se a serviço do próximo, dos filhos, da família, [...]. Assim, o indivíduo, pela sua própria natureza de seu ser, se vê constrangido ao serviço da comunidade, ao serviço de outrem, ao serviço do organismo social; vê-se obrigado à construção e a transmissão de “herança social”. Sacrifício próprio, caridade, simpatia, generosidade, serviçalismo, são o berço da vida social. (DE HOVRE, 1969, p. 221-222).

O progresso e força moral baseado em um espírito de sacrifício proporcionariam mudanças significativas nas famílias e também nas crianças,

colaborando para que num dos capítulos<sup>103</sup> Maria Junqueira Schmidt destacasse comportamentos observados nas crianças e nos jovens, discutindo mudanças comportamentais por parte dos pais, como no destaque abaixo:

Somos um casal com dois filhos, de 12 e 14 anos, possuindo tudo, absolutamente tudo para uma felicidade completa. Meu marido é boníssimo. Mas... é acessível às chantagens das crianças. Quando eles desobedecem, teimam e recusam suas obrigações, eu reajo. Repreendo. Dou castigos. [...] Até me gozam! As minhas ameaças, respondem como ar cínico: “Vou contar para o papai. Você vai ver quando ele chegar...”. (SCHMIDT, 1967, p. 107).

Para a autora, os chamados “brotos”, os jovens, deveriam estar debaixo da guarda dos pais até a construção de sua personalidade, pois os mesmos se encontravam em fase de formação, as mudanças provocadas por seu desenvolvimento causariam transtornos que poderiam ser sanados pela “conselheira matrimonial” (SCHMIDT, 1967, p. 113). Dentro do diálogo imposto no discurso de Maria Junqueira, o ideal de jovem era desenhado, porém, a autora não deixa claro em seu texto se a construção dessa narrativa é relativa às suas experiências frente à Escola de Pais ou à sua função como orientadora educacional.

Segundo Magaldi, desde os anos de 1920, o movimento católico foi expressivo na sociedade brasileira, quando percebido que o contexto social colocava em xeque seus valores e seu campo de atuação. A partir dessas preocupações, a intelectualidade sai em defesa da identidade nacional e da religião, almejando a construção de uma nação católica, partindo da educação como caminho para a sensibilização.

[...] ao nos utilizarmos do termo “educadores católicos”, estaremos considerando, não a fé religiosa – de natureza individual – do intelectual em questão, mas sua adesão a um projeto de educação inserido no movimento mais amplo de renovação católica. Tal projeto educacional possuía como núcleo a temática da orientação religiosa, considerando-a em clara articulação com a visão do papel essencial da família na formação do indivíduo e de seu lugar inviolável na definição do modelo a ser seguido na educação dos filhos. (MAGALDI, 2007, p. 102).

---

<sup>103</sup> “Broto deve ter vez?” nome dado a um dos capítulos do livro aqui analisando, faz referência a “premiação da canção *Broto tem vez*” (SCHMIDT, 1967, p. 106), a palavra “Broto”, é um termo encontrado por volta dos anos de 1960 e que tem ligação com o jovem que estava em face de mudanças comportamentais que são características na adolescência.

Esse mesmo grupo de intelectuais se mantém a frente dos projetos educacionais endereçados à sociedade em décadas seguintes. Alguns problemas são reconfigurados, algumas bandeiras de luta tomam novas cores, próprias de seu tempo, mas em todo o tempo, seus representantes assumem para si a tarefa de intervir na cena pública orientando-a por balizadores da fé católica.

Os problemas da década de 1960 podem ser percebidos nas questões e comportamentos vivenciados pelos personagens criados por Maria Junqueira Schmidt. Nesta obra, relacionados à ordem e à moral católica: o pecado da carne, a boemia, o excesso de distração e a dificuldade de comunicação íntima entre pais e professores. Uma postura endurecida era imposta ao comportamento moderno nesse período, não somente diante do perfil jovem, chamado de “entraves do progresso” (SCHMIDT, 1967, p. 117). Mas, mudanças configuradas a partir das relações sociais que se estabeleciam.

Alguns dos tópicos apresentados pela autora podem estabelecer um panorama frente às transformações que estavam efervescentes nesse momento:

- Famílias desagregadas, [...].
- Falta de coragem dos pais, que tudo deixam de fazer a fim de não criarem caso, [...].
- Aceleração do ritmo de vida, impedindo de pensar e de agir conscientemente. Cansaço que faz viver na rotina e na mediocridade. [...].
- [...]. Dinheiro fácil, tornando homens insensíveis ao problema dos outros.
- [...]. Excessivas oportunidades de sair de casa.
- Despersonalização e aburguesamento devido à imitação inconsciente de vedetes da televisão e do cinema.
- Sensualidade e incapacidade de esforço, proveniente da atmosfera de negligência generalizada.
- Deficiência religiosa capaz de frear os desvios do comportamento e de fixar o espírito num ideal elevado. (SCHMIDT, 1967, p. 117)<sup>104</sup>.

Toda a chamada “crise moderna” tinha para os católicos uma ligação com o progresso social que, por sua vez, ausentava o homem de suas obrigações espirituais. Diante do contexto, político, econômico, social e familiar do momento, Maria Junqueira Schmidt discute no livro alguns testemunhos e questionamentos a serem trabalhados por uma Conselheira Matrimonial, a qual

---

<sup>104</sup> Estrutura da citação como no original.

deveria ser membro atuante na Igreja Católica em busca de “prevenir males e desvios” (SCHMIDT, 1967, p. 113) de conduta, concebendo soluções para os entraves levantados por jovens ou nas discussões presentes nos círculos de estudos. Para ela, todo esse debate seria mecanismo de capacitação para os pais e educadores, reunindo esforços para a “formação de uma consciência moral” (SCHMIDT, 1967, p. 98) dentro de uma estrutura cristã.

De acordo com essa visão de cristandade apresentado por Maria Junqueira no livro *Deus em casa*, o conceito de santidade é colocado como algo que possa ser treinado no cotidiano familiar através das vibrações de amor, felicidade e o amor desinteressado trazidos por Deus para essa instituição. O “Espírito Santo” seria como um “hóspede de honra” (SCHMIDT, 1967, p. 120) e a santidade seria o exercício da caridade que abria caminho para a missão a ser alcançada por cada um de seus integrantes através da capacidade de amar.

Outro conceito importante trabalhado pela autora é o de “mundovisão”<sup>105</sup> (SCHMIDT, 1967, p. 136) pelo qual a autora aborda o momento de transformação vivenciado no mundo a partir das novas tecnologias televisivas como caminho para uma grande força transformadora. Segundo Schmidt, esse seria caminho de produção de valores livres e acessíveis, convidativos para uma nova forma de educar a população que se hipnotizava com essa nova tecnologia e buscava o progresso como uma nova ferramenta de transformação. Maria Junqueira relata o excesso de tempo gasto em frente aos aparelhos de televisão por muitas famílias, mas é importante lembrarmos que grande parte da população brasileira nesse período ainda não tinha acesso a esse tipo de informação, demonstrando um perfil consumidor de seus livros com um poder aquisitivo maior em relação à grande maioria da população. Diante desse contexto tecnológico, a autora traz algumas orientações para a utilização dessa ferramenta tecnológica, pois ainda não se sabia do impacto visual, emocional e comportamental.

A televisão tem sua metodologia. Ela prescinde da lógica e do raciocínio. Atua no plano da afetividade, por meio de impactos. [...].

---

<sup>105</sup> Esse conceito também é trabalhado pelo Padre Teilhard de Chardin no livro *O fenômeno humano*.

Não afeta a vista, se for obedecida a posição correta: distância de dois metros, visão à altura dos olhos, ambiente ligeiramente iluminado. Uma fadiga momentânea dos olhos passa com um período de repouso, sem afetar a vista.

Não dissocia a família quando ela é unida como a nossa. Não mata a conversa [...]. (SCHMIDT, 1967, p. 138-139).

Para Maria Junqueira Schmidt, a televisão não era um impedimento para o relacionamento familiar, e o baixo desempenho escolar, muito pelo contrário, era uma forma de aumentar o rendimento escolar das crianças quando os pais orientavam e questionavam a respeito de determinados programas. Reforçando essa fala, a autora utiliza o professor de psicologia Henri Dieuziede para confirmar suas afirmações, especificando que a televisão informa, educa, distrai, reaproxima o homem isolado (SCHMIDT, 1967, p. 140,143).

A televisão se apresentava como uma grande transformação da sociedade, movimentos sociais presentes nas grandes cidades eram exibidos e acabavam por aproximar e até influenciar determinados comportamentos, caminhos utilizados pela igreja para dialogar com a família, encontrando na própria juventude uma possibilidade para alcançar os “irmãos desfavorecidos”, os desprovido de um poder aquisitivo maior.

Nos anos 1960, o Brasil vivenciava uma educação com uma marca religiosa, em que praticamente 60% das escolas de ensino secundário eram mantidas pela Igreja Católica (NUNES, 1986). Isso facilitava, através de movimentos como a JUC (Juventude Universitária Católica), uma participação expressiva do jovem, expandindo os ideais religiosos da igreja.

Se líder é aquele que tem visão mais aguda das coisas humanas, e traz no momento preciso a chave das soluções... Se líder é aquele entusiasta que antevê a solução e arrasta os outros com sua palavra de esperança e exemplo... Se líder, enfim, é aquele que assume, como sua, a causa do bem comum, e se consagra de corpo e alma à sua realização...o cristão é o líder do Reino de Deus no mundo, pois entre os incrédulos, ele crê. (SCHMIDT, 1967, p. 161).

Os católicos caminhavam em direção a novos horizontes embasados em um sacerdócio pautado na palavra e no amor de Cristo que conduziria a uma nova vida baseada na salvação e na eternidade. Reafirmando a preocupação da Igreja Católica em seu desenvolvimento social, objetivando uma nação mais justa e igualitária, as experiências apresentadas pela autora, a partir das vivências de grupo, demonstram a importância das relações para

desenvolvimento de um aprendizado capaz de florescer as potencialidades individuais como verdadeira experiência do amor, em busca do crescimento da Igreja Católica através da participação dos leigos e fortalecia a educação cristã como missão para a igreja (SCHMIDT, 1967, p. 209).

Para Riolando Azzi e Beozzo (1986, p. 117), esse momento de mudança da Igreja Católica é chamado de “Igreja do Povo de Deus”, pois traz em si uma renovação para o pensamento católico. Mas para Schmidt, o socorro estaria na imagem de Maria (SCHMIDT, 1967, p. 189). Diante dessa personagem, Schmidt (1967, p. 191) diz que sua representação é inspiradora para a família devido a sua ternura e simplicidade. Na figura materna da mãe de Jesus, símbolo de virtude e sensibilidade, enxergamos a transformação da igreja e da comunidade como ideal para a condução da família.

Ao estudar os “santos”, Maria Junqueira Schmidt esclarece que o verdadeiro objetivo da Igreja seria de vida e dedicação ao evangelho demonstrado no exemplo dos pais, provocaria a libertação da família pela fé, oração e palavra de Deus. Durante sua escrita, referencia diversos padres, cabendo destacar alguns deles: Padre Roberto, citado diversas vezes, representa o diálogo que crescia dentro das igrejas entre os padres e seus partícipes; Padre Carré, citado por uma famosa conferência em Paris; Padre Zundel, destacado por sua pedagogia original para catequizar; Padre Charbonneau, destacado pela autora pela perspicácia de suas pregações, o qual firmava aos seus estudantes a tarefa sagrada de levar o evangelho (SCHMIDT, 1967, p. 199-201). Autores como o escritor Kenneth Goff trazido em um diálogo entre os personagens, Martin Luther King citado como perfil do líder cristão ou Jacques Rivière (SCHMIDT, 1967, p. 237)<sup>106</sup> autor esse que foi prisioneiro da Primeira Guerra Mundial durante quatro anos na Alemanha, revelado por sua inteligência crítica através de suas reflexões como prisioneiro de guerra, colocadas em suas orações escritas. O autor Claudel (SCHMIDT, 1967, p. 239), destacado por Schmidt, é citado para falar do homem moderno e das preocupação com o tempo. Louis Charles Athanaise Cécile Cerveaux Prosper, conhecido como Paul Claudel, nascido na França, pensou em dedicar-se à vida monástica, mas acabou por entrar no corpo diplomático de

---

<sup>106</sup> Disponível em: <<http://www.mcnbiografias.com/app-bio/do/show?key=riviere-jacques>>. Acesso em: 22 jul. 2017.



seu país, era dramaturgo, poeta e considerado um dos mais importantes escritores católicos de seu país, no Brasil foi ministro plenipotenciário no ano de 1916, coincidindo com a Primeira Guerra Mundial (TEODORO, 2014, p. 64).

A partir do exemplo de Rivière, a autora reforça que todas as dificuldades vividas pelos cristãos deveriam servir como crescimento e obediência expressa na concretude do evangelho para atingir a felicidade se utilizando da pobreza. Para Schmidt, o conceito de pobreza assemelha-se ao “estado de espírito” (SCHMIDT, 1967, p. 159) e os cristãos deveriam se esvaziar de bens materiais, semelhantemente a atitude de Jesus Cristo que, a partir de seu espírito generoso, alcançou também os menos favorecidos.

Que o importante para a vida religiosa não é jejuar nem fazer abstinência: é inserir-se em grupos dinâmicos, de espírito apostólico autêntico, para uma concretização de todos os dons recebidos e uma atuação no sentido de comunicar a mensagem evangélica e promover realizações de valor. Esse ideal concreto e exequível assegura de certa forma a superação das mil e uma formas de egoísmo.

Precisamos transformar as dificuldades em ocasiões de crescer. (SCHMIDT, 1967, p. 238).

Todos eles dialogavam em torno de uma suposta “representação divina” que deveria ser difundida e reafirmada principalmente no interior das famílias, porém a construção familiar trazida por eles foi reforçada pela autora. Para Schmidt e todos os católicos citados em seu trabalho, os pais não precisariam mais receber o título de infalibilidade. Dentro dessa visão, “todos são suscetíveis de erro, mas todos dispostos a juntos obter o auxílio divino para um eterno recompensar” (SCHMIDT, 1967, p. 204). Maria Junqueira coloca as transformações dessa nova estrutura familiar como uma preocupação necessária para se rever determinados encaminhamentos por parte dos pais. Ela traz a força religiosa como arma de libertação para a família.

Os pais e professores cometem pecados graves de injustiça negando-lhes a única força que os tornaria felizes, a força libertadora do amor divino. Os psicólogos modernos estão chegando à conclusão de que somente a religião garante paz e saúde mental porque fornece finalidades. (SCHMIDT, 1967, 244).

Portanto, Maria Junqueira Schmidt atuava politicamente dentro e fora do grupo católico. Essa atuação não a impediu, ao contrário, talvez esse trânsito fluido tenha até servido como estímulo a uma participação mais ativa e

engajada no projeto de renovação religiosa junto à juventude, ao educador e à família em busca do desenvolvimento de uma missão espiritual a partir da chamada nova pedagogia. Em sua visão, para alcançar um mundo de paz, seria necessário inspirar pessoas e despertar na família um espírito de amor e boa vontade. Objetivos também visados no projeto de renovação religiosa do país, desenvolvido nos “dons espirituais” como sabedoria, inteligência, conselho e ciência, ou seja, um perfil necessário ao sacerdócio moderno.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A angústia em apresentar a conclusão de uma pesquisa que durou aproximadamente 28 meses é evidente nesse momento, mas necessária tendo em vista a obrigatoriedade de apresentar as possíveis respostas aos questionamentos levantados no início desse trabalho em que não encontra esgotamento do tema, mesmo porque isso nunca será possível.

Durante todo o percurso de pesquisa, tivemos construções e desconstruções, vários caminhos foram abertos e novas possibilidades foram apresentadas, em algumas delas tivemos que estabelecer limites para não alargarmos os contornos da pesquisa em busca de traçar o projeto de educação para as famílias desenhadas por Maria Junqueira Schmidt a partir da escrita de seus livros. Nos deparamos com uma proposta de uma Pedagogia Católica dentro de um projeto ainda mais ampliado: a recatolicização da sociedade brasileira, a partir da Ação Católica, que era instaurada nos anos de 1960, e em que o eixo família/igreja/pátria pautaria esse projeto.

Os males que assolavam a sociedade brasileira no início do século XX, apontados nas cartas pastorais destacadas anteriormente, direcionaram o trabalho e a atuação de Maria Junqueira Schmidt para contribuir intelectualmente a fim de diminuir ou acabar com as “mazelas” impostas pelos problemas sociais que iam se apresentando, tais como o divórcio, o excesso de liberdade sexual e outros problemas. Assim como ela, os grupos mais conservadores atribuíam à saída da classe da mulher para o mercado de trabalho os problemas da sociedade. Esquecendo-se eles, todavia, que essa preocupação só alcançava as mulheres das camadas médias e altas porque as mulheres das camadas populares sempre trabalharam fora de casa para prover suas necessidades de ordem material, fossem casadas ou solteiras.

A intelectual aqui abordada empreendeu diferentes estratégias políticas para intervir na cena social. Escreveu em jornais, revistas, atuou em escolas, realizou conferências em todo o país, educou pelo rádio e pela televisão, inseriu-se em espaços políticos e estabeleceu uma rede de colaboradores que que contribuíram fortemente para seu reconhecimento como intelectual.

Dentre os campos em que atuou, tornou-se referência na área da educação das famílias, o que nos levou a querer compreender melhor não apenas esse projeto que assumiu, mas também os caminhos para concretizá-lo, assim como a construção de si mesma como referência nessa temática. Para isso, elegemos quatro livros seus: *Educar pela recreação*, *Educar para a responsabilidade*, *A família por dentro*, *Deus em casa*, todos publicados pela Editora Agir e dirigidos às famílias como caminho para a construção dessa história.

Sua atuação é evidenciada por uma trajetória política que, a partir dos anos de 1950, se envolveu mais fortemente com o desenvolvimento de um projeto de educação das famílias. Maria Junqueira Schmidt foi uma mulher que sabia de sua força intelectual e buscava projetar-se de maneira ponderada diante dos grupos a que se dirigia. Estava atenta às discussões que circulavam na sociedade brasileira e fora dela. Apresentava, em discursos orais e escritos, experiências que agradavam os diferentes públicos. Suas ações foram em grande medida pensadas e planejadas politicamente, pois buscavam nas produções culturais caminhos de representação, mediação e articulação de suas ideias, alcançando brechas para possíveis intervenções religiosas e femininas em diferentes cenários.

Nosso interesse em investigar os saberes veiculados e projetados para uma educação das famílias utilizou-se dos impressos como representação, prática cultural e estratégia de afirmação no campo religioso e educacional em direção a uma possível relação estabelecida entre o público e o privado. A partir de seu papel como intelectual católica, o tripé: Deus-pátria-família pareceu ter sempre conduzido suas ações.

Nesse caminho estratégico de atuação intelectual católica, Maria Junqueira compôs interfaces de um projeto que perpassou por um perfil conservador, mas, em outros momentos, ela mesma rompe com determinadas práticas. O projeto de educação para as famílias proposto em seus quatro livros publicados pela Editora Agir pode ser articulado em três eixos de análise que ancorou a investigação: formação espiritual, formação cidadã e conservação da família apoiada em princípios católicos diretamente associados ao tripé Deus-Pátria-família. Reconhecendo suas produções intelectuais como ferramenta de construção social, temos o investimento da Editora Agir na

publicização de sua escrita. É importante assinalar que a editora buscava ampliar o reconhecimento de seus autores no cenário nacional, mas, no bojo de seu projeto, encontramos uma projeção católica a partir de encaminhamentos modernos direcionados a públicos diversos. Suas publicações perpassavam por pais, professores, psicólogos, jovens, profissionais das artes, entre outros. Seus esforços em produzir saberes técnicos dirigidos por profissionais especializados a cada tema e cada coleção permitia alcançar públicos diversificados.

O papel intelectual de Maria Junqueira Schmidt, na provocação e circulação dessas obras, respondeu ao destaque apresentado ao número de exemplares editados e reeditados ao longo das publicações da *Coleção Família*. Ao mesmo tempo, chama atenção que um dos livros analisados (*Educar pela responsabilidade*) tenha alcançado o maior número de reedições encontradas nessa coleção. Outro ponto imprescindível a ser destacado, é sua representatividade feminina na coleção.

O trabalho que empreendeu como intelectual católica e o projeto que defendeu em prol das famílias brasileiras, misturados muitas vezes, foram destacados ao longo desse trabalho. A finalidade foi de dar algum realce às diversas frentes que ela ocupou, mas com maior ênfase na sua produção impressa destinada a esse público especificamente.

Partindo de suas produções impressas, nos deparamos com outra estratégia utilizada para sua projeção como referência intelectual: a construção da Escola de Pais no Brasil. Esse projeto teve colaboradores de diferentes frentes, católica e laica, e respondia ao projeto de educação para a família, projetado por Maria Junqueira Schmidt, iniciadora desse movimento no Brasil.

Acrescenta-se a isto, o esforço da professora em conduzir um projeto voltado para a orientação e a construção de uma nação mais justa e igualitária dentro de preceitos religiosos católicos. Nessa direção, o projeto para educar as famílias partia não somente da produção e circulação de livros, embora seus livros tenham sido tomados como referência no movimento da Escola de Pais, mas da efetiva participação das famílias em consonância com educadores e profissionais de diferentes áreas, um movimento que direcionou sua escrita a esse público logo após seu estágio na *École des Parents*, na França, por volta do ano de 1958.

Se por um lado, Maria Junqueira Schmidt pode ser destacada como iniciadora desse projeto no Brasil, podemos dizer que sua inspiração veio da França, do projeto da *École des Parents* e do trabalho realizado por Vérine. Apesar dos pontos de contato não ficarem claros exatamente, as semelhanças entre os projetos e a própria filiação ao movimento mostram a produção e circulação de um modelo pedagógico entre Brasil e França que se materializa na Escola de Pais do Brasil, a qual teve à frente a intelectual aqui estudada.

No entanto, apesar da relevância de sua atuação nesse movimento, quando pesquisadas as fontes documentais da EPB e as pistas deixadas em sua trajetória frente a esse movimento, observamos que seu papel parece ter sido apagado. Diante dessa observação, uma pergunta não pôde ser respondida e merece um aprofundamento: sabendo da importância que a figura de Maria Junqueira Schmidt representou para a Escola de Pais do Brasil e à educação brasileira, por que sua atuação na Escola de Pais foi apagada? Esquecimento intencional por conta da visibilidade que alcançava ou para que outros personagens fossem destacados? E na historiografia, apesar de ter sido uma intelectual que atuou em tantas frentes, sua presença, assim como de tantas outras mulheres, demorou a ser percebida, tendo sido completamente invisibilizada, obscurecida por uma história que, ao buscar os seus intelectuais, ainda ajusta suas lentes com foco privilegiadamente na figura masculina.

A questão em aberto sobre os silêncios e os esquecimentos da história é também uma provocação para futuras pesquisas, para a ampliação do olhar, para o não apagamento dos nossos sujeitos e da nossa própria história.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Théodor W. **Introdução à sociologia**. Tradução Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Ed. ENESP, 2008.

ALTAVAREZ, Gineth Andrea. **¡En defensa de la educación católica! Actores, redes y conexiones em le Catolicismo Integral de las Revistas Criterio y Javeriana (1942- 19460)**. In: Rodrigues, Cândido; Zanotto, Gisele (org.). *Catolicismos e sociabilidade intelectual no Brasil e na Argentina*. Cuiabá: EDUFMT, 2013. p. 103-128.

AZZI, Riolando. Família, mulher e sexualidade na Igreja do Brasil (1930-1964). In: MARCILIO, Maria Luiza (Org.). **Família, mulher, sexualidade e igreja na história do Brasil**. São Paulo: Edições Loyola – CEDHAL - CEHILA, 1993. p. 101-134.

\_\_\_\_\_. **A crise da cristandade e o projeto liberal**. São Paulo; Edições Paulina, 1991.

\_\_\_\_\_; BEOZZO, José Oscar (Org.). **Os religiosos no Brasil: enfoques históricos**. São Paulo: Paulinas, 1986.

BAWIN-LEGROS, Bernadette; STASSEN, Jean-François (Collab.). **Sociologie de la famille: le lien familial sous questions**. Paris: De Boeck Université, 1996.

BARROS, Pe. Raimundo Caramuru. **Brasil: uma igreja em renovação – Experiência brasileira der planejamento pastoral**. Petrópolis: Vozes, 1967.

BEOZZO, José Oscar. **Cristãos na universidade e na política**. Petrópolis: Vozes, 1984.

BERGE, André. **A liberdade na educação**. Coleção Família. Tradução Helena Ramos da Silva. Rio de Janeiro: AGIR, 1964.

\_\_\_\_\_. **A educação sexual e afetiva**. Coleção Família. Tradução Teresa de Araújo Pena e Maria Luísa Studart de Moraes. Rio de Janeiro: AGIR, 1968.

BÍBLIA DE ESTUDOS. Nova Versão Internacional. Tradução das notas Gordon Chown. Organização Geral de Kenneth Barker. São Paulo: Editora Vida, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

\_\_\_\_\_. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução: Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996.

\_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_. **A distinção: crítica social do julgamento**. Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2008.

BRUNEAU, Thomás C. **Catolicismo brasileiro em época de transição**. São Paulo: Edições Loyola, 1974.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO Maria Ligia. **O bravo Matutino**: imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.

CARVALHO, Marcus Vinícius Corrêa. Moderno, modernidade e modernização: Polissemias e pregnâncias. In: GIL, Natália; ZICA, Matheus da Cruz e; FILHO, Luciano Mendes Faria (Orgs). **Moderno, modernidade e modernização – séculos XIX e XX**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 13-34.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Escola, memória, historiografia a produção do vazio. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 10-15, jan./mar., 1993.

\_\_\_\_\_. A configuração da historiografia educacional brasileira. In: FREITAS, M. C. de. (Org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

\_\_\_\_\_. Modernidade pedagógica e modelos de formação docente. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 111-120, 2000.

\_\_\_\_\_. Manuais de pedagogia do impresso e circulação de modelos pedagógicos no Brasil. **Revista Colombiana de Educación**, Bogotá, n. 52, p. 114-135, enero-junio, 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=413635246007>>. Acesso em: 5 fev. 2017.

\_\_\_\_\_; TOLEDO, Maria Rita de Almeida. Biblioteca para professores e modelização das práticas de leitura: análise material das coleções Atualidades Pedagógicas e Biblioteca de Educação. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007. **Anais...** ANPUH, São Leopoldo (RS), 2007. Disponível em: <http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Maria%20Rita%20de%20Almeida%20Toledo.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2017.

CERTEAU, M. A invenção do cotidiano I: as artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução Mary Del Priore. Brasília: UnB, 1994.

\_\_\_\_\_. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Conversas com Jean Lebrun. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Editora UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietudes. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.



\_\_\_\_\_. **Formas e sentido:** cultura escrita. Tradução de Maria de Lourdes Meirelles. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. **Inscriver e apagar:** cultura escrita e literatura. Tradução Luzimara Curcino. São Paulo: UNESP, 2007.

\_\_\_\_\_. **A história ou a leitura do tempo.** Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

\_\_\_\_\_. **A mão do autor e a mente do editor.** Tradução George Schlesinger. São Paulo: Unesp, 2014.

COUTINHO, Jorge Marco Antônio; FERREIRA, Nádia P. (Org.). **Lacan:** o grande freudiano. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2005, p. 1-87. (Col. Passo a Passo).

DARNTON, Robert. **A questão dos livros:** passado, presente e futuro. Tradução: Daniel Pellizzari. São Paulo, 2010, p. 189- 218.

DAROS, Maria das Dores. Desenvolvimentismo e políticas educativas no Brasil nos anos 1950-1960: Transnacionalização e modernização. In: GIL, Natália; ZICA, Matheus da Cruz e; FILHO, Luciano Mendes Faria (Orgs). **Moderno, modernidade e modernização** – séculos XIX e XX. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 185-204.

DE HOVRE, Franz. **Pedagogos y pedagogia del catolicismo.** Tradução de José Maria Bernaldez. Madrid; Poblet, 1945.

\_\_\_\_\_. **Ensaio de filosofia pedagógica.** Tradução de Luiz Damasco Penna e J. B. Damasco Penna. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1969.

DEL PRIORE, Mary. **As atitudes da Igreja em face da mulher no Brasil colônia.** In: MARCILIO, Maria Luiza (Org.). Família, mulher, sexualidade e igreja na história do Brasil. São Paulo: Edições Loyola – CEDHAL - CEHILA, 1993. p. 171-189.

\_\_\_\_\_. **Histórias e conversas de mulheres.** São Paulo: Planeta, 2013.

\_\_\_\_\_. Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino. In: DEL PRIORE, Mary; PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **História das mulheres do Brasil.** São Paulo: Contexto, 2015. p. 78-1145.

DONZELOT, Jacques. **A polícia das Famílias.** Tradução de M. T. da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm como os lobos:** mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

FURTER, Pierre. **Educação e vida.** Petrópolis: Vozes, 1973.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Território plural: a pesquisa em história da educação**. São Paulo: Ática, 2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Inezil Penna Marinho**: Coletânea de textos. Porto Alegre: UFRGS – Colégio Brasiliense de Ciência e Esporte, 2005. p. 9-74.

GOUREAUX, Guy; RICOT, Jacques. **Autopsie De L'Ecole Catholique**. Paris: Les Éditions Du Cerf, 1975.

GUIMARÃES, Valéria. Relações transnacionais: jornais franceses publicados no Brasil (1854-1924). *Escritos Nove* – Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, Ano 9, n. 9, p. 13-77, 2015. Disponível em: <<http://escritos.rb.gov.br/numero09/artigo02.php>>. Acesso em: 25 out. 2017.

GUISSARD, Lucien A. A. **Catolicismo e progresso social**: enciclopédia dos católicos no século XX. Tradução: José Aleixo Dellagnelo. São Paulo: Flamboyant, 1962.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil** (sua história). Tradução de Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: EDUSP, 1985.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. **Pensando a educação nos tempos modernos**. São Paulo: Edusp, 1998.

JESUS, Rodrigo Marcos. Henrique Cláudio de Lima Vaz: catolicismo em diálogo com a modernidade. In: RODRIGUES, Cândido; ZANOTTO, Gizele (org). **Catolicismo e sociabilidade intelectual no Brasil e na Argentina**. Cuiabá: EdUFMT, 2013. p. 217-242.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. A mulher das camadas médias entra no mercado de trabalho. In: MARCILIO, Maria Luiza (Org.). **Família, mulher, sexualidade e igreja na história do Brasil**. São Paulo: Edições Loyola – CEDHAL - CEHILA, 1993. p. 191-196.

LOURO, Guacira Lopes. **Mulheres na sala de aula**. In: DEL PRIORE, Mary (org). *História das mulheres no Brasil*. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2006 (Paradidáticos. Cultura).

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. **Lições de Casa**: discursos pedagógicos destinados à família no Brasil. Belo Horizonte: Argvmentvm, (EDVCERE;1), 2007. p. 25 -176.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

MARTINS, Alberto. **Charbonneau**: ensaio e retrato. São Paulo: Scipione Cultural, 1997. p. 237-245.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. **Bourdieu & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

NUNES, M. José F. Rosado. Práticas políticas – religiosos das congregações femininas no Brasil – uma abordagem Histórico Social. In: AZZI, José Riolando e BEOZZO, Oscar (Org.). **Os religiosos no Brasil: enfoques históricos**. CEHILA: Edições Paulinas, 1986. p. 188-218.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. Por uma civilização cristã: a Coleção Monsenhor Álvaro Negromonte e a pedagogia do catecismo (1937 1965). 2008. 380 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2008.

\_\_\_\_\_. **Educar-se para educar**: o projeto pedagógico do monsenhor Álvaro Negromonte dirigido a professoras e famílias através de impressos (1936-1964). 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2013a.

\_\_\_\_\_. Peregrino da palavra: sociabilidades e periodismo católico na trajetória intelectual de Álvaro Negromonte. In: RODRIGUES, Cândido; ZANOTTO, Gizele (org). **Catolicismo e sociabilidade intelectual no Brasil e na Argentina**. Cuiabá: EdUFMT, 2013b. p.189-213.

\_\_\_\_\_. Quando o mundo cabe na bagagem: as experiências de formação e distinção de Maria Junqueira Schmidt no cenário educacional brasileiro. In: SILVA, Alexandra Lima; ORLANDO, Evelyn de Almeida; DANTAS, Maria José (org). **Mulheres em trânsito: intercâmbios, formação docente, circulação de saberes e prática pedagógica**. Curitiba: CRV, 2015. p. 209-240.

\_\_\_\_\_. **Histórias da educação católica no Brasil e em Portugal**. Curitiba: Appis, 2017a.

\_\_\_\_\_. “A Bandeira e a Cruz”: caminhos da trajetória intelectual da educadora Maria Junqueira Schmidt. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 33, n. 65, jul./set., 2017b, p. 103-118. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/320485362\\_A\\_Bandeira\\_e\\_a\\_Cruz\\_caminhos\\_da\\_trajetoria\\_intelectual\\_da\\_educadora\\_Maria\\_Junqueira\\_Schmidt](https://www.researchgate.net/publication/320485362_A_Bandeira_e_a_Cruz_caminhos_da_trajetoria_intelectual_da_educadora_Maria_Junqueira_Schmidt)>. Acesso em: 20 set. 2017.

\_\_\_\_\_. Maria Junqueira Schmidt e os caminhos de uma trajetória intelectual pela palavra impressa. In: ORLANDO, Evelyn de Almeida (Org.). **História da Educação Católica no Brasil e em Portugal**. Curitiba: Appis, 2017c. p. 119-140.

\_\_\_\_\_; DANTAS, Maria José. Impressos, catolicismo e educação: uma estratégia de conformação do campo pedagógico. **Revista História da Educação**, Curitiba, v. 21, n. 51, jan./abr., 2017, p. 1-12. Disponível em: <<http://www.sbhe.Org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/338.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

\_\_\_\_\_; HENRIQUES, Helder. Nota prévia sobre a Escola de Pais no Brasil e em Portugal. **História da Educação** (On-Line), Porto Alegre, v. 21, n. 52, p. 56-80, maio/ago. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/70538>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

\_\_\_\_\_; HENRIQUES, Helder. A pedagogia do catecismo na escola normal particular amato lusitano através da “Seiva – Revista da Cultura” (1955-1959). In: HERNANDEZ DIAZ, José Maria (Coord.). **La prensa de los escolares y estudiantes** – Su contribución al patrimonio histórico educativo. Salamanca: Ediciones Universidad Salamanca, 2015. 451-464.

OSINSKI, Dulce Regina Baggio. **A modernidade no sótão**: educação e arte em Guido Viário. Curitiba: Editora UFPR, 2008. p. 83-163.

PERROT, Michelle. Os atores. In: PERROT, Michele (Org.). **História da vida privada 4**: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Tradução de Denise Bottamann (parte 1 e 2) e Bernardo Joffily (parte 3 e 4). São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 77-175.

PESTALOZZI, J. H. **Ecrits sur la Méthode**: Tête, coeur, main (Vol. 1). Le-Mont-sur-Lausanne: LEP Editions, 2008. p. 197.

PRANDI, José Reginaldo. **Catolicismo e família**: transformações de uma ideologia. *Cadernos CEBRAP*, 21. São Paulo, 1975.

PINSKY, Carla Bazanezi. **Mulheres dos Anos Dourados**. São Paulo: Contexto, 2014.

SCHMIDT, Maria Junqueira. **Educar pela recreação**. *Coleção Família*. Rio de Janeiro; Editora Agir, 1958.

\_\_\_\_\_. **Educar para a responsabilidade**. *Coleção Família*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1963.

\_\_\_\_\_. **Educar para a responsabilidade**. *Coleção Família*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1974.

\_\_\_\_\_. **Deus em casa**. *Coleção Família*. Editora Agir. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1967.

\_\_\_\_\_. **A família por dentro**. *Coleção Família*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1967.

SCOTT, Ana Silva. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: DEL PRIORE, Mary (org); PINSKY, Carla Bassanezi (Coord.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 15-42.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, Rene. **Por uma história política**. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 231-270.

SOUZA, Cynthia Pereira de. Sobre livros e leituras em revista católicas entre a vigilância, a censura e a 'edificação do caráter' (1920-1950). Leituras e escritas em Portugal e no Brasil 1500-1970. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 1., 1998, Porto. **Actas...** Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, Porto, 1998, v. 1, p. 627-645.

TEODORO, Miguel A. **Padre Pedro Fossi: O peregrino**. São Paulo: Editora AgBook, 2014.

TOLEDO, Maria Rita. **Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)**. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – História e Filosofia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

VÉRINE. **Os dez mandamentos dos pais**. Tradução de Maria Luiza Toselli. São Paulo: Edições Paulinas, 1965.

VILLELA, Heloisa de Oliveira Santos . Entre o "saber fazer" e a profissionalização: a escola normal do século XIX e a constituição da cultura profissional docente. In: CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira; MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck (Org.). **A educação escolar em perspectiva histórica**. Campinas, SP: Capes/ SBHE. Autores associados, 2005. p. 77-101.

WIESNER, Merry E; EVANS, Andrew D.; RUFF, Julius R.; WHEELER, William Bruce. **Discovering the Western Past: A Look at the Evidence Since 1500**. Vol. I. [s/ed.], 2000.

WERNER, M.; ZIMMERMANN, B. Penser l' histoire croisée: entre empirie et réflexivité. **Annales: Histoire, Sciences Sociales**, n. 1, p. 7-36, jan./fev. 2003. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-Annales-2003-1-page-7.htm>>. Acesso em: 16 abr. 2017

### Obras consultadas

AIRÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ALÍPIO, Casali. **Elite intelectual e a restauração da igreja**. Petrópolis: Vozes, 1995.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: UNESP, 1998.

ALMEIDA, Júlia Lopes. **Livro das noivas**. 2. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1905, p. p. 39-50.

ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa de. **A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ARAÚJO, Emanuel. **A construção do livro: princípios da técnica de impressão**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

AZEVEDO, Fernando. **A instrução pública no Distrito Federal**. Rio de Janeiro: Mendonça, Machado & C. 1927.

\_\_\_\_\_. A formação do professorado e a reforma. **Boletim de Educação Pública**, n. 1, 1930.

AZZI, Riolando. **História da educação católica no Brasil: Contribuições dos Irmãos Maristas. Os primórdios da obra de Champagnat no Brasil (1897 – 1997)**. São Paulo: SIMAR, 1996.

BASTOS, Maria Helena Câmara. **A revista do ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942): O novo e o nacional em revista**. Pelotas – Seivas, 2005.

\_\_\_\_\_. O ensino mútuo no Brasil (1827-1854). In: BASTOS, Maria Helena Câmara; STEPHANOU, Maria. **História e memórias da educação no Brasil**. vol. II - século XIX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 34-67.

BASTOS, Elide Rugai; RÊGO, Walquíria D. Leão. **Intelectuais e Política: a moralidade do compromisso**. São Paulo: Olho d'água, 1999.

BERGE, André. **As psicoterapias**. Tradução de R. Joffily e Aluísio Campos Machado. Rio de Janeiro: AGIR, 1971.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou os ofícios do historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre o Estado: Cursos no Collège de France (1989-1992)**. Tradução Rosa Freire d' Aguiar. São Paulo: Companhia da Letras, 2014.

BREIRED, José Luiz Bendicho. **Intelectuais e imprensa: a configuração de uma rede hispano-americana no espaço atlântico**. São Paulo, 2009. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/his/v28n/29.pdf](http://www.scielo.br/pdf/his/v28n/29.pdf)>. Acesso em: 24 jan. 2016.

CAMPOS, Névio. História intelectual e história cultural: um recorte em Roger Chartier. **Revista Documento-Monumento**, Mato Grosso, v. 16, n. 1, p. 94-122, dez. 2015. Disponível em: [www.ufmt.br/ndihr/revista](http://www.ufmt.br/ndihr/revista). Acesso em: 21 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. **Intelectuais e igreja católica no Paraná: 1926-1938**. Ponta Grossa: UEPG, 2010.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Pedagogia da Escola Nova e usos do Impresso: itinerário de uma investigação. **Educação**, Santa Maria, v. 30, n. 2,

p. 87-104, 2005. Disponível em: <<http://www.ufms.br/ce/revista>>. Acesso em: 9 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. Impressos e circulação de modelos pedagógicos: a difusão da pedagogia de Francis Parker na imprensa educacional paulista. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7., 2013, Cuiabá. **Anais...** Disponível em:< <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/08-%20IMPRESSOS-%20INTELECTUAIS%20E%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO/IMPRESSOS%20E%20CIRCULACAO%20DE%20MODELOS%20PEDAGOGICOS.pdf>> Acesso em: 2 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. Estratégias editoriais e territorialização do campo pedagógico: um livro de Sampaio Dória sob a pena do editor da biblioteca de educação. **História da Educação**, Porto Alegre, v. 17, n. 39, jan./abr. 2013, p. 39-56.

CASALI, Alípio. **Elite intelectual e restauração da igreja**. Petrópolis: Vozes, 1995.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, leitura e história**: conversas com Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Santônio Saborit. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2001.

\_\_\_\_\_. **O que é um autor?** Revisão de uma genealogia. Tradução Luzimara Curcino e Carlos Eduardo Bezerra. São Carlos: EDUFSCar, 2014.

CORRÊA, Rosa Lydíia Teixeira. Saberes para conhecer e fazer para o lar na formação de professores do ensino de primeiro grau. In: CORRÊA, Rosa Lydíia Teixeira; MENDONÇA, Ana Waleska Pollo Campos; SIMÕES, Regina Helena Silva. **História da profissão docente no Brasil**. Vitória: EDUFES, 2011. p. 229-256.

CRUZ, G. Braga. **Direitos e deveres do Estado na educação**. In: Semanas Sociais Portuguesas: o problema da educação, Quarto Curso, 1952, Braga. Lisboa: Tip. da «União Gráfica », [s/d], p. 115-142.

DALBEN, André. Inezil Penna Marinho: Formação de um intelectual da educação física. **Movimento revista de educação física da ufrgs**, Porto Alegre, v. 17, n. 01, p. 59-76, jan. /mar., 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/16968>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

\_\_\_\_\_; ROCHE, Daniel (Org.). **Revolução imprensa**: A imprensa na França (1775-1800). São Paulo: EDUSP, 1996.

DE HOVRE, Franz. **Ensaio de filosofia pedagógica**. Tradução de Luiz Damasco Penna e J. B. Damasco Penna. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1996.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias da gente brasileira**: vol. 1. São Paulo: Planeta, 2016.

\_\_\_\_\_; VENÂNCIO, Renato. **O livro de ouro da História do Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

DUARTE, Newton (Org.). **Sobre o construtivismo**. 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 84-102.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Vol 1. Tradução de Ruy Jungman. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, p. 9-213.

FABRIS, Annateresa (Org.). **Crítica a modernidade**. São Paulo: ABCA: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de Faria. O espaço escolar como objeto da história da educação: algumas reflexões. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 141-159, jan./jun., 1998. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/59619>. Acesso em: 2 fev. 2017.

GAETA, Maria Aparecida Junqueira Veiga. **Os percursos do ultramontanismo em São Paulo no episcopado de D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho (1873-1894)**. Tese (doutorado) –Universidade estadual de São Paulo, São Paulo, 1991.

GASPARINI, Leni Trentim. **Imagens femininas nas “Gêmeas do Iguaçu” nos anos 40 e 50**. União da vitória: Kaygangue, 2005.

GOMES, Ângela de Castro; HASEN, Patrícia Santos (org). **Intelectuais mediadores**: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 7-40.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques; SOUZA, Arménia Maria de; SERPA, Élio Cantalício; BITTENCOURT, Libertad Borges (Org.). **Escritas da história**: intelectuais e poder. Goiânia: UCG, 2004.

GONZALES, Horácio. **O que são os intelectuais**. Coleção primeiros passos, 29. São Paulo: Brasiliense, 2001.

HAHNER, June E. Honra e distinção das famílias. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova história cultural no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 43-64.



HENRIQUES, Helder. Formar professores sob o signo da cruz: ideias e princípios pedagógicos (Portugal, década de 50 do século XX). In: ORLANDO, Evelyn de Almeida (Org.). **História da Educação Católica no Brasil e em Portugal**. Curitiba: Appris, 2017. p. 25- 47.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. Tradução de Jefferson Luiz de Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JUNIOR, Alvaro Santos Simões; CAIRO, Luiz Roberto; RAPUCCI, Cleide Antônia (Org.). **Intelectuais e imprensa: aspecto de uma complexa relação**. São Paulo: Nankin, 2009.

LECLERC, Gérard. **Sociologia dos intelectuais**. Coleção Aldus. Tradução Paulo Neves. São Leopoldo: UNISINOS, 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e memória/Jacques Le Goff: tradução Bernardo Leitão...**[et al.].- 5ª ed.- Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LEITE, Márcia Maria da Silva Barreiros. **Entre a tinta e o papel: memórias de leituras e escritas femininas na Bahia (1870-1920)**. Salvador: Quarteto, 2005. p. 157-257.

LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. Profissão docente, formação e instituições escolares. In: CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira; MENDONÇA, Ana Waleska Pollo Campos; SIMÕES, Regina Helena Silva. **História da profissão docente no Brasil**. Vitória: EDUFES, 2011. p. 59-77.

LUCA, Tania Regina. Mulher em Revista. In: DEL PRIORE, Mary (org); PINSKY, Carla Bassanezi (Coord.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 447- 468.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. Crônica feminina: sobre o lugar da mulher e de sua educação no período católico A Ordem (anos 1930). In: MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello; Xavier, Libânia Nacif. **Impressos e história da educação: usos e destinos**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2008, p. 111-126).

\_\_\_\_\_. Em nome da família: imprensa católica e debates educacionais brasileiros (anos 193- e 1950/ 60). In: ORLANDO, Evelyn de Almeida (org). **História da Educação Católica no Brasil e em Portugal**. Curitiba: Appris, 2017. p. 25- 47.

MARIANE, Servus. **Para entender a igreja no Brasil: A caminhada que culminou no Vaticano II (1930-1968)**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MARTINS, Maria Francisca; MARTINS, Elias C. A. **50 anos de Escola de Pais – Sua história, sua gente**. Escola de Pais do Brasil, 2013.

MICHEL, Andrée. **La sociologie de la famille**. França: Maloine S.A., 1970.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. Nota prévia sobre a palavra impressa no Brasil do século XIX – A biblioteca do povo e das escolas. **Revista Horizontes**, Sergipe, 2017, p. 11-28. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/educacao/article/viewFile/1375/641>>. Acesso em: 30 set. 2017.

NÓVOA, Antônio. **Histórie e comparaison: Essas sur l' Éducation**. Lisboa: Educa, 1998.

NUNES, Clarice. Cultura escolar, modernidade pedagógica e política educacional no espaço urbano carioca. In: HERSCHMANN, Micael; KROPF, Simone; NUNES, Clarice. **Missionários do progresso: médicos, engenheiros e educadores no RJ-1870/1937**. 10. ed. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996. p. 155-224. Disponível em: <<http://www.bvanisioteixeira.ufba.br/artigos/cultura10.html>>. Acesso em: 29 out. 2017.

ORFALI, Kristina. Um modelo de transparência: a sociedade sueca. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gérard (Org.). **História da vida privada 5: da Primeira Guerra a nossos dias**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 536- 566.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Ângela M. S. Correa. 2º ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 109- 164.

PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PINSKY, Carla Bazanezi. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org); PINSKY, Carla Bassanezi (Coord.). **História das mulheres no Brasil**. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 607- 639.

PINTASSILGO, Joaquim. O Estado, a Igreja, a Família e a Educação: um debate em contexto autoritário (Portugal, meados do século XX). In: ORLANDO, Evelyn de Almeida (Org.). **Histórias da Educação Católica no Brasil e em Portugal**. Curitiba: Appris, 2017. p. 49-68

PROST, Antonie. Fronteiras e Espaços do Privado. In: PROST, Antonie; VINCENT, Gérard. (Org.). **História da vida privada 5: da Primeira Guerra aos nossos dias**. Tradução: Denise Bottmann e Dorothée de Bruchard. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 13 - 136.

RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SOIHET, Rachel. A conquista do espaço público. In: DEL PRIORE, Mary (org); PINSKY, Carla Bassanezi (Coord.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 218- 237.

SILVA, Alexandra Lima da; ORLANDO, Evelyn Almeida. Peregrino da palavra: sociabilidades e periodismo católico na trajetória intelectual de Álvaro Negromonte. In: Rodrigues, Cândido; Zanotto, Gisele (Org.). **Catolicismos e sociabilidade intelectual no Brasil e na Argentina**. Cuiabá: Edufmt, 2013. p. 189-213.

SIRINELLI, Jean-François. **Abrir a história**: novos olhares sobre o século XX Francês. Coord. de Eliana de Freitas Dutra; Tradução de Fernando Sheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

\_\_\_\_\_. **Os intelectuais**. In: REMOND, R. (Org.) Por uma História política. Rio de Janeiro: UFRJ; Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 231-269.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização**: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: UNESP, 1998.

SOIHET, Rachel. A conquista do espaço público. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 218- 237.

TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. **Revista Brasileira de educação**, Campinas, n. 14, p. 61-191, maio/ago. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a05.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. **Crítica a Modernidade**. Tradução Elia Ferreira Edel. Petrópolis: Vozes, 1994.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação pública**: Administração e desenvolvimento. Relatório do Diretor-Geral do Departamento de Educação do Distrito Federal: Anísio S. Teixeira, dez. 1934, Rio de Janeiro, Oficinas Gráficas do Departamento de Educação, 1935.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 401-442.

TOLEDO, Maria Rita. **Fernando de Azevedo e a Cultura Brasileira ou as Aventuras e Desaventuras do Criador e da Criatura**. 1995. 173f. Dissertação ( Mestrado em História e Filosofia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1995.

TOLEDO, Maria Rita. A indústria de livros, a materialidade do impresso e o campo educacional: reflexões sobre a organização do acervo histórico da companhia editora nacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA

EDUCAÇÃO. A EDUCAÇÃO ESCOLAR EM PERSPECTIVA HISTÓRICA, 3., 2004, Curitiba/PR. **Anais...** Curitiba/PR: PUC/PR; SBHE, 2004, p. 1-12.

TOURAINÉ. Alain. **Crítica da modernidade**. Tradução Elia Ferreira Edel. Petrópolis: Vozes, 1994.

VALDEMARIN, Vera Teresa. **O método intuitivo**: os sentidos como janelas e portas que se abrem para um mundo interpretado. In: VALDEMARIN, Vera Teresa; SOUZA, Rosa Fátima de (Org.). **O legado educacional do século XIX**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. p. 85 -132.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Intelectuais e Educação. **Pensar a Educação em Revista**, v. 1, n. 1, p. 3-21, 2015.

\_\_\_\_\_. História intelectual e história dos intelectuais: diálogo acerca da escrita da história da educação. In: VIEIRA, Carlos Eduardo; STRANG, Bernadete de Lourdes Streisky; OSINSKI, Dulce Regina Baggio (Org.). **História intelectual e educação**: trajetórias, impressos e eventos. Jundiaí: Paco Editorial, 2015. p. 11-28.

\_\_\_\_\_. Conferência Nacional de Educação: intelectuais, Estado e discurso (1927 – 1967). **Educar em Revista**, Curitiba, v. 33, n. 65, p. 19-34, jul./set., 2017. Disponível em: < <http://revistas.ufpr.br/educar/issue/view/2117/showToc> >. Acesso em: 20 set. 2017.

VILLELA, Heloisa de Oliveira Santos. Do artesanato à profissão: representações sobre a institucionalização da formação docente no século XIX. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; STEPHANOU, Maria. **História e memórias da educação no Brasil**. vol. II - século XIX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 104-115.

XAVIER, Libânia Nacif. **Manifesto dos pioneiros**: Um legado educacional em debate (Org.). Ed. FGM – FCH – FUMEC, 2004.

\_\_\_\_\_. Interfaces entre a história da educação e a história social e política dos intelectuais: conceitos, questões e apropriação. In: GOMES, Ângela de Castro; HASEN, Patrícia Santos (Org.). **Intelectuais mediadores**: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 467-486.

\_\_\_\_\_. Modos de fabricação da identidade docente na revista Escola Secundária (CADES/ MEC; 1957-1963). In: MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello; Xavier, Libânia Nacif. **Impressos e história da educação**: usos e destinos. Rio de Janeiro: 7 letras, 2008. p. 152-166.

Grande livro da Religião. **História das religiões**: crenças e práticas religiosas do século XII aos nossos dias. Milão: Folio, 2008.

ZAMBERLAM, Cristina de Oliveira. **Os novos paradigmas da família contemporânea**: uma perspectiva interdisciplinar. Rio de Janeiro, São Paulo: Renovar, 2001.

## Fontes documentais

A ORDEM. **André Berge**. [s/d] de fevereiro de 1959, p. 151.

A ORDEM. **François Goust**. [s/d] de abril de 1961, p. 255.

A ORDEM. **André Berge**. [s/d] de fevereiro de 1962, p. 126.

A ORDEM. **Maria Junqueira Schmidt**. [s/d] de junho de 1962, p. 376.

A TARDE. **Livrarias do “Paraná” e “Curitiba”**. Paraná, 19 de setembro de 1959, p. 4.

A UNIÃO. Rio de Janeiro 10 de janeiro de 1925, p. 2.

A UNIÃO. Rio de Janeiro 27 de janeiro de 1921, p. 1.

A UNIÃO. Rio de Janeiro 2 de fevereiro de 1921, p. 7.

A UNIÃO. Rio de Janeiro 8 de janeiro de 1922, p. 2.

A UNIÃO. Rio de Janeiro 9 de fevereiro de 1922, p. 4.

A UNIÃO. Rio de Janeiro 7 de fevereiro de 1922, p. 6-7.

A UNIÃO. Rio de Janeiro 17 de dezembro de 1922, p. 2.

A UNIÃO. Rio de Janeiro 18 de janeiro de 1923, p. 2.

A UNIÃO. Rio de Janeiro 30 de dezembro de 1923, p. 2.

A UNIÃO. Rio de Janeiro 26 de novembro de 1925, p. 2.

A UNIÃO. Rio de Janeiro 27 de maio de 1926, p. 3.

A UNIÃO. **Brasil Revista**. 27 de maio de 1926, p. 3.

A UNIÃO. **A propósito de um livro**. 10 de janeiro de 1925, p. 2.

CORREIO DA MANHÃ. **A livraria**. Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1960, p. 9.

CORREIO DA MANHÃ. **Livros da Coleção Família**. Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1963, p. 9.

CORREIO DA MANHÃ. **Tristão de Athayde**. Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1958, p. 11.

CORREIO DA MANHÃ. **O segredo de Marianna Victória**. Rio de Janeiro, 1 de setembro de 1929, p. 4.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Foreign Body**. Rio de Janeiro, 4 de novembro de 1951, p. 3.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Lançada a edição nacional da Bíblia**. Rio de Janeiro, 30 de março de 1956, [s/p].

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Uma vida melhor para os que trabalham**. Rio de Janeiro, 5 de agosto de 1951, p. 2.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 19 de janeiro de 1947, p. 2.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1963, p. 2.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Católicas**. Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1969, p. 6.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Coleção Família**. Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1960, p. 3.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Criança - na Coleção Família**. Rio de Janeiro, 17 de outubro de 1965, p. 2.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Agir**. Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1968, p. [s/i].

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Retrospecto de 1968**. Rio de Janeiro, 2 de fevereiro de 1969, p. 16.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Para psicólogos**. Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1969, p. 5.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **O que brevemente leremos**. Paraná, 7 de setembro de 1946, p. 12.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Biblioteca Pública**. Paraná, 5 de novembro de 1955, p. 5.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Biblioteca Pública**. Paraná, 12 de novembro de 1955, p. 3.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **O maior do mundo**. Paraná, 5 de julho de 1959, ano V, n. 1292.

DIÁRIO DE PARANÁ. **Novos livros**. Paraná, 19 de abril de 1960, p. 3.

DIÁRIO DE PARANÁ. **Concurso sobre clássicos será para secundário**. Paraná, 16 de agosto de 1966, p. 1.

DIÁRIO DE PARANÁ. **Concurso 500 palavras premiadas**. Paraná, 16 de agosto de 1966, p. 1.

DIÁRIO DE PARANÁ. **Política e religião**. Paraná, 7 de agosto de 1971, p.2.  
DIÁRIO DE PARANÁ. Paraná, 23 de junho de 1955, p. 5.

JORNAL DO BRASIL. **AGIR**. Rio de Janeiro, 6 de julho de 1961, p. 4.

JORNAL DO BRASIL. **Agir tem plano modesto para suas edições em 65**.  
Rio de Janeiro, 14 de março de 1965, p. 6.

JORNAL DO BRASIL. **Educação**. Rio de Janeiro, 8 de dezembro de 1965, p.  
7.

JORNAL DO BRASIL. **Sugestões aos pais e educadores**. Rio de Janeiro, 15  
de abril de 1967, p. 8.

JORNAL DO BRASIL. **Coleções**. Rio de Janeiro, 9 de setembro de 1967, p.  
10.

JORNAL DO BRASIL. **Autoconsciência e transformação**. Rio de Janeiro, 21  
de outubro de 1967, p. 14.

JORNAL DO BRASIL. **Quer ter um filho?** Rio de Janeiro, 15 de novembro de  
1969, p. 9.

JORNAL DO BRASIL. **Sugestões aos pais e educadores**. Rio de Janeiro, 8  
de dezembro de 1965, p. 7.

JORNAL DO BRASIL. **Escultura na praça**. Rio de Janeiro, 2 de dezembro de  
1969, p. 2.

JORNAL DO DIA. **Stante**. 22 de setembro de 1964, p. 4.

JORNAL DO DIA. **Os bons livros da Agir**. 16 de julho de 1965, [s/p].

JORNAL GIL- BLAS. **A bandeira e a cruz através da simbologia**. Rio de  
Janeiro, 23 de junho de 1921, p. 6.

JORNAL GIL- BLAS. **Mulher brasileira**. Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 1922,  
p. 2.

JORNAL GIL- BLAS. **Do cimo dos alpes**. Rio de Janeiro, 3 de fevereiro de  
1922, p. 3-4.

JORNAL GIL- BLAS. **Mulher e pátria**. Rio de Janeiro, 8 de dezembro de 1922,  
p. 7-8.

JORNAL GIL- BLAS. **Las mennais**. Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1922,  
p. 9-10.

O JORNAL. **Novidades**. Rio de Janeiro, 20 de junho de 1962, p. 2.

O JORNAL. **Os defeitos dos pais**. Rio de Janeiro, 22 de dezembro de 1963, p. 2.

O JORNAL. **Notas soltas**. Rio de Janeiro, 30 de janeiro de 1963, p. 2.

O JORNAL. **Editora Agir executa vasto programa**. Rio de Janeiro, 18 de julho de 1962, p. 2.

O JORNAL DO COMMERCIO. **Próximas edições Agir**. Rio de Janeiro, 27 de julho de 1961, p. 3.

O JORNAL DO COMMERCIO. **Vitrine do brasil**. Rio de Janeiro, 7 de novembro de 1965, p. 20.

REVISTA FON FON. **Entre a vida e o sonho**. Rio de Janeiro, 2 de janeiro de 1926, p. 30.

REVISTA FON FON. **Poetisa Francisca Julia**. Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 1929, p. 78.

REVISTA FON FON. **Amelia Leuchtemberg**. Rio de Janeiro, 4 de fevereiro de 1928, p. 29.

REVISTA A ORDEM. [s/d] Março de 1945, n. 3, ano XXV.

SCHMIDT, Maria Junqueira. **Educar pela recreação**. *Coleção Família*. Editora Agir. Rio de Janeiro, 1958.

\_\_\_\_\_. **Educar para a responsabilidade**. *Coleção Família*. Editora Agir. Rio de Janeiro, 1963.

\_\_\_\_\_. **Deus em casa**. *Coleção Família*. Editora Agir. Rio de Janeiro, 1967.

\_\_\_\_\_. **A família por dentro**. *Coleção Família*. Editora Agir. Rio de Janeiro, 1967.